



Darkover

11

**Cidade da
Magia**

Marion Zimmer Bradley



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Darkover

A cronologia de Darkover

Darkover foi uma série de ficção científica de sucesso espetacular no mundo inteiro, a saga da humanidade criando uma nova civilização num mundo estranho, diferente de tudo o que jamais existiu na Terra. Cada livro constitui uma história completa e independente podendo ser lidos isoladamente, porém, seu conjunto relata o desenvolvimento de uma sociedade nova e fascinante.

Neste guia iremos separar os livros da série conforme as Eras Cronológicas a que pertencem, apesar das recomendações da autora que recomendou que a leitura fosse feita através das datas de publicação, em vez da ordem cronológica dos acontecimentos, dado que o seu estilo literário evoluiu consideravelmente ao longo da sua carreira

A Fundação

Uma “nave perdida” originária da Terra, dos dias de colonização pré-império, aterriza em um planeta com uma turva estrela vermelha, mais tarde sendo chamado de Darkover.

Livros:

A CHEGADA EM DARKOVER

A Era do Caos

Mil anos após a colonização da chegada original, a sociedade retornou ao nível feudal. Os darkovanos, que se esqueceram ou renunciaram sua tecnologia terrestre, se voltaram a incontrollada, autônoma, tecnologia da matriz que concede poderes psíquicos, chamados de *laran*, aos descendentes dos colonizadores. Os habitantes vivem sob o domínio de Torres e um tirânico programa de procriação destinado a guarnecer as Torres com os poderosos dons de *laran*.

Livros:

RAINHA DA TEMPESTADE

DAMA DO FALCÃO

Os Cem Reinos

Uma era de guerras e conflitos que retem muitos dos efeitos dizimadores e desastrosos da Era do Caos. As terras que mais tarde se tornariam os Sete Domínios, estão divididas por constantes disputas de fronteiras, são pequenos reinos independentes, cidades-estado, baronatos, condados e repúblicas independentes, chamados de "Os Cem Reinos" por conveniência. O encerramento desta era é guiado pela adoção de um pacto instituído por Varzil, o Bom. Este é um momento decisivo na história de Darkover, o pacto bani todas as armas à distância, tornando uma questão de honra que aquele que busca matar, deve ele próprio, encarar o mesmo risco de morrer.

Livros:

DOIS PARA CONQUISTAR
OS HERDEIROS DE HAMMERFELL
DOIS PARA CONQUISTAR
A QUEDA DE NESKAYA
A FORJA DE ZANDRU
UMA CHAMA EM HALI

As Renunciantes (Amazonas Livres)

Durante a Era do Caos e o tempo dos Cem Reinos, existiram duas ordens de mulheres que se distanciaram da natureza patriarcal da sociedade feudal de Darkover, as sacerdotisas de Avarra e as guerreiras da Irmandade da Espada. Eventualmente, estes dois grupos independentes se uniram para formar a poderosa e decretada por lei, Ordem das Renunciantes ou Amazonas Livres, uma guilda de mulheres unidas por juramento em uma irmandade de responsabilidade mútua. Sua lealdade primária é umas com as outras, ao invés de família, clã, casta ou qualquer homem. Solitárias dentre as mulheres de Darkover, elas são excluídas das usuais restrições e proteções legais. Sua razão de viver é prover as

mulheres de Darkover, uma alternativa as suas vidas socialmente limitadas.

Livros:

A CORRENTE PARTIDA

A CASA DE THENDARA

CIDADE DA MAGIA

Contra os Terráqueos, A Primeira Era (Recontato):

Após as Guerras de Hastur, os Cem Reinos se consolidam em Sete Domínios, sendo governados por uma aristocracia hereditária e sete famílias, chamadas de Comyn, supostamente descendentes do legendário Hastur, Lorde da Luz. É durante esta era que o Império Terráqueo, na verdade uma forma de confederação, redescobre Darkover, que eles conhecem como o quarto planeta do sistema Cottman. O fato de Darkover ser uma colônia perdida do Império, não é assimilada facilmente ou de bom grado pelos darkovanos e seus senhores Comyn.

Livros:

REDESCOBERTA

A ESPADA ENCANTADA

A TORRE PROIBIDA

ESTRELA DO PERIGO

VENTOS DE DARKOVER

Contra os Terráqueos, A Segunda Era (Depois do Comyn):

Com o choque inicial de recontato começando a enfraquecer, e com o espaço porto terráqueo se tornando uma instituição permanente na periferia da cidade de Thendara, os indivíduos mais jovens e menos tradicionais, da sociedade de Darkover, começaram a primeira troca real de conhecimento com os terráqueos - aprendendo a ciência e tecnologia terrestre e ensinando a tecnologia

da matriz de Darkover em troca. Eventualmente, Regis Hastur, um jovem lorde Comyn, mais ativo nestas trocas, se torna um Regente em um governo provisório, aliado aos terráqueos. Darkover é uma vez mais, reunida a seu Império fundador.

Livros:

O SOL VERMELHO

A HERANÇA DE HASTUR

OS SALVADORES DO PLANETA

O EXÍLIO DE SHARRA

OS DESTRUIDORES DE MUNDOS

CANÇÃO DO EXÍLIO

SHADOW MATRIX

TRAITOR'S SUN

Marion Zimmer Bradley



**Cidade da
Magia**

CIP — Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

ISBN85-312-0105-9

1. Ficção estadunidense. I. Lemos, A. B. Pinheiro de.
II. Título. III. Série. IV. Série. (Ficção e experiência interior).
CDD — 813 91-0876 CDU — 820(733)

Marion Zimmer Bradley
Cidade da Magia
(Série Ficção e Experiência Interior)
Direção de JAYME SALOMÃO
IMAGO EDITORA

Título Original CITY OF SORCERY
Copyright © 1984, by Marion Zimmer Bradley
Published by agreement with Scott Meredith Literary Agency, Inc.,
845 Third Avenue, New York, N.Y. 10022
Proibida a exportação para Portugal

Revisão: Pedrina Ferreira Farias
José Roberto Vieira Botelho Gisele Sampaio
Fernanda Perestrello
Noemi Catete D'Áurea
Capa: William Seewald

Direitos adquiridos por
IMAGO EDITORA LTD A.
Rua Santos Rodrigues, 201-A — Estácio
CEP 20250 — Rio de Janeiro — RJ
Tel.: 293-1092

Todos os direitos de reprodução, divulgação e tradução são
reservados.

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por fotocópia,
microfilme ou outro processo fotomecânico.

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Nota da autora

Este romance, como todos os livros de Darkover, é uma história completa. Contudo, para aqueles que têm acompanhado a cronologia de Darkover, Cidade da Magia situa-se cerca de sete anos depois de A Casa de Thendara, numa ocasião em que as relações entre terráqueos e darkovanos eram as mais amistosas possíveis; um período que se prolongou até o momento em que Dorilys Aillard, conhecida como Cleindori, alcançou a posição de Guardiã na Torre de Arilinn. Seu martírio, assassinato e a subsequente mudança para um conservantismo extremo, sob a regência de Danvan Hastur, encerraram esse período de relações amistosas entre as duas sociedades. Por ocasião de O Sol Sangrento, poucos terráqueos e ainda menos darkovanos sequer se lembravam que houvera um tempo em que terráqueos e darkovanos coexistiam em harmonia.

Entre os poucos que recordavam, depois, que houvera uma época assim, estava Magdalen Lome, do serviço de informações terráqueo, também conhecida como Margali n'Isabet, amazona livre, Comhi'lctziis, ligada por juramento à Guilda das Renunciantes.

Marion Zimmer Bradley

Agradecimentos

Embora cada personagem e evento nesta novela sejam inteiramente de minha invenção, o tema e a estrutura da história foram sugeridos por um livro do falecido Talbot Mundy, *THE DEVIL'S GUARD*, copyright 1926, pela Ridgeway Company. Eu o li em 1945 ou por aí, e durante muitos anos pensei que esse tipo de novela de Procura Ideal deveria ser relatado num contexto darkovano.

Devo também agradecer a meu filho mais velho, David Bradley, pelo preparo do manuscrito final. David empenhou-se acima e além do cumprimento do dever ao recompor, num instante, a partir de uma cópia bastante imperfeita, os primeiros quinze capítulos, num segundo processador de texto, depois que o primeiro explodiu em meu rosto, acarretando a perda de todos os discos e reservas. É por isso que se diz que os darkovanos detestam a tecnologia. Devo agradecer também à minha secretária, Elisabeth Waters, que abriu mão de seu processador de texto durante três semanas, a fim de que pudéssemos concluir o livro a tempo.

*A Donald A. Wolheim
Este, como todos os meus livros*

Capítulo Um

Era uma mulher que levava a mensagem, e embora usasse roupas darkovanas, não era darkovana, e não estava acostumada às ruas da Cidade Velha de Thendara à noite.

Caminhava com extrema cautela, lembrando a si mesma que as mulheres raramente eram molestadas nas ruas, se cuidavam apenas de sua vida, se agiam e se comportavam como se tivessem algum lugar para ir; se não se retardavam, se não paravam.

Ela aprendera essa lição tão bem que andava apressada, mesmo quando atravessou a praça do mercado, sem olhar para um lado nem outro, mantendo a vista sempre à frente.

O sol vermelho de Cottman Quatro, informalmente chamado de Sol Sangrento pelos trabalhadores no espaço-porto do Império Terráqueo, perdurava à beira do horizonte, projetando um crepúsculo aprazível, numa tonalidade vermelho-escura. Uma única lua, como uma sombra violeta no céu, pairava alta, minguante. No mercado, os vendedores fechavam seus estandes. Uma vendedora de peixe frito recolhia com uma concha os fragmentos que restavam em seu caldeirão, observada por alguns gatos vadios; ela jogou os restos ao redor, provocando uma briga entre os gatos, a que assistiu, divertida, por um momento, antes de inclinar o caldeirão de lado, coando a gordura por várias camadas de pano. Ali perto, um fabricante de selas fechava a porta de seu estande, trancando-a com um cadeado.

Um homem próspero, pensou a terráquea no traje darkovano. Pode se dar ao luxo de ter um cadeado de metal terráqueo. Darkover, Cottman Quatro para os terráqueos, era um planeta com escassez de metais. Outros vendedores trancavam seus estandes com cordas, confiando que o vigia noturno notaria qualquer estranho por ali. Uma padeira vendia os últimos pães em seu estande. Olhou quando a mensageira terráquea passou, andando muito depressa.

— Ei, Vanessa n’ha Yllana! Onde vai com tanta pressa?

Vanessa seguia tão rápida que deu vários passos além do estande da padeira antes que as palavras se registrassem em sua mente. Parou e voltou, sorrindo hesitante para a mulher gorducha, que dava o troco para um garoto com um pão na mão.

— Eu não a tinha visto, Sherna.

— Era de se imaginar — comentou a padeira, com um sorriso.

— Andava tão depressa como se fosse exterminar toda uma colônia de banshees, os pássaros-espíritos. Quer um pão?

Quando Vanessa hesitou, a padeira exortou-a:

— Vamos, pegue um. Não vai adiantar levar tudo isso para a Casa da Guilda. Não há o suficiente para que cada uma tenha um pão ao jantar.

Assim instada, Vanessa pegou um pão e mordeu-o. Era saboroso, com farinha de noz para dar consistência ao cereal, recheado com frutas secas. Ela ficou parada ali, mastigando, deslocou-se automaticamente para o lado quando o homem do estande ao lado começou a varrer o chão.

— Estava indo para a Casa da Guilda ou em alguma outra missão? — indagou Sherna.

— Para a Casa da Guilda — admitiu Vanessa. — Deveria ter me lembrado logo de passar por aqui, a fim de poder seguir pelo resto do caminho com você.

Secretamente, ela estava irritada consigo mesma; onde andava com a cabeça?

— Isso é ótimo — disse Sherna. — Assim você pode me ajudar a carregar os cestos. Mas não vai haver uma reunião da Ponte esta noite, não é mesmo?

— Não, ao que eu saiba. (Vanessa pegou um dos cestos de pão.) — Tenho uma mensagem para Margali n'ha Ysabet. Não consigo entender por que as mães da Guilda se recusam a ter uma comunicadora na Casa da Guilda; evitaria enviar mensageiras pelas ruas desse jeito, ainda mais depois do anoitecer. Sherna sorriu, indulgente.

— Você é mesmo uma terranan. Por que deveríamos permitir que o barulho da coisa invadissem nossa privacidade, durante todo o tempo, só para poupar uma mensageira do esforço de uma

caminhada de alguns minutos, com bom tempo? Ah, seus pobres pés maltratados, meu coração se constrange por essas coisinhas preguiçosas!

— O tempo nem sempre é tão bom — protestou Vanessa. Mas o argumento era antigo, habitual entre as mulheres, e os protestos, joviais.

As duas pertenciam à Sociedade da Ponte, Penta Cori'vo, formada alguns anos antes, quando Amazonas Livres — Comhi'Letziis, a Guilda das Renunciantes — foram as primeiras darkovanas a se oferecerem para trabalhar no quartel-general terráqueo; como técnicas médicas, como guias nas montanhas e conselheiras de viagens, como tradutoras e professoras de línguas. A Sociedade da Ponte oferecia um lar, um lugar para viver, amigas entre as darkovanas; para as terráqueas que concordavam em viver pelas leis das renunciantes, mas não podiam permanecer durante todo o tempo na Casa da Guilda, havia até uma forma especialmente modificada do Juramento.

A Ponte mantinha alojamentos condizentes para as darkovanas, quase todas renunciantes, obrigadas por seu trabalho a viverem no quartel-general terráqueo. Era aberta a qualquer darkovana que trabalhasse por três dos ciclos lunares de quarenta dias no quartel-general terráqueo, ou qualquer terráquea que passasse o mesmo período dentro de uma Casa da Guilda. Sherna n'ha Marya, uma renunciante da Casa da Guilda de Thendara, trabalhara por meio ano como tradutora, ajudando a compilar palavras padrões em casta e cahuenga, as duas línguas de Darkover. Vanessa ryn Erin, que cursara a Academia de Informações Terráquea, em Alfa, estava em Darkover há quatro anos e vivera na Casa de Guilda durante a maior parte do último ano, preparando-se para o trabalho de campo, fora do quartel-general. Sherna entregou os últimos pães a uma mulher com uma criança pequena no colo e outra agarrada em sua saia.

— Leve para as crianças. Não, não — protestou ela, quando a mulher começou a contar moedas — eu ia dar os pães que sobraram para as galinhas.

Depois que a mulher se afastou com as crianças, ela comentou:

— Assim é muito melhor, Vanessa, só nos restam uns poucos pães para carregar. As mulheres da cozinha poderão fazer um pudim de pão.

— Podemos ir agora para a Casa da Guilda, Sherna?

— Não há pressa.

Vanessa vivia em Darkover há tempo suficiente para não protestar, apesar da urgência de sua missão. Ajudou Sherna a amarrar a porta do estande, à sua maneira lenta, e a recolher os cestos espalhados.

Houve uma súbita agitação num dos portões da cidade, visível do mercado, e uma caravana de animais de carga avançou ruidosamente pelas pedras do calçamento. Algumas crianças, brincando de rei-da-montanha no alto de um estande abandonado, trataram de se afastar. Uma mulher alta e magra, usando o traje comum de uma renunciante, túnica larga e calça metida em botas de cano curto, carregando uma faca de amazona, do tamanho de uma espada curta, aproximou-se das duas.

— Olá, Rafi — cumprimentou-a Sherna. — Não sabia que voltaria esta noite.

— Eu também não sabia — respondeu Rafaella n'ha Doria. — A caravana se demorou no passo por três dias inteiros. Acho que os animais farejaram o cheiro de casa, se não ainda estariam lá por cima, contemplando a relva verde e procurando cogumelos nas macieiras. E agora Vou receber meu pagamento. Gostaria de deixá-los no portão da cidade, mas tenho certeza de que se perderiam antes de chegarem aos estábulos, a julgar pela maneira como se comportaram durante todo o percurso. E que Zandru me açoite com seus escorpiões se algum dia eu aceitar outra vez qualquer trabalho antes de saber direito quem comanda a caravana! Eu poderia lhes contar cada história...

Ela se afastou apressada para falar com o chefe da caravana. Algum dinheiro trocou de mãos. Vanessa observou Rafaella contá-lo com todo cuidado — até mesmo a terráquea sabia que isso constituía um insulto, num mercado aberto. E depois Rafi voltou para junto delas, cumprimentou Vanessa com um aceno de cabeça,

pôs o último dos cestos de vime no ombro, e as três partiram pelas ruas calçadas com pedras.

— O que está fazendo aqui, Vanessa? Notícias do QG?

— Nada demais — disse Vanessa, evasiva. — Um de nossos aviões de Map e Ex desceu nas Hellers.

— Nesse caso, talvez haja trabalho para nós — comentou Rafaella. — No ano passado, quando nos contrataram para uma missão de salvamento de um avião caído, houve muita coisa para todas fazerem.

Rafaella era uma organizadora de viagens, muito requisitada pelos terráqueos que precisavam se aventurar por montanhas pouco conhecidas e sem trilhas, nos Domínios do norte.

— Não sei se é isso o que eles estão querendo — disse Vanessa. — E não creio que tenha caído em algum lugar onde se possa efetuar uma missão de salvamento.

As três foram andando em silêncio, percorrendo uma das ruas mais tranqüilas da cidade. Pararam diante de um prédio de pedra grande, a parede da frente sem janelas. Uma pequena placa na porta da frente dizia:

CASA DA GUILDA DE THENDARA IRMANDADE DE RENUNCIANTES

Sherna e Vanessa tinham as mãos ocupadas com os cestos; só Rafaella tinha uma das mãos livre para tocar a campainha. Na sala da frente, uma mulher enorme na gravidez abriu a porta, deixou-as entrar, depois fechou e trancou a porta.

— Oh, Vanessa, esta é a noite da Sociedade da Ponte? Eu tinha esquecido. — Mas a mulher não deu tempo para Vanessa responder, pois foi logo acrescentando: — Rafi, sua filha está aqui!

— Pensei que Doria ainda estava ocupada entre os terranan — comentou Rafaella, bruscamente. — O que ela está fazendo aqui, Laurinda?

— Veio dar uma aula, com a caixa que faz imagens na parede, para sete mulheres que serão treinadas como assistentes de cura, a começar dentro de alguns dias — respondeu Laurinda. — Os

terranan as chamam de “enfermeiras”. Já devem estar quase acabando. Pode entrar e falar com ela.

— Margali n’ha Ysabet está na casa? — perguntou Vanessa. — Tenho uma mensagem para ela.

— Teve sorte — disse a mulher. — Ela deve partir amanhã de manhã para Armida, com Jaelle n’ha Melora. Pretendiam partir hoje, antes de meio-dia, mas um dos cavalos perdeu a ferradura, e quando a ferreira concluiu o seu trabalho, estava ameaçando chover. Por isso, elas adiaram a partida para amanhã.

— Se Jaelle ainda está na casa — disse Rafaella — eu gostaria de falar com ela.

— Ela foi ajudar Doria na preleção, pois já trabalhou com os terranan — informou Laurinda. — Por que não dá um pulo até lá? Elas estão na sala de música.

— Eu irei também, mas, primeiro, preciso guardar os cestos — anunciou Sherna.

Vanessa seguiu Rafaella para a sala de música, nos fundos do prédio. Abriram a porta sem fazer barulho e entraram.

Uma moça, os cabelos rentes ao estilo das renunciantes, estava concluindo uma preleção com slides.

— Eles esperam que vocês sejam capazes de escrever de forma acurada. Também esperam que leiam bem, e se lembrem do que leram, escrevendo tudo com precisão. Terão aulas preparatórias de anatomia, higiene pessoal, observação científica e como registrar o que observam, antes de sequer terem permissão de levar a um paciente uma bandeja de comida ou uma comadre. Vão trabalhar como assistentes, ajudando as enfermeiras qualificadas a cuidarem dos pacientes, desde o primeiro dia das aulas.

Assim que aprenderem os primeiros procedimentos de enfermagem, poderão pô-los em prática nas enfermarias. Mas só depois do primeiro meio ano de treinamento é que poderão assistir os cirurgiões, ou ajudar em partos. É um trabalho árduo e difícil, mas achei bastante satisfatório, e tenho certeza de que vocês também pensarão assim. Alguma pergunta?

Uma das moças sentadas no chão levantou a mão.

— O que é, Mirella n’ha Anjali?

— Por que devemos ter aulas de higiene pessoal? Os terráqueos pensam que os darkovanos são tão sujos e desleixados que precisam nos ensinar higiene?

— Não deve encarar em termos pessoais — respondeu Doria. — Até mesmo as terráqueas precisam aprender novos e diferentes métodos de higiene quando estudam enfermagem; a higiene para o uso cotidiano, e a higiene cirúrgica, quando devem tratar de pessoas muito doentes, com ferimentos abertos, ou quando ficam expostos aos germes de doenças, ao contágio. Vão aprender que cada caso é diferente.

Outra mulher indagou:

— Ouvi dizer que os uniformes... — ela teve alguma dificuldade para pronunciar a palavra desconhecida — ... usados pelas terráqueas são tão indecentes quanto os trajes de uma prostituta. Devemos usá-los também? E isso não violaria nosso Juramento? Doria indicou a túnica e a calça brancas que estava usando.

— Os costumes divergem. Os padrões de recato deles são diferentes dos nossos. Mas a Sociedade da Ponte conseguiu criar um meio-termo. As darkovanas empregadas pelo serviço médico usam um uniforme especial, projetado para não ofender nossos padrões. É tão confortável e quente que muitas enfermeiras terráqueas resolveram adotá-lo. E, antes que pergunte, o símbolo no peito do uniforme... Ela indicou o emblema em vermelho, um cajado com serpentes entrelaçadas, antes de acrescentar:

— É um símbolo terráqueo muito antigo, para indicar o serviço médico. Deverão conhecer uma dúzia de símbolos assim, a fim de encontrarem o caminho no QG.

— O que isso significa? — indagou uma jovem, que não devia ter mais de 15 anos.

— Fiz essa pergunta à minha mestra. É o símbolo de um Deus da Cura terráqueo muito antigo. Ninguém o cultua agora, mas o símbolo permaneceu. Mais alguma pergunta?

— Ouvi dizer que os terráqueos são devassos — comentou uma mulher — que consideram as darkovanas como sendo... as mulheres dos bares do espaço-porto. Isso é verdade?

Devemos levar facas para nos protegermos no QG?

Doria soltou uma risada.

— Jaelle n'ha Melora viveu entre eles por algum tempo. Deixarei que ela responda.

Uma mulher pequena, de cabelos vermelhos, levantou-se no fundo da sala.

— Não posso falar por todos os terráqueos. Até mesmo entre os Deuses, Zandru e Aldones não possuem os mesmos atributos. Devemos também lembrar que um monge cristoforo se comporta de maneira diferente de um camponês nas planícies de Valeron. Há homens rudes e vulgares entre os terráqueos, assim como nas ruas de Thendara. Mas posso lhes garantir que não precisam temer a descortesia e importúnios entre os terráqueos no serviço médico.

Seus médicos prestam o juramento de tratar a todos, pacientes e associados profissionais, com a cortesia devida. Na verdade, pode incomodá-las o fato de que não parecerão perceber se você é um homem, uma mulher ou uma máquina. Quanto a carregar facas, não é um costume entre os terráqueos, e não terão permissão de levar armas de defesa para o serviço médico. Mas os terráqueos também não estarão armados; é proibido por seus regulamentos. As únicas facas que verão, em qualquer lugar do serviço médico, serão os bisturis dos cirurgiões. Mais alguma coisa?

Vanessa compreendeu que as perguntas poderiam se prolongar até que a campainha soasse para a refeição vespertina. E disse, do ponto em que se postava ao lado da porta:

— Tenho uma pergunta. Margali n'ha Ysabet está nesta sala?

— Não a vejo desde o meio-dia — respondeu Doria.

Foi nesse instante que ela avistou Rafaella, ao lado de Vanessa, e gritou:

— Mãe!

Doria correu para Rafaella, envolvendo-a num abraço apertado. Jaelle, sorrindo, aproximou-se da velha amiga, as três ficaram abraçadas por um momento.

— É maravilhoso tornar a vê-la, Jaelle. Há quanto tempo não nos encontramos? Durante os últimos três anos, o desencontro tem sido total. Sempre que estou em Thendara, você era para Armida; e

quando você vem para cá, eu viajo para algum lugar ao norte de Caer Donn!

— Foi pura sorte nos encontrarmos desta vez, pois Margali e eu deveríamos ter partido ao meio-dia — disse Jaelle. — Estou longe de minha filha há vários dias.

— Ela deve ser uma garota crescida agora, Dorilyls n’ha Jaelle — comentou Rafaella, rindo. — Cinco anos, não é mesmo? Ou já está com seis? Tem idade suficiente para ser trazida à casa para adoção.

— Há tempo suficiente para isso — respondeu Jaelle, desviando os olhos e cumprimentando Vanessa com um aceno de cabeça. — Sei que a encontrei há poucos dias na reunião da Sociedade da Ponte, mas esqueci seu nome.

— Vanessa — lembrou Doria.

— Desculpe interromper sua preleção — murmurou Vanessa, olhando para as mulheres, que começavam a guardar as almofadas espalhadas pela sala. Doria deu de ombros.

— Não tem problema. Todas as perguntas importantes já foram respondidas. Mas, elas se sentem tão nervosas com seu novo trabalho que continuariam a inventar perguntas tolas, até soar a campainha do jantar. Ela voltou ao centro da sala, começou a guardar os slides e o projetor.

— Foi uma sorte você ter vindo. Pode devolver isto ao serviço médico, e poupar-me de uma viagem à noite pelas ruas. Tomei o equipamento emprestado com a chefe da instrução de enfermagem. Pode levar para mim, quando voltar? Ou pretende passar a noite aqui na casa?

— Não. Vim trazer uma mensagem para Margali. Doria tornou a dar de ombros.

— Tenho certeza de que ela se encontra em algum lugar na casa. Já está quase na hora da campainha do jantar. Sem dúvida, vai encontrá-la no refeitório.

Vanessa vivia em Darkover há muitos anos e passara uma longa temporada na Casa da Guilda para estar acostumada com aquela atitude de indiferença em relação ao tempo.

Ainda era bastante terráquea para pensar que elas deveriam mandar alguém procurar Margali, ou, pelo menos, informar onde poderia encontrá-la, mas estava agora no lado darkovano da cidade: resignada, ela disse a Doria que teria o maior prazer em devolver o equipamento ao serviço médico — na verdade, achava que era uma imposição exorbitante, e sentiu-se irritada com Doria por pedir. Mas Doria era uma irmã na Guilda e não havia um modo cortês de recusar tal pedido.

— Há alguma notícia sobre o avião que caiu nas Hellers? — perguntou Doria.

Vanessa foi salva de responder por um grunhido desdenhoso de Rafaella.

— Os tolos terranan... O que eles esperam? Até mesmo nós, pobres almas ignorantes, sem o benefício da ciência terráquea... — Rafaella fez com que as palavras soassem como uma obscenidade de sarjeta. — ... sabemos que é loucura viajar além das Hellers, em qualquer estação. Até um terráqueo deveria saber que não há nada ao norte de Nervasin, até a Muralha ao Redor do Mundo, a não ser uma região erma e congelada. Seria melhor se esquecessem essas bobagens. Se insistem em mandar seus aviões para lá, devem esperar a perda inevitável.

— Acho que é dura demais com eles, Rafi — comentou Doria. — Quem estava pilotando o avião, Vanessa?

— Ela não pertence à Sociedade da Ponte. Seu nome é Anders.

— Alexis Anders? Eu a conheço — interveio Jaelle. — Ainda não encontraram o avião? Isso é terrível!

Rafaella passou o braço pela cintura de Jaelle.

— Não vamos desperdiçar nosso tempo falando sobre os terráqueos, Shaya, amor, quando temos tão pouco para nós hoje em dia. Sua filha é uma garota crescida agora; quando vai trazê-la à Casa da Guilda para adoção? E talvez assim você possa voltar também.

O rosto de Jaelle se contraiu.

— Não sei se poderei trazê-la para cá, Rafi. Há... dificuldades. Rafaella, sempre estourada, explodiu.

— Então, é verdade! Não acreditei que você pudesse fazer isso, Jaelle, voltar submissa para sua aristocrata família do Comyn, depois que eles a expulsaram! Mas era de se esperar que o Comyn nunca a largasse, ainda mais depois que você teve uma criança de um deles! E me espanto porque ninguém até agora questionou o seu Juramento!

O rosto de Jaelle também exibía agora o vermelho intenso da raiva; ela tinha, pensou Vanessa, o temperamento explosivo que os terráqueos tradicionalmente associavam aos cabelos ruivos.

— Como se atreve a me dizer uma coisa dessas, Rafaella?

— Nega que o pai de sua criança é o lorde do Comyn chamado Damon Ridenow?

— Não nego nada — respondeu Jaelle, furiosa — mas, e daí? Logo você, entre todas as pessoas, não podia me censurar por isso, Rafi! Não tem três filhos?

Rafaella citou do Juramento das Renunciantes:

— Men dia pre'zhiuro, deste dia em diante, juro que não gerarei criança de qualquer homem por clã ou herança, posição ou posteridade; juro que somente eu determinarei a criação e adoção de qualquer criança que gerar, sem nenhuma consideração à condição, posição ou orgulho de qualquer homem.

— Como se atreve a citar o Juramento para mim nesse tom, insinuando que o violei? Cleindori é minha criança. Seu pai é do Comyn, mas se o conhecesse saberia como isso pouco significa para ele. Minha filha é uma Aillard; a casa de Aillard, a única nos Sete Domínios, sempre contou a linhagem, desde o tempo de Hastur e Cassilda, pela mãe. Levei minha filha para minha própria casa, não para a casa de qualquer homem! Não foram poucas as Amazonas que já fizeram a mesma coisa, a não ser que seja uma amante de mulheres tão persistente que não deixe qualquer homem tocá-la, nem mesmo para esse propósito!

Mas a ira de Jaelle logo se desvaneceu; ela tornou a enlaçar Rafaella, acrescentando:

— Ora, Rafi, não vamos discutir. Afinal, você é praticamente minha amiga mais antiga. Acha que esqueci os anos em que fomos parceiras? Mas você não é guardiã da minha consciência.

Rafaella ainda se mantinha arredia, rancorosa.

— Claro que não. Esse posto é agora ocupado pelo guardião da Torre Proibida, Damon Ridenow... não é esse o nome dele? Como eu poderia competir com isso?

Jaelle sacudiu a cabeça.

— Não importa o que você possa pensar, Rafi, tenho cumprido o Juramento.

Rafaella ainda parecia cética, mas, nesse instante, um sino suave ressoou pela sala, anunciando que o jantar seria servido em poucos minutos.

— O jantar, e ainda estou com toda a imundície dos animais de carga e do mercado! Preciso me lavar, mesmo não sendo uma das enfermeiras de Doria! Venha comigo, Shaya. Não vamos mais discutir. Afinal, eu a vejo tão raramente agora que não podemos perder tempo a discutir o que não podemos mudar. Vanessa, você também vem com a gente?

— Acho que não. Preciso procurar Margali n'ha Ysabet. Vanessa observou Jaelle e a amiga subirem a escada e depois se encaminhou para a porta do refeitório. Havia um cheiro apetitoso de comida, quente e saborosa, o aroma de pão fresco que acabara de sair do forno, e o estrépito de louça, as mulheres servindo na cozinha pondo as tigelas e taças nas mesas. Se Magdalen Lome, conhecida na Casa da Guilda como Margali, se encontrasse ali, passaria por aquela porta a caminho do jantar.

Vanessa se perguntou se seria capaz de reconhecê-la. Só a encontrara três ou quatro vezes, a última há apenas dez dias, numa reunião da Sociedade da Ponte, aqui na casa. E, nesse instante, ao levantar os olhos, ela deparou com Magdalen Lome se aproximando, pelo corredor que vinha da estufa nos fundos da Casa da Guilda. Tinha os braços cheios com os primeiros melões da estação. A seu lado, também carregando melões, vinha uma mulher alta, magra e coberta de cicatrizes — uma emmasca, uma mulher que se submetera à operação de neutralização, perigosa, ilegal e freqüentemente fatal. Vanessa conhecia o nome da mulher, Camilla n'ha Kyria; sabia que ela fora outrora uma guerreira mercenária, que era agora mestra de esgrima na Casa da Guilda, e que era apontada

como amante de Magdalen Lome. O que ainda deixava Vanessa um pouco embaraçada, embora não tanto quanto antes de ela passar meses na Casa da Guilda e constatar como isso era comum e corriqueiro. Não mais lhe parecia algo misterioso e pervertido; mas ela era terráquea, ainda ficava constrangida.

Mesmo antes de vir para Darkover, desde que iniciara o treinamento para o serviço de informações, Vanessa ryn Erin já ouvira falar da lendária Magdalen Lome. Conhecia a maior parte da história: que ela nascera em Darkover, nas montanhas perto de Caer Donn, antes da construção do espaço-porto de Thcndara, fora criada com crianças darkovanas e aprendera a falar a língua como uma nativa. Sabia que Magda fora treinada, como ela também, na academia do serviço de informações em Alia, pela chefe de Vanessa agora, Cholayna Ares, que, na ocasião, dirigia o sistema de instrução, e só mais tarde fora para Darkover. Sabia que Magda fora casada durante algum tempo com o atual Legado Terráqueo, Peter Haldane, e que ela fora a primeira mulher a realizar operações de campo em Darkover, uma das poucas que já haviam conseguido isso. Sabia que Magda fora a primeira a se infiltrar na Guilda das Renunciantes, conseguira até prestar o Juramento, e quixotesicamente insistira em cumpri-lo, ao ponto de passar o período de reclusão compulsória na Casa da Guilda, exigido até mesmo das terráqueas, antes que a criação da Sociedade da Ponte atenuasse um pouco o rigor das normas. Sabia também que, poucos anos antes, Magda deixara a Casa da Guilda e partira para Armida numa missão misteriosa. Ela tomara conhecimento de tudo isso pelas histórias sempre repetidas. Conhecera a mulher em carne e osso apenas uns poucos dias antes, e ainda não se acostumara com ela. De certa forma, esperava que Magda fosse maior do que a vida.

Na Casa da Guilda, a cortesia exigia que ela usasse apenas o nome darkovano de Lome.

— Margali n’ha Ysabet? Posso lhe falar por um momento?

— Vanessa? É um prazer tornar a vê-la.

Magda Lome, Margali, parecia alta, embora não tivesse muito mais do que a altura média; aos trinta e poucos anos, os cabelos

escuros eram curtos, ao estilo das renunciantes, tinha olhos fundos, cinzentos, que fitaram Vanessa com curiosidade.

— Não quer ficar com alguns? — ela pôs uns poucos melões nas mãos de Vanessa, fungou, fez uma careta. — O cheiro é de guisado de tripa. Pode ficar com a minha parte.

Será que algum dia esquecerei como detestei, nos primeiros meses que passei aqui? Mas talvez você goste. Algumas pessoas gostam. Haverá bastante pão e queijo, além de melões como sobremesa. Camilla, dê um pouco para ela carregar. Se deixá-los cair aqui, no corredor, os melões vão rolar e teremos de correr atrás deles por toda parte... e se algum se esborrachar, teremos a maior sujeira para limpar! E eu não estou com a menor vontade de esfregar chão!

Camilla, que era ainda mais alta do que Magda, transferiu para os braços de Vanessa uma parte da carga de melões que levava. Tinham um cheiro agradável, mas Vanessa ressentiu-se pela interferência em sua missão. Camilla percebeu que ela estava contrariada, e indagou:

— O que está fazendo aqui, Vanessa? Se é a noite da Sociedade da Ponte, eu tinha esquecido.

Vanessa pensou, irritada, que praguejaria em voz alta se mais alguém lhe dissesse isso.

— Não... mas tenho uma mensagem para você, Margali, de Cholayna n'ha Chandria.

Vanessa usou o nome da Casa da Guilda, e Magda balançou a cabeça em perplexidade.

— Mas que mulher terrível! O que ela está querendo agora? Conversamos há três dias, e eu lhe disse que estava de partida. Jaelle e eu partiremos esta tarde. Caso você tenha esquecido, temos crianças à nossa espera em Armida.

— É uma missão. Ela disse que era importante, talvez uma questão de vida ou morte.

— Cholayna não é de exagerar — comentou Camilla. — Se ela diz vida ou morte, está falando sério.

— Não tenho a menor dúvida quanto a isso — murmurou Magda, franzindo o rosto. — Mas, tem alguma idéia do que se trata,

Vanessa? Não quero ficar detida aqui. Como eu disse, sou necessária em Armida. A filha de Jaelle já tem idade suficiente para ficar sem a mãe, mas Shaya ainda não tem dois anos. Se eu continuar por muito mais tempo aqui na cidade, ela acabará esquecendo até como eu sou!

— Eu não poderia dizer — esquivou-se Vanessa, tomando o cuidado de não dizer que não sabia.

Ela fora informada sobre o motivo pelo qual Magda deixara a Casa da Guilda, e tomara conhecimento de dados dos arquivos mais secretos sobre o trabalho de Magda em Armida, mas não o suficiente para compreendê-lo.

Não podia imaginar qualquer razão aceitável para que uma agente com a posição da Magda pudesse desejar o ônus de uma criança meio darkovana; como todas as mulheres sem filhos, julgava Magda com rigor. Embora admirasse o mito, ainda não estava acostumada à realidade viva da mulher. Caminhando ao lado de Magda, sentiu-se confusa ao constatar que a outra mulher era dois ou três centímetros mais baixa do que ela própria.

— Não é tão tarde assim. Será que temos tempo para jantar aqui? Não, acho que não. Se Cholayna disse vida ou morte, só pode ser exatamente isso. Vou avisar a Jaelle n'ha Melora que talvez eu não possa partir à primeira claridade, no final das contas.

Sua expressão era sombria quando começou a subir a escada, acrescentando:

— Devo avisá-la, Vanessa, que se for alguma bobagem, Cholayna vai desejar nunca ter aprendido o caminho da Casa da Guilda. Partirei amanhã, de qualquer maneira!

Ela sorriu subitamente, e Vanessa, pela primeira vez, sentiu por trás da mulher prosaica a poderosa personalidade que se tornara um mito.

— Ora, se temos mesmo de ir, que hora melhor do que agora? Pelo menos, nos livraremos do guisado de tripa.

Capítulo Dois

Estava bastante escuro agora, chovia forte, com rajadas de granizo. As ruas estavam quase desertas quando Magda e Vanessa finalmente atravessaram a praça na frente do QG terráqueo, e deram suas senhas ao guarda da Força Espacial, no uniforme de couro preto. Ele tinha o pescoço envolto por um cachecol preto de lã, que não era do regulamento, e usava um capote grosso por cima do uniforme, que também estava fora do regulamento, o que não deveria acontecer naquele planeta em particular, ainda mais à noite. Magda sabia que os superiores faziam vista grossa a essas coisas, mas não era suficiente; deveriam mudar o regulamento para autorizar tais agasalhos. E eles acham que os darkovanos relutam em mudar seus costumes primitivos! Magda não conhecia mais a maioria dos homens da Força Espacial. Mesmo um ano antes, bastaria ela se apresentar; agora, isso parecia inútil. E voltaria para Armida pela manhã; era lá que se encontrava sua vida agora. Permanecera à disposição de Cholayna para ajudar na fundação e desenvolvimento da Sociedade da Ponte, que agora já funcionava muito bem, não precisava mais de sua colaboração. E tinha uma criança para prendê-la ainda mais a Armida e à Torre Proibida. Cholayna Ares, chefe do serviço de informações em Cotlman Quatro, teria de cuidar de tudo sem a sua participação.

Se ela pensa que pode me mandar para uma operação de campo de um momento para outro, acho bom mudar de idéia. Magda vivera por tanto tempo sob o sol darkovano que estremeceu com as luzes amarelas intensas, a claridade normal da Terra, assim que entraram no prédio principal do QG. Mas entrou no elevador sem a menor hesitação. Adquirira uma certa impaciência com os confortos tecnológicos terráqueos, mas não ia subir 42 lances de escada só para demonstrar sua posição.

Àquela hora, o setor ocupado pelo serviço de informações terráqueo se achava escuro e deserto; havia luz apenas na sala de Cholayna Ares. Magda compreendeu que se Cholayna a esperava no

escritório, em vez de seus confortáveis aposentos, era porque havia algo muito importante no ar.

— Cholayna? Vim assim que pude. Mas, o que no mundo... este ou qualquer outro... é tão importante que não podia esperar até amanhã de manhã?

— Fiquei com receio de que você já tivesse partido pela manhã — explicou Cholayna. — Não queria mandar uma mensageira à sua procura em Armida. Mas, teria feito isso, se fosse necessário.

Cholayna Ares, do serviço de informações terráqueo, era alta, com cabelos brancos-prateados, num surpreendente contraste com a escuridão da pele preta. Levantou-se para cumprimentar Magda; gesticulou para que ela sentasse. Magda permaneceu de pé.

— Foi muita gentileza sua ter vindo, Magda.

— Não se trata de gentileza, apenas você não me deixou alternativa — respondeu Magda, irritada. — Mandou um recado sobre vida e morte. Tive certeza de que não falaria isso levianamente. Estou enganada?

— Magda... você se lembra de uma agente chamada Anders? Alexis. Ela veio de Magaera há dois anos. Treinamento básico em serviço de informações; foi transferida para mapeamento e exploração.

— Lexie Anders? Não a conheci muito bem, e ela deixou bem claro que não queria me conhecer melhor. Mais tarde, quando sugeri que deveria ingressar na Sociedade da Ponte, se queria saber como se relacionar com as mulheres aqui, ela riu na minha cara. Devo admitir que nunca gostei muito dela. Por quê?

— Acho que você foi muito dura com Anders — disse Cholayna. — Ao chegar aqui, ela deparou no mesmo instante com a Lenda Lome.

Magda fez um gesto impaciente, mas Cholayna continuou, imperturbável:

— Não, não, minha cara, estou falando sério. Você tinha feito mais, num mundo onde, em geral, era impossível, para uma mulher realizar qualquer coisa no serviço de informações, do que Anders conseguira em suas três primeiras missões. Não importava o que ela fazia, sempre se descobria competindo com você; assim, sabia que

estava superada antes mesmo de começar. Não fiquei absolutamente surpresa quando ela foi transferida para Map e Ex.

— Não sei por que ela pensava que tinha de competir... — começou Magda, irritada.

Cholayna interrompeu-a com um aceno de mão.

— Não importa agora. Seu avião caiu nas Hellers há três dias. Recebemos a mensagem de que ela estava perdida, não podia navegar... algum problema com o computador da bússola. E, depois, mais nada. Um silêncio total, nem mesmo um sinal do facho direcional para o satélite. Nem mesmo um sinal da caixa preta.

— Isso parece bastante improvável — comentou Magda.

A “caixa preta” ou aparelho mecânico de gravação, num avião de mapeamento, deveria continuar a irradiar sinais que permitissem sua recuperação, pelo menos os modelos mais novos, por um mínimo de três anos, depois da queda do avião. E Magda conhecia Alexis Anders o bastante para saber que ela não concordaria em partir numa missão sem os equipamentos mais modernos.

— Improvável ou não, o fato é que aconteceu, Magda. O avião não transmitiu qualquer sinal, a caixa preta e o sistema de rastreamento permaneceram em silêncio, o satélite não pôde descobrir coisa alguma.

— Quer dizer que houve um desastre?

Magda sentia-se arrependida; jamais gostara de Lexie, mas gostaria agora de não ter falado de forma tão grosseira sobre a mulher — agora morta, ao que se podia presumir. Claro que alguns terráqueos já haviam sobrevivido a acidentes com aviões de mapeamento, encontrado abrigo e, pelo menos, em um caso, ao que Magda sabia, uma nova vida, um novo lar. Mas, não nas Hellers, as montanhas mais inóspitas, desconhecidas e desabitadas de Darkover; talvez a pior região em qualquer planeta colonizado ou habitável. Era quase impossível sobreviver nas Hellers, pelo menos, no inverno, por mais que umas poucas horas, sem o equipamento especial de sobrevivência. E, além das Hellers, ao que se sabia (e, agora, o Império conhecia Cottman Quatro muito melhor do que os próprios darkovanos), nada havia; apenas a cordilheira impenetrável conhecida como a Muralha ao Redor do Mundo. E, além da Muralha,

nada, a não ser planícies áridas e geladas, estendendo-se de um pólo a outro.

— Ou seja, ela está presumivelmente morta. É lamentável. Dizer mais seria hipocrisia. Lexie detestara Magda, quase tanto quando Magda a detestara.

— Não está, não — disse Cholayna. — Ela se encontra lá embaixo, no serviço médico.

— Recuperaram o avião? Mas...

— Não, não recuperamos o avião. Acha mesmo que eu a chamaria até aqui às pressas, do outro lado da cidade, para um resgate ou uma sessão de coleta de informações de rotina?

— Até agora só me disse o que não é — protestou Magda — mas ainda não deu indicação alguma do que é...

Cholayna ainda hesitava, mas, acabou dizendo, bastante formal:

— Magda, devo lembrá-la de que ainda é uma agente do serviço de informações, sob juramento, nos termos da lei dos segredos oficiais do serviço civil...

— Cholayna, não entendo onde você está querendo chegar. Magda sentia-se, agora, bastante contrariada. O que significava tudo aquilo? Jamais questionara o seu juramento ao serviço de informações, a não ser durante a angustiante crise de identidade de seu primeiro ano entre as renunciantes.

Não existia antes a Sociedade da Ponte para ajudar nesse tipo de transição. Ela fora a primeira.

— Eu me empenhei em mantê-la na condição de inativa, em vez de aceitar seu pedido de demissão — disse Cholayna, em tom incisivo. — Um dos postulados do serviço de informações, e que se aplica a todos os planetas, diga-se de passagem, não apenas a Darkover, é o seguinte: quando um dos nossos passa para o outro lado do muro ... torna-se nativo, adquire cônjuge e crianças nativas... a experiência diz que isso faz com que seja ainda melhor. Embora haja sempre uma interrogação em sua ficha sobre qualquer decisão que ele possa ter de tomar que crie um conflito de interesses pessoais. Mas tenho certeza de que você sabe de tudo isso.

— Eu poderia citar páginas e páginas de regulamentos a respeito — comentou Magda, secamente. — Estava preparada para isso. Presumo que se aplica a mim porque tive uma criança, embora não seja casada, pelo que você sabe. Certo? Pois saiba que está enganada.

— Quer dizer que você é casada?

— Não por qualquer forma que você reconheceria, segundo as leis terráqueas. Mas, prestei o Juramento de Companheiras Livres com Jaelle n'ha Melora. Pelas leis darkovanas, isso cria uma união análoga ao casamento. Especificamente, significa que, se qualquer uma das duas morrer, a outra tem o direito legal e a obrigação legal de adotar e agir como guardiã da criança ou crianças da companheira, como uma esposa ou marido faria. Por lei, esse Juramento prevalece sobre quaisquer reivindicações dos pais das crianças. Assim, para todos os propósitos práticos, a situação é idêntica ao casamento. Entendeu?

Cholayna disse, a voz dura:

— Tenho certeza de que o pessoal da xenoantropologia achará fascinante, e providenciarei para que sejam informados. Mas eu não estava perguntando por detalhes de sua vida particular.

— Nem eu daria.

A voz de Magda era igualmente dura, embora Cholayna fosse, na verdade, uma das poucas pessoas vivas a quem poderia contar tais detalhes, se lhe fosse pedido. Depois de uma pausa, Magda acrescentou:

— Eu estava apenas pondo-a a par da situação legal. Presumo, portanto, que essas suposições padronizadas sobre os homens do Império com esposa e crianças nativas se aplicam a mim, e que se espera que eu me comporte de acordo.

— Pois presume errado, Magda. Nos livros, tudo isso é verdade; na prática, porém... e esta é uma informação sigilosa... nas raras ocasiões em que uma mulher passa para o outro lado do muro... e diga-se de passagem que são muito raras... a prática é desativá-la imediatamente. Os motivos apresentados para isso são numerosos, mas todos se resumem, no fundo, à mesma coisa. A política oficial do serviço de informações presume que um homem

pode manter uma isenção objetiva da esposa e crianças, com muito mais facilidade do que você ou eu seríamos capazes, porque... e não se esqueça, Magda, de que estou citando, essa não é a minha convicção pessoal... porque o envolvimento da mulher é mais profundo. Presumivelmente, um marido pode se desligar da esposa com mais facilidade do que o contrário, e as crianças são mais ligadas à mulher que as gerou do que ao homem que foi o pai. Magda praguejou.

— Eu já deveria esperar algo assim. Preciso lhe dizer o que acho dessa reish?

A palavra darkovana era uma vulgaridade infantil, que significava, literalmente, sujeira de estábulo, mas o rosto de Magda se contraía numa raiva genuína ao pronunciá-la.

— Claro que não. O que você pensa a respeito é praticamente a mesma coisa que eu penso, mas o que nós pensamos é irrelevante. Estou falando sobre a política oficial.

Eu deveria aceitar seu pedido de demissão no momento em que o apresentou.

— Posso supor que também consta desses arquivos altamente confidenciais que sou uma amante de mulheres? — indagou Magda, em tom irônico. — Conheço a política sigilosa em relação aos amantes de homens, entre os terráqueos ... legalmente, eles são protegidos pela política oficial contra a discriminação. Na prática, porém, nós duas sabemos que são perseguidos por qualquer pretexto que alguém possa encontrar.

— Está enganada, Magda... ou pelo menos isso não acontece em todos os casos. Há uma falha legal: um homem que vive com uma esposa e filhos, não importa qual seja sua preferência particular, não pode ser oficialmente classificado como homossexual. Na prática, ele está protegido, e pode lutar contra qualquer ação desfavorável. Você se resguardou quando sua criança nasceu, Magda. No fundo, ninguém se importa que você seja ou não casada com o pai. Mas, ao se proteger desse tipo de perseguição, você se expôs a outra: agora se presume que é completamente inadequada para o serviço de informações, porque sua lealdade seria primeiro com sua criança ou crianças, e com o homem que é o pai. Por isso,

nos termos do código, eu deveria aceitar sua demissão, no instante em que a apresentou.

— E eu teria concordado com o maior prazer — declarou Magda.

— Sei disso. E me deu muitas oportunidades. Apresentou seu pedido de demissão com tanta regularidade, a cada estação, que até especulei se não seria apenas sua maneira de comemorar o solstício do verão e o solstício do inverno. Mas ainda acho que vejo mais longe do que você. Não podemos nos dar ao luxo de perder mulheres qualificadas desse jeito.

— Por que está me dizendo tudo isso?

— À guisa de explicação para que este pedido seja extra-oficial, para que você entenda por que tem de me escutar e ajudar. Magda, você é a única pessoa que pode me dizer para onde ir, e o que fazer quando chegar lá. Pelo regulamento, não posso fazer nada. Você passou para o outro lado do muro, e não tenho o direito de convocá-la. Essa é a situação legal. Mas estou passando por cima do regulamento porque só você pode encontrar algum sentido no que está acontecendo agora.

— E, assim, finalmente chegamos ao ponto, o motivo pelo qual você me trouxe até aqui numa noite chuvosa...

— Todas as noites por aqui são chuvosas, mas isso também é irrelevante.

— O problema é Lexie Anders?

— Cerca de dez minutos antes de seu avião cair, ela transmitiu uma mensagem via satélite; aproximava-se da Muralha ao Redor do Mundo e preparava-se para voltar. A mensagem final dizia que ela avistara alguma coisa, parecia uma cidade, que não estava registrada no mapa de radar. Ela desceria a cinco mil metros para investigar. E, depois, a perdemos, assim como ao avião. Nada mais. Nem mesmo a caixa preta, como eu já disse. Até onde o QG ou os satélites sabem, o avião desapareceu por completo da atmosfera do planeta, com caixa preta e tudo. Mas Lexie Anders apareceu esta manhã nos portões do QG, sem uniforme, sem os cartões de identificação. E sua mente foi apagada. Amnésia total. Ela mal consegue falar o Terráqueo Padrão, Magda! Fala a língua de seu

planeta natal, Vainwal, mas num nível de bebê. Assim, obviamente, não podemos lhe perguntar o que aconteceu.

— Mas... tudo isso é impossível, Cholayna! Não compreendo...

— Nem nós. E de nada adianta interrogar Anders, em sua condição.

— Então, por que mandou me chamar?

Mas Magda achava que sabia o motivo, o que a deixou furiosa. Embora Cholayna não tivesse laran, até onde Magda sabia, a mulher careceu sentir sua irritação e hesitou; e, depois, como Magda sabia que aconteceria, acabou acrescentando:

— Você é psicotécnica, Magda, a mais próxima de que dispomos, a única devidamente treinada, neste lado da colônia Alfa. Pode descobrir o que realmente aconteceu.

Magda ficou em silêncio por um momento, olhando irritada para Cholayna. Deveria ter esperado por isso. Era culpa sua, pensou ela, por não ter rompido um vínculo que deixara de ter qualquer sentido. Como Cholayna a lembrara, ela tentara sair do serviço de informações terráqueo, mas fora dissuadida; Magda, argumentara Cholayna, era a pessoa mais bem qualificada para desenvolver comunicações mais profundas, vínculos mais estreitos, entre o mundo de seu nascimento e o mundo darkovano pelo qual optara. Magda também desejara isso: a Sociedade da Ponte era a prova incontestável de sua vontade de fortalecer essa ligação. Contudo, quando deixara a Casa da Guilda para integrar o único círculo de laran com psíquicos treinados que operava uma matriz fora do ambiente cuidadosamente cercado e resguardado de uma Torre, Magda deveria saber que era inevitável que esse problema voltasse a se tornar agudo.

Não que o Império não tivesse conhecimento das técnicas psíquicas. É verdade que, em outros lugares, não eram tão comuns nem tão desenvolvidas quanto em Darkover. Poucos planetas no universo conhecido haviam demonstrado a mesma habilidade, o mesmo potencial corriqueiro de telepatas e outros talentos psíquicos, que os darkovanos chamavam de laran. Até onde se sabia, Darkover era único sob esse aspecto. Mas, esses talentos, sabia-se agora, constituíam uma parte inerradicável da mente

humana. Embora ainda houvesse uns poucos céticos determinados — e, por alguma razão, o ceticismo determinado se tornava um bloqueio, a tal ponto que os céticos raramente desenvolviam qualquer habilidade psíquica — onde havia seres humanos, havia os talentos psíquicos que eram parte da mente humana. E, assim, havia telepatas treinados, embora não muitos, e, até mesmo, algumas sondas psíquicas mecânicas, que podiam realizar quase que o mesmo trabalho.

— Só que não há nenhuma em Darkover, nenhuma mais próxima do que a academia do serviço de informações em Alfa — explicou Cholayna. — E precisamos saber o que aconteceu com ela. Será que não compreende, Magda? Temos de descobrir de qualquer maneira o que ocorreu!

Como Magda não respondesse, ela respirou fundo, ruidosamente, e continuou:

— Você sabe o que isso significa tão bem quanto eu, Magda! Sabe que não há nada por lá, além das Hellers, absolutamente nada! Mas ela informa que avistou alguma coisa, depois cai. Nada nas imagens de satélite, a caixa preta desaparece, todos os sistemas do avião apagam. Mas se não há nada por lá, então ela caiu com seu avião. Já perdemos aviões de Map e Ex antes. E perdemos pilotos, também. Mas ela não caiu. Alguma coisa a agarrou por lá... e depois a devolveu! Nesse estado!

Magda pensou a respeito por um longo tempo, antes de dizer:

— Significa que tem de haver alguma coisa por lá, algo além da Muralha ao Redor do Mundo... só que isso é impossível.

Ela já vira as imagens do satélite meteorológico de Cottman Quatro. Um planeta gelado, um planeta bastante inclinado em seu eixo pela presença das enormes montanhas que eram as Hellers, a Muralha ao Redor do Mundo, equivalendo a um "terceiro pólo". Um planeta habitável apenas numa parte relativamente pequena de um continente, por todo o resto um deserto congelado, sem o menor sinal de vida.

— Está começando a perceber o que eu quis dizer — comentou Cholayna, sombriamente. — E é treinada no que os darkovanos chamam de laran.

— Fui uma tola ao deixar que você soubesse disso!

Magda sabia que era culpa sua a manutenção até desse frágil vínculo. Ao superar os vínculos com a Casa da Guilda, deveria ter feito a mesma coisa que Andrew Carr, levando os terráqueos, talvez mesmo as renunciantes, a pensarem que ela estava morta. Na Torre Proibida, encontrara um lar, um mundo de outras pessoas iguais a ela, que não pertenciam a qualquer outro lugar em mundos que exigiam que se definissem em categorias restritas. Callista, Guardiã, exilada de sua Torre porque não quisera renunciar a seu amor humano nem ao exercício do poderoso larai pelo qual quase sacrificara sua vida. Andrew Carr, terráqueo, que descobrira seus poderes e encontrara um mundo novo, uma vida nova. Damon, exilado de uma Torre, o único homem que tivera coragem de reivindicar o que não fora permitido a ninguém, em séculos: tornara-se o Guardiã da Torre que chamavam de Proibida, e lutara pelo direito de operar sua Torre em aberto. Havia outros que lá se encontravam, párias de Torres regulares, ou aqueles que, apesar de seu talento, nunca haviam sido admitidos em qualquer Torre; e agora lá estavam também Jelle e ela. E fora bastante tola para deixar que Cholayna tomasse conhecimento disso...

— Quer que eu faça uma sondagem psíquica nela, Cholayna? Por que não traz uma técnica de Alfa? Poderia enviar uma mensagem, e estaria aqui em dez dias.

— Não dá, Magda. Se ela continuar assim, pode cair em catatonia e então nunca saberemos. Além disso, se há alguma coisa por lá, precisamos saber. Agora. Não podemos enviar outro avião até sabermos o que aconteceu com este.

— Não há nada por lá — insistiu Magda, o tom mais ríspido do que tencionara. — As imagens do satélite não mentem.

— É o que eu sempre disse.

Cholayna ficou olhando para os painéis iluminados em sua mesa; como Magda permanecesse calada, ela se levantou, contornou a mesa, pôs as mãos nos ombros da outra.

— Mas o fato é que alguma coisa aconteceu com ela! Posso compreender a descida do avião. Pessoalmente, nunca experimentei voar sobre as Hellers, mas já conversei com algumas pessoas que

voaram. O que me assusta é como ela voltou para cá, e o estado em que se encontra. Se pôde acontecer com Lexie, pode acontecer com qualquer pessoa. Nenhuma pessoa em Mapeamento e Exploração, ou em qualquer outro lugar fora da Cidade Comercial, estará segura até sabermos o que pegou Anders e seu avião... e como, e por que... eles ... a mandaram de volta. Você tem de nos ajudar. Magda.

Magda afastou-se de Cholayna, foi olhar para as luzes do espaço-porto lá embaixo. Podia contemplar todo o QG terráqueo e, no outro lado de Thendara, a Cidade Velha. O contraste era gritante, as luzes ofuscantes da Cidade Comercial terráquea, as luzes dispersas e fracas da Cidade Velha, já quase que totalmente escura àquela hora. Em algum lugar, naquela escuridão, estavam a Casa da Guilda e suas amigas, enquanto, além do passo, que era uma escuridão mais intensa contra o céu noturno, ficava Armida, a pouco mais de um dia de viagem para o norte, onde era o seu novo mundo. Se ao menos pudesse consultar um deles, talvez o Guardiã Damon, ou Andrew, que como ela também travara a batalha entre seu eu terráqueo e seu mundo darkovano... Mas eles estavam lá, e ela se encontrava aqui, o problema era exclusivamente seu.

— Pode estar certa de que sou a última pessoa que Lexie gostaria que sondasse sua mente.

Não havia resposta possível, mas Cholayna disse:

— Ela também não gostaria de ficar assim para sempre. Neste momento, está no serviço médico, em isolamento total. Não queríamos que alguém mais soubesse o que aconteceu.

Algum dia, pensou Magda, iria ocorrer ao pessoal do QG terráqueo que havia algumas coisas que nem eles podiam controlar. Mas ela não se importava que os terráqueos mantivessem sua farsa de onipotência. O único problema agora é que havia um semelhante, outro ser humano, uma mulher, presa nas engrenagens. E Magda disse, com mais rispidez do que tencionava:

— Neste caso, vamos acabar logo com isso. Mas não sou uma psicotécnica treinada; portanto, não me culpe se minha atuação agravar ainda mais a situação. Farei o melhor, que puder. Isso é tudo o que posso prometer.

Capítulo Três

Magda detestava tocar a campainha noturna na Casa da Guilda; significava que alguém teria de levantar, descer a escada e abrir a porta trancada. Contudo, ela preferia isso, por mais inconveniente que fosse, a aceitar a oferta de Cholayna de lhe arrumar um lugar para passar a noite nos alojamentos do pessoal solteiro, ou mesmo no albergue da Sociedade da Ponte, onde algumas enfermeiras darkovanas em treinamento residiam.

Ela ficou parada nos degraus, tremendo, pois, mesmo no auge do verão, fazia frio àquela hora, escutando o barulho da sineta lá dentro. E, depois, ouviu o ranger da pesada tranca, até que a porta foi aberta, com evidente relutância, e uma voz de moça perguntou:

— Quem está aí? Veio procurar a parteira?

— Não, Cressa. Sou eu, Margali n'ha Ysabet.

Magda entrou e acrescentou: — Lamento sinceramente incomodá-la. Vou direto para a cama.

— Não tem problema, pois eu não estava mesmo dormindo. Alguém veio procurar Keitha há pouco tempo. Pobre-coitada, passou o dia inteiro fora, tinha acabado de dormir quando um homem apareceu à sua procura. A esposa dele estava para ter a primeira criança. Assim, acho que Keitha vai também passar a noite toda fora. Alguém sugeriu na assembléia da Casa, há poucos meses, que as parteiras deveriam atender a todos os chamados durante a noite, porque a maioria é mesmo para elas.

— Isso não seria justo — protestou Magda. — Elas merecem dormir quando podem, quanto menos não seja porque já perdem tanto sono. Peço desculpas mais uma vez por acordá-la. Precisa de ajuda com a tranca?

— Eu agradeceria, pois é muito pesada para mim.

Magda ajudou-a a levantar a tranca. Cressa foi para o quarto da parteira noturna, enquanto Magda subia lentamente a escada, seguindo para o quarto que fora posto à sua disposição para partilhar com Jaelle, enquanto permanecessem na Casa. Parou diante da porta, hesitou por um instante, depois foi para uma porta

próxima e bateu de leve. Não demorou muito para que ouvisse uma resposta abafada, virou a maçaneta e entrou.

— Camilla -sussurrou ela — você está dormindo?

— Claro que estou. Como poderia falar com você se estivesse acordada? — Camilla sentou na cama. — O que foi, Margali?

Sem responder, Magda foi sentar na beira da cama, onde arriou, deixando a cabeça pender para as mãos, exausta.

— O que é, bredhiya? — indagou Camilla, gentilmente. — O que lhe pediram desta vez?

— Não quero falar a respeito.

Sua sensibilidade estava tão aguçada — vinha usando o laran num nível muito elevado — que quase pôde ouvir os pensamentos de Camilla, como se a mulher os pronunciasse em voz alta.

Claro, claro, é porque você não quer falar que veio até aqui e me acordou, em vez de ir para seu próprio quarto sem fazer barulho, e tratar de dormir!

Em voz alta, porém, Camilla disse apenas:

— Perdeu o jantar aqui; deram-lhe alguma coisa para comer na Zona Terráquea?

— A culpa é minha. Depois de tantos anos usando laran, eu já deveria saber o bastante para pedir alguma coisa para comer — murmurou Magda. — Mas queria escapar, não podia mais ficar lá. Cholayna ofereceu...

Camilla franziu as sobrancelhas, no escuro.

— Usou o laran no QG terráqueo? E não quer falar a respeito? Não é o que eu poderia esperar de Cholayna n'ha Chandria.

Ela saiu da cama, pôs um roupão de lã por cima da camisola, enfiou os pés estreitos e compridos nas chinelas de pele.

— Vamos descer para a cozinha, em busca de alguma coisa quente para você comer.

— Não estou com fome — murmurou Magda, exausta.

— Mesmo assim, se usou laran... sabe que deve comer e recuperar suas forças...

— O que você sabe a respeito, por todos os infernos de Zandru? — gritou Magda.

Camilla deu de ombros.

— Sei o que todo mundo sabe. Sei o que as criancinhas no mercado sabem. E conheço você. Vamos descer; pode, pelo menos, tomar um leite quente, depois da longa caminhada no frio. Mas tire as botas e ponha as chinelas.

— Pare de me tratar como se eu fosse uma criança, Camilla! Outra vez o dar de ombros indiferente.

— Se você quer passar a noite toda sentada com as roupas molhadas, fique à vontade. Creio que uma das jovens aprendizes de enfermagem ficaria feliz pela oportunidade de tratar de sua febre dos pulmões. Mas, não é justo andar por aí com essas botas pesadas, fazendo o maior barulho e acordando todo mundo que dorme no corredor, só porque você é preguiçosa demais para tirá-las. Se está apenas cansada demais, eu a ajudarei.

Exausta, Magda fez um esforço para tirar as botas e o casaco encharcado.

— Emprésteme uma de suas camisolas, pois não quero acordar Jaelle.

Ela acabou por tirar todas as roupas molhadas, vestiu a camisola de flanela grossa.

— É melhor levar essas roupas para secar lá embaixo — sugeriu Camilla. — Deve haver um fogo aceso na cozinha.

Magda sentia-se esgotada demais para discutir; pôs as roupas molhadas sobre o braço e seguiu Camilla. Ainda tremia quando atravessaram o corredor e desceram a escada, em silêncio, mas, havia um fogo abafado na cozinha da Casa da Guilda e fazia calor perto da lareira. Uma chaleira com água quente sibilava baixinho no suporte. Camilla pegou canecas numa prateleira, enquanto Magda atiçava o fogo e pendurava as roupas molhadas. Camilla serviu um pouco de chá-de-casca para Magda, depois foi à despensa, cortou fatias de carne fria e pão, pôs na mesa da cozinha, ao lado das tigelas com cereais moídos e frutas secas, deixados no leite para o mingau do desjejum.

Magda tomou um gole do chá amargo e quente, meio apática, cansada demais para procurar mel nas prateleiras. Não tocou na comida, permaneceu imóvel, sentada no banco junto à mesa. Camilla também se serviu de um chá, mas, em vez de bebê-lo, foi se

postar atrás de Magda. Suas mãos fortes massagearam os músculos tensos nos ombros e pescoço da mulher mais jovem; depois de um longo momento, Magda inclinou-se e pegou uma fatia de pão com manteiga.

— Não estou realmente com fome, mas acho que é melhor comer alguma coisa — murmurou ela, levando o pão à boca.

Depois de uma ou duas mordidas, como Camilla esperava, a fome voraz de qualquer pessoa que trabalhou com laran prevaleceu, e ela comeu e bebeu mecanicamente. Terminou o pão e a carne, levantou-se para vasculhar a despensa à procura de sobras de bolo com condimentos e açúcar. Saciada a fome, ela inclinou-se para trás, virando o banco para que pudesse pôr os pés em cima da grade que protegia a lareira. Camilla veio sentar ao seu lado, também pondo os seus pés — compridos, estreitos, de certa forma aristocráticos — em cima da grade. Ficaram assim em silêncio, olhando para os carvões em brasa. Depois de algum tempo, Magda levantou-se, irrequieta, pôs mais lenha no fogo, fazendo com que as chamas subissem e projetassem sombras bruxuleantes nas paredes da vasta cozinha.

— Não sou na verdade uma psicotécnica, não como eles pensam a respeito na Zona Terráquea — disse ela, finalmente. — O trabalho que faço em Armida é... é diferente. O que tive de fazer esta noite foi penetrar na mente de alguém, uma pessoa que normalmente é cega-mental, e tentar...

Ela fez uma pausa, umedecendo os lábios com a língua, antes de acrescentar:

— Não é fácil explicar. Não há palavras.

Magda olhou para Camilla, hesitante. Conhecia a mulher ao seu lado há muitos anos, descobrira há bastante tempo que Camilla tinha ou tivera laran, embora ela negasse.

Magda era uma das poucas pessoas vivas que conheciam toda a história de Camilla: nascida de sangue Comyn — nenhum vestígio era visível agora, exceto pelos cabelos ruivos esmaecidos, mas que outrora flamejavam com o mesmo vermelho do Comyn dos cabelos de Jaelle — Camilla fora seqüestrada quando mal saíra da infância, e tão brutalmente estuprada e maltratada que sua mente se rompera. Magda não conhecia todos os detalhes, apenas que ela vivera por

muitos anos como um soldado mercenário, de tal forma que nem mesmo os seus companheiros mais íntimos sabiam que ela não era o homem de fala rude e vida turbulenta que aparentava. Depois de alguns anos assim, Camilla, ferida e à beira da morte, revelara sua verdadeira identidade para uma renunciante: Kindra, a mãe-de-adoção de Jaelle. E se descobrira capaz, na Guilda das Amazonas Livres, de assumir outra vez, com angústia e muita apreensão, a feminilidade que, por tanto tempo, com tanto empenho, tentara renunciar ou esconder.

Uma ou duas vezes, quando as barreiras entre elas baixaram, Magda tivera certeza de que Camilla conservava um pouco da herança de laran de sua família, qualquer que fosse a família. Ela não tinha a menor dúvida de que Camilla levava nas veias o sangue de um dos Sete Domínios, as grandes famílias de Darkover, embora ocultasse seu laran. Não era impossível que Camilla soubesse, mesmo sem ser informada expressamente, como era difícil o que os terráqueos lhe haviam pedido.

— Lembra de Lexie Anders, que encontramos na reunião especial de orientação que foi promovida para as novas mulheres trabalhando na Zona Terráquea?

— Lembro, sim. Ela se mostrou desdenhosa da noção de que a Penta Corívo tivesse qualquer coisa para oferecer às terráqueas. Sua atitude não mudou nem mesmo quando as outras mulheres na Sociedade da Ponte ressaltaram que, no final da contas, as terráqueas dificilmente poderiam freqüentar os bares do espaçoporto em busca de diversão, e que sua participação lhe proporcionaria amigas e companheiras, um lugar para ir quando não agüentasse mais ficar encerrada no QG...

— E eu sei, se Lexie não sabe, que esse é um dos motivos para que as mulheres de fora não se sintam felizes em Darkover, a menos que sejam criadas aqui, conheçam a língua e como se espera que as mulheres se comportem — comentou Magda. — Não posso esquecer como Lexie foi grosseira e altiva na recepção. Fez com que todas nos sentíssemos como... como nativas, aborígenes ignorantes, que deveríamos estar usando tangas de pele e ossos nos cabelos.

— E você teve de penetrar na mente dela? Pobre Margali... Pelo que imagino, a mente de Lexie não deve ser um lugar dos mais agradáveis para se estar. Nem mesmo, eu diria, para ela. Quanto a você...

— E não foi só isso.

Rapidamente, Magda repetiu para Camilla o que Cholayna lhe contara a respeito do avião perdido e do misterioso reaparecimento de Lexie.

— Eu disse a ela que não era uma psicotécnica treinada, e que não poderia me culpar se a situação se agravasse por minha interferência. E descemos para o setor de isolamento, no serviço médico, onde ela se encontrava.

Magda não se lembrava que Lexie Anders era uma mulher tão pequena. Era tão peremptória e firme, com um comportamento tão agressivo, que foi um choque encontrá-la estendida na cama, pálida e lavada, como uma criança doente. Os cabelos eram louros e crespos, cortados bem curtos; o rosto parecia quase contundido, as veias azuis aparecendo através da pele. Mais aflitivo ainda era o vazio em seu rosto; Magda refletiu que até mesmo a grosseria agressiva de Lexie era preferível àquela submissão passiva, infantil. Magda aprendera um pouco do dialeto de Vainwal durante os seus anos de treinamento no Planeta Alfa, na academia do serviço de informações.

— Como está se sentindo, Tenente Anders?

— Meu nome é Lexie. Não sei por que me mantêm aqui, já que não estou doente — o tom era infantil, lamuriento. — Vai espetar mais agulhas em mim?

— Não, prometo que não espetarei agulhas em você.

Magda alteou uma sobrancelha para Cholayna, inquisitiva, e a outra informou, em voz baixa.

— Os médicos experimentaram pentotal, pensando que, se fosse apenas um choque emocional, poderia ajudá-la a reviver o que passou e falar a respeito. Não deu resultado.

Magda refletiu a respeito por um momento. Se Lexie Anders se encontrava num avião prestes a cair nas vastidões congeladas em torno da Muralha ao Redor do Mundo, e, no instante seguinte, se

descobria diante dos portões do espaço-porto, no QG em Thendara, o choque emocional por si já poderia reduzi-la àquele estado.

— Sabe onde está, Lexie?

— No hospital. Eles me contaram. — Ela descansou a cabeça no travesseiro, exausta.

— Não me sinto absolutamente doente. Por que estou num hospital? Você é médica? Não me parece uma médica, não com essas roupas.

— Não se lembra de qualquer coisa que aconteceu? (Uma ocasião, Magda observara Dama Callista lidar com um caso de choque, um homem que vira quatro pessoas de sua família serem mortas num banho de sangue.) — Pode me dizer qual é a última coisa de que se lembra?

— Lembrar... um gatinho — respondeu Lexie, com um sorriso infantil. — Fugiu.

— Não se lembra do avião?

— Avião? Meu pai voa num avião. Quero voar também quando crescer. Meu primo diz que garotas não voam em aviões, mas papai diz que não tem problema, algumas garotas voam em aviões, até pilotam naves estelares.

— Claro que sim.

Magda recordou uma breve ambição sua (mais ou menos na ocasião em que descobrira a diferença entre seus pais e os pais das crianças darkovanas com que fora criada), a de pilotar uma nave estelar. Calculou que a maioria das meninas levadas tinha ambições similares, o que criou um breve vínculo de simpatia.

— Lexie, vamos supor que eu lhe diga que esqueceu muitas coisas; que é adulta agora, e pilotava um avião; que está aqui porque seu avião sofreu um acidente. Pode pensar a respeito, por favor? O que teria a dizer?

Lexie sequer parou para pensar. O rosto pequeno se contraiu numa risada desdenhosa.

— Eu diria que você estava louca. E sendo louca, o que está fazendo aqui, num hospital, tentando dar a impressão de que é médica? Este é um hospital de loucos?

O breve momento de simpatia de Magda por Lexie se dissipou. Uma criança desagradável, pensou ela, que cresceu para se tornar uma mulher ainda mais desagradável... E, no entanto, ela podia lembrar o que Callista, treinando-a para o trabalho com a matriz, dissera a respeito daquele tipo de coisa:

Eles nos insultam porque têm medo de nós. Se alguma pessoa se mostra grosseira e desagradável quando você tenta ajudá-la, é por medo, porque receia o que você pode fazer para forçá-la a ver ou compreender. Não importa quão profundamente a razão esteja oculta, algo na pessoa sabe e compreende, receia deixar a proteção do estado de choque.

(Na Casa da Guilda, diante do fogo, horas depois, Magda recordou mais uma vez e repetiu essas palavras, tão absorvida em suas recordações que não viu os músculos faciais de Camilla se contraírem, nem o aceno de cabeça tenso com que ela aquiesceu. Havia muitas coisas em sua provação que Camilla não podia ou preferia não lembrar).

Magda ignorou a grosseria de Lexie. Tirou do pescoço a pedra-matriz, envolta com todo cuidado pelas camadas de proteção. Expondo-a, rolou a pedra azul na palma, fogos ocultos faiscando de suas profundezas. Os olhos de Lexie acompanharam as cores em movimento da pedra.

— Bonita — murmurou ela, numa vozinha de criança. — Posso ver?

— Talvez, daqui a pouco. Mas não deve tocá-la, porque isso pode machucá-la. Para uma pessoa fora de sintonia, em particular uma não-telepata, tocar numa pedra-matriz ativada poderia provocar um choque grave e doloroso; pior ainda, era capaz de lançar a pessoa que operava a matriz, em sintonia com a pedra, num choque que talvez fosse fatal. Ela afastou o cristal sensível do alcance das mãos curiosas e infantis de Lexie, e disse:

— Olhe para a pedra, Lexie. Lexie desviou o rosto.

— Está me deixando com dor de cabeça.

Era bastante normal. Poucas pessoas destreinadas suportavam olhar para uma matriz ativada, e o potencial psíquico de Lexie era obviamente mínimo. Magda compreendeu que deveria, pelo menos,

ter pedido para dar uma olhada no dossiê pessoal da Tenente Alexis Anders, a fim de conhecer o seu nível determinado de capacidade psíquica. Testavam os terráqueos para essas coisas agora. Seria útil saber. Mas ela não consultara o dossiê, e não tinha como saber agora. Levantou a matriz diante dos olhos de Lexie.

— Quero que olhe a pedra, a fim de podermos descobrir o que há com você, e por que se encontra aqui, no hospital.

Magda falou em tom incisivo, a voz afável, mas firme. Lexie fez uma cara de amuada, como uma criança, mas, finalmente, sob a voz e a postura autoritárias de Magda, fixou os olhos nas cores cambiantes da pedra.

Magda observou o rosto de Lexie relaxar. Não sabia direito como uma psicotécnica treinada deveria cuidar de uma situação assim, mas durante a maior parte dos últimos sete anos estudara de forma intensiva os usos de uma matriz. As palavras do Juramento do Monitor, exigido de qualquer telepata logo depois de lhe ser confiada uma matriz, ressoou por um instante em sua mente: Só entre em alguma mente para ajudar ou curar, nunca para alcançar o poder sobre outro ser. E, no instante seguinte, ela fez um breve contato com a mente de Lexie Anders.

Na superfície, era a mente de uma criança confusa, sem saber o que acontecera. Num nível mais profundo, algo estremeceu e encolheu-se, não querendo saber. Gentilmente, Magda entrou na mente-criança (a mão de Lexie pegou a sua, confiante, como uma menina segura a mão de uma irmã mais velha; Magda deixou que assim ficasse por um momento, querendo que Lexie confiasse nela). Quem é você? É assustador, não consigo me lembrar de nada. Sou sua amiga, Lexie. Não deixarei que a machuquem. E, agora, procure se comportar como uma menina crescida. Lembra que queria voar em um avião? Pois vamos encontrar o avião. A primeira vez que suas mãos tocaram nos controles. Olhe para o avião. Os controles estão em suas mãos, Lexie. Onde você está? As mãos da mulher se curvaram, reminiscentes, como se manipulassem os controles...

Abruptamente, a voz infantil lamuriante, balbuciando o dialeto de Vainwal, mudou; tornou-se incisiva, acurada, falando o Terráqueo

Padrão com a precisão das pessoas para as quais é uma segunda língua adquirida.

— Anders, Alexis, Cadete Recruta, apresentando-se como foi ordenado.

Não adiantava tentar conduzi-la com ordens verbais. A simples sugestão hipnótica podia trazer um assunto menos traumático ao presente; mas Magda já constataria como o intelecto consciente e até a mente inconsciente de Lexie recusavam-se ao nível da mera sugestão. com a matriz, Magda podia contornar essa resistência. Ela tornou a se infiltrar na mente da mulher mais jovem, procurando a criança que lhe dera a mão, confiante.

“Tenente Anders, quando ganhou sua promoção?” “Dez dias depois de minha transferência para Cottman Quatro. Decidi que passaria a trabalhar em Mapeamento e Exploração.”

Magda estava disposta a perguntar, diretamente à mente de Lexie, por que ela solicitara a transferência. Não podia haver a menor dúvida de que Cholayna cometera uma injustiça com ela, Magda, uma injustiça monstruosa, ao falar do mito Lome e a incapacidade de Lexie para competir com a mulher mais velha e mais famosa. Mas ela se conteve. Isso seria de fato relevante para o problema de Lexie, ou ela, Magda, simplesmente atendia a um desejo pessoal de explicar e justificar? Gentilmente, ela restabeleceu o contato; mas a aceitação infantil desaparecera. Magda lamentou, lamentou a imagem da irmã caçula andando a seu lado, de mãos dadas.

“Fale-me a respeito de seu trabalho em Mapeamento e Exploração, tenente. Gosta do seu trabalho?” “Gosto, sim. Adoro. Posso trabalhar sozinha, ninguém me incomoda. Não gostava do serviço de informações. Havia mulheres demais. Não gosto das mulheres. Não confio nelas. Estão sempre prontas para apunhalá-la pelas costas. Mas pode-se confiar num avião. Faz o que você manda, e, se alguma coisa sair errada, a culpa é toda sua.” O rosto de Lexie estava quase animado.

Devagar, com todo cuidado, Magda insinuou-se na memória de Lexie. Aquela não era uma amnésia comum, em que a mente decide seletivamente rejeitar um fardo insuportável. Era a rejeição total. A

mente de Magda fundiu-se com a de Lexie; nunca antes ela manipulara os controles de um avião, grande ou pequeno, mas, agora, suas mãos cobriram as de Lexie, e partilhou a vista plena para todos os pontos cardeais, as montanhas congeladas que se estendiam lá embaixo, a precisão definida de cada movimento e idéia. Sua habilidade era tão excepcional que as rajadas de vento desconcertantes, em todas as direções, apenas a sacudiam um pouco, quando qualquer outro piloto ficaria atordoado. E, de repente... Lexie Anders soltou um grito e sentou-se na cama. Magda, projetada bruscamente para fora do contato, fitou-a aturdida, os olhos arregalados.

— Eu cai — disse Lexie, no seu mais preciso Terráqueo Padrão. A última coisa de que me lembro é de que estava descendo. E, depois, me descobri aqui, nos portões do QG. Pelo fogo do inferno, Lome, você está metida também no serviço médico? Será que não existe coisa alguma em todo este planeta em que você não ponha as mãos?

— E o que você disse a eles? — indagou Camilla, ao final do relato.

— Não tinha qualquer explicação razoável a oferecer — disse Magda. -Agarrei-me às possibilidades habituais. Disse a Cholayna que era bem possível que Anders, no momento da queda do avião, tenha desenvolvido um súbito ímpeto de potencial psíquico, antes insuspeito, teleportando-se de volta para cá. Não é um caso sem precedentes, sob ameaça de vida ou morte daquele jeito, encontrar alguém fazendo algo em que nunca acreditara, nem mesmo como uma remota possibilidade. Eu mesma já fiz algo assim certa ocasião... não fisicamente, mas mentalmente.

Ela e Jaelle, numa caverna em uma colina, com Jaelle gravemente doente, depois de abortar a criança de Peter Haldane. Parecia quase impossível escapar. De alguma forma, ela nunca soubera como, projetara a mente em busca da salvação... pedira socorro e obtivera uma resposta.

— Esse tipo de coisa não aparece em testes de laboratório, porque não se pode enganar o subconsciente; a hipnose ou qualquer outra coisa pode fazer a pessoa pensar que se encontra em

perigo, mas, lá no fundo, ela sabe muito bem que não existe ameaça concreta.

Magda suspirou, pensando como, por um breve instante, chegara a gostar da criança que Lexie fora.

— Mas você não acredita nessa explicação, Margali.

— Eu sabia que era uma mentira quando a formulei, Camilla.

— Mas por que deveria mentir? O que aconteceu realmente com Lexie Anders?

Antes de responder, Magda pegou a mão de Camilla.

— Lembra de minha quarta noite nesta casa, a primeira sessão de treinamento em que participei como uma renunciante? Naquela mesma noite, houve uma reunião de uma sociedade chamada a Irmandade. Lembra que eu não prestei atenção ao que me perguntou, e você me censurou por não acompanhar o que estava acontecendo?

— Só lembro vagamente — respondeu Camilla. — Por quê? E o que a Irmandade tem a ver com Lexie Anders?

Ela inclinou-se através do banco e pegou a caneca com o chá, agora frio, tomou um gole.

— Deixe-me servir mais chá.

Magda pegou as duas canecas, serviu mais chá. E, depois, foi encher a chaleira. Ao final, sabendo que estava apenas ganhando tempo, ela disse:

— Durante aquela reunião, eu vi... alguma coisa. Não sabia na ocasião como chamá-la, pensei que era... uma forma-pensamento da Deusa Avarra. Naquele momento, é claro, pensei que sofria uma alucinação, que nada daquilo existia de fato.

— Também já vi, durante reuniões da Irmandade — comentou Camilla. — Sabe que as renunciantes se formaram de duas sociedades: a Irmandade da Espada, que era uma casta de guerreiras, e as sacerdotisas de Avarra, que eram curandeiras. Creio que a Irmandade invoca Avarra em suas reuniões. Mas... o que essas práticas religiosas têm a ver com Lexie Anders?

Magda encostou-se na mesa, apoiada sobre os punhos. O rosto estava contraído e distante, recordando. E disse, numa voz que não era mais do que um sussurro de horror:

— Em duas outras ocasiões, eu vi... alguma coisa. Não a Deusa Avarra. Vultos em túnicas. Um sussurro de... de um som como corvos chamando. Uma vez perguntei: Quem são vocês?

Camilla indagou, baixando a voz em reação ao temor evidente de Magda:

— Houve... alguma resposta?

— Nada que fizesse qualquer sentido para mim. Tive a impressão de ouvir... não exatamente ouvir, mas sentir... as palavras A Irmandade Negra. Alguma coisa...

O rosto de Magda estava todo franzido, na maior tensão; era uma lembrança tênue, como tentar recordar um sonho em plena luz do dia.

— Eram guardiães de algum tipo, mas não podiam interferir, no momento em que eu estava prestes a alcançar o ponto em que Lexie ia reviver e recordar o acidente, tornei a ver a mesma coisa. Mais uma vez.

Sua garganta se fechou, a voz ficou reduzida a um sussurro — ouço: — Muros. Uma cidade. Vultos de túnica. E depois o som de corvos chamando. E nada. Depois disso... nada.

Capítulo Quatro

Camilla virou-se e abafou o fogo. Tateou com todo cuidado pelas pernas do culote de Magda, a fim de verificar se já secara.

— É melhor deixar aqui por mais alguns minutos — concluiu ela.

— Você sabe alguma coisa sobre a Irmandade, Camilla! Diga-me o que é!

Camilla continuava a apalpar as roupas ainda um pouco úmidas.

— Se eu soubesse, seria como Marisela... teria prestado o juramento de sigilo. Por que acha que as pessoas não revelam o que sabem, o que quer que seja, nas sessões de treinamento regulares? Porque é tudo segredo! Uma ocasião Marisela tentou me convencer a entrar no grupo. Quando recusei, ela se zangou comigo. Você não ficou furiosa quando Lexie se recusou a ingressar na Penta Cori'vo?

Isso era diferente, pensou Magda, embora não pudesse definir como. Não estava acostumada a se defender contra Camilla; não mais.

— Você não gosta de Marisela?

— Claro que gosto. Mas me recusei a permitir que ela se tornasse a guardiã de minha consciência, e ela nunca me perdoou por isso. Mas, quando insistiu pela primeira vez que eu me juntasse, ela me falou alguma coisa sobre os propósitos originais da Irmandade. A maior parte se relaciona com o que já consta de nosso juramento, a mesma história de sempre sobre as mulheres como irmãs, Men dia pre'zhiuro, irmã, mãe e filha para todas mulheres... mas há mais, até mesmo ensinar o laran às que nasceram no Comyn, e, por isso, não têm direito ao treinamento nas Torres normais. Ela até tentou me assustar... ameaçou com todos os tipos de terríveis conseqüências se eu não me mostrasse disposta a engolir seu tipo de medicamento para os meus males.

— Isso não parece uma atitude típica de Marisela — comentou Magda.

— É claro que ela não disse com essas palavras. Não me intimidou, não veio com a conversa de faça o que estou sugerindo ou sofrerá as piores conseqüências... nada disso, foi mais uma questão de se preocupar comigo, de recear por mim. Mais uma questão de... Deixe-me ajudá-la, pobre-coitada, ou não pode imaginar como será terrível. Tenho certeza de que você sabe o que estou querendo dizer.

Magda ouviu a parte não falada, e você sabe também o quanto eu detesto esse tipo de coisa, tão claramente como se Camilla tivesse dito em voz alta. Sabia que Camilla confiava que ela nunca se aproveitaria, ou não permitiria isso.

— Entre outras coisas, Marisela tentou me dizer que uma telepata destreinada é um perigo para si mesma e para todas as pessoas ao seu redor.

A expressão desdenhosa de Camilla indicava o que ela pensava a respeito. Mas isso é absolutamente verdadeiro, pensou Magda, recordando seu próprio treinamento. E a tentativa de bloquear seu laran quase destruíra Jaelle. Se Camilla conseguira isso sem causar qualquer mal, então possuía um controle total, uma autodisciplina perfeita...

E Camilla possuía, de fato, um controle total, uma autodisciplina perfeita, caso contrário, nunca seria capaz de sobreviver ao que lhe acontecera. E se ela tivera a força para sobreviver a tudo aquilo — não ilesa, mas, simplesmente, sobreviver — então também possuía o controle e disciplina para sobreviver a isto. Mas, Magda não se sentia surpresa por Marisela não acreditar que fosse possível.

— Na ocasião, depois que eu fui... transformada e recuperada — continuou Camilla, a voz quase inaudível — Leonie também me ofereceu isso. Disse mais ou menos a mesma coisa... que eu nascera na casta com laran e, por isso, não poderia sobreviver sem um treinamento. Tenho o maior respeito por Leonie... ela foi boa para mim, no momento em que eu mais precisava de bondade.

Salvou mais do que minha vida; salvou minha razão. Apesar de tudo isso, eu me sentiria mais à vontade com os bandidos que tanto me atormentaram; pelo menos, eles não fingiam, ao me violarem,

que faziam isso para o meu próprio bem. Magda não disse nada. Só duas vezes, em todos os anos em que se conheciam, Camilla se referira ao trauma de sua infância, que a transformara no que era; Magda tinha alguma noção do quanto custava a Camilla dizer tanto, mesmo para ela. Abruptamente, Camilla pegou as roupas secando e começou a dobrá-las, em movimentos bruscos.

— Como Jaelle, fui convidada a ingressar na Irmandade. E como Jaelle, também recusei. Não sinto a menor atração por sociedades ou irmandades secretas, e tudo o que sei me reservo o direito de dizer como quiser, a quem eu quiser. E acho que a maior parte do que elas pensam que sabem não passa de superstição e bobagem.

Ela contraiu a boca, numa expressão sombria.

— Então, como explica o que me aconteceu, Camilla? Naquela caverna, nas colinas Kilghard. Eu sei o que aconteceu, pois aconteceu comigo. Ficamos retidas lá em cima.

Jaelle estava morrendo. Ambas teríamos morrido na caverna... gritei por socorro. E... tive uma resposta! É isso mesmo, fui atendida!

— Você tem laran — disse Camilla. — E suponho que aquele terráqueo da Torre Proibida... como é mesmo o nome dele?... ah, sim, Andrew Carr... imagino que Andrew Carr ouviu e respondeu.

— Anndra — Magda usou deliberadamente o nome darkovano de Carr. — É verdade, ele tem laran. Mas, em primeiro lugar, o que o impeliu a procurar por mim? Por tudo o que ele sabia, eu me encontrava em Thendara, no aconchego da Casa da Guilda como um inseto num alforje. Em vez disso, ele enviou uma expedição de busca, que nos encontrou a tempo de salvar a vida de Jaelle.

— Ferrika — disse Camilla. — Ela pertence à Irmandade. Assim como Marisela. Marisela sabia que você partira, sabia o estado em que Jaelle se encontrava. E Ferrika é parteira em Armida...

— Ela é mais do que isso, Camilla. É uma participante plena do Círculo da Torre.

Camilla parecia cética, e Magda insistiu:

— É, sim, posso lhe garantir, tanto quanto eu. Camilla deu de ombros.

— Pronto, aí está sua resposta.

— E a visão que eu tive? Mulheres em túnicas... corvos chamando...

— Você mesma deu a explicação. Estava desesperada. Convencida de que Jaelle ia morrer. As pessoas desesperadas têm visões. Não creio que tenha havido qualquer coisa de sobrenatural na resposta que você recebeu.

— Não acredita que... um grito de socorro desse tipo possa ser atendido?

— Não, não acredito.

— Por que não?

Os lábios de Camilla se contraíram numa linha dura.

— Pensa que eu... não rezei? Clamei por socorro com toda a minha força. Não apenas por ajuda humana, supliquei a todos os deuses e a qualquer força sobrenatural por perto para que me ajudassem. Se puderam ouvir você, onde estavam quando clamei ao céu, e até ao inferno, por socorro? Se ouviram você, por que não me ouviram? E, se me ouviram, e não me atenderam... que espécie de deuses e ajudantes podem ser?

Magda recuou diante da amargura irrespondível da indagação. E Camilla continuou, sem interrupção:

— Você teve uma visão, bredhiya — ela usou a palavra que significava originalmente irmã, com uma inflexão íntima passava a significar querida ou amada, e só era usada na intimidade da família ou para uma amante. — Teve uma visão, um sonho; foi seu Anndra quem a ouviu. Ou, talvez, Marisela, que avisou a Ferrika que havia uma irmã em perigo.

Como isso era perfeitamente possível, e de qualquer forma mais racional do que sua própria convicção, Magda não tentou mais convencê-la. O rosto de Camilla relaxou um pouco, e ela acrescentou:

— A Irmandade, pelo que ouvi falar, foi projetada para fazer pelas mulheres o que os irmãos cristoforo de Nevarsin fazem pelos homens. Mas, ao contrário dos irmãos de Nevarsin ou do Comyn, a Irmandade... pelo que estou informada... não impõe a devoção ou a conformidade em troca de sua instrução. Há uma história antiga,

uma fábula, se você preferir assim, mas há pessoas do Comyn que acreditam nisso, de que o laran dos Sete Domínios é um dom que se manifesta por eles serem descendentes dos Deuses.

As sobranceiras de Camilla, arqueadas em desdém, indicavam a Magda o que a emmasca pensava a respeito.

— Não lhes convinha que os plebeus tivessem esse dom, ou acreditassem que o possuíam ou fossem treinados para usá-lo se, como às vezes acontece, o tivessem, mesmo tendo nascido fora da casta sagrada. Não sei o que acontecerá ao Comyn quando eles entenderem plenamente que o laran se manifesta até mesmo em terráqueos como Andrew Carr. Para conceder-lhes o crédito que merecem, se for levado ao conhecimento do Comyn que um plebeu possui laran, eles podem lhe proporcionar o treinamento... em geral, numa das Torres menores, como Neskaya. Não duvido absolutamente de que o seu Andrew pudesse...

— Insiste em chamá-lo de meu Andrew. Não é o caso, Camilla. Camilla deu de ombros.

— Quer mais chá? Já está frio.

Apesar do fogo na lareira, uma fina camada de gelo começara a se formar no chá de Magda. Uma pausa e Camilla acrescentou:

— Ou prefere subir agora e dormir?

— Não estou com sono.

Magda estremeceu; a lembrança do que vira na mente de Lexie ainda era intensa, ela não sabia se conseguiria dormir. Levantou-se e despejou água fervendo em sua caneca. Inclinou a chaleira na direção da caneca de Camilla; a mulher mais velha sacudiu a cabeça.

— Se eu tomar mais um pouco, não conseguirei dormir. Nem você.

— Por que eu deveria dormir? Esperava partir ao raiar do dia, e agora não posso mais. Cholayna me pediu para ficar até que todo o mistério fique esclarecido.

— E você, não é mesmo, deve fazer o que Cholayna ordena?

— Ela é minha amiga; eu ficaria se você me pedisse. Por que não para ela? Mas bem que gostaria de voltar logo para minha criança.

— Uns poucos dias a mais não enfraquecerão o vínculo, bredhiya. O rosto de Camilla relaxou, ela sorriu. — Eu gostaria de vê-la... sua filha.

— A viagem para Armida não é tão longa assim... e, apesar de toda a sua conversa de que está velha, Camilla, sei muito bem que poderia partir amanhã para as Cidades Secas, para Dalereuth, e até para a Muralha ao Redor do Mundo, se tivesse alguma razão. Por que não me acompanhar quando eu partir, a fim de visitar a pequena Shaya?

Camilla sorriu.

— Eu? Entre aqueles leronyn?

— São meus amigos e minha família, Camilla. Receberiam você com a maior satisfação, quanto menos não fosse como minha amiga.

— Um dia talvez eu vá. Não desta vez. Shaya... chamávamos Jaelle assim, quando ela era pequena. Quer dizer que ela é xará de Jaelle? Como parece? Sua filha é igual a você?

— Os cabelos crespos são como os meus, mas não tão escuros; os olhos também são iguais aos meus, mas Ferrika acha que vão escurecer, à medida que ela for crescendo. Para mim, ela é mais parecida com meu pai: sei que tem as mãos dele. Não é estranho? Renunciamos a nossos pais quando prestamos o juramento, mas não podemos renunciar totalmente; eles sempre reaparecem nos rostos de nossas crianças.

— Talvez tenha sido uma ótima coisa que eu não tivesse uma filha. Não gostaria de ver nela o rosto do homem que renunciou a mim, antes mesmo que eu renunciasse a ele! Seu pai, no entanto, parece ter sido um homem extraordinário, e eu diria que você não tem motivos para se ressentir da semelhança. Mas, o que me diz do pai dela? Eu presumia, é claro, que era o mesmo Lorde Damon Ridenow que foi o pai da criança de Jaelle... os lordes do Comyn são encorajados a gerarem filhos e filhas por toda parte, como meu pai fazia. É estranho que embora minha mãe esperasse uma criança de um homem muito acima de sua própria posição, e fosse em consequência obrigada a casar com alguém muito abaixo, ainda assim ambos se mostrassem orgulhosos demais para aceitar que eu

pudesse estar grávida de um dos bandidos que... mas já chega dessa conversa. Como eu dizia... parecia-me razoável que Lorde Damon fosse o pai de sua criança, tanto quanto da criança de Jaelle.

Magda riu.

— Ora, Damon não é assim. Pode ter certeza, não é mesmo. Jaelle escolheu-o para o pai de sua criança, mas foi a opção dela. Gosto muito de Damon, mas ele não é meu amante.

— Então, é o terráqueo? O seu Andrew Carr, Lorde Anndra? Ele é de sua própria gente. Eu poderia compreender isso... pelo menos tanto quanto posso compreender o desejo por um homem.

— Mas, pelo menos, você não condena, como fazem tantas mulheres da Guilda, alegando que é uma traição ao juramento.

Camilla soltou uma risada.

— Nem poderia. Vivi por muitos anos entre os homens, como um deles, e sei que os homens são muito parecidos com as mulheres... apenas não têm a mesma liberdade para serem o que são. É uma pena que não exista uma Casa da Guilda para eles. Jaelle me falou um pouco de Damon. Mas, quer dizer que é Andrew?

— Amo Andrew, quase tanto quanto amo Dama Callista. Quando decidi que queria uma criança, conversamos a respeito, nós três.

Magda sabia que nunca poderia explicar a Camilla como era o vínculo dentro da Torre. Era diferente de qualquer outro vínculo que ela já conheceria antes. Sob muitos aspectos, sentia-se mais ligada a Camilla do que a qualquer outro ser humano; gostaria de poder partilhar isso com ela também. Mas como podia fazer Camilla compreender? Camilla, que resolvera bloquear seu laran, viver para sempre como uma cega mental. Era terrível sentir a mente de Camilla fechada para ela. O vínculo na Torre Proibida se projetara para absorvê-la; ela se tornara uma parte, com a mente, corpo e coração, do círculo da Torre. Até o nascimento da criança de Jaelle, nunca soubera realmente o quanto desejava uma criança sua. Haviam se tornado tão íntimos, todos eles, que por algum tempo parecera natural que ela devesse ter também uma criança de Damon, a fim de que sua filha e a de Jaelle fossem de fato irmãs. Contudo, ainda mais do que com Damon, ela partilhava um vínculo

íntimo com Andrew Carr; como ela, Andrew encontrara o mundo que os terráqueos não podiam lhe oferecer.

— Ao final, no entanto, Andrew e eu decidimos que era melhor não fazer isso — disse Magda.

— Na verdade, a opção foi de Andrew, não minha. Ele concluiu que não gostaria de ter uma criança que não pudesse criar como sua, e eu não lhe cederia o privilégio. Escolhi o pai da minha criança porque, embora sentíssemos atração um pelo outro, era alguém de quem eu poderia me separar sem muito sofrimento.

Magda se calou, o olhar distante, Camilla especulou sobre o que ela estaria pensando.

— Eu lhe direi o nome, bredhiya, se me perguntar. Ele tem uma família, seus próprios filhos. Prometeu-me que se eu tivesse um filho e não pudesse cuidar dele, haveria de adotá-lo e proporcionar o melhor início de vida que pudesse. Se eu tivesse uma filha, ele jurou que não a reivindicaria. Sua esposa concordou... eu não faria tal coisa sem o consentimento da esposa.

— Estou curiosa sobre esse homem exemplar, minha cara, mas você tem o direito de guardar os seus segredos — Camilla tornou a se levantar e apalpou o culote. — Cubra o fogo. Já passou e muito da hora de irmos para a cama. Você pode não precisar mais de viajar ao amanhecer, mas eu ainda tenho muitas coisas para fazer amanhã.

Ela passou o braço pelos ombros de Magda, enquanto subiam a escada, em silêncio; e só quando se encontrava à beira do sono é que Magda percebeu que, no final das contas, Camilla nada lhe dissera sobre a Irmandade.

Um ou dois dias depois, ela encontrou Marisela, a parteira mais antiga da casa da Guilda, desfrutando um raro momento de solidão, na sala de música, dedilhando indolentemente uma rryl. Mas, quando Magda pediu desculpas pela intromissão e recuou, Marisela largou a pequena harpa e disse:

— Por favor, não se vá. Não tenho nada para fazer, e só estava matando o tempo, fingindo que sabia tocar. Sente e converse comigo. Quase não temos nos falado ultimamente.

Magda sentou e observou Marisela guardar o instrumento na caixa.

— Lembre-me de avisar a Rafaella que uma corda partiu; tirei-a, mas não consegui pôr a outra. Quer apenas conversar, Margali, ou deseja me perguntar alguma coisa?

— Lembra quando cheguei a casa, durante meu período de reclusão compulsória? — indagou Magda. — Na primeira sessão de treinamento, tive uma visão da Deusa Avarra. Sei que veio da Irmandade. E, volta e meia tornei a ter... Marisela, pode me falar alguma coisa sobre a Irmandade?

Marisela ficou mexendo nos fechos da caixa do instrumento, e só depois de algum tempo é que falou:

— Houve um tempo em que achei que você estava preparada para a Irmandade, e teria sido acolhida de bom grado. Mas, quando deixou a Casa da Guilda, foi a outro lugar para o treinamento de seu laran. Por esse motivo, não me sinto livre para discutir com você os segredos da Irmandade. Nada posso lhe dizer, minha cara. Tenho certeza de que está tão bem na Torre Proibida quanto estaria entre nós; e se houve um momento em que me resenti de sua decisão, há muito que já passou. Mas, sinto muito. Não posso dizer nada a uma pessoa de fora.

Magda experimentou um senso de total frustração.

— Se as pessoas que se intitulam a Irmandade Negra me procuram, como pode dizer que sou de fora? Se me falam...

— Se é que falaram — interrompeu-a Marisela. — Não, minha cara, não se zangue. Tenho certeza de que não está mentindo, mas quando isso aconteceu, encontrava-se sob tremenda pressão. Só posso lhe dizer uma coisa: a Irmandade é constituída por aquelas que servem a Avarra; nós, no plano que chamamos de vida física, e elas, as negras, no plano de existência conhecido como o mundo superior. Suponho que, num caso extremo, se você tivesse o dom para se projetar, elas poderiam ouvi-la do mundo superior e transmitir uma mensagem. Você tem um dom de laran bastante forte; talvez tenha alcançado Aquelas Que Ouvem e é possível que elas hajam respondido, do lugar em que habitam.

Marisela fez uma pausa e, depois, deliberadamente, mudou de assunto:

— Mas, agora, gostaria que me contasse o que fez nos últimos anos. Não tivemos uma oportunidade de conversar desde que sua filha nasceu. Ela está bem e crescendo?

Foi um bebê grande e saudável? Você disse a Doria que ela foi desmamada... por quanto tempo a amamentou?

— Menos de um ano — respondeu Magda, sem lamentar o abandono do tópico frustrante, e disposta a satisfazer o interesse profissional da parteira. — Quando os dentes nasceram, fiquei contente em dizer a ela que era bastante grande para morder, então, também já tinha idade para mastigar pão.

Ela experimentou uma pontada inesperada de saudade da filha, o corpo se debatendo em seus braços, dormindo encolhida em seu colo, esquivando-se para não ser penteada ou vestida, escapando nua do banho...

— Ela é bastante forte, parece-me muito inteligente e esperta, independente demais para dois anos de idade. Tenta até se vestir sozinha. Claro que ainda não consegue; fica com a túnica presa na cabeça, grita para que a babá venha soltá-la. Mas ela tenta assim mesmo! Diz Mama, mas nem sempre está se referindo a mim, diz a mesma coisa para Jaelle, Ellemir...

— Não conheço Dama Ellemir pessoalmente, mas Ferrika e Jaelle já me falaram dela. Sempre pensei que você não teria problemas para gerar crianças. Passou por alguma dificuldade?

— Achei difícil, mas não tão terrível quanto o foi para Jaelle.

— Nunca tive uma oportunidade de conversar a respeito com Jaelle. Foi tão ruim assim para ela? Sempre imaginei que se ela tivesse uma criança, haveria querer outra.

— E ela queria, mas Ferrika aconselhou contra. Cleindori está ótima; fez cinco anos no Festival da Primavera.

— É um nome muito estranho para uma criança, o da flor kireseih.

— O nome dela é Dorilyls, um nome bastante comum entre os Ardais, pelo que ouvi dizer, e Dama Rohana foi a mãe-de-adoção de Jaelle. Mas, ela tem cabelos dourados, e a babá a veste sempre de

azul, por isso Ferrika comentou um dia que ela parecia uma campânula da flor, toda coberta de pólen dourado. A criança é tão bonita que ninguém pode lhe negar coisa alguma; por isso, é mimada demais. Mas, tem uma disposição tão meiga que parece que isso não a prejudicou. É, também, muito inteligente e esperta, as outras meninas já a mimam, os garotos a tratam como se fosse uma pequena rainha.

— E tenho a impressão de que você também lhe presta todas as homenagens — comentou Marisela, rindo.

Magda teve de admitir que isso era verdade.

— Reconheço que sempre a adorei. Quando Shaya nasceu, fiquei esperando que Clendori se mostrasse ciumenta, mas isso não aconteceu. Cleindori afirma que Shaya é sua irmãzinha, quer partilhar tudo com ela. Quando Shaya tinha apenas dois meses, encontramos Cleindori tentando vestir nela a sua melhor túnica de festa. Não dá para lembrar quantas vezes tivemos de lhe dizer que era maravilhosa a sua generosidade, mas que Shaya não podia comer pão condimentado ou bolo de noz, enquanto não tivesse dentes.

— É melhor do que a rivalidade natural que deveria surgir, melhor do que o ciúme — disse Marisela. — Ela preferiu rivalizar com você como mãe, em vez de Shaya como bebê.

Não era a primeira vez que Magda se espantava com a percepção psicológica de Marisela. Fora uma lição salutar para Magda, que durante muito tempo pensara que uma cultura não-tecnológica não teria um conhecimento psicológico avançado. Mas, é claro que não era tão surpreendente assim, se Marisela pertencia à Irmandade, cuja especialidade era treinar o laran e talentos psíquicos fora do sistema normal das Torres. A percepção da própria Magda sobre os processos mentais aumentara mil vezes depois que ela começara a explorar seu laran.

— O pai seguiu o costume e ficou a seu lado no momento do nascimento? — indagou Marisela.

— Ele teria feito isso, se eu lhe pedisse. Mas, como concordou que não faria qualquer reivindicação, foi a Jaelle que eu pedi para ficar comigo... Jaelle e Dama Callista.

Ela jamais revelara a ninguém — embora tivesse certeza que Marisela compreenderia — que, no profundo desamparo e sofrimento do parto, desejara ter Camilla ao seu lado. Jamais contaria isso a ninguém, nem mesmo a Camilla, E, agora, tratou de mudar de assunto:

— Mas, diga-me como nossa irmã Keitha está se saindo. Ouvi dizer que ela estudou o parto em Arilinn e com os terráqueos...

— E no próximo mês irá para Neskaya, a fim de ensinar às parteiras as novas técnicas que aprendeu com os terráqueos. Depois, seguirá para Nevarsin, onde vai abrir uma Casa da Guilda de parteiras. Os irmãos cristoforo não estão gostando, mas não podem fazer nada. Não seria admissível que dissessem que desejam que as mulheres morram de parto quando podem ser salvas, não é mesmo?

Magda concordou que eles não poderiam fazer nada, embora, talvez, quisessem; mas a escolha do assunto era lamentável, pois lembrava-a do que Camilla dissera a respeito da Irmandade: que fora criada para fazer pelas mulheres, nos anos mais sombrios da Era do Caos, o que os irmãos cristoforo haviam feito pelos homens — manter um pouco de saber vivo, apesar do caos e da ignorância. E também lembrava-a que Marisela se recusara a contar o que sabia.

Capítulo Cinco

— Não há motivo algum para que você continue aqui — disse Magda. — O problema é meu, e Cholayna não precisa de você. Pode voltar para Armida e as crianças. Jaelle balançou a cabeça.

— Não, brenda. Já que você tem de ficar, acha mesmo que eu a deixaria aqui sozinha?

— Não se pode dizer exatamente que ficarei sozinha — ressaltou Magda. — Tenho Cholayna e todas as outras na Ponte, se precisar, sem falar em toda uma Casa da Guilda cheia de nossas irmãs. Para ser franca, Shaya, eu me sentiria muito melhor se soubesse que você estava com as crianças.

Jaelle n'ha Melora riu.

— Entre todos os argumentos que você poderia me apresentar, Margali, esse é o menos provável de causar qualquer impressão. Quanto tempo eu costumo passar com as crianças? Deveria estar presente para lhes dar um abraço afetuoso na hora de deitar? Enquanto Ellemir estiver lá, junto com a babá e Ferrika... e toda uma casa cheia de criadas, com Ellemir para supervisioná-las, sem falar em Andrew para mimar as crianças, duvido muito que elas sequer percebam a nossa ausência.

Era verdade, mais ou menos, e Magda sabia disso. De qualquer modo, Jaelle era muito menos doméstica, e menos interessada nas crianças pequenas, do que a própria Magda. Jaelle amava Cleindori — quem não amava? Mas desde que a menina fora desmamada que passava bem pouco tempo em companhia da filha.

Magda pensou de novo, como já pensara muitas vezes antes, que Jaelle mudara muito pouco desde que haviam se conhecido: uma mulher baixa e esguia, os cabelos perdendo o lustro apenas ligeiramente, com a aparência frágil de muita gente do Comyn.

— Damon a tinha, assim como Callista — mas Magda sabia que era apenas a aparência, e ocultava a força delicada do aço forjado antigo. Sob muitos aspectos, Jaelle é a mais forte de todas nós. Dizem que as mulheres Aillards sempre foram as melhores Guardiãs; talvez o posto de Guardiã seja apropriado para o tipo de força que

elas possuem. Mas a força de Jaelle não estava no laran. Talvez ainda não soubessem qual era a sua verdadeira força. Estamos ambas na idade em que uma mulher deve decidir o que quer fazer com a sua vida, pensou Magda. Já deixei para trás o primeiro amor, o primeiro casamento, os antigos ideais. Tive uma criança, recuperei a força e a saúde. Tenho um trabalho que amo. Tomei algumas decisões — sei muitas das coisas que não quero fazer com a minha vida. Desenvolvi meu laran, e sei que meu amor e minhas emoções mais intensas se voltam para as mulheres. Mas ainda não tenho certeza absoluta do que devo fazer com a minha vida. E isso a deixava tão perturbada que ela não tinha ânimo para discutir com Jaelle.

— Fique, se quiser. Mas não posso imaginar por que prefere permanecer em Thendara, quando poderia estar no campo, em Armida.

Jaelle levantou os olhos para a linha do horizonte, onde as montanhas Venza encobriam o passo que descia para a cidade.

— Também sente isso? Eu gostaria de estar outra vez em viagem. Cumpri meu dever com o clã e a família. Assim que Dori for um pouco mais velha, eu a enviarei para ser adotada como uma filha de Aillard. E, depois... ah, Magda, não está ansiosa em partir pelos campos outra vez, viajar pelas montanhas? Rafaella quer que eu volte a trabalhar com ela; já me falou sobre algum novo projeto especial para os terráqueos, mas não quer entrar em detalhes, enquanto eu não prometer que me juntarei a ela. Seria difícil deixar a Torre, eu sentiria saudade, mas... não poderia me ausentar por um ano, só para viajar outra vez? Já faz tanto tempo! Nunca passei um período tão longo no mesmo lugar, em toda a minha vida, quanto em Armida. Cinco anos, Magda!

Magda sorriu, indulgente.

— Tenho certeza de que lhe concederiam licença para passar um ano nas montanhas, se quiser.

— Soube outro dia que se está preparando uma expedição para o Alto Kimbi. Nunca foi escalado...

— E, provavelmente, nunca será — acrescentou Magda. — Pelo menos, não por nós. Sabe muito bem que eles não admitem a

companhia de mulheres, nem mesmo como guias.

Se ainda existem homens que acham que as mulheres não têm condições de participar de qualquer coisa em que haja perigo, ou exija coragem, são justamente os que se empenham em escalar montanhas.

Jaelle fungou, desdenhosa.

— Conduzi uma caravana pelo Passo de Scaravel quando ainda não tinha 18 anos!

— Breda, sei muito bem do que você é capaz na trilha. E Rafaella está registrada no serviço de informações como a melhor guia nas montanhas em atividade. Mas ainda há homens que se recusam a usar mulheres como guias. Quanto mais tolos são.

Jaelle deu de ombros, resignada.

— Acho que se quisermos escalar o Alto Kimbi ou o Pico Dammerung, teremos de organizar nossa própria expedição.

Magda riu.

— Esqueça o nós, Jaelle. Você teria de fazer isso. Aquela única viagem por Scaravel foi o suficiente para durar uma vida inteira por mim.

Só de lembrar, ela estremeceu ao pensamento dos penhascos e abismos do Passo de Scaravel.

— Fale com Camilla, Shaya. Provavelmente, ela ficará feliz pela oportunidade de partir para escalar qualquer coisa inacessível que você puder encontrar.

— E, conhecendo você, sei que estará junto dela — comentou Jaelle, rindo. — Alega que é tímida, mas quando está no campo... eu a conheço melhor do que você própria.

— Seja como for, no momento estamos em Thendara, e aqui ficaremos, pelo menos durante os próximos dias.

— Mas, devemos transmitir uma mensagem para Armida, pois estão à nossa espera — lembrou Jaelle. — Precisamos avisar que estamos bem... não fomos assassinadas por bandidos durante a viagem, nem qualquer coisa assim.

— Tem razão — murmurou Magda. — Só estamos sendo assassinadas aqui, em Thendara, pela insensatez burocrática. Vamos fazer contato esta noite?

— Faça-o você, Magda. É uma telepata muito melhor do que eu.

— Mas vão querer ouvir nós duas — insistiu Magda. Jaelle concordou com um aceno de cabeça.

— Está bem. Faremos o contato esta noite, depois que houver silêncio.

Mas naquela noite houve um juramento na casa. Magda e Jaelle não conheciam a nova renunciante nem suas irmãs-de-juramento, mas, não podiam, por uma questão de decência, se ausentarem das festividades em sua própria casa. Depois da cerimônia, houve uma festa com bolo e vinho. Magda, sabendo o que teria pela frente, bebeu pouco. Passou a maior parte da noite em companhia de Camilla e Mãe Lauria, descobriu-se a concordar como as jovens renunciantes pareciam jovens. A impressão era a de que a mulher que prestara juramento naquela noite, e também suas amigas que testemunharam a cerimônia não passavam de crianças. Ela e Jaelle eram tão jovens assim? Além da mãe-de-juramento, uma mulher mais velha era sempre escolhida para servir como testemunha; e parecia incrível ver Doria, de quem Magda se lembrava como uma garota de 15 anos partilhando o seu período de permanência compulsória na casa, descrita como uma mulher mais velha.

Rafaella também estava presente, e passou a maior parte da noite conversando com Jaelle. Magda não se incomodava que Jaelle ficasse junta de sua velha amiga e parceira; mas, observando Rafi beber o vinho claro das montanhas, torceu para que Jaelle não fosse persuadida a tomá-lo com a mesma sede. Já era tarde quando conseguiram escapar para o quarto que partilhavam — mas era melhor assim. A atmosfera ficava mais tranqüila à noite, com a maioria das pessoas dormindo; muito trabalho de matriz, nas Torres e fora, era realizado entre o pôr-do-sol e a aurora.

— Sobre o que Rafi estava falando?

— Um novo projeto de Mapeamento e Exploração... um levantamento nas montanhas. Ela queria que eu promettesse que a acompanharia.

Jaelle parecia pesarosa ao tirar as botas baixas de usar dentro de casa, e desatar os cordões da túnica. Magda sentou na cama para se despir.

— E você prometeu?

— Como poderia? Eu disse a ela que teria de consultar você, e também o pessoal da Torre. Não creio que ela saiba que prestamos o juramento de companheiras livres, e ainda não tive a oportunidade de lhe contar.

— Talvez seja melhor não contar a ela.

— Você disse a Camilla.

— Mas Camilla não é ciumenta. Rafaella e eu celebramos um pacto de coexistência pacífica... até conseguimos gostar uma da outra durante a maior parte do tempo... mas ela sente ciúme de nossa intimidade, Jaelle.

— Rafi e eu nunca fomos amantes, Margali. Pelo menos, não desde que eu era uma garotinha. E ela não era muito mais velha. E, agora, pelo menos, Rafaella é com certeza uma amante de homens. O que pode ter ocorrido entre nós, quando éramos pequenas, não me parece tão importante, e não posso acreditar que seja importante para ela.

Jaelle estremeceu, de pé no chão gelado, descalça, apressou-se em meter a camisola pela cabeça.

— Não é disso que ela sente ciúme — Magda não entendia como Jaelle se mostrava incapaz de perceber. — O que ela inveja é o fato de trabalharmos juntas, de partilharmos o laran. E esse vínculo é mais profundo do que qualquer outro.

Ela pôs também a camisola e um agasalho por cima, pois a Casa da Guilda não era devidamente aquecida à noite.

— Vai monitorar, Jaelle, ou quer que eu cuide disso?

— Deixe comigo. Esse é mais ou menos o meu nível de competência.

Jaelle não tinha ilusões sobre a sua competência no trabalho com o laran. Passara metade de sua vida bloqueando o dom psíquico, só se submetendo ao treinamento quando o laran não podia ser excluído de sua consciência. Agora, ela sabia, só era possível alcançar um nível mínimo de preparo: o suficiente para

impedi-la de ser, na frase tão usada sobre os telepatas destreinados, uma ameaça para si mesma e para todos ao seu redor.

Jaelle participava — e se sentia contente por isso — do grupo de telepatas e trabalhadores psíquicos, numa aliança livre, que operavam fora da estrutura normal de matriz em Darkover, intitulado-se, em desafio, de Torre Proibida. Mas ela nunca alcançaria uma competência suficiente para se intitular mecânica ou técnica de matriz. Às vezes, quando observava Magda, nascida uma terráquea, e agora a mais eficiente das técnicas, experimentava a noção angustiante de que repudiara esse direito hereditário, e agora nunca mais poderia recuperá-lo.

Ambas usavam os agasalhos forrados de pele e chinelas de pele. Magda ainda se envolveu com um cobertor. O trabalho psíquico extraía calor do corpo. Se a pessoa passava tempo demais no plano astral, conhecido coletivamente como o mundo superior, poderia ficar enregelada.

Jaelle tirou sua matriz da pequena bolsa de couro pendurada em seu pescoço, removeu com todo cuidado as sedas protetoras. A pedra azul, que não era maior do que a unha de seu dedo mínimo, faiscou em chamas pálidas.

Ela falou em voz alta, embora isso não fosse necessário; desde o momento em que Magda também tirara sua matriz da bolsa de couro, elas estavam em contato mental.

— As ressonâncias combinam...

Magda tornou-se consciente primeiro do calor e massa física do corpo de Jaelle, embora não olhasse para a outra mulher; seus olhos fixavam-se dentro da matriz, vendo apenas as luzes em movimento na pedra. Ela sentiu os campos de energia do corpo de Jaelle tão perto, os pontos de pulsação por onde passavam as correntes vitais. Depois, gentilmente, procurou harmonizar a vibração de sua pedra com a de Jaelle, sentindo-a como um ponto de... seria calor, luz, alguma energia indefinível se movendo no quarto? Nada tão tangível quanto isso. Ela sentiu as batidas do coração se alterarem ligeiramente, pulsando com os fluxos e refluxos das energias das pedras em harmonia, sabia que o próprio sangue em suas veias e artérias se deslocava em cadência com o da outra mulher.

Sentiu, como se fora uma mão passando por seu corpo, o contato monitor de Jaelle, examinando-a para se certificar de que estava tudo bem em seu corpo, antes que a consciência se retirasse, registrando tudo, até o arranhão no tornozelo onde uma pedrinha a atingira no outro dia, a pequena obstrução em seus sinos nasais — devia ter encontrado alguma coisa no QG a que era alérgica. Magda sentiu quando Jaelle concentrou as energias para a desobstrução. Nenhuma das duas falava, mas ela captou a mensagem quando Jaelle terminou.

— Pronta?

— Estou saindo.

Magda deixou que sua percepção saísse do corpo e olhou para baixo, vendo a si mesma deitada ali, aparentemente inconsciente, na cama que partilhavam. Jaelle, envolta por um cobertor, sentava ao seu lado. com uma irrelevância absoluta, ela pensou: O meu agasalho está velho e encardido demais, logo precisarei de um novo. É uma pena que eu deteste costurar. Ela poderia requisitar um novo em Suprimentos, no QG terráqueo, mas vivera por tempo demais na Casa da Guilda para considerar isso como uma solução viável. E, depois, ela saiu do quarto, descobrindo-se sozinha na planície cinzenta e informe do mundo superior. Não demorou muito para que Jaelle estivesse ao seu lado. Como sempre, no mundo superior, Jaelle parecia menor, mais franzina, mais frágil, e Magda especulou, como já fizera várias vezes antes, se o que via era uma projeção da maneira como Jaelle via a si mesma, ou se refletia a maneira pela qual, por algum motivo, sempre se sentira protetora, como se Jaelle fosse mais jovem e mais fraca.

Em torno delas estendia-se o cinzento, em todas as direções, sem cor e sem forma. À distância, vultos flutuavam. Alguns, Magda sabia, eram companheiros de peregrinação nos planos não-físicos da existência; outros, apenas haviam-se desgarrado de seus corpos em sonhos ou meditações. Ela ainda não podia ver algum com nitidez, pois lhe faltava determinar seu caminho com vontade e propósito. Agora, à medida que clareava, como se um nevoeiro se dissipasse, ela já podia avistar alguns tênues pontos de referência no cinzento. Primeiro, destacando-se sobre todo o resto, avistou uma estrutura

reluzente, elevando-se na planície, que ela sabia ser a marca feita naqueles planos pela forma-pensamento chamada de Torre Proibida — um abrigo do nada do mundo astral. Seu lar, o lar que encontrara para seu espírito, partilhado com aqueles que significavam para ela ainda mais do que a Irmandade da Casa da Guilda. Ainda cumpria meticulosamente todos os dispositivos do Juramento da Renunciante; era uma Amazona Livre, não apenas na palavra, mas, também, no espírito. Mas a Casa da Guilda não podia mais conter a plenitude de seu ser.

Com a velocidade do pensamento — pois o que imaginava no mundo superior era literalmente verdadeiro — descobriu-se de pé ao lado da Torre. Simultaneamente, estava lá dentro, no que parecia ser, em todos os detalhes, a suíte superior da Casa Grande de Armida. Começara tão tarde naquele trabalho que ainda não se costumara de todo a maneira como o tempo e o espaço se comportavam neste plano. Todos os quatro cômodos se achavam vazios — ela podia ver a todos ao mesmo tempo, de um modo que não compreendia — mas em algum lugar havia o clarão azul de uma matriz, onde alguém da Torre mantinha-se em vigília. E de repente, sem um momento de transição, Callista Lanart-Carr estava ao seu lado.

Magda sabia, racionalmente, que Callista não era tão bela no corpo quanto parecia no mundo superior. Neste caso, pelo menos, ela via Callista através dos olhos do espírito, através dos olhos de seu amor e veneração por aquela mulher que se encontrava no próprio centro do coração e espírito da Torre Proibida. Na realidade (mas, afinal, o que era realidade, e o que era ilusão?), no plano material da existência, Callista Lanart-Carr, outrora Guardiã em Arilinn, era uma mulher alta, de aparência frágil, os cabelos vermelhos quase desbotados agora para um cinza prateado, embora não passasse muito dos 30 anos de idade; o corpo era murcho das três crianças que gerara, o rosto enrugado e atormentado. Contudo, naquele plano, pelo menos para Magda, Callista possuía a beleza radiante do início da juventude.

Magda sabia que ela não estava falando, mas a fala e o som eram irrelevantes ali. Teve a impressão de que Callista gritava uma

saudação alegre. “Magda! Jaelle! Estávamos esperando por vocês...” E, de repente, elas foram cercadas pelos outros do círculo da Torre, Ellemir, Andrew e Damon, convocados às pressas de sonhos ou do sono. Kieran, o irmão de Damon, também estava ali, assim como seu filho, Kester, e Dama Hilary Castamir-Syrtis, que também fora, como Callista, Guardiã em Arilinn. Por um momento, pareceu a Magda e Jaelle que eram envoltas por uma festa de amor de saudações, constituída por todos os beijos e abraços que já haviam experimentado, toda a ternura que já haviam conhecido, sem tempo nem os limites do corpo, e que se prolongou por um longo período (na realidade, Magda sabia, fora uma fração de segundo ou menos).

Ao final, com a maior relutância, a intensidade da comunhão de amor desvaneceu-se (embora Magda soubesse, em alguma realidade mais profunda, que sempre seria uma parte dela, sempre renovada e confortadora), e Ellemir disse: “Esperávamos tê-las de volta aqui em 10 dias, minhas queridas. Sei que o tempo em Thendara é horrível às vezes, mas não ouvi falar de tempestades, nem mesmo no passo. O que aconteceu?” Com uma indagação jocosa de alguém — Kester? — querendo saber que prazeres da cidade grande as mantinham afastadas, amigas, amantes — algo como uma suave reprimenda de Damon por essa interferência — o espanto indisfarçado de Ellemir por haver qualquer coisa que pudesse manter duas mães afastadas de suas crianças — o envolvimento especial de Magda por Andrew, em algo que era muito particular entre os dois, um vínculo de experiências partilhadas mais forte do que o amor... “Cholayna precisa de mim, e Jaelle ficou para me fazer companhia”, informou Magda, partilhando rapidamente o conhecimento do avião caído nas Hellers. Talvez alguma coisa tivesse vazado no mundo superior.

Ela sentiu o ímpeto de raiva de Andrew como uma chama de várias cores, escarlate e laranja predominando, a envolver os contornos de seu corpo. Magda podia, às vezes, observar isso, até mesmo quando se encontravam dentro de seus próprios corpos. Ali, era inconfundível.

“Não deveriam ter lhe pedido isso, Magda.” Que se dane a mulher chamada Anders, nada merecia que fizessem isso com você.

É típico dos terráqueos, sua necessidade de saber tudo, não importa o que possa acontecer. Eles não têm a menor idéia das necessidades humanas...

“Está sendo muito duro, Andrew. Cholayna fez questão de ressaltar que eu poderia recusar”

“E você deveria ter recusado. Aposto que não descobriu nada que valesse a pena.”

“Consegui trazer Lexie de volta”, defendeu-se Magda. “Ela poderia ter permanecido naquele estado indefinidamente. E houve mais.”

Num súbito impulso, ela partilhou com Callista a imagem que extraíra da mente de Lexie. Vultos em túnicas, capuzes profundos. O som de corvos chamando, flutuando por um silêncio mais profundo que as profundezas do mundo superior... Por um instante, ela sentiu que Callista não estranhava a informação.

Já encontrei estranhas leroni no mundo superior, várias vezes. A lembrança de Callista alcançou a todos ao mesmo tempo. Não com muita freqüência, é verdade, é apenas um vislumbre. Uma ocasião, quando eu estava muito doente — sua mente esquivou-se ao sofrimento por que passara na Torre de Arilinn — e, outra vez, quando me descobri retida em outros planos no mundo superior, e não podia alcançar nada familiar. Lembro do chamado de pássaros estranhos, formas escuras, e pouco mais. Sua amiga — Alexis? — poderia, num caso extremo, teleportar-se do avião acidentado, atravessando estranhos lugares no mundo superior. Sinceramente, Margali, não acredito que tenha sido mais do que isso.

“E o avião acidentado? Não foi encontrado qualquer vestígio. “Tenho uma teoria para isso também”, disse Damon. A sensação familiar de calor, força, proteção (O Guardiã de todos, mais íntimo do que um amante, afigura em torno da qual a Torre Proibida se formara, a única pessoa em todos os Domínios que tivera coragem para isso, que restaurara Hilary e Callista à sua plenitude, apesar das leis que proibiam que uma Guardiã fracassada voltasse a exercer seu laran, o abrigo e a força de todos, o amante e o pai ao mesmo tempo)...

Outra vez, a disparidade entre o que Magda conhecia como “realidade” e a maneira como Damon se apresentava ali, no mundo superior: na vida real, um homem pequeno, cabelos escuros, aparência insignificante, olhos cansados, demonstrando toda a sua idade — era, pelo menos, 20 anos mais velho do que Andrew, que, por sua vez, era um pouco mais velho do que Ellemir e Callista. Mas, ali, onde as coisas do espírito se tornavam manifestas, Damon parecia um homem alto, forte e imponente, que dava impressão de um guerreiro. Fora preciso um guerreiro para resistir ao poder de Leonie Hastur, o Guardião de Arilinn, que controlava todas as Torres nos Domínios com a mesma mão-de-ferro com que seu irmão gêmeo, Lorill Hastur, governava os Domínios.

Damon vencera Leonie, numa batalha psíquica em que lutara contra todas as desvantagens, conquistando o direito de instituir o que agora era chamado, em desafio, de Torre Proibida.

“Tenho uma teoria sobre o desaparecimento de seu avião”, disse Damon. “Se a mulher Anders realmente invocou uma nova habilidade psíquica, latente em sua mente, para teleportar-se — e isso não é impossível, vi Callista fazê-lo quando caímos prisioneiros dos homens-gatos — a energia pura tinha de vir de algum lugar. Ela não possuía uma matriz, é claro.” As pedras-matrizes eram cristais que possuíam a estranha propriedade de transformar ondas de pensamento em energia, sem subprodutos na transição.

“De alguma forma,” continuou Damon, “ao invocar a força para se teleportar, ela usou a massa cinética do avião terráqueo para atender à necessidade de energia. Afinal, essa energia não poderia ter vindo de qualquer outro lugar. Na verdade, ela desintegrou e atomizou o avião, utilizando essa imensa energia para a força que possibilitou a teleportação. Não é de admirar que não pudessem localizar o avião, mesmo com os satélites. Não existe mais. Desintegrou-se.”

“Acho que seria um pouco difícil, Damon”, protestou Andrew. “De onde ela tiraria a força, muito menos o conhecimento, para fazer isso? Se fosse uma psicotécnica treinada, mesmo de outro mundo, de outra tradição, suponho que seria capaz de conseguir.

Mas, uma noviça completa... possivelmente uma cega mental? Não dá para imaginar. Ela precisaria de ajuda.”

“Talvez ela recebesse ajuda daquelas leroni extraviadas a que Callista se referiu; poderia ter passado por algum lugar no mundo superior em que encontrou ajuda”, sugeriu Kieran.

“Isso tem alguma importância?”, indagou Ellemir, sempre a pragmática. “Já passou, e acho que não faz menor diferença como ou por que, a menos que os terráqueos se empenhem em montar uma operação de resgate à procura dos registros — como foi mesmo que você chamou... caixa preta? — ou para descobrir o que ela avistou além da Muralha.”

“Eles teriam muito com que se divertir”, comentou Andrew, com uma ironia seca. “Já trabalhei em Map e Ex. Não há nada por lá, absolutamente nada.”

“Pois que eles investiguem”, disse Dama Hilary, com o equivalente de um dar de ombros. “Vai mantê-los ocupados, evitar que criem problemas. Alguns terráqueos podem ser ótimas pessoas...” Seu olhar afetuoso incluiu Andrew e Magda. “...Mas por que deveríamos nos preocupar com as buscas insensatas que eles possam tentar? Quando voltarão para nós, irmãs queridas? Estamos com saudade. E as crianças...”

Ela parou de falar abruptamente, pois o pequeno grupo fora ampliado pela adesão de mais duas pessoas. Kiha Margali — era como um puxão gentil no braço de Magda, e Cassilde, uma garota de 14 anos, cabelos louros e olhos azuis, foi imediatamente envolvida pelo abraço de Magda.

E Magda sentiu a surpresa no círculo. Ninguém sabia que a filha mais velha de Callista obtivera o acesso ao mundo superior. De um modo geral, as crianças não tinham muito laran — embora Cassilde se aproximasse da idade em que qualquer laran latente poderia aflorar de um momento para outro. Estou sonhando, mãe? Kiha... estou sonhando? Ou vocês estão mesmo aqui?

“Talvez esteja apenas sonhando, chiya”, disse Damon, gentilmente, e outra vez seu pensamento, sem palavras, envolveu a todos, Mas, ela já tem idade bastante, devemos começar a lhe ensinar direito. Mas, enquanto elas acolhiam calorosamente a jovem

Cassie, houve um grito e um clamor por atenção. Mamãe! Oh, eu chamei, e você veio...

Jaelle envolveu Cleindori em seus braços, mas todos estavam espantados. Cassilde, à beira da puberdade, poderia muito bem obter o acesso àqueles planos não-materiais de pensamento e espírito; mas, era inadmissível que Cleindori pudesse fazer isso aos cinco anos de idade.

"Cassie, minha querida, mesmo que você tenha a habilidade para isso, não deve tentar, enquanto não aprender a maneira apropriada de se salvar", advertiu Callista, gentilmente; e Andrew acrescentou, em seu tom mais bondoso e paternal, "E mesmo que possa vir para cá, criança, não deveria trazer Cleindori com você."

"Eu não trouxe", começou Cassie, ao mesmo tempo em que Cleindori bradava: "Cassie não me trouxe, vim sozinha. Adoro tia Lillemir, mas queria você, mamãe, e ficou longe muito tempo! Chamei e você veio, e também posso vir para cá sem Cassie me trazer. Posso até trazer Shaya. Olhem só!"

Cleindori estava gritando em sua raiva. E Magda viu sua filha de 2 anos, de camisola, os cabelos escuros desgrenhados do travesseiro; e a criança disse, sonolenta, "Mamãe?"

Meio incrédula, Magda envolveu a criança num abraço apertado. Embora seus corpos estivessem separados por uma distância de três dias de viagem, a sensação era de que ela tinha mesmo a criança em seus braços, sentia mesmo o calor reconfortante do pequeno corpo, a cabecinha sonolenta aninhada em seu ombro. Ah, como sentira saudade da filha! Mas Shaya só estava ali num sonho. Despertaria amanhã, lembrando que sonhara com a mãe; Magda esperava que ela não chorasse.

"Agora já chega!", interveio Ellemir, com firme autoridade. "Vimos o que você fez, Cleindori, mas isso não é permitido. Leve Shaya de volta para a cama imediatamente.

E você, Cassie, deve voltar para a cama também. Não é bastante forte para ficar fora de seu corpo por tanto tempo. Prometo que amanhã, se ninguém mais quiser lhe ensinar a fazer direito, eu mesma cuidarei disso. Mas, por enquanto, você deve voltar." Cassie

desapareceu. Mas Damon, gentilmente, tirou Cleindori dos braços da mãe. “Escute, filha, sei que você é apenas uma criança, mas, como fez isso, devemos reconhecer que tem idade suficiente para vir até aqui. Sabe onde está, chiya?”

“É o mundo cinzento. Não sei como vocês chamam. Acho que é o lugar para onde eu Vou quando sonho, não é?”

“Isso e mais, criança. Já esteve aqui antes?” Cleindori fez um esforço para encontrar as palavras apropriadas. “Não me lembro quando não vim aqui. Sempre vim aqui. Acho que estava aqui com mamãe e Shaya antes de nascer. Quando tia Ellemir me contou como os bebês surgem, antes de Shaya nascer, fiquei surpresa porque pensava que vinham do mundo cinzento. Porque costumava falar com Shaya antes de ela ser um bebê. Ela era crescida aqui, e de repente, virou um bebê, não podia mais conversar comigo, a não ser quando estávamos aqui.”

Misericordiosa Evanda!, pensou Magda. Nas palavras infantis, Cleindori explicara uma teoria metafísica que estava além de sua também; à exceção, talvez, de Callista e Damon, que haviam estudado essas coisas.

Damon compreendia, sem a menor dúvida. Ele abraçou a menina e disse: “Mas no mundo lá embaixo, minha querida, você é apenas uma criança e seu corpo não é bastante forte para que possa passar muito tempo aqui. Lembra de tia Margali lhe dizer que Shaya não podia comer bolo de noz enquanto seus dentes não crescessem? Pois seu corpo não é bastante crescido para isso, Dori. Deve ficar nele, até saber como deixá-lo. Só deve vir aqui em sonhos, criança e, especialmente, não deve trazer Shaya para cá, enquanto ela não for capaz de vir e voltar sem a sua ajuda. Lembra como você observou os pintinhos bicando para saírem da casca, e quis ajudar?”

Ela balançou a cabeça, solenemente. “Tentei ajudar um, e ele morreu.”

“Então sabe por que não deve ajudar Shaya a fazer qualquer coisa para a qual ela ainda é muito pequena. Shaya também pode vir a este nível em sonhos. Pode pedir a ela que tente sonhar com você. Mas, não mais do que isso.”

“Mas, quando estamos sonhando, não podemos ficar aqui por muito tempo.”

“Não, mas poderá ficar aqui por tanto tempo quanto for capaz, e isso não lhe fará mal algum. Mas, só deve vir até aqui nos sonhos, minha filha. Vai me prometer isso?”

Ela fitou Damon nos olhos, e Magda, ainda em contato profundo com Damon, viu os olhos da criança, percebeu que não eram absolutamente os olhos de uma criança.

E, depois, Cleindori murmurou, com uma submissão inesperada: “Eu prometo, papai.”

“Sendo assim, vocês duas podem voltar a dormir.” Damon dispensou-as com um gesto gentil, e as crianças desapareceram. Ampliando sua percepção, Magda pôde ver as crianças em suas camas, lado a lado, num sono profundo.

Damon suspirou. “Ela é precoce demais! Eu sabia que isso era inevitável, mas, nunca me passou pela cabeça que pudesse ocorrer tão cedo!”

Mas, antes que qualquer deles pudesse se aprofundar ainda mais em seu pensamento, Damon tornou a envolvê-los em sua preocupação e bondade. “Vocês devem permanecer em Thendara por tanto tempo quanto forem necessárias. E estejam certas de que cuidaremos das crianças muito melhor do que podem imaginar pelo que acabou de acontecer!”

O mundo cinzento estava se dissolvendo agora em turbilhões de nevoeiro. Ao mesmo tempo, Magda sentiu que se retirava dele, sabendo que muito em breve o mundo superior se fundiria com o sono normal, e amanhã toda aquela reunião não pareceria muito mais do que um sonho. Por um momento, ela sentiu todos bem próximos, envolvendo-a.

No nevoeiro cinzento, ela viu e abraçou Ferrika (a parteira estivera no outro lado de Armida, despertando e cochilando ao lado da cama de uma mulher em trabalho de parto, e não pudera se retirar de sua consciência em vigília nem mesmo para cumprimentar as irmãs), e também Colin de Syrtis, o marido de Dama Hilary (um momento breve e terno, reatizando por um breve instante uma paixão que se consumira em brasas antes mesmo do nascimento de

Shaya), e depois, mais uma vez, por um momento súbito e prolongado, suspenso entre tempo e espaço, ela deparou de novo com a filha.

Um sonho...

Mas, é claro que há alguma realidade em que Shaya não é mais uma criança. Devo sempre me lembrar disso — não me esquecer jamais de que ela é mais do que apenas o bebê que peguei no colo, amamenteei e acariciei. As mães que esquecem isso fazem coisas horríveis com suas crianças, pensou Magda. E depois tudo se desvaneceu no cinzento informe, e ela estava outra vez resvalando para seu corpo vazio, meio congelado. Ela chegou mais perto de Jaelle, enlaçando e se aconchegando nos braços da outra mulher, em busca de calor. Por um momento, estimulada a um nível que não era absolutamente físico, já que aquele trabalho muitas vezes a deixava bem desperta e excitada, Magda experimentou a sensação de que gostaria de fazer amor com sua companheira livre, todos os ternos rituais de acariciar e reafirmar o que era tão forte entre as duas. Mas Jaelle já estava profundamente adormecida.

Não precisamos disso agora, quando podemos ter aquilo, pensou Magda, sentindo outra vez a exultação do momento em que todos a envolviam, com aquela intimidade que era sempre mais forte do que qualquer outro vínculo.

E, depois, com um anseio que era ao mesmo tempo terno e triste, ela desejou ser capaz de partilhar esse vínculo também com Camilla.

Nós duas fazemos amor, Camilla e eu, por que não podemos partilhar isso? E por que Camilla tem se recusado a isso por tanto tempo? Um pouco pesarosa, ela lembrou o que Damon dissera a Cleindori, e compreendeu que se tratava de uma lição que ela também não podia esquecer.

Enquanto resvalava para o sono, o sono real, Magda pensou, espero que eu seja capaz de lembrar de tudo o que aconteceu quando despertar!

Capítulo Seis

Poucos dias depois, Cholayna perguntou se Magda não gostaria de falar para algumas recrutas dos serviços no QG. Magda aceitou com satisfação: pelo menos lhe proporcionava a ilusão de que estava fazendo algo útil.

Ela nunca se sentira muito à vontade quanto tinha de falar em público — poucos agentes do serviço de informações se mostravam desinibidos em tais ocasiões, pois o treinamento os preparava essencialmente para o trabalho fora da atenção pública. As recém-chegadas a Darkover pareceram-lhe muito jovens; era difícil lembrar que a maioria era mais velha do que ela quando fora enviada numa missão de campo pela primeira vez, em companhia de Peter Haldane.

Duas das jovens recrutas eram de Comunicações; Magda trabalhara lá por algum tempo, enquanto ainda era muito difícil para as mulheres operarem de forma independente como agentes secretas num mundo com os papéis dos sexos estruturados com tanta rigidez, como Darkover. Outras duas eram da Força Espacial. Ela se perguntou se aquelas mulheres já sabiam, antes de virem para cá, que só poderiam operar dentro do QG. Havia três de Mapeamento de Exploração, e mais três de Informações, o serviço de Magda.

— E, agora — disse Cholayna, depois de alguns comentários preliminares — eu trouxe alguém para lhes falar. Tenho certeza de que já a conhecem por sua reputação; ela escreveu, praticamente sozinha, toda a documentação para o trabalho de campo neste Planeta. Magdalen Lome, do Serviço de Informações Terráqueo.

Magda sentia-se nervosa demais para notar que se encontrava na audiência, mas, quando se adiantou, através do grupo de mulheres, ouviu um leve grunhido, quase desdenhoso. E, perguntou-se, com uma certa resignação, por que Lexie Anders fora escolhida para participar daquela sessão. Aquelas mulheres a conheciam apenas em termos do Mito Lome, pelo qual não era responsável. O que quer que fizera, na ocasião em que fizera, fora apenas o que

qualquer uma delas podia fazer; apenas abrisse seu caminho, de um dia para outro, da melhor forma que podia, através da missão de que fora incumbida. Ela especulou, um pouco amargurada, quantos outros “mitos” eram apenas vítimas da sorte e de circunstâncias.

Ela falou pouco, dizendo que dificilmente poderia oferecer uma avaliação impessoal de Darkover; afinal, era o mundo em que nascera, sentia-se afortunada porque lhe fora permitido permanecer ali. Alertou para algumas dificuldades que elas encontrariam como mulheres trabalhando ali; concluiu com um convite para que comparecessem à reunião da Sociedade do Ponte. Respondeu a várias perguntas sobre línguas e trajes das jovens agentes do serviço de informações; mas, quando as mulheres de mapeamento e exploração fizeram perguntas técnicas sobre o planeta, Magda disse, amavelmente:

— Tenho certeza de que a Tenente Anders pode lhes falar melhor do que eu sobre isso. Anders é uma especialista nesse campo. Lexie... não quer responder?

Ela pensou, enquanto Alexis vinha do fundo da sala, que fizera o que era correto. Se Lexie ainda guardava algum ressentimento contra ela, o problema era de Lexie, não seu. Sempre haveria pessoas que não gostariam de você, e isso nem sempre era por sua culpa. Ela deixou Lexie respondendo às perguntas técnicas e desceu até o café principal, a fim de comer alguma coisa. De vez em quando, sentia um desejo por alimentos que só podia encontrar na Zona Terráquea. Procurava um lugar para se sentar, com a bandeja nas mãos, quando uma voz disse às suas costas:

— Não a vemos com freqüência por aqui, Mag. Está com uma ótima aparência. O que a trouxe aqui hoje?

— Cholayna pediu-me para falar a um grupo de jovens recrutas — explicou Magda, virando-se para fitar o legado. — Olá, Peter, é um prazer vê-lo.

— Se eu soubesse que você vinha, teria pedido para passar em minha sala; mas, estou contente por tê-la encontrado.

Peter Haldane tirou a bandeja das mãos de Magda e levou-a até uma mesa isolada para duas pessoas. Magda, prestes a protestar, deu de ombros e se controlou. O que quer que o legado

tivesse a lhe dizer, era melhor que fosse ali, de um modo informal, em vez de oficialmente, em seu gabinete. Havia um certo constrangimento na voz de Peter, quando ele perguntou:

— E Jaelle... ela está bem?

— Claro.

Depois que o casamento de Magda com Peter terminara, ele fora casado com Jaelle, por um período breve e desastroso, de apenas meio ano. Por muito tempo depois disso, Magda não se sentia à vontade na presença de Peter. Afinal, ela e Jaelle haviam escolhido uma à outra, de uma maneira que excluía o próprio Peter, e não eram muitos os homens que podiam compreender ou tolerar isso...

Mas, acontecera há muito tempo. Peter parecia agora com seu amigo anterior, com quem partilhara uma infância irrecuperável. Como ela, Peter crescera entre os darkovanos, antes da construção do QG terráqueo em Thendara. Nos anos que haviam transcorrido desde então, Magda chegara à conclusão de que casara com Peter porque ele parecia ser a única pessoa viva com quem ela podia conversar, e vice-versa. Todas as outras pessoas conhecidas por ambos eram terráqueas ou darkovanas, definidas por essa diferença.

Ao final, isso não fora suficiente para basear um casamento. Mesmo assim, ela achava que deveriam manter boas relações, apesar dos rumos diferentes que suas vidas haviam seguido. Peter, como ela, sofrerá todas as angústias de lealdades divididas. Ela esperava que isso pudesse lhe proporcionar uma maior compreensão dos terráqueos, aos quais ele devia agora servir, como legado. Afinal, Peter sempre pertencera à carreira diplomática, muito mais do que ao serviço de informações; e Magda percebera isso antes mesmo que ele compreendesse. Como Lexie, ele estava sempre competindo comigo, pensou Magda; e como ninguém jamais acusara Peter Haldane de possuir o menor vestígio de laran, ela ficou aturdida com as suas palavras seguintes:

— Conhece a Tenente Anders, não é mesmo, Mag?

— Claro que conheço — respondeu ela, abandonando a tentativa de terminar um prato de creme. — Por que pergunta?

— Posso supor que Cholayna a manteve informada sobre a maneira como ela atraiu a atenção de todos nós aqui, com a queda de seu avião?

Magda franziu as sobrancelhas.

— Quer dizer que não foi idéia sua pedir que Cholayna me chamasse como uma psicotécnica para examiná-la?

A expressão surpresa de Peter era uma resposta suficiente.

— Você, uma psicotécnica? Nunca teria me ocorrido. Suponho, então, que você já sabe de tudo?

— Sei que o avião caiu e que ela veio parar aqui. Mesmo com uma sondagem mental, isso foi tudo o que consegui descobrir. Há mais alguma coisa que eu deveria saber?

Peter respondeu com outra pergunta:

— Quer dizer que ela não lhe expôs a sua última idéia extravagante?

— Sou a última pessoa a quem Lexie procuraria, Peter. Ela nunca gostou de mim. Mal tenho falado com ela, a não ser na noite em que Cholayna me chamou. Tudo o que sei é o que descobri naquela ocasião.

— Bom, em resumo... Anders está convencida de que existe uma cidade de verdade por lá. Tem certeza absoluta de que não era uma alucinação o que viu antes do avião cair, nem uma aberração no radar ou um sinal de terra interpretado da maneira errada, mas uma cidade de verdade. Por que não? Cada planeta desenvolvido nesta galáxia possui uma instalação que pode, em caso de necessidade, esconder do radar e satélites-espiões. Por que não poderia acontecer a mesma coisa aqui?

Magda pensou a respeito por um minuto.

— Não dá para imaginar, Peter. Você sabe tão bem quanto eu que os darkovanos não têm nada assim.

— Ou melhor, nada até onde sabemos.

— Não, Peter, nada assim mesmo! Há seis anos que venho trabalhando num círculo de matriz. Se houvesse alguma coisa assim nos Domínios, pode estar certo de que eu saberia.

— E fora dos Domínios?

— As informações de seus próprios satélites dizem que isso é impossível. Pergunte a qualquer pessoa em comunicações ou mapeamento e exploração.

Ele mordeu o lábio.

— Nada, é o que você quer dizer, que possa ser detectado. Mas, como sabemos que podemos detectar tudo? A tecnologia disponível em Cottaman Quatro não poderia realizar algo assim é claro. Mas, isso nada significa. Fontes extra-oficiais, fora do serviço civil do Império, poderiam ter instalado uma base aqui, por algum motivo... talvez mineração... ou... — Não posso acreditar que você esteja pensando em piratas espaciais! — exclamou Magda, quase rindo.

Como era previsível, Peter reagiu com irritação.

— Precisa sempre achar graça de tudo que você não foi capaz de pensar?

— Se achei graça, Peter, não foi de você — disse Magda, absolutamente séria agora. — Acontece apenas que... não posso acreditar que qualquer coisa assim pudesse ser instalada aqui, sem ser descoberta por satélites ou sensores espaciais; e é difícil acreditar que se pudesse fazer, embora eu tenha de supor que nada é impossível. É nisso que Lexie acredita?

— Exatamente. E ela quer organizar uma expedição para descobrir. Pensei que ela poderia ter procurado você, porque trabalhou no serviço de informações aqui, e porque Anders sabe que as suas amazonas livres são as melhores guias das montanhas em todo o planeta.

— Como eu disse, Peter, sou a última pessoa a quem ela recorreria.

— Mas, se ela a procurasse...

— Eu lhe diria que a idéia é totalmente absurda. Temos anos de observações de satélites para nos dizer que não há nada... está bem, nada observável... além dos Domínios. E aposto que não há nada, e ponto final. Aquela região deve ter sido inabitável desde... ora, não sou perita em geologia e movimentos da crosta, mas... certamente há uma eternidade geológica. Provavelmente, desde que as Hellers subiram do fundo do mar. Quanto à organização de

qualquer expedição, a logística envolvida a tornaria praticamente impossível, mesmo com todos os recursos do serviço de informações terráqueo por trás. Jaelle poderia lhe explicar melhor que eu quais seriam as dificuldades, mas conheço o suficiente para saber que é impossível, e você também sabe. Afinal, pensou Magda, eles haviam operado junto, viajando como darkovanos.

— Para começar... seria preciso cruzar as Hellers, e quando se vai além de Nevarsin, o território é praticamente desconhecido. Não temos agentes no serviço que conheçam as trilhas ou as línguas. Há tribos de homens-gatos lá em cima... e só Deus sabe o que mais. Os pássaros-espíritos... talvez culturas não-humanas... não creio que seja possível. E pode estar certo de que eu não tentaria.

Peter parecia cético.

— Se ela a procurar, é isso o que vai lhe dizer?

— Não se iluda, Peter, ela não vai me procurar. Além do mais, Anders não é de informações, mas de mapeamento e exploração. Em termos legais, o serviço de informações só era responsável perante o centro administrativo do Império, enquanto mapeamento e exploração se encontrava sob a autoridade exclusiva do legado. E Magda acrescentou:

— Ela teria de obter a sua autorização, Peter, não a de Cholayna. E mesmo que você ache que Cholayna seria capaz de fazer algo assim por suas costas, ela mandaria alguém do serviço, em vez de Lexie.

Magda não sabia se Peter estava convencido, mas ele tinha motivos para saber que ela sempre lhe dissera a verdade. E esperava que ele soubesse que isso sempre aconteceria.

Trocaram mais alguns comentários amenos e se despediram de uma maneira amistosa. Mas, enquanto atravessava a cidade, de volta à Casa de Guilda, Magda especulou se fora por isso que Lexie comparecera à sua palestra. Poucos dias depois, quando Magda deixava o QG, Doria juntou-se a ela no portão.

— Está indo para a Casa da Guilda? Irei com você. Tenho um recado de minha mãe para Jaelle n'ha Melora.

— Posso transmitir o recado para você — sugeriu Magda, olhando para o céu. — Poupará uma longa caminhada pela chuva.

Doria ficou um pouco vermelha.

— Desculpe... mas Rafaella recomendou que eu só transmitisse a Jaelle pessoalmente.

Magda deu de ombros. Houvera uma época em que ela e Rafaella haviam sido amigas de fato, mas nunca poderia contar com a amizade permanente da outra mulher. Acostumava-se a pensar nela em termos amigáveis, até mesmo presumia que havia alguma amizade... e descobria, de repente, sem qualquer aviso prévio, que Rafi se comportava como se a detestasse. Mas, como respeitava e admirava Rafaella com toda sinceridade, aceitava-a como amiga de Jaelle, se não sua. As duas mulheres foram andando lado a lado, depressa, os capuzes dos mantos levantados contra a chuva.

— Tenciono passar muito tempo na cidade, Margali?

— Espero que não. Na verdade, não tenho muito o que fazer aqui. Sei que Jaelle gostaria de voltar a trabalhar com Rafi, e tenho certeza de que Rafaella adoraria, mas só ela pode tomar essa decisão.

Entraram na praça em que ficava a Casa da Guilda. Doria já ia tocar a campainha quando a porta foi aberta, e Keitha desceu os degraus, furiosa, praguejando.

— O que aconteceu, Keiha?

— Doria? Desculpe... não é culpa sua, mas, quando eu me encontrar de novo com sua mãe...

— O que houve, Keilha?

— Aluguei um cavalo de sua mãe, já que não tenho nenhum, e às vezes, quando sou chamada para um parto fora da cidade, preciso dele. Queria fazer um acordo formal, mas Rafaella disse que não havia necessidade, tinha uma dúzia de pôneis no estábulo, comendo demais, sem fazer exercícios, eu poderia usar qualquer um, sempre que fosse necessário.

— E está zangada com ela por isso?

— Claro que não. Pedi a ela que me alugasse um animal formalmente, a fim de que nunca houvesse qualquer problema. Agora, quando preciso, descubro que todos os seus cavalos desapareceram, e tenho de alugar um no mercado ou ir a pé!

— Leve o meu — propôs Magda. — Você sabe qual é, Keilha, o preto — fora um presente do pai de Shaya. — Não Vou precisar esta noite.

— Obrigada, irmã-de-juramento.

Keitha tornou a entrar na casa, apressada. Magda e Doria observaram-na correr para a porta dos fundos, que levava ao pátio e estábulo. Doria soltou um assovio de surpresa.

— Por que será que todos os cavalos de Rafaella desapareceram? Não posso entender. Ela deve... deve ter conseguido um contrato grande, inesperadamente, se não pôde deixar um cavalo para Keitha. Foi muita descortesia de sua parte não avisar Keitha com antecedência.

Franzindo o rosto, Doria afastou-se à procura de Jaelle, enquanto Magda ia pendurar seu manto, agora completamente encharcado, num dos ganchos para secar roupas na cozinha. Quando terminou de enxugar o manto e o capuz molhados, as mulheres já começavam a entrar no refeitório. Magda ficou para ajudar a pôr as tigelas e canecas na mesa. Depois que todas foram servidas, ela foi ocupar seu lugar habitual, ao lado de Jaelle.

— Doria lhe deu o recado?

— Deu, sim, mas não consigo imaginar o que se passa na cabeça de Rafi, Jaelle parecia perturbada. — Era a última coisa que eu podia esperar, depois de tantos anos. Não somos mais crianças.

— Qual é o problema, Jaelle?

Com sua companheira livre tão transtornada, era impossível para Magda manter sua decisão de não se envolver.

— A mensagem tinha apenas umas poucas palavras, que nem mesmo foram escritas: Há uma carta para você no velho lugar. Já faz muito tempo, Magda... aconteceu na época em que eu era pequena, filha-de-adoção de Kindra. Como Kindra costumava me levar em suas viagens, Rafi e eu passávamos longos períodos sem nos vermos. Por isso, tínhamos um lugar secreto para deixar cartas uma para a outra, na oficina do velho seleiro, na Rua dos Quatro Ventos.

Magda deu de ombros.

— Por que não? Creio que a maioria das crianças faz esse tipo de coisa, em algum momento da infância.

— Rafaella não era mais uma criança, era mais velha do que eu... mas eu achava maravilhoso que uma garota mais velha brincasse comigo. Rafi e eu sempre fomos... muito ligadas. Você sabe disso.

— Claro que sei.

A simpatia que Magda sentia era genuína. Como uma criança terráquea, isolada entre darkovanos, sempre fora uma intrusa.

— Mas, agora, não somos mais crianças, nem mesmo jovens, sou uma mulher adulta, com uma criança, e Rafaella é ainda mais velha do que você! Por que ela deveria voltar a essa bobagem infantil?

— Ora, Jaelle, não se preocupe tanto. Talvez ela queira lhe transmitir algo confidencial, ou se assegurar que você ainda é bastante ligada para fazer algo tolo e infantil. Uma maneira de... restabelecer a intimidade antiga. Ela receia que eu me intrometa entre vocês.

— E isso é tolo e infantil! — exclamou Jaelle, ainda pálida e perturbada. — Não somos mais crianças... e ela pensa que pode separar companheiras livres? Eu me envergonho por Rafi, Magda. Não creio que ela possa me querer como amante, depois de tantos anos. Mas, se Rafi não é capaz de compreender que sempre serei sua amiga... então ela é mais tola do que jamais imaginei que fosse.

— Não se preocupe tanto, Jaelle. Vai descobrir que ela quer apenas lhe transmitir algo em particular.

— Mas, ela deve saber que eu sempre respeito suas confidencias! — protestou Jaelle, irritada. — Tenho a impressão de que ela se meteu em alguma encrenca...

Magda deu de ombros.

— Eu não pensaria assim. Se ela achou que podia sair da cidade e levar todos os seus cavalos, deixando a pobre Keitha para tomar o meu emprestado...

— O quê?

— Não sabia, Jaelle?

— Não. Passei o dia inteiro copiando alguns arquivos antigos para Mãe Lauria. O papel em que foram escritos os registros começa a se desintegrar, porque a tinta que usavam naquele tempo era

ácida demais. Os documentos só têm cerca de 100 anos, mas, mesmo assim, estão se desmanchando. E não tenho mais nada para fazer aqui. Por isso, passei o dia inteiro trancada na biblioteca...

Magda relatou rapidamente a história.

— Rafi não é de fazer esse tipo de descortesia; o que teria acontecido? — a testa lisa de Jaelle se contraiu em linhas de perplexidade. — Acho melhor eu ir imediatamente até a oficina do seleiro, Magda.

— Esta noite ainda? Você perdeu o juízo. Escute só a chuva e o vento lá fora!

Parecia uma das tempestades de verão que soprava pelo passo das montanhas Venza, abatendo-se sobre Thendara com ventos fortes e muita água, às vezes, até, mesmo no auge do verão, com granizo ou neve. Jaelle tornou a franzir a testa, escutando o vento arremeter contra as janelas.

— Qualquer que seja o motivo, Rafi partiu mesmo com esta tempestade.

Ela empurrou para o lado a fatia intacta de bolo de noz em seu prato, encaminhou-se para o vestíbulo. Magda seguiu-a.

— Não pode sair sozinha com este tempo, por causa de alguma idéia desmiolada de Rafaella...

Jaelle virou-se e pegou Magda pelo braço.

— Pois, então, venha comigo. Tenho o pressentimento de que está havendo alguma encrenca, Magda... algo muito mais grave do que o ciúme de Rafaella ou seu desejo de voltar às brincadeiras infantis.

Com um suspiro de resignação, Magda acenou com a cabeça. Foi pegar o manto que enxugara com tanto cuidado. Camilla apareceu no vestíbulo.

— Vão sair? com este tempo? As duas enlouqueceram?

Jaelle relatou o que acontecera. Seu rosto estava pálido e contraído.

— Venha conosco, Camilla. Você também é amiga de Rafi.

— Até onde ela permite — suspirando, Camilla pegou um velho manto surrado: — Vamos embora.

O vento e a chuva entraram no vestibulo quando as três saíram para a noite.

Capítulo Sete

A chuva caía forte, enquanto as três mulheres caminhavam apressadas, na direção do mercado. Magda sentia-se furiosa consigo mesma por ter permitido que a hostilidade entre elas se prolongasse por tanto tempo. O rosto pequeno e triangular de Jelle se achava oculto sob o capuz, mas parecia a Magda que podia ver uma ira pálida ali.

Camilla seguia ao lado delas, magra e silenciosa. A chuva formava poças sob seus pés, o vento agitava seus mantos. O mercado estava vazio, as poças de água gelada formavam uma paisagem em miniatura de lagos e praias rochosas. Os estandes trancados erguiam-se como ilhas por cima dessas praias.

— Ela não está aqui — disse Camilla. — O estande do seleiro foi trancado. Vamos voltar para casa, Jelle. Não há nada para fazer, temos de esperar até amanhã.

— Sei onde o seleiro mora.

Jelle virou-se abruptamente, seguindo para uma rua transversal escura. Camilla e Magda trocaram um único olhar desesperado e foram em seu encalço. Magda tinha vontade de sacudir Rafaella até que seus dentes chocassem. Também se sentia zangada com Jelle, que se submetia aos caprichos de Rafaella ao vaguear pela Cidade Velha sob a chuva, naquela hora perdida.

O vento era gelado, atravessando os mantos, soprando com força em sua nuca. Magda dispensou um pensamento a Keitha, cavalgando para fora da cidade. Mas, Keilha logo ficaria aquecida dentro de uma casa, com um bom fogo que acenderiam para esquentar água. Magda nunca sentira o menor desejo de ser uma médica ou mesmo uma renunciante parteira, mas, pelo menos, naquela noite, Keitha sabia para onde ia, e o que faria quando chegasse lá. E isso era mais do que as outras sabiam. Jelle parou diante de uma casa pequena e castigada pelo tempo, falou rapidamente com alguém que atendeu ao toque da campainha. Um momento depois, uma mulher gorda e velha apareceu na porta.

— Ora, é a nossa pequena Jaelle, toda crescida, não é mesmo? Sua amiga deixou uma carta, eu trouxe para casa, com medo de que alguém a pusesse em algum lugar, onde não poderia encontrar depois. Onde foi mesmo que pus a carta?

A mulher procurou nos diversos bolsos, como uma coruja alisando as penas.

— Ah, aqui está... não, isto é a encomenda de uma sela para Dama D'Amato. Ah, é esta... Não quer entrar, chiya, junto com suas amigas, comer alguns bolinhos e tomar sidra, ao lado do fogo, como costumava fazer antigamente?

Ela estendeu um papel dobrado, um tanto sujo, lacrado por uma obréia colorida.

— Não, obrigada. Preciso tentar alcançar Rafi, antes que ela se afaste muito da cidade.

Jaelle virou-se, a boca contraída numa expressão sombria. Magda observou-a examinando a mensagem, mas estava escuro demais para ler.

— Venha.

Camilla pegou Jaelle pelo ombro, conduziu-a para a luz que saía pela porta aberta de uma taverna na esquina. O lugar fervilhava de conversa, apinhado de soldados mercenários e guardas. Alguns cumprimentaram Camilla com um aceno de cabeça e uma ou duas palavras, mas nenhum deles tentou deter a emmasca alta, enquanto ela conduzia as amigas para uma mesa nos fundos. Um lampião grande balançava por cima da mesa. Camilla tratou logo de conter a tentativa de protesto de Jaelle.

— Eles me conhecem aqui. Ninguém vai nos incomodar. Sente e leia sua carta, Shaya. — Ela sacudiu a cabeça para a mulher de corpo redondo que se aproximava, apressada.

— Apenas ponche de vinho, e privacidade nesta mesa, Chella.

Camilla pôs uma moeda na mesa. Enquanto a mulher se afastava, sempre apressada, a fim de atender ao pedido, Camilla disse a Magda, em tom incisivo:

— Ela não parece grande coisa agora, mas devia tê-la conhecido há uns 10 anos. A pele como um creme suave, o pescoço mais macio que já tentei morder. Os cabelos eram bastante

compridos para sentar em cima, naquele tempo, e a cor... deixava a gente com vontade de cobri-los de prata, e ela sabia disso. Mas, apesar de tudo, é uma boa alma.

A mulher, voltando com o vinho quente, riu baixinho e passou as pontas dos dedos pela mão de Camilla. Sorrindo, Camilla levantou os olhos e disse:

— Em outra ocasião, Chella. Minhas amigas e eu precisamos conversar. Cuide para que ninguém pense que queremos companhia, está bem Chella?

Jaelle abriu a carta de Rafaella, estendeu-a para baixo da luz. Franziu o rosto enquanto lia. Murmurou ao final:

— Ela enlouqueceu por completo.

Jaelle jogou a carta para Magda, que a pegou, relutante, e leu: Minha querida Shaya:

Venho tentando persuadi-la a voltar a trabalhar comigo há bastante tempo. Agora, chegou o momento de parar de falar a respeito e fazer alguma coisa. Estou deixando esta carta no velho lugar, como uma maneira de lembrá-la dos bons tempos, mas, agora, é muito maior, sob todos os aspectos. Pode haver até a oportunidade para aquela expedição especial sobre a qual tanto conversávamos. A Tenente Anders pensa que está me usando para a grande descoberta que acha que ela pode fazer. Na verdade, é exatamente o contrário. Mas, prestarei serviços à mulher pelo valor de seu dinheiro, e você também.

Lembra quando éramos crianças e Kindra nos contava as velhas lendas sobre a cidade secreta nas Hellers, onde uma antiga Irmandade vela sobre os assuntos da humanidade? Há uma possibilidade de que, no final das contas, não seja uma lenda. Lembre-se de que as lendas diziam que se você encontrasse o caminho para lá, e fosse bastante virtuosa, então lhe ensinariam toda a sabedoria do Universo. Eu não daria um dente de homem-gato pela sabedoria, e provavelmente também não tenho a virtude para me qualificar.

Pode ser uma aventura perigosa, mas todas as lendas concordam em uma coisa: as pessoas ali não interferem e não têm permissão para interferir nos assuntos humanos; e, se você

encontrá-las, elas não podem, por suas leis, matá-la. A cidade estaria cheia de cobre, ouro e livros antigos e raros de sabedoria. Dizem que toda a sabedoria dos cristoforo vem de lá, mas os cristoforos só descobriram um pouquinho. Contudo, todos dizem que os cristoforo são os guardiões de toda a sabedoria!

Por tudo isso, não preciso lhe justificar o que estou fazendo. A terráquea quer informações para o QG, diz que isso a tornará famosa. Quanto a mim, estou apostando na possibilidade de ganhar algumas moedas de cobre e ouro. Esqueça a sabedoria. Se eu chegar lá, e conseguir voltar, garanto que terei algo muito melhor do que alguns livros velhos e palavras bonitas. Mas, preciso de sua ajuda. Não posso fazer isso sozinha, e não são muitas as mulheres na Casa da Guilda em quem eu possa confiar agora, à exceção de você.

Preciso de mais suprimentos, os agasalhos mais quentes que puder encontrar, e mais alguns cavalos e animais de carga. Tente também persuadir algumas irmãs da Guilda a nos acompanharem — não das moles, como Doria ou Keitha, mas gente que possa viajar nas maiores dificuldades, viver perigosamente, mastigar couro e aceitar ordens. E o que quer que você faça, não corra para contar tudo isso a Margali! Por uma vez, amor, guarde tudo para si mesma. Lembre-se de sua antiga sócia — e traga todos os cavalos e suprimentos que puder obter. Será uma viagem árdua, mas tenho certeza de que valerá a pena. Pense na perspectiva de tornar sua filha independente do pai, mesmo ele sendo do Comyn!

Esperarei por você durante três dias, no lugar em que tivemos de abater os chervines, naquele lugar com Kindra. Não me falte! Entre em ação imediatamente, a fim de podermos atravessar o I Kadarin antes que o tempo piore. Eu a conheço bem, sei como você se sente ansiosa em cair na estrada de novo. Estou à sua espera, irmã-de-juramento!

Com todo o meu amor, Rafi.

Magda largou a carta na mesa e pegou a caneca fumegante com o ponche de vinho quente que a mulher da taverna pusera na sua frente.

— Não é Rafi quem enlouqueceu, mas sim Lexie Anders, — murmurou ela.

— Mais provavelmente as duas — Camilla pegou a carta, alteou uma sobrancelha para Jaelle. — Posso? — À vontade. Camilla riu alto, enquanto lia. Ao final, ela disse:

— Lendas! Por que ela não sai à procura da Cidade Oculta, a que tem árvores de pão-de-condimento, com frutas cristalizadas penduradas... pensei que Rafi tinha mais juízo.

— Ela vai se meter numa tremenda encrenca — comentou Magda. — É claro que a responsabilidade é de Lexie, mas isso não significa que Rafaella possa escapar impune. Mesmo que um lugar assim existisse...

— Pode muito bem existir — disse Jaelle, inesperadamente.

Magda virou-se para ela.

— Você nunca disse isso quando Callista e eu conversávamos sobre as estranhas leronyn de outras partes do mundo superior...

— Para ser absolutamente sincera, Magda, nunca associei as duas coisas. Nunca pensei nas Irmãs da Sabedoria como figuras de túnica, com corvos chamando. Quando era pequena, na Casa da Guilda, e ouvi falar da Irmandade, costumava especular se não vinham da Cidade Oculta. Kindra me falou a respeito em umas poucas ocasiões, quando viajávamos juntas... uma cidade habitada por sábias mulheres, talvez descendentes das antigas sacerdotisas de Avarra. A cidade ficaria numa ilha, ou no que era outrora uma ilha, quando o clima era diferente de hoje. Se você a encontra, as mulheres a aceitam. Podem lhe dizer tudo o que você precisa saber... como ganhar uma fortuna, se é isso o que você deseja, ou a sabedoria mística sobre o propósito de sua vida, se é esse o seu interesse. Kindra disse que já conhecera mulheres que haviam estado lá, por isso nunca me ocorreu que fosse uma lenda. Quando se juntam as histórias antigas, pode muito bem haver algo concreto por trás. O que não significa que eu considere o lugar acessível. Segundo Kindra, elas fariam tudo que pudessem para impedir que alguém descobrisse a cidade. Tudo menos matar. Camilla está certa sobre essa parte da lenda. E se fossem e acabassem descobrindo a cidade, elas seriam obrigadas... ora, nada disso faz o menor sentido,

e não posso imaginar por que os terráqueos devem se intrometer, ou por que Rafi haveria de envolver!

Magda, angustiada, murmurou:

— Receio que a culpa seja minha. Lexie, eu acho, faria qualquer coisa, absolutamente qualquer coisa, para me passar à frente, deixar sua marca no serviço de informações terráqueo, de uma maneira que eu nunca poderia igualar. Juro que nunca tive a menor intenção de me tornar um mito, nem mesmo tentava alcançar qualquer glória! Ela me acusou uma vez de querer tudo, alegando que eu não deixava coisa alguma para as outras fazerem...

— A mulher é uma tola! — interveio Camilla. — Você fez o que tinha de fazer. Se ela não pôde compreender isso, que você não queria competir...

Era algo muito diferente o que estava perturbando Jaelle.

— Se fizer isso, Rafaella acabará entrando na lista negra dos terráqueos. Nunca mais tornaria a trabalhar para eles. E o que acontecerá com a Tenente Anders, Magda, se ela insistir na expedição contra a decisão oficial?

— O melhor que ela poderia esperar seria a transferência para outro planeta — disse Magda. — Na pior das hipóteses, poderia ser expulsa do serviço, o que seria bem merecido. A menos que ela faça uma grande descoberta... e deve ser isso com que ela conta, uma descoberta para mapeamento e exploração tão espetacular que eles ignorarão sua desobediência às ordens. E a idéia também não é desconhecida na história do serviço. Peter me contou que ela pensava em promover uma expedição assim, mas eu lhe disse que era praticamente impossível, mesmo com todos os recursos do Império em apoio.

— Parece evidente que ela não está contando com o apoio do Império — comentou Camilla. — O que talvez seja melhor. Os terráqueos não são bem-vindos nas Hellers, e uma grande expedição não encontraria coisa alguma, exceto, talvez, mais problemas do que poderia enfrentar. Mas meia dúzia de mulheres, com provisões suficientes, um pouco de sorte e bom tempo, poderiam ter êxito. Kindra sempre disse que gostaria de tentar, Jaelle, mas, depois que

aceitou você como filha-de-criação, ela esperou que crescesse, e acabou morrendo antes de ter uma oportunidade.

Depois de um silêncio prolongado, Camilla acrescentou:

— Rafaella deve saber disso, pois era parenta de Kindra. Mas, fico surpresa que ela pense em levar uma terráquea nessa expedição.

— A mim não surpreende — disse Magda. — Os terráqueos dispõem dos recursos, dinheiro, mapas e assim por diante, para montar expedições dessa escala.

Se Rafi, em todos esses anos, não encontrou mulheres, nem mesmo na Casa da Guilda, que estivessem dispostas a tentar, não me surpreende que ela se mostrasse animada quando uma mulher do Império aventou a possibilidade. O que me surpreende é que Lexie tenha envolvido Jaelle. Seja como for, eu gostaria de mais indícios de que pode ser uma cidade real, não apenas uma história antiga. Mas, Lexie fora capaz de fornecer mais evidências do que Magda lera em sua mente? Magda compreendeu, com súbito horror, que estava com ciúme, que pensara: Isso não deveria ser descartado pelos terráqueos. Deveriam entregar a missão a mim, Magda Lome. Afinal, ela fora a primeira mulher a realizar um trabalho de campo clandestino em Darkover. Se alguma coisa tão grande estava para acontecer, que direito tinham de deixar Lexie assumir?

Magda ficou chocada consigo mesma. Era exatamente o tipo de coisa que precipitara a hostilidade de Lexie Anders. E, em vez de enviar Lexie numa busca emocionante por uma cidade lendária, Peter Haldane recusara-se expressamente a autorizar a expedição. Ou será que não? Talvez convocar Magda para ajudar, depois anunciar a proibição do legado, fosse a cobertura perfeita para o serviço de informações terráqueo lançar uma expedição secreta. E seria ético para Magda, que prestara juramento à Casa da Guilda, ver os terráqueos serem levados ao coração do mais bem guardado segredo das mulheres em Darkover? Não, tudo isso era absurdo, ela estava apenas dando crédito às insinuações inadmissíveis de Marisela sobre irmandades místicas e segredos cósmicos.

— Não sei por que estou me preocupando com isso — disse ela. — É impossível. Uma missão suicida. Mesmo com sorte e bom tempo... e não é fácil encontrar nenhuma das duas coisas nas Hellers... não pode ser feito. E, mesmo que fosse possível, mesmo que Cholayna a chamasse e lhe pedisse para assumir o comando, ela teria recusado.

— É totalmente impossível — reiterou Magda, procurando convicção nas palavras.

— Não concordo — disse Camilla. — Presumindo que Kindra estava certa, que existe de fato um lugar assim... se algum dia já foi alcançado, é possível consegui-lo de novo. Mas, não creio que Rafi seja capaz. Você conseguiria, Jaelle. Ou poderia conseguir no passado. Não sei se ainda tem condições, depois de sete anos de vida mole em Armida.

Magda protestou, furiosa:

— Não é essa a questão. Isso é o que Rafaella quer fazer, atraí-la para que a acompanhe, arrastá-la para o desastre que ela e Lexie estão criando para todo mundo.

Rafaella conta com o seu senso de lealdade e amizade. Acha que você irá atrás dela, como foi atrás de Alessandra Li quando ele partiu para as montanhas sozinho.

E, assim, poderá ter você de volta, o que é a sua intenção...

— Pensei que você tivesse dito que não estava competindo com ela, Magda. Devo deixá-la partir sozinha, enfrentar uma crise nas Hellers, morrer por lá?

— Ou seja... vai fazer o que ela quer.

— Rafi foi minha sócia durante muitos anos. Mas, não há razão para que se envolva também, Magda.

— Acha mesmo que eu a deixaria partir sozinha, para criar problemas com os terráqueos, e... — Magda fez uma pausa, fitando os olhos brilhantes de Jaelle. — Também não é essa a questão para você, não é mesmo? Você quer ir! Não é verdade? Quer voltar à estrada, e qualquer desculpa serve.

— Magda... você não compreende... — Jaelle suspirou. — Não tenho o direito de querer ir. Mas fico louca ao pensar que Rafi é livre para viajar e eu não. Além do mais...

— Você é livre para fazer qualquer coisa que acha que deve fazer — declarou Magda, compreendendo quase em desespero que Jaelle praticamente ecoava seus próprios pensamentos. — Eu deveria ter sido franca e objetiva com Lexie. Deveria ter relatado minhas experiências com essa gente. Quer sejam ou não reais, ou de algum outro plano de existência, se eu me mostrasse disposta a partilhar com ela, a contar como e por que encontrei essa gente, talvez ela pudesse compreender...

Magda sentiu agora que compreendia: Lexie, como ela própria, encontrara as misteriosas, as mesmas mulheres em túnicas escuras da Irmandade que haviam se projetado para salvá-la, e Elas é que haviam mandado Lexie de volta, da mesma forma como enviaram ajuda para Magda... Ela sabia que Camilla não acreditava. É verdade, ela estava lá para testemunhar, e Camilla, não. E, agora, Lexie tinha coragem de partir à procura delas, o que não acontecera com Magda.

— A lenda é bastante clara — comentou Camilla, ironicamente. — Se você as procurar e não estiver qualificada para admissão, vai desejar nunca ter ouvido falar delas. Não creio que o desejo de riquezas de Rafaella seja qualificação suficiente. Posso apostar que Rafi seria capaz de blefar o caminho para entrar. Mas, não conseguiria sair.

— Será que não entendem? — Os olhos de Jaelle brilhavam intensamente. — Aquelas duas não são as pessoas certas para ir.

— E nós somos? Ora, Shaya...

— Não creio que seja apenas coincidência tudo o que aconteceu — argumentou Jaelle. Seja como for, Rafaella entregou a segurança da expedição em minhas mãos. Ela me pediu para alcançá-la com mais cavalos, suprimentos, agasalhos... não posso abandoná-la.

— E... talvez, se eu contar a Lexie o que sei sobre essas... essas misteriosas, ela tenha uma chance melhor. — Magda hesitou.

— E tenho acesso a outras informações que ela não poderia obter, informações especiais de segurança, o pouco que se sabe sobre o território nas Hellers além de Nevarsin...

E, no entanto, no fundo de seu coração, Magda sabia que Lexie não encararia assim. Para Alexis Anders, a tentativa bem-intencionada de ajudar não passaria de mais uma interferência do Mito Lome.

Pelo fogo do inferno, Lome, há alguma coisa neste planeta em que você não esteja metida?

— Nenhuma das duas está sendo honesta — disse Camilla.

— Ambas se sentem atraídas por essa cidade misteriosa. Quanto a mim... meus motivos são absolutamente claros.

Ela fez uma pausa, olhando furiosa para as outras duas.

— Eu irei a essa misteriosa Cidade das Feiticeiras, mas, pelo menos, sou honesta sobre meus motivos. Ao que se diz, essas pessoas são capazes de revelar o propósito para o qual você nasceu...

Ela olhou ao redor, desafiando qualquer pessoa a contestá-la. — Tenho motivos para questionar o Destino. Se a Deusa exigiu de mim que eu sofresse tanta coisa, então não tenho o direito de exigir que a Deusa ou essas mulheres misteriosas, que supostamente cumprem sua vontade, expliquem a minha vida? Decidi procurar essa cidade misteriosa, e ali perguntar à Deusa por que me tratou como um brinquedo. E, apesar da maneira irritada e meio irreverente com que Camilla formulou suas palavras, Magda sabia que eram uma ameaça. E em qualquer confrontação daquele tipo, Magda apostaria que Camilla levaria a melhor. Jaelle empurrou sua cadeira para trás, enfiou no bolso do culote a carta que deixara em cima da mesa, e indagou: — Quando partimos?

Magda experimentou a sensação de que fora apanhada na lagarta de uma das máquinas terráqueas que movimentavam terra, do tipo usado para transformar uma colina viçosa, cheia de árvores, num terreno plano e vazio, onde um espaço-porto podia surgir, ou qualquer outra coisa acontecer. Jaelle nunca levava seu protesto a sério. Mas ela tentara, e tentara de forma objetiva, avaliar os prós e contras da situação. Ou será que não? — Ela disse que esperaria três dias — lembrou Magda. — Irei ao QG pela manhã e obterei mapas do serviço de informações; também tenho acesso às imagens de satélites, e a tempo de ampliá-las no computador.

— E eu providenciarei os cavalos e os suprimentos — acrescentou Camilla. — Tenho contatos agora. Você não.

E as crianças! pensou Magda. Contudo, ela estivera especulando, apenas no outro dia, por que parecia não haver agora missão alguma à altura de suas energias. Descobriu-se a recordar um antigo provérbio terráqueo: Tome cuidado com aquilo por que você reza, pois pode ser atendido. A chuva cessara quando elas saíram da taverna. Magda levantou os olhos para a linha do horizonte, onde os picos altos e irregulares das montanhas Venza destacavam-se. Uma lua pequena se punha por trás de um dos picos. Subiriam por ali, depois seguiriam para o norte, passariam pelo Kadarin e entrariam nas profundezas das Hellers, viajando para Nevarsin e além. Magda nunca estivera tão longe, naquelas regiões ermas e desconhecidas. Suas duas companheiras, com a eficiência de guias das montanhas experientes, já planejavam os estágios da viagem.

Se houvera uma coisa que ela aprendera, quando deixara a Casa da Guilda e fora para a Torre Proibida, era a de nunca presumir que sua vida se encontrava definida ou seguiria um curso ordenado dali por diante. Ela prestou atenção a Camilla, de rosto franzido, discorrendo sobre a tremenda dificuldade de se encontrar cavalos acostumados nas montanhas naquela época, e percebeu que vasculhava mentalmente o seu guarda-roupa, à procura de roupas, que se tornariam necessárias logo depois de entrarem nas Hellers.

Capítulo Oito

À primeira claridade, Camilla saiu para providenciar os cavalos, os animais de carga e as selas. Magda, que não podia fazer nada até começar o horário regular de trabalho no QG, foi para o refeitório, onde havia fatias de pão frio e mingau quente para o desjejum. Enquanto comia, ela tentou pensar no que deveria fazer primeiro. Como uma agente no campo, ela tivera acesso às fotografias de satélites mais sofisticadas, e ao eficiente equipamento que podia gerar, de uma foto tirada a 80 mil metros de altitude, um mapa bastante sofisticado para se distinguir uma árvore de resina de um arbusto de condimento.

Havia poucos mapas darkovanos. Poucos mercadores circulavam pelas Hellers, e sempre seguiam por trilhas que seus avós já conheciam. Além de Nevarsin, pouco se conhecia: um platô congelado, uma região deserta. Os mapas baseados em fotografias ajudariam. Mas não o suficiente, pensou Magda. Jaelle desceu já vestida para viajar, usando culote de montaria e botas. Magda nunca a vira antes usando a faca comprida das amazonas, como uma espada curta de um mercenário ou soldado. Ela sentou ao lado de Magda.

— Vou sair para cuidar da comida para a viagem — disse ela.
— E você vai precisar de um manto de viagem. Será indispensável quando chegarmos às montanhas, onde nenhum casaco pode aquecer o suficiente. Acha que podemos obter alguns sacos de dormir terráqueos? São melhores do que os disponíveis no mercado.

— Darei um jeito.

Meias grossas, pensou Magda, luvas especiais, creme contra queimaduras do sol, óculos escuros... Algumas mulheres, preparando-se para o trabalho no mercado, entraram e serviram-se de tijelas de mingau. Sherna levantou as sobrancelhas para Jaelle.

— Vestida para viajar? Vai embora?

— Assim que pudermos partir. Estamos levando uma caravana para o norte.

— Se encontrar Ferrika em Armida, transmita-lhe meus cumprimentos.

Sherna terminou de comer o mingau, foi à cozinha para pegar os pães que seriam vendidos no estande no mercado. Voltou para perguntar a Magda:

— Vai partir com Jaelle, irmã-de-juramento?

Magda acenou com a cabeça, sentindo os nervos à flor da pele; sabia que as intenções eram sempre as melhores, mas uma das poucas coisas que ainda a incomodavam na vida na Casa da Guilda era a maneira como todas se intrometiam em sua vida particular.

Nunca vira Jaelle em ação no trabalho para o qual sua companheira livre fora treinada. Ficou impressionada pela rapidez e eficiência com que Jaelle definiu as cargas, organizou os itens que seriam necessários.

— Mapas, sacos de dormir, talvez algumas rações terráqueas de energia concentrada, serão melhores quando chegarmos às montanhas. Fogareiros de acampamento e combustível concentrado. Deixarei todas as coisas da Zona Terráquea aos seus cuidados.

— Talvez eu tenha de contar a Cholayna... Jaelle suspirou.

— Se for necessário, então conte. Ela já conhece Rafaella, não é mesmo?

— Rafaella está relacionada em mapeamento e exploração, e também no serviço de informações, como a melhor das guias... — Magda hesitou, engolindo a palavra "nativas". — ...darkovanas disponíveis. Não a melhor das mulheres que servem como guias, mas a melhor entre todos os guias. Já trabalhou antes com expedições de mapeamento.

É claro que Cholayna a conhece. Provavelmente a recomenda para todas as expedições mais importantes.

Jaelle balançou a cabeça.

— Rafi me disse, uma ocasião, que gosta de trabalhar com os terráqueos. Eles fornecem os melhores equipamentos e nunca tentam discutir as contas. Ou concordam em pagar, ou dizem que é demais e procuram outra pessoa. Não barganham apenas pelo prazer de barganhar. Além disso, dão gorjetas melhores.

Não eram poucos os darkovanos assim, pensou Magda: trabalham para os terráqueos, ao mesmo tempo em que os despreza secretamente. Desde o seu primeiro ano na Casa da Guilda, tivera esse estranho relacionamento, composto em partes de afeição e antipatia, com Rafaella.

— Sherna me comentou outro dia que detesta negociar com os terráqueos por esse mesmo motivo... eles tiram toda diversão do comércio. Não barganham, limitam-se a dizer sim ou não, aceitam ou vão embora.

— Posso entender o que ela quis dizer, Magda. Os terráqueos não têm senso de humor. Nem Rafaella. É por isso que ela se dá tão bem com eles.

— Por que alguém deveria levar seu senso de humor para o mercado?

— É um jogo, amor. No final, tudo dá no mesmo... talvez com uns poucos sekals de diferença, mas todos saem felizes, pensando que levaram a melhor na negociação.

— Não consigo ver a diversão nesse tipo de coisa. Gosto de saber o que estão querendo de mim, dizer sim ou não, em vez de me empenhar em jogos por horas a fio, sempre que quero comprar um cesto ou um par de botas.

Jaelle tocou no pulso de sua companheira livre, afetuosamente.

— Sei disso. Você é muito parecida com Rafi sabia? Desconfio que é por isso que as duas não se dão muito bem -ela empurrou para o lado a tigela do mingau. — Não se esqueça dos óculos escuros. Viajaremos pelo gelo do meio das colinas Kilghard em diante, mesmo nesta estação.

Enquanto atravessava a cidade, Magda refletiu que Jaelle e Camilla pareciam encarar como um fato consumado que seguiriam adiante; que alcançariam Lexie e Rafaella não para trazê-las de volta daquela expedição sem aprovação, mas para aderir a elas e continuar a viagem.

A culpa é minha. Eu não deveria ter contado a ela o que descobri sobre a Irmandade. Foi isso que desencadeou tudo. Ela também desejara saber o que havia por trás do mistério. A dica era que nunca teria pensado em partir por conta própria para descobrir.

Não sou aventureira. Talvez seja por isso que não devo interferir entre Jaelle e Rafaella. Jaelle nunca se sentiu contente no ficar assentada no mesmo lugar.

Ela forneceu seu número de identificação ao guarda da Força Espacial no portão, surpreendeu-se a parecer quase furtiva. O que está havendo comigo? Tenho autorização para entrar aqui, sou uma agente credenciada, e ao que todo mundo sabe estou cumprindo meus deveres normais! Na verdade, tenho a obrigação de impedir que Lexie parta para regiões inexploradas de Darkover sem autorização!

No albergue da Sociedade da Ponte, ela guardava alguns uniformes, pois os códigos de acesso nas golas lhe permitiam entrar e circular no prédio do QG sem as constantes verificações de identidade e segurança. Ela cumprimentou as jovens enfermeiras darkovanas que se aprontavam para o turno do dia no serviço médico, depois foi ao seu armário e vestiu o uniforme — calça e túnica escuras, com o friso vermelho que lhe possibilitava o acesso a qualquer área, exceto o serviço médico e o psiquiátrico. Os monitores piscavam ACEITE, enquanto ela seguia apressada pelos corredores, até a sala grande mapeamento. Encontrou um terminal livre e pediu uma foto de satélite sobre Nevarsin. Pôde interpretar a imagem bastante bem para contrair os lábios e assoviar silenciosamente pelas dificuldades do terreno. E Lexie pensa que existe alguma cidade por lá que conseguiu se esquivar à detecção pelo radar ou satélite? Ela enlouqueceu por completo!

Se a misteriosa cidade da Irmandade existia — e Magda mantinha a mente aberta em relação a isso — devia ser em alguma parte inacessível do mundo superior. Contudo, desde que conhecia Jaelle que ouvia as histórias de Kindra, a mãe-de-adoção de Jaelle, que guiara Dam Rohana para as Cidades Secas. Ela fora uma lendária exploradora e mercenária. Se dissera que conhecera mulheres que haviam visitado a cidade lendária, quem era Magda para negar?

Ela acionou os controles que gerariam, a partir da fotografia satélite, um mapa diagramado por computador, um tanto mais detalhado, que não exigiria o seu conhecimento das formulações

terrâqueas para ser decifrado. Estudou-o na tela por algum tempo, solicitando pequenos ajustamentos, aqui e ali, até que parecesse com os mapas darkovanos que vira na coleção de Rafaella, depois pediu uma cópia. A impressora a laser funcionou em silêncio e o mapa ficou pronto em menos de meio minuto. Magda estudou-o por um longo tempo, à procura de erros, comparando com outras imagens na tela; precisava ter certeza absoluta de que era o melhor que podia obter.

Em seus primeiros anos no serviço de informações, Magda viajara com Peter Haldane pela maior parte dos Sete Domínios, e pelos contrafortes das Hellers. Fizera pessoalmente alguns dos primeiros mapas, embora Peter fosse melhor nisso; o talento maior de Magda era para línguas. Enquanto observava algumas das estradas (em qualquer outro planeta seriam classificadas como trilhas de gado), começaram a aflorar recordações daquele tempo meio esquecido... Como ela era jovem na ocasião, como possuía uma energia ilimitada. Ela e Jaelle teriam mesmo cruzado o Passo de Scaravel, a quase quatro mil metros de altura? Era verdade, pensou Magda, sombriamente, Jaelle tem as cicatrizes para prová-lo, E uma ocasião ela e Peter haviam entrado disfarçados na Cidade das Neves, a Nevarsin dos cristoforos... Depois de um momento, Magda suspirou e tornou a se concentrar no terminal, pedindo os mapas disponíveis para o norte, a partir de Nevarsin.

Estudou as poucas trilhas estreitas que levavam para o desconhecido. O platô ficava a mais de dois mil metros de altura; podia-se esperar que houvesse pouco oxigênio nos passos; e com certeza haveria banshees, os pássaros-espíritos, carnívoros secos, incapazes de voar, que se moviam com um tropismo inexorável na direção de qualquer coisa que respirava, e que podiam estripar um cavalo com um único golpe das garras terríveis. Nas áreas inexploradas, indicadas nos mapas, haveria perigos ignorados. Alguns dos passos eram muitos mais altos do que o Scaravel; a maioria era coberta pelas linhas azul-claras cruzadas, que significavam Inexplorado — sem dados concretos. Se o que elas procuravam realmente existia, estaria em algum lugar por ali. Uma agulha no palheiro?

Devia haver algo mais do que apenas lendas. Se Kindra conhecesse mulheres que haviam estado lá, devia ser possível, não fácil, mas possível, obter informações, comprá-las, subornar as pessoas que sabiam... Mas, tudo isso teria de ser feito no lado darkovano. Aquela altura ela já esgotara praticamente as fontes terráqueas. Magda ligou o terminal para SUPRIMENTOS, requisitou sacos de dormir, combustível sólido para fogareiros de acampamentos, óculos escuros e creme contra queimaduras do sol — nenhum desses itens pareceria estranho; qualquer agente de mapeamento e exploração, pesquisa ou informações que estivesse partindo numa missão requisitaria as mesmas coisas. Mesmo que não fossem creditados na conta pessoal de Magda, em vez de solicitados sem cobrança como despesas relacionadas com o trabalho, dificilmente atrairiam a atenção da auditoria. E como uma despesa pessoal, ela nunca precisaria explicar por que os desejava.

Ela especulou se Lexie também se resguardara da mesma maneira. Alexis Anders, como ela, fora treinada na academia do serviço de informações em Alfa; mas Lexie era mais jovem, tinha muito menos experiência naquele tipo de coisa.

Depois de um momento, Magda tornou a acionar o terminal, entrando com o código de acesso ao serviço de pessoal. Como já esperava, foi bloqueada duas vezes, mas seu nível de acesso era tão alto que pôde constatar que Anders, Alexis, piloto especial de M&E, entrara de férias e requisitara certos equipamentos de montanhismo. Muito interessante, pensou Magda, enquanto apagava a tela. Teria de descer até o serviço de suprimentos para recolher as coisas que solicitara, muito embora o pagamento já tivesse sido automaticamente deduzido do crédito de Magda no QG. Na verdade, quase zerara sua conta: o pagamento de uma agente em disponibilidade não era grande coisa. Só as gratificações que Cholayna lhe concedera, por seu trabalho recente com a Sociedade da Ponte, permitiu-lhe cobrir as despesas.

Espero que valha a pena. Isso é a única coisa que importa. Ela especificou o tipo de embalagem que queria, verificou os preços de alguns outros itens — Jaelle provavelmente poderia obtê-los mais baratos na Cidade Velha — e preparou-se para voltar ao albergue da

Sociedade, a fim de trocar de roupa, pondo o que ainda pensava automaticamente, quando se encontrava na Zona Terráquea, como o disfarce de campo. Ao desligar o terminal, ela olhou ao redor, e deparou com Vanessa ryn Erin parada na porta da sala.

— Imaginei que era você. O que queria com os registros de Lexie, Magda? A curiosidade não é uma razão válida para bisbilhotar os registros do serviço de pessoal.

Nunca pensei que você fosse capaz disso.

— Já que falou em bisbilhotar, pode me dizer por que bisbilhotou o que eu fazia?

— Trabalho no serviço de pessoal, Magda. Essa é a minha função, não sua. Vamos... explique-se. — Vanessa fez uma pausa, olhando friamente para Magda. — Falo sério.

Posso determinar uma sondagem mental em você por menos do que isso.

Magda, que detestava mentir, tinha a intenção de lhe contar a verdade, mas compreendeu agora que, a fim de proteger a si mesma, para não falar de Camilla e Jaelle, seria melhor inventar uma boa mentira, que satisfizesse a imaginação conspiratória de Vanessa; e, como muitas pessoas que são quase que compulsivamente honestas, Magda não conseguiu imaginar mentira alguma. Ela pensou: Não posso ficar parada aqui, piscando os olhos como uma garotinha que foi apanhada com a mão no pote de biscoitos! E é claro que fora exatamente isso o que acontecera. Ao final, Magda disse:

— Eu queria saber o que Lexie estava fazendo. Eu a vi na reunião da Sociedade da Ponte, e queria saber se ela já se recuperara por completo, depois da terrível provação por que passou.

Ocorreu-lhe, então, o que deveria ter dito em primeiro lugar, e ela acrescentou:

— Ela parece ter viajado com a sócia de Jaelle, e precisamos saber para que lado foram. Jaelle perdeu uma mensagem de Rafaella e...

— Como já descobriu, ela pediu férias — disse Vanessa. — Quando falei com Cholayna, no entanto, tive a impressão de que ela

incumbira Lexie de uma missão, o que explica o fornecimento do equipamento como despesa operacional. Lexie contratou uma guia renunciante, e está a caminho das colinas Kilghard, a fim de estudar uma dança folclórica feminina.

— Então, é isso... — Magda fez uma pausa, depois acrescentou, incisiva: — Não acredito.

— Por que não? É um trabalho agradável e fácil, uma boa maneira de se conseguir o que equivale a férias remuneradas. Todas nós já fizemos esse tipo de coisa.

Durante o meio ano que se seguiu, Magda arrependeu-se por não ter deixado que Vanessa acreditasse nisso. Era a explicação mais simples, e teria poupado muitos problemas...se Vanessa de fato acreditasse.

Em vez disso, porém, Magda soltou uma longa exclamação de incredulidade e indignação.

— Que tipo de imbecil desmiolada você pensa que eu sou, Vanessa? Claro que há guias renunciantes que aceitariam o trabalho de levar uma terráquea sozinha para as colinas, a fim de estudar dança folclórica, estilos de baladas, a rryl ou a arte da cestaria. Mas, Rafaella? Foi Rafaella quem conduziu a expedição de mapeamento a Scaravel! Foi Rafi quem chamaram quando queriam alguém para coordenar 90 homens, 500 chervines de carga e meia dúzia de guias das montanhas ainda não muito experientes! Isso é demais, Vanessa! Acredita sinceramente que Rafaella n'ha Doria aceitaria a incumbência de levar uma terráquea numa pequena excursão dominical para anotar as diferenças entre uma secain e uma dança do anel de Anhazak? É possível, apenas possível, que se fossem amantes, e quisessem um pretexto para viajarem juntas, pudessem inventar uma viagem assim, mas não posso imaginar qualquer outro motivo. Conhecendo Rafaella, não acredito absolutamente nisso... embora eu nada saiba sobre a vida amorosa de Lexie, por falar nisso; mas sou capaz de apostar uma semana de pagamento como ela é totalmente heterossexual. Ou me enganei com a expressão em seu rosto quando lhe apresentei Jaelle como minha companheira livre? Vanessa deu de ombros.

— Não pensei muito a respeito. Para mim, ela queria apenas conhecer as colinas. Afinal, Magda, Lexie foi treinada como uma agente de informações. Pensei que, depois do acidente, essa podia ser a única missão de que a encarregariam. Ela sabia que precisaria de uma guia renunciante, e suponho que simplesmente Pediu a melhor da lista.

— E Rafaella aceitou, sem pensar duas vezes? Ora, Vanessa, isso é absurdo!

Vanessa explodiu, furiosa, na defensiva:

— Não me preocupei com o assunto até um momento atrás, quando verifiquei que alguém estava bisbilhotando na ficha de Lexie! Depois do que passou, Lexie tem todo o direito de tirar férias! E não é um crime contratar a guia mais qualificada, não é mesmo? Desde que ela possa pagar o que Rafaella cobra! Talvez Rafaella quisesse ganhar algum dinheiro fácil, ou se aproveitar de uma forasteira tola, disposta a pagar quatro vezes mais...

Vanessa parou de falar abruptamente, pensou por um longo momento, e depois acrescentou:

— Ou talvez Cholayna a tenha incumbido de estudar as danças folclóricas como uma cobertura, e ela partiu para um trabalho muito mais importantes e sério...

— Agora você está começando a chegar onde eu quero, Vanessa.

— Mas... Cholayna faria isso sem consultar o serviço de pessoal, para se certificar de que Lexie estava em condições... bastante estável, para uma missão assim? É esse o problema, Magda. É essa a minha função! com um colapso e amnésia tão recentes... eu exigiria uma consulta ao serviço médico e psicológico antes de deixá-la partir outra vez. E Cholayna faria a mesma coisa! É verdade que Cholayna tende a... a tomar suas próprias decisões em relação a pessoal...

Ela parou e Magda, sabendo o que Vanessa relutava em dizer, arrematou:

— Estava se lembrando de que eu deveria ter sido despedida ou que se aceitasse o meu pedido de demissão... não é mesmo, Vanessa? Tem toda razão. E houve muitas ocasiões em que eu

gostaria que ela não tivesse lutado por mim. Se quer mesmo saber, esta é uma delas! A verdade, Vanessa... é que eu acho que Lexie armou um golpe, e pode muito bem ter enganado Cholayna!

Ocorreu subitamente a Magda que estava partilhando com Vanessa um segredo que não lhe cabia partilhar, pois pertencia a Jaelle e Camilla. Se o seu propósito era evitar que Rafaella se metesse numa encrenca, ou impedir Lexie de viajar para uma região de Darkover na qual os terráqueos não tinham o direito de entrar, o que acabara de dizer era indesculpável. Mas a raiva de Vanessa não se dirigia contra ela, como Magda pensara. E Magda sentiu-se assustada por ser capaz de ver tão claramente o que Vanessa pensava: Lexie tem o direito de não ingressar na Sociedade da Ponte, se não quiser, mas não tem o direito de tentar manipular todas nós porque acha que somos tolas que se tornaram nativas — ou algo assim! Ela não compreende que Magda e Cholayna são minhas irmãs, e que se faz alguma coisa contra elas, está se metendo comigo também?

Mas, em voz alta, Vanessa limitou-se a dizer:

— Vamos subir e falar com Cholayna.

Capítulo Nove

Quase desde que a conheceu, Magda sempre ficara impressionada com o segredo do relaxamento de Cholayna. Ela nunca dava a impressão de estar fazendo alguma coisa, quer fosse ali, em seu gabinete no QG, ou quando a procurava em sua sala na academia do serviço de informações, em Alfa. Contudo, a julgar pelos resultados, era de se supor que ela passava o tempo todo numa atividade frenética.

Hoje, não foi exceção: Cholayna estava recostada numa cadeira confortável, os pés estreitos mais altos do que a cabeça, os olhos fechados. Mas, quando Magda e Vanessa entraram na sala, ela abriu-os e sorriu.

— Já esperava que aqui fosse a sua escala seguinte, Magda — disse ela. — O que vai fazer com os mapas de satélite? Foi por isso que eu disse a Jaelle que talvez precisasse contar a Cholayna o que está acontecendo. Ela sempre sabe de tudo.

Vanessa, no entanto, não deu tempo a Magda para responder, pois foi logo dizendo:

— Não espero que me diga, se for confidencial, mas a missão de Lexie, o estudo de danças folclóricas, é uma cobertura para alguma manobra oficial do serviço de informações?

Cholayna parecia um pouco surpresa.

— Não. É apenas um pequeno estudo de xenoantropologia. Tive de aprovar, porque sempre que um terráqueo sai em campo... o que significa, para todos os efeitos, ir a qualquer lugar a mais de 10 quilômetros além da Cidade Velha... o serviço de informações deve conceder sua autorização, certificar-se de que não haverá uma interferência oficial indevida com ninguém. Depois do choque por que passara, Lexie não poderia ser um piloto competente sem um repouso bastante prolongado. Por isso, autorizei a missão. Afinal, não há muito trabalho formal de informações aqui... — por que escolhi este posto? Passo noventa e nove por cento do meu tempo preparando operações secretas de lingüística e xenoantropologia. O que Magda fazia, antes de eu vir para cá.

Ela sorriu para Magda, que retribuiu. Vanessa parecia desconfiada, mas Magda era bastante telepata para reconhecer quando ouvia a verdade.

— Quer dizer que não é uma cobertura para a expedição que ela disse a Peter Haldane que gostaria de fazer nas Hellers?

— Ah, isso... — Cholayna soltou uma risada. — Lexie admitiu que ficou bastante atordoada quando voltou, não sabia direito o que fazia durante os primeiros dias. Para ser franca, queria que eu eliminasse de seus registros permanentes o que disse a ele. Sabe que Peter e eu somos bons amigos. E, depois, ela acrescentou que precisava de um bom descanso, comentou que gostaria de ir para as montanhas. Não pense que não sei quando estou sendo envolvida para conceder férias gratuitas, no horário de trabalho, mas Lexie é competente, tem direito aos mesmos privilégios que todo mundo. Por isso, eu lhe disse que procurasse uma guia qualificada na Sociedade da Ponte, e obtivesse autorização para ela com xenoantropologia.

Magda abriu a boca, mas outra vez Vanessa falou primeiro:

— Está vendo, Lome? Está vendo? Eu lhe disse... Cholayna pôs os pés no chão.

— O que está acontecendo?

— Cholayna... o que você pensaria se eu lhe dissesse que a guia que Lexie contratou foi Rafaella n'ha Doria?

— Sabendo o quanto Rafaella cobra — disse Cholayna — eu diria que Lexie fez um péssimo negócio. Conheço pelo menos meia-dúzia de mulheres que a levariam nessa viagem pela metade... não, por um quarto do que Rafaella costuma cobrar...

Ela parou de falar abruptamente. Era assustador: Magda pôde sentir a informação penetrar pelas camadas externas da natureza jovial e indolente de Cholayna. Pela primeira vez, desde os tempos da escola, Magda percebeu a inteligência excepcional por trás daquela fachada.

— Em nome de um milhão de demônios comedores de fogo, o que aquelas duas estão querendo?

Cholayna recostou-se um pouco, os olhos se contraindo.

— Acho que Lexie encontrou uma maneira de realizar a expedição que desejava, sem cumprir as formalidades — disse Vanessa. — No mínimo... ela enganou você e seu departamento, Cholayna.

O rosto de Cholayna ficou tenso, as sobrancelhas prateadas se franziram, por cima dos olhos escuros.

— Eu já deveria ter imaginado! Treinei Lexie e deveria saber quando ela está sendo insidiosa! Portanto, era para isso que você queria os mapas, Magda. Mas, o que acha que elas vão procurar?

Magda estendeu-lhe a carta. Cholayna deu uma olhada rápida, depois jogou-a sobre a mesa.

— Hum... Parece uma carta absolutamente particular. Mas, conhecendo você, sei que não me mostraria sem um bom motivo. Por que não me diz o que está aí, em vez de deixar eu ler?

Magda relatou o conteúdo da carta. Cholayna franziu o rosto.

— Investigar contos de fadas não me parece típico de Lexie, tanto quanto estudar danças folclóricas.

— É mais do que isso. Lexie viu-as... ou pensa que viu... e nas mesmas circunstâncias que eu vi.

Respirando fundo, Magda explicou o que vira na mente de Lexie quando a sondara: mulheres de túnicas, vozes, o chamado de corvos. Cholayna escutou, tamborilando com os dedos compridos, irrequieta, na superfície de vidro da mesa. Magda concluiu:

— Sempre acreditei que se elas existiam, era apenas no mundo superior. Mas Camilla disse que Kindra conheceu mulheres que estiveram lá. Marisela também sabe alguma coisa a respeito, mas não quer contar.

— E você vai atrás delas? — Cholayna inclinou-se para a frente, abruptamente. — Muito bem. Concederei autorização para todos os mapas que você precisar. Entre em contato com suprimentos, Vanessa. Não deve levar mais do que... — Ela consultou um cronômetro. — ...meia hora para aprontar a viagem.

Magda estava aturdida.

— Cholayna, você não pode...

— Não pode é uma expressão que não se usa comigo — lembrou Cholayna, mas estava sorrindo. — Pense um pouco, Magda.

Se a teoria de Alexis Anders é correta, e alguma outra influência planetária instalou aqui uma estação inacessível ao radar e que não poder ser detectada pelos satélites, não apenas é da minha conta descobrir tudo, mas também poderíamos ser despedidos, ou pior ainda, Peter e eu poderíamos ser levados a corte marcial, se não investigássemos. Para que acha que estou aqui? E se você está certa, se é mesmo algum segredo da Irmandade... acha que eu ia querer alguma pirralha mimada de mapeamento e exploração, uma garota tão arrogante em relação a este planeta que nem mesmo quis ingressar na Sociedade da Ponte, se intrometa na operação? Sem falar nas dificuldades diplomáticas... se alguma não-darkovana vai se envolver com os assuntos da Irmandade, não acha melhor que seja eu ou você, em vez de Lexie?

Era tão verdadeiro que não havia nada que Magda pudesse dizer. Ainda assim, ela protestou:

— Quando veio para cá, você sabia que não poderia trabalhar no campo, Cholayna. Viajando conosco, não estaria segura, todos saberiam que não era nativa. Quase que o único entre os planetas colonizados pelo homem, Darkover, uma das “colônias perdidas”, fora povoada por uma comunidade das Ilhas Britânicas, tinha uma população quase que exclusivamente caucasiana.

— Nas regiões desertas, que diferença isso faz? — argumentou Cholayna. -Vão pensar, se encontrarmos alguém que pense alguma coisa, que sou deformada, queimada ou tatuada pelos mercadores de escravos das Cidades Secas, talvez; ou... como algumas mulheres da Casa da Guilda pensaram a princípio... que tenho uma terrível doença de pele. Ou que sou inumana. Cholayna deu de ombros, antes de acrescentar: — Fale com suprimentos, Vanessa. É preciso verificar primeiro o que Magda já pediu, pois não há sentido em duplicar qualquer coisa. Já dispõe de bastante creme contra queimaduras de sol e óculos escuros extras?

Uma ocasião Magda escapara por pouco de ser apanhada por um estouro de chervines, animais de chifres parecidos com cervos, usados para o transporte de cargas ou para dar leite, que vagueavam pelas colinas Kilghard. Ela sentiu algo parecido agora. E se perguntou o que Camilla e Jaelle diriam.

Cholayna pediu licença e foi para seus alojamentos. Voltou pouco depois, com uma mochila surpreendentemente pequena, contendo os seus pertences pessoais.

— Todo o resto, à exceção de botas, posso obter de suprimentos. Estarão à minha espera no portão. Vamos embora. Já providenciou os mapas, Vanessa? Falei com minha subordinada; ela vai assumir o comando aqui, por um prazo indeterminado. Eu lhe disse que se tratava de uma operação ultra-secreta, e que nada mencionasse a Haldane por 10 dias. Provavelmente, ela pensa que pode se mostrar indispensável durante a minha ausência, e tenho certeza de que pensa que eu me importo com isso. Vamos embora.

Ela pendurou a mochila no braço.

— Espere um instante — disse Vanessa. — Eu também Vou.

— Não seja tola, Vanessa. Você não pode...

— É você quem está sendo tola, mas não tem esse monopólio — protestou Vanessa. — Em primeiro lugar, tenho escalado montanhas desde os 16 anos de idade. Liderei uma expedição só de mulheres na primeira escalada do Pico Montenegro, em Alfa. Foi um dos motivos pelos quais me mandaram para cá; conheço tudo sobre os climas inclementes. E não pode deixar de admitir que Darkover é excepcional em matéria de clima... ainda mais nas Hellers. Em segundo lugar: também pertenço à Sociedade da Ponte, e o que Lexie tenta fazer é um escárnio a todos os nossos esforços aqui em Darkover. Portanto, também é da minha conta. E em terceiro...

Ela levantou a mão, quando Cholayna tentou interrompê-la, e concluiu:

— Se quer ser absolutamente técnica na questão, devo ressaltar que o serviço de pessoal tem o direito de verificar a aptidão física e psicológica de qualquer pessoa que sai para uma missão de campo. Tentem partir sem mim. Providenciarei... ou melhor, o legado providenciará para que nem passem pelo portão do QG.

— Falta bem pouco para a chantagem — murmurou Cholayna.

— Exatamente!

Vanessa fitava-a fixamente. Depois de um momento, Cholayna.

— Quer dizer que vamos todas enlouquecer juntas? Dez minutos, Vanessa. Estaremos à sua espera em Suprimentos.

Cholayna manteve o capuz do paca abaixado, com seu forro de pele quase cobrindo inteiramente o rosto, enquanto atravessara a cidade. O local de encontro combinado era uma taverna e todas conheciam; àquela hora, não estava muito cheia, tendo apenas uns poucos guardas tomando uma caneca de cerveja ao meio-dia ou comendo um prato de talharim. Havia um círculo menor de guardas na frente, jogando dardos, mas Magda logo avistou a figura alta e magra de Camilla no meio deles, com a faca na mão.

— Vamos — gritou um dos guardas — prove que é capaz, quero ver a cor de seu dinheiro, em vez de ouvir suas fanfarrônicas!

— Detesto tirar o seu dinheiro — murmurou Camilla, em sua voz mais gentil.

Ela arremessou a faca. Acertou bem no meio do dardo, dividindo as plumas ao meio, deslizando pela haste e se cravando no quadro junto da ponta de metal do dardo, tão juntas que não se podia enfiar um fio de cabelo no meio. Houve exclamações de espanto. Rindo alegremente, Camilla recolheu meia dúzia de moedas no balcão e guardou-as no bolso do blusão, antes de se adiantar para recuperar a faca. Avistou Magda na porta, e foi ao seu encontro.

— Exibindo-se de novo, bredhiya? — indagou Magda.

— Eles nunca acreditam que uma mulher é capaz de jogar uma faca mais depressa e com melhor pontaria. Quando eu era mercenária, costumava ganhar todo o meu dinheiro da bebida dessa maneira. E precisava de algum dinheiro agora. Gastei o que tinha comprando os suprimentos de viagem esta manhã. Ainda bem que eu trouxe dois cavalos extras.

Foi com essa simplicidade que ela aceitou a presença de Cholayna e Vanessa. Conduziu-as para um reservado no fundo, onde Jaelle esperava.

— Pedi sopa e pão para todas nós. É melhor fazermos uma refeição quente, antes de partirmos. — Camilla mal olhou para Cholayna, ao acrescentar: — Não se enquadra nos seus critérios de comestibilidade, Cholayna. Sei que evita comer qualquer coisa que já se moveu por si mesma, mas terá de se acostumar a isso na viagem.

Era como se ela soubesse durante todo o tempo que Cholayna e Vanessa as acompanhariam. Talvez fosse isso mesmo. Magda sabia que nunca lhe perguntaria, e que Camilla nunca diria.

Capítulo Dez

A tarde ainda começava quando deixaram a cidade para trás. Cruzaram o Passo Dammerung antes do pôr-do-sol. Não era muito alto nem muito íngreme, mas ao começarem a descer, Camilla, que impusera um ritmo bastante acelerado, olhou avaliadora para as duas terráqueas.

— Você está em boa forma, Vanessa. Cholayna, você está bastante despreparada, mas não pior do que essas duas... levando uma vida mole em Armida durante todos esses anos, tendo crianças... não há nada pior para o fôlego! Vão se recuperar bem depressa na estrada.

Elas seguiram pela estrada para o norte, viajando no ritmo mais acelerado que os animais de carga podiam suportar. Aos últimos raios do sol vermelho, empurrou o capuz para trás; parecia feliz e, mais tarde, comentou para Magda, enquanto cavalgavam lado a lado:

— Eu já tinha até esquecido como era! Depois de sete anos atrás de uma mesa no QG, e 15 anos antes disso ensinando na academia, eu pensava que nunca mais sairia para uma missão no campo. Não imaginava como seria, quando vim para Darkover. Só fiquei porque achava que estava fazendo um bom trabalho, especialmente com a Sociedade da Ponte. Mas, é maravilhoso voltar ao campo. Passei tempo demais longe disso.

Ela deve ter sido uma extraordinária agente de campo, se lhe deram um posto na academia de treinamento, pensou Magda. Não pela primeira vez, ela especulou que idade Cholayna teria; mas, jamais lhe passara pela cabeça perguntar. O sol se pôs, e a noite caiu depressa sobre as montanhas Vena — Não havia chuva; Camilla, aproveitando o bom tempo raro, impôs à caravana o ritmo mais acelerado que podia.

Já era quase meia-noite quando ela fez sinal para a parada. Armaram acampamento num instante, à luz de lanternas. Cholayna acendeu uma pequena fogueira, a fim de esquentar água para

bebidas quentes, embora comessem apenas pão e carne fria dos alforjes.

— Podemos obter comida fresca nas aldeias por alguns dias, poupando assim as rações de viagem — disse Camilla, mastigando um punhado de frutinhas secas. — Depois disso, entraremos nas montanhas, e as aldeias em que poderemos conseguir provisões estarão separadas por três ou quatro dias de viagem.

— Como sabemos para que lado estamos indo, ou eu não deveria perguntar?

A voz de Vanessa soou baixinho pela escuridão, do outro lado da fogueira. Foi Jaelle quem respondeu:

— Margali não lhe falou sobre a carta? Rafaella disse que esperaria por três dias no lugar em que abatemos os chervines. Sabia que eu não havia esquecido. Aconteceu há 10 anos; éramos jovens, viajando com Kindra. Ficamos sem comida e sem água, matamos os animais para não deixar que morressem de inanição. A carne fresca nos permitiu agüentar sem água. Mas foi por pouco. Nunca senti tanta fome desde então, e espero que nunca mais aconteça.

Ela lançou um olhar rápido para o céu escuro.

— É melhor deitarmos logo, para levantarmos cedo amanhã. Este tempo pode permanecer por mais um dia, mas, quando mudar, provavelmente será por muito tempo. Ao norte do Passo Dammerung, estaremos nos contrafortes. E prefiro não passar 10 dias retida numa caverna de neve! Mais uma coisa: se quisermos alcançar Rafaella, não podemos esquecer que ela está viajando mais leve do que nós.

Jaelle fizera aquele trabalho por anos; houvera muitas ocasiões em que sua vida, assim como as vidas de uma dúzia de outras pessoas, dependera de seu julgamento sobre o tempo. Sem discussão, Vanessa foi ajudar Camilla com os cavalos, enquanto Cholayna começava a estender os sacos de dormir. Dormiram num círculo, os pés virados para as últimas brasas da fogueira se extinguindo. Magda, olhando pela noite excepcionalmente clara para as estrelas do céu darkovano, raramente vistas, pensou no que Rafaella diria, se a alcançassem, sobre a presença de outras

terráqueas. Como se Magda tivesse falado em voz alta, jaelle comentou:

— Ela nos disse para levar algumas mulheres que pudessem viajar com todas as dificuldades, suportar uma vida árdua... — E aceitar ordens — arrematou Magda, ironicamente.

Ela não podia imaginar Cholayna ou Vanessa se submetendo a ordens. E se não alcançassem Rafaella? Ainda assim, haveria uma viagem perigosa pelo território mais ermo e desconhecido de Darkover, onde nem mesmo os darkovanos iam, à procura de uma cidade que talvez nem existisse. Magda sentia as costas doerem; não estava mais acostumada a cavalgar daquele jeito. Pensou em Shaya, e uma imagem súbita surgiu em sua mente, como uma visão, da filha dormindo serenamente em Armida. O que estou fazendo aqui? Tenho uma família agora, uma filha, um lar, um trabalho que eu amo, mas aqui estou, a caminho de uma região desconhecida, perseguindo um sonho, uma lenda... A lembrança dos olhos de Damon, a expressão desaprovadora de Callista, parecia repreendê-la. Por que fui me envolver nesta loucura? Deveria deixar que Jaelle partisse sozinha. Afinal, Rafi era sua parceira... e Rafi nem mesmo gosta de mim. Para Cholayna, faz sentido estar aqui, já que sua carreira se achava em jogo.

Pela manhã, ela decidiu, declararia a todas, com firmeza, que aquilo não era da sua conta, e seguiria para Armida, ao encontro das pessoas que amava, acima de tudo sua filha. Contudo, ao adormecer, ela não pôde deixar de experimentar de novo o excitação do caminho desconhecido pela frente, levando a um território em que nenhum terráqueo jamais pusera os pés, e provavelmente nenhuma mulher, a exceção das leroni desconhecidas. Naquela noite, seus sonhos ressoaram com os gritos de corvos.

Quatro dias ao norte de Thendara, o tempo mudou; por volta de meio-dia, pesados flocos de neve começaram a cair lentamente do céu, cada um do tamanho da palma de Jaelle. Ela praguejou baixinho, enquanto vasculhava na mochila à procura de luvas e capuz quente.

— Eu esperava que já tivéssemos passado pelo Passo do Corvo antes da neve cair. Deveria ter seguido pelo percurso mais longo através de Hammerfell, mas apostei no bom tempo, esperando ganhar um dia, a fim de alcançarmos Rafaella. Alguém me disse, na última aldeia que uma parte da estrada que levava ao Passo do Corvo desmoronou nas tempestades do último verão. Com o tempo bom, não teria a menor importância. Mas agora...

— Devemos voltar e pegar a estrada para Hammerfell? — indagou Vanessa.

Jaelle sacudiu a cabeça, fazendo com que uma mecha dos cabelos avermelhados escapulisse debaixo do capuz.

— É tarde demais para isso. Perderíamos dois dias agora. E não temos a menor possibilidade de saber que caminho elas seguiam. Magda, você tem alguma idéia?

Magda captou o que Jaelle estava pensando; fazia isso agora durante todo o tempo, quase automaticamente. Já deveria ter se acostumado; lembrou como usara seu laran para seguir Jaelle através daquelas colinas, anos antes. Mas ela balançou a cabeça.

— Não sou bastante íntima de qualquer das duas para isso.

— Mas sondou a mente de Lexie — insistiu Jaelle. — Isso pode ser um vínculo.

— Não tenho certeza se quero um vínculo assim — murmurou Magda, cansada,

Mesmo assim, ela fechou os olhos e tentou ver Lexie; e por um momento teve um vislumbre de Lexie, a cabeça coberta pelo capuz de um manto darkovano, inclinando-se para a frente, sobre o pescoço de um pônei... A neve pareceu cobrir a visão, ela não sabia se era a neve caindo agora, ou alguma outra tempestade, em outro lugar, não podia determinar se era uma lembrança, imaginação ou uma projeção autêntica de seu laran.

— Acho que vi... elas teriam sido retardadas por uma tempestade? — disse Magda, hesitante. — Não tenho certeza.

Mesmo com todo o círculo de matriz da Torre Proibida ao seu redor, ela sabia que a mesma incerteza persistiria: presente — onde Lexie se encontrava agora — ou um vislumbre do passado — ou do futuro.

— Eu estaria apenas dando um palpite — comentou ela, suspirando — e você pode dar palpites sobre Rafaella muito melhor do que eu.

— Venho tentando fazer isso, mas não me agrada — murmurou Jaelle, e fomos tão íntimas, por tanto tempo, que é como se eu estivesse usando essa intimidade para espioná-la. E ela não tem laran, jamais compreenderia.

Magda ouviu também o que Jaelle não disse; aquela não era a primeira vez que seu nascimento no Comyn, a herança de laran que nunca poderiam partilhar, interpunha-se entre as duas, prejudicando uma longa parceria, até mesmo o breve período como amantes. Rafaella podia perdoar tudo a Jaelle, menos isso, ela ter voltado para gerar uma criança de um lorde do Comyn — ter ocupado um lugar naquele mundo misterioso de que Rafaella nunca poderia participar. Magda tinha a impressão de que Rafaella poderia perdoar Jaelle até mesmo por isso, se Jaelle tivesse deixado todo o seu mundo de renunciante para trás. O que ela nunca podia perdoar era o fato de Magda, uma terráquea, ter seguido Jaelle, onde a própria Rafi não poderia acompanhá-la.

— Tentar localizá-las com laran é tolice — interveio Vanessa.

Ela falou com tanta impaciência que, por um momento, Magda especulou se estivera pensando em voz alta. Depois, no entanto, lembrou o que Jaelle dissera de fato, sobre a tentativa de encontrar Rafaella através do vínculo psíquico entre as duas.

— Talvez uma de vocês possa conseguir, talvez não, mas não vejo sentido em desperdiçar tempo na tentativa — acrescentou Vanessa. — É tão importante assim descobrir se elas vieram por este caminho?

— Serve apenas para saber quão perto elas se encontram do ponto de reunião que Rafi indicou na mensagem — explicou Jaelle. — Se elas tiveram sorte e bom tempo, viajando mais leve, é possível que já estejam em Barrensclae... é o lugar em que abatemos os chervines... e teremos, então, apenas três dias para alcançá-las ali.

— Fica muito longe? — indagou Camilla. — Não conheço o lugar.

— Com bom tempo? Dez horas, depois de cruzarmos o Passo do Corvo. Com este tempo? Seu palpite é tão bom quanto o meu. Um dia, 10 dias, nunca. Se encontrarmos avalanchas, talvez nunca consigamos chegar lá.

— Avalanchas? — Cholayna esticou o pescoço na direção do passo, invisível com a neve caindo. — Qual é a altura do Passo do Corvo?

— Onze mil e quarenta.

— Metros? Santo Deus! Não pode chamar isso de um passo! É uma autêntica montanha!

— Onze mil e quarenta pés...

— E quanto isso representa em números civilizados? — perguntou Vanessa.

— Não posso perder tempo em fazer os cálculos para você! — respondeu Jaelle, bruscamente. — Tenho coisas mais importantes com o que me preocupar, como o modo pelo qual conseguiremos, em nome de todas as deusas, levar todos esses cavalos pelo caminho, se uma parte da estrada foi destruída pelas tempestades de verão! Há um longo trecho em que a estrada nunca deu para mais do que a passagem de um pônei; um desmoronamento ali poderia acarretar a perda de metade de nossa bagagem. Quer atravessar as Kilghards apenas com uma mochila nas costas e sem botas extras? Pois eu não quero!

— Provavelmente já escalei lugares piores — disse Vanessa. — Acredite ou não, Jaelle, há outros planetas no Império com neve e montanhas altas. Se você é capaz de cruzar um passo sem os seus místicos poderes psíquicos...

— Escute aqui, sua...

— Parem com isso, vocês duas! — ordenou Camilla. — Se vamos ficar paradas aqui, discutindo o que é melhor fazer, então devemos aproveitar o tempo para algo prático, enquanto esperamos. Vanessa, pegue a forragem e alimente os animais. Depois, se decidirmos cruzar o passo, pelo menos eles estarão alimentados, em boas condições.

Jaelle, já esteve antes no Passo do Corvo?

— Duas vezes. É mais fácil por aqui. Descendo pelo norte, ficaríamos mais expostas ao vento. Mas esta direção não é exatamente um piquenique. Estou bastante preocupada com o desmoronamento possível, e com neve no passo... se Vanessa é de fato tão experiente quanto alega, também se sentiria preocupada.

— Nunca disse que não estava preocupada — protestou Vanessa. — Mas acho que se o pior acontecer, faz mais sentido cruzarmos o passo o mais depressa possível, antes que a neve se torne muito profunda. Se Jaelle não se sente à vontade no comando, eu posso ir na frente.

— Conheço o caminho e você não — disse Jaelle. — Se for possível passar, eu seguirei na frente. Não estou preocupada em atravessar a pé. Os chervines também podem passar, pois é o tipo de terreno em que vivem normalmente. E acho que os pôneis também podem conseguir. Mas posso adiantar que as passagens são mesmo estreitas. Mesmo nas melhores condições, não se pode atravessar o Passo do Corvo a cavalo. Em comparação, o Scaravel parece a Grande Estrada do Norte. Se houve desmoronamentos, seria melhor só tentar com bom tempo. Mas, se tudo ficar congelado, a passagem coberta de gelo... não sou uma suicida ativa, e imagino que vocês também não são.

— É tão ruim assim?

Vanessa ficou olhando para Jaelle em silêncio por um longo momento. Quando finalmente voltou a falar, não havia em sua voz, para alívio de Magda, vestígio algum de beligerância:

— Quais são, então, as nossas opções? Se o risco é tão grande... que alternativas temos?

Jaelle ficou calada, avaliando as perspectivas. Olhou para a neve, cada vez mais alta, antes de dizer:

— Se não cruzarmos esta noite, provavelmente não conseguimos mais passar antes do degelo da próxima primavera. Por isso mesmo é o passo menos usado nas colinas Kilghard. E, se houver gelo nas trilhas, eu não o cruzaria nem por todo o cobre no túmulo de Zandru. Não teríamos alternativa que não voltar, seguindo por Hammerfell.

— E podemos atravessar esta noite?

— Creio que eu poderia atravessar à luz do dia, embora puxando os cavalos, um a um — respondeu Jaelle. — Se você está acostumada a escalar montanhas geladas, provavelmente também conseguirá. E eu apostaria em Camilla. Não tenho certeza sobre Magda, mas ela atravessou o Scaravel em pleno inverno, e eu não lhe prestei qualquer ajuda, nem mesmo quando os banshess nos encontraram. Mas...

Ela virou-se e olhou para a mulher restante. Cholayna fitou-a nos olhos.

— Não tenho medo.

— Não é esse o problema. Não é a sua coragem que questiono. É o seu equilíbrio, sua habilidade, sua cabeça para as alturas. Magda não tem a menor cabeça para as alturas, mas sabe que eu tenho, e aceita as ordens. Você também aceitaria? O Passo do Corvo é a pior trilha que pode imaginar, talvez mais. Vanessa já escalou montanhas como diversão, por isso sei que ela não entrará em pânico quando a situação se tornar difícil... e pode estar certa de que será tão difícil que fico assustada só de pensar, apesar de não ser uma mulher que se assusta facilmente. Se perder o controle quando estivermos no meio do passo, equilibradas precariamente numa saliência... o que poderá acontecer? Não conseguiríamos voltar, não a esta altura.

Depois de alcançarmos o meio do passo, seria impossível retornar. Acho melhor seguirmos por Hammerfell. Sinceramente, não tenho certeza se você conseguirá agüentar, e não quero arriscar a vida de todas em sua capacidade de controle. Cholayna abriu a boca para protestar, mas tornou a fechá-la. Só depois de um longo momento é que ela disse:

— É justo. Sou o elo fraco. Quer que eu volte, para que vocês possam continuar? Porque, em suma, está dizendo exatamente isso, que sem mim todas poderiam passar. E se todas voltarmos agora... não haveria tempo para alcançar Rafaella e Lexie, não é mesmo?

— Se contornarmos por Hammerfell — interveio Camilla — duvido muito de que possamos alcançá-las neste lado do Nevarsin.

— E se nós... ou vocês... continuássemos em frente, haveria uma chance?

— Claro que haveria, embora não das maiores — disse Jaelle. — Há esse problema também. Eu poderia arriscar as vidas de todas na travessia do Passo do Corvo, e ainda assim talvez não as encontrássemos. Não sei se vale a pena expô-las a tamanho risco por uma mera chance. Não sou uma jogadora... nunca fui.

— Esqueça de mim — disse Cholayna. — O que você quer fazer?

Jaelle virou-se para ela, furiosa.

— Não é uma pergunta justa! Como posso esquecer-la? Você está aqui. Acha que quero ter a sua morte na consciência?

— Eu não deveria ter vindo, não é mesmo?

— É tarde demais para nos preocuparmos com isso agora — disse Camilla, enquanto Jaelle hesitava, polida demais para responder. — O que está feito, está feito. Posso entender por que você quis vir, por que tinha de vir. Mandá-la de volta sozinha seria tão perigoso quanto tentar arrastá-la através do passo. Portanto, esqueça o que está pensando. Limite-se a ficar de boca fechada, e deixe Jaelle pensar no que é melhor.

Cholayna não disse mais nada. Deve ter sido a primeira vez em 20 anos, pensou Magda, em que Cholayna foi tratada como um estorvo, uma desvantagem. Era Jaelle quem deveria tomar a decisão final. Sem dizer nada, ela foi até aos alforjes, tirou as rações e distribuiu frutas secas e pedaços de carne.

— Quer atravessemos ou voltemos, não haverá tempo para uma refeição durante um longo tempo. Já alimentamos os cavalos, o que faz sentido. Comam também.

Magda entregou um pouco da mistura de carne e fruta seca a Jaelle, que pôs na boca e mastigou, distraída. Cholayna engoliu uma passa, e Camilla lhe disse:

— Coma também um pouco da carne. O que quer que façamos, vai precisar de algum alimento sólido neste frio.

Cholayna suspirou, pôs a carne seca na boca, com evidente aversão. Era certo o que Camilla dissera, e Cholayna sabia disso. Magda, observando-a fazer um esforço para não cuspir o alimento detestado, sentiu uma considerável simpatia por ela. Cholayna Ares estava acostumada a dar ordens, não a recebê-las; e embora se

mostrasse disposta a acatá-las em questões importantes, que eram obviamente de vida ou morte, ela se recusaria a aceitá-las, mais cedo ou mais tarde, em questões pessoais.

Vanessa olhou para o céu, do qual a cor já começava a desaparecer, enquanto a neve se tornava mais densa.

— E, então, o que vamos fazer? Se tentarmos a travessia, é melhor não perdermos mais tempo. E, se não vamos, não é melhor procurarmos um abrigo?

Magda sabia que Jaelle não sentia a menor propensão para tomar decisões assim. Contudo, todas se viravam para ela, exigindo que o fizesse. Ela gostaria de poder aninhar a amiga em seus braços e protegê-la. Mas, para o melhor ou para o pior, a decisão competia a Jaelle. E Jaelle terminou de mastigar a mistura de carne seca e frutas, engoliu uma ou duas vezes, depois suspirou.

— Não sei o que dizer. Juro que não sei! Vanessa, qual é a sua opinião?

— Não conheço o lugar tão bem quanto você. Nunca estive. Se quer tentar, eu a seguirei. Podemos, pelo menos, tentar.

— Magda, o que você acha?

— Estou disposta a assumir o risco, se você acha que é possível.

— Tenho certeza de que é! — exclamou Jaelle, parecendo irritada. — O que estou querendo saber é se você acha que existe alguma chance de Cholayna conseguir, se vale a pena ou não seguir em frente, com os riscos que temos pela frente; ou se seria melhor optar pela segurança, voltar e seguir por Hammerfell. Ou seria melhor você levá-la por Hammerfell, enquanto Vanessa e eu atravessamos o passo, tentamos alcançar Rafi e Lexie, e ficamos esperando por vocês em Barrensclae?

— Talvez seja melhor você perguntar a Vanessa — contemporizou Magda, em tom meio jovial. — Ela é quem cuida do serviço de pessoal. Eu acho que devemos todas seguir em frente, ou voltarmos para contornar juntas. Se ela voltar, eu terei de acompanhá-la. O que acha, Cholayna? Não quer tentar? Não vejo sentido em perdermos três dias ou mais, mas você é a única que

pode saber se está disposta a correr o risco. Mas, se Jaelle acha que eu posso conseguir, então, provavelmente, você também pode.

— Eu tentarei — anunciou Cholayna, com uma mera insinuação de um sorriso. — E prometo que não perderei a coragem nem o controle. Mas, se por acaso isso acontecer, juro que ficarei de boca fechada.

Jaelle deu de ombros.

— Muito bem. Vamos partir logo, antes que a neve se torne ainda mais densa e tenha possibilidade de congelar. Se conseguirmos passar antes que haja gelo nas trilhas, será muito mais viável. Uma palavra de conselho... e isso se aplica a você também, Magda. Mantenham os olhos na trilha durante todo o tempo, nunca olhem para baixo.

Capítulo Onze

A princípio, a estrada subia entre colinas íngreme, mas ainda não ameaçadora. Os flocos de neve haviam se tornado menores, não mais do que do tamanho da mão, mas esses flocos menores caíam mais densamente, e Magda sabia que isso significava que continuaria a nevar. Ainda restavam umas poucas horas de luz do dia cinzento. Jaelle seguia na frente, envolta pelo manto e capuz, um lenço grosso amarrado sobre o rosto; Camilla ia em seguida, puxando dois chervines pelas rédeas; depois Cholayna, no meio, sobre o menor e mais firme dos pôneis das montanhas. Depois era a vez de Magda, montando um cavalo e puxando um dos chervines. Vanessa, experiente em montanhas, mas sem conhecer aquela trilha, fechava a retaguarda.

À medida que subia, a trilha foi se tornando cada vez mais tênue e íngreme. Vários trechos haviam sido calcados em lama antiga, havia rocha sob os pés em alguns pontos, e um pouco da neve do último inverno ainda aderira às árvores na beira do caminho. Para cima, sempre para cima; agora havia trechos em que a trilha praticamente desaparecia entre as árvores e afloramentos rochosos. Os chervines não gostavam e relinchavam apreensivos, enquanto seguiam em frente. Depois de uma hora de viagem — parecia muito mais — Camilla fez sinal para que parassem. Ela desmontou, separou os dois animais de carga que estavam presos, nas mesmas rédeas.

— Eles não vão conseguir continuar assim. Cholayna, pegue as rédeas deste. Ele seguirá a outra, porque é sua mãe e há anos trabalham juntos. Não vai fugir nem se perder, mas precisa de alguém puxando as rédeas.

Camilla tornou a subir na sela. Seu rosto se achava coberto pelo lenço, todo manchado com o creme contra a queimadura do vento. Cholayna tinha o mesmo creme no rosto; parecia grotesco na escuridão de sua pele, como se fosse um tabuleiro de damas em preto e branco. Quando recomeçaram a subida, o caminho era tão íngreme e tão estreito que os chervines pulavam para cima, como se

escalassem degraus. Magda experimentava a sensação constante de que ia escorregar para trás do cavalo, enquanto os quartos do animal se erguiam sob a sela. E ela pensou: Não vamos conseguir. Poucos minutos depois, Jaelle fez sinal para uma parada. Seu vulto estava meio ofuscado pela neve cada vez mais densa, que não mais se derretia ao cair, mas grudava no chão, ainda uma camada fina; rocha e lama apareciam através da renda branca de neve.

Jaelle desmontou, pendurou as rédeas na sela; voltou, espremendo-se pelo espaço estreito entre a encosta da montanha e os cavalos e animais de carga. Falou com Camilla ao passar, e Camilla também desmontou e foi atrás dela. Magda ouviu-a dizer para Cholayna:

— O caminho à frente é muito íngreme até para seu pônei. Terá de desmontar. Ande perto do animal, segurando o freio. Ele encontrará o caminho melhor do que você pode fazê-lo.

Ela amparou Cholayna na descida da sela.

— A altitude está incomodando-a?

— Ainda não. Apenas me sinto um pouco sem fôlego.

— Pois, então, vá com calma. Não adianta se apressar. O caminho é difícil, mas não há perigo aqui. Você está bem, Magda?

Magda podia sentir o coração batendo forte pela altitude, mas até agora não havia maiores problemas. Não tinha tanta certeza em relação a Cholayna, mas a terráquea vinha acompanhando o ritmo mais ou menos bem, e subiam tão devagar que havia tempo para se ajustarem à altitude. Sentiu os ouvidos obstruídos e bocejou, escutando-os estalar.

— Como está indo, Vanessa? — indagou Jaelle, fitando a mulher mais moça na retaguarda.

— Tudo bem até aqui. Já chegamos à metade da subida?

— Quase. A parte mais difícil começa ali.

Jaelle apontou, e Magda olhou pelo caminho para o lugar em que uma projeção rochosa pairava sobre a trilha estreita. Ao que parecia, a trilha desaparecia ali, caindo para o nada. Vanessa ficou olhando, de rosto franzido, e Jaelle acrescentou:

— Há degraus. Bastante largos e bastante baixos para que os cavalos e chervines possam subir, se a neve não os deixou

escorregadios demais. É um dos trechos piores. Vou na frente; deixem meu cavalo me seguir, se quiser, mas esperem até que eu dê o sinal de que está tudo bem. Quero me certificar de que não há surpresas desagradáveis lá em cima, enquanto ainda resta claridade suficiente para ver alguma coisa.

Ela virou-se e tornou a subir, meio desaparecendo de vista quando a trilha desceu; as outras podiam avistar apenas seu gorro vermelho em movimento, até que sumiu por completo. Camilla disse, muito tensa:

— Eu deveria ter ido com ela.

— Jaelle sabe o que está fazendo — garantiu Magda.

Depois de um ou dois minutos, Jaelle reapareceu e fez sinal para que elas avançassem. Camilla pegou as rédeas de um chervine, deixando o cavalo segui-la como quisesse; Cholayna foi puxando o outro chervine. Magda desmontou, pegou as rédeas de seu cavalo e de um chervine, em mãos diferentes, e foi subindo, até que a trilha se tornou tão estreita que teve de se adiantar, puxando apenas o cavalo e deixando que o chervine, criado nas montanhas, encontrasse o caminho como pudesse. Houve um momento em que se descobriu a contornar uma curva fechada, numa passagem estreita no penhasco, por cima de um abismo que a deixou com vertigem. Os troncos de árvores altas se projetavam da encosta da montanha, mais abaixo, nos ângulos mais inesperados, e ela olhou para os galhos mais altos. Apertou as rédeas com toda força, e seguiu em frente, tomando o cuidado de não olhar para baixo outra vez. À sua frente, onde a trilha fazia a curva mais difícil, ela avistou Camilla, estendendo a mão para Cholayna.

— Pegue minha mão. Largue o cavalo. Ele encontrará o caminho direito. Não olhe para baixo. É um pouco íngreme aqui. Dê um passo comprido para cima. Isso mesmo. Está ótimo.

As pernas de Cholayna desapareceram além da curva. A voz de Camilla veio do outro lado, tranquilizadora:

— É um pouco escorregadio, Margali. Tome cuidado.

Magda estendeu os pés com extremo cuidado, procurando lugar para se segurar; contornou a curva e descobriu-se sobre degraus na rocha, largos e baixos. Um deles era perigosamente

estreito, ao lado de um precipício de pelo menos quinze metros, desaparecendo em seguida nas copas das árvores, meio encobertas pela neve. Um pouco tonta, os ouvidos zumbindo, Magda respirou fundo e foi subindo os degraus, sentindo-os firmes sob seus pés, seu cavalo subindo logo atrás. Ela saiu num platô rochoso por cima, onde o vento das alturas esvoaçava seus cabelos. Ela fez um esforço para tornar a amarrar o lenço na cabeça, ouvindo a respiração ofegante de Cholayna. Vanessa subiu agilmente por trás, postou-se ao lado delas.

— Puxa, não foi fácil! E você diz que ainda fica pior?

— A menos que tenha havido desmoronamentos, provavelmente poderemos passar — declarou Jaelle. — Mas, vamos continuar. Não resta mais do que uma hora de claridade, e a neve já começa a solidificar. Há alguns lugares em que talvez não consigamos passar no escuro.

A subida era menos íngreme agora, mas bastante estreita, mal dando para a passagem de uma mulher ou de um pônei. Cholayna, a conselho de Camilla, foi andando pela parte interna da trilha, comprimindo-se contra a encosta rochosa e segurando a guia do pônei. Magda teria gostado de fazer a mesma coisa; ela foi avançando sem olhar para baixo. Houve um momento em que ouviu o grito de um kvorebni, e a enorme ave de carniça se aproximou; o pônei relinchou de medo e Magda puxou as rédeas, tentando acalmá-lo, ela também apavorada com o barulho das asas, com os olhos brilhantes e malignos que a fitaram por um instante. O kvorebni se afastou, e Magda viu-o flutuando no vento mais baixo, no instante seguinte virou a cabeça, olhando para a sólida encosta rochosa. Vanessa, logo atrás, tão próxima que Magda podia sentir o calor de seu corpo, murmurou:

— O que era aquilo?

Magda informou-a no Terráqueo Padrão:

— Lammergeier.

Elas inclinaram a cabeça contra o vento. Era bastante forte agora, soprando a neve, que as atingia como agulhas ardentes. Cada passo agora exigia o máximo dos músculos das coxas de Magda, no esforço doloroso para subir. A neve, com mais de um

centímetro sob as solas de suas botas, tornava a trilha escorregadia. Ela podia ouvir os animais resfolegando com dificuldade, a respiração como a sua, saindo como nuvens brancas. Para cima, cada vez mais para cima; e de repente ela ouviu o grito de Jaelle:

— Desmoronamento à frente! Segurem-se na encosta e deixem os animais encontrarem seu caminho!

À frente, ela avistou Cholayna passando bem devagar por um trecho em que grande parte da beira da trilha desmoronara, estreitando a passagem para uns poucos centímetros. Tentando controlar a respiração, Magda comprimiu-se contra a encosta, dando cada passo com uma cautela extra, fechando os olhos contra a tentação de olhar para a estonteante extensão de neve lá embaixo, cobrindo o vale completamente. Sentiu a mão de Vanessa em seu cotovelo, amparando-a.

— Tudo bem, Miss Lome?

Como o tratamento parecia absurdo, naquele ambiente! Magda pensou: Terei de conversar com ela sobre isso. Ela concentrou-se em estender cada pé com o maior cuidado. O chervine subia devagar, sacudindo os chifres para livrá-los da neve. O coração de Magda batia forte agora. Não mais do que três mil e quatrocentos metros, não é tão alto assim. Devo estar em condição pior do que imaginava. E ainda nem nos aproximamos do ponto mais alto. Seu mundo se reduzira, era constituído agora pela trilha rochosa precária sob seus pés, o resfolegar do cavalo, os suaves estalidos dos cascos do chervine, abafados pela neve. Em algum lugar por cima, um fragmento de rocha se soltou — caiu ruidosamente, batendo na trilha, à frente. Camilla alertou:

— Tomem cuidado com as pedras caindo.

Os olhos de Magda ficaram turvos; ela sentiu que cambaleava, perigosamente próxima da beira. Não... não estava tonta, o que deu em mim? com a maior cautela, ela foi avançando pelo penhasco, até se encontrar ao lado de Cholayna. O rosto escuro da mulher se tornara cinzento-branco. Magda estendeu a mão enluvada, e teve a impressão de que podia ouvir as batidas estrondosas do coração de Cholayna.

— A altitude está deixando-a tonta?

— Só um pouco. Não... estou... acostumada... a alturas assim. Cholayna também evitou olhar para o precipício à beira da trilha.

Já Camilla olhava a todo instante, com curiosidade e interesse, enquanto Jaelle seguia pela beira da trilha, de uma maneira temerária que provocava espasmos trêmulos pelos músculos das coxas e nádegas de Magda. Vanessa se comportava com tanta despreocupação como se estivesse numa escada rolante no QG terráqueo. Magda murmurou para Cholayna:

— Também não gosto desse tipo de caminho. Mas você não precisa olhar para o precipício. Fique parada aqui por um momento, se quiser.

Magda sentiu a mão de Cholayna apertando a sua; tentou se acalmar, a fim de conter o pânico de Cholayna, e acrescentou:

— É bastante seguro. Basta não olhar pela beira.

— Fico sentindo... que Vou escorregar e cair... — balbuciou Cholayna.

— Sei disso. Também sinto a mesma coisa. Mas não falta muito agora — Magda não tinha a menor idéia da distância até o topo. — Trate apenas de se concentrar em um passo de cada vez. Os degraus são mais largos que numa escada comum, que não a perturbaria. Está indo muito bem.

Ela ouviu Cholayna suspirar.

— Já passou. Apenas me senti desesperada por um instante. Detesto ser o elo mais fraco dessa maneira.

— Se não fosse você, seria eu — murmurou Magda. — Tudo bem agora?

Magda desviou sua atenção para o chervine, mas continuou a observar a outra mulher, discretamente, enquanto Cholayna continuava a subir, na semi-escuridão. Espero que consigamos chegar lá antes que fique escuro demais, pensou Magda, rangendo os dentes contra o frio, que deixava as faces doloridas. Quase não podia mais ver a trilha sob seus pés, embora a brancura da neve tornasse mais fácil determinar onde não havia nada. Houve um momento em que seu pé deslocou uma pedra solta na beira da trilha, e ouviu-a rolar ruidosamente pela encosta, pelo que pareceu

um tempo interminável, antes que o som cessasse. Um passo, depois outro mais outro e mais outro.

Ela contornou outro ziguezague, onde a trilha era quase invisível. Esbarrou de leve em Cholayna, imóvel à sua frente.

— Não posso mais ver a trilha! — balbuciou a mulher mais velha.

Magda também não podia.

— Siga o cavalo. Ele pode ver o caminho melhor do que você.

Mas ela se perguntou até que ponto Jaelle achava que podiam ir na semi-escuridão, com o vento tão intenso que soprava na horizontal, lançando agulhas de granizo contra elas. Magda não podia ver nada à frente, mas pôde sentir os animais se agrupando ao seu redor, num trecho em que a trilha se alargava, a encosta recuava, havia uma projeção rochosa por cima, proporcionando quase um abrigo. Vanessa também checou, e ficaram paradas ali, num círculo.

— Não há a menor possibilidade de continuarmos esta noite — declarou Jaelle. — Precisamos acampar em algum lugar, e este é o mais seguro.

— Não podemos iluminar o caminho com lanternas? — indagou Vanessa.

Jaelle sacudiu a cabeça.

— Não vai adiantar, com este tempo. E a trilha é precária demais. Temos de nos arriscar a congelar aqui durante a noite. Ao amanhecer, quando estivermos revigoradas, tentaremos de novo. Escutem só!

O vento descia uivando dos penhascos por cima, e de algum lugar veio um grito longo e assustador — o grito de um banshee. Magda estremeceu, recordando seu único encontro com aquelas criaturas, no Passo de Scaravel. E torceu para que este se encontrasse bem longe. Jaelle disse:

— Vamos nos acomodar da melhor forma possível. Não há espaço para um acampamento convencional, mas a projeção por cima nos proporciona algum abrigo. Os chervines ficarão do lado de fora. Têm mais equilíbrio do que os cavalos.

Magda acendeu uma fogueira, a fim de derreter neve para bebidas quentes, embora não houvesse espaço para se fazer muita coisa. Quando as bebidas ficaram prontas, os sacos de dormir já estavam estendidos no abrigo. O frio era intenso, a neve passava sibilando pela lanterna, em listras brancas, elas se agruparam sob os cobertores empilhados, Magda e Vanessa nos lados de Cholayna. Os dedos da mulher mais velha estavam rígidos e tremendo quando ela tirou as botas, e seus pés pareciam muito brancos e inchados. Vanessa pôs os pés de Cholayna em seu colo, a fim de aquecê-los com uma massagem. Cholayna começou a protestar, mas Vanessa interrompeu-a:

— Sou uma veterana nas montanhas, Cholayna, e sei mais sobre pés e ulceração do frio do que você jamais ouviu falar. Tome seu chá.

— Não estou com sede. E acho que não posso engolir coisa alguma.

— Mais razão ainda. Tente, pois você deve beber. Nesta altitude, é preciso forçar os fluidos, porque o corpo tenta fechar os sistemas periféricos, a fim de proteger o tronco. É por isso que os pés começam a congelar. Isso mesmo, mexa os dedos dos pés ao máximo que puder! O corpo começa a consumir os tecidos musculares, é preciso tomar líquidos de qualquer maneira, a fim de que os rins não parem de funcionar. Essa é a primeira lição de sobrevivência em elevadas altitudes... não que seja tão alto assim, mas é muito mais do que você está acostumada. Beba isto... e também tem de comer alguma coisa.

Ela entregou a Cholayna uma barra de fruta seca com nozes e mel. Obediente, Cholayna tentou comer, mas Magda percebeu que ela se sentia cansada demais para mastigar. Pegou a ração de Cholayna e encharcou o fruto seco no chá quente, tornando-o mais macio e mais fácil de engolir, um recurso que aprendera há muito tempo, em suas expedições. Acrescentou açúcar extra ao chá, e devolveu-o a Cholayna.

— Trate de beber... e não se preocupe com o gosto.

— Você também, Magda — interveio Jaelle, secamente. — Está esquecendo seu chá. Termine antes de deitar.

Magda balançou a cabeça, aceitando a censura. Sentia-se muito cansada para vasculhar a mochila à procura de meias limpas, mas tratou de fazê-lo, assim mesmo, e tirou as botas dentro do saco de dormir. Jaelle e Camilla enfiaram uma garrafa com água dentro dos sacos, pois o calor do corpo impediria que congelasse. Estenderam cobertores extras por cima de todos os sacos de dormir, bem juntos, no esforço de conservar o calor ao máximo.

Vanessa escolhera a beira externa, Cholayna se encontrava entre ela e Magda, Jaelle e Camilla se enroscavam contra elas. Magda sentia-se cansada demais para dormir; ouviu as outras mulheres caírem no sono de respiração suave, uma a uma, mas permaneceu acordada, escutando os ofegos espaçados de Cholayna a tosse ligeira de Jaelle no sono. Podia sentir os tremores de Camilla, a mais magra de todas, com menos gordura no corpo; e embora soubesse que a emmasca era mais resistente do que um fio de cobre, Magda decidiu que deveria lhe falar sobre roupas mais quentes. Em altitudes tão elevadas, isso era indispensável, mas Camilla tinha um investimento emocional em provar sua resistência; talvez não quisesse usar mais agasalhos do que Vanessa, por exemplo, que podia ser esguia, mas tinha a camada de gordura extra normal de uma fêmea humana. Camilla não tinha, e ainda havia uma fobia por lhe chamarem a atenção para isso.

Magda virou-se, cautelosa, sem incomodar as mulheres nos lados, e especulou se conseguiria dormir. Precisava tentar. Preparou-se mentalmente para algumas das disciplinas que aprendera no trabalho com a matriz; e depois decidiu que, antes de dormir, deveria fazer um contato breve com o círculo da Torre Proibida — sua família. Deveria informá-los onde se encontrava, e que não voltaria para casa tão cedo quanto prometera. Mas se atravessarmos este maldito desfiladeiro amanhã, e alcançarmos Rafaella e Lexie, voltarei para Shaya o mais depressa que puder! Jaelle estava profundamente adormecida. Não há necessidade de que ela me acompanhe. Rapidamente, Magda monitorou seu corpo, verificando se a circulação era adequada nos dedos das mãos e dos pés; havia sempre um perigo, pequeno mas constante, em deixar o corpo nessas circunstâncias. Depois ela saiu do corpo, parou na planície

cinzenta e informe do mundo superior, olhou ao redor, à procura do ponto de referência da Torre Proibida, transmitindo um chamado silencioso para Callista.

Mas não havia sinal da Torre. E, de repente, no cinzento, um rosto estranho assumiu forma lentamente, diante dos olhos de Magda. Era um rosto de mulher, idoso, com os olhos fundos, sob sobrancelhas brancas, a testa enrugada, por baixo dos cabelos trançados, tão brancos quanto as sobrancelhas. Desprovida da paz benevolente que Magda sempre associara a rugas e a velhice, aquela mulher tinha uma expressão furiosa — e embora não houvesse palavras, Magda sentiu o desafio irado. Volte. Não pode passar daqui. “Com que autoridade contesta minha liberdade no mundo superior?” Magda invocou em sua mente uma imagem nítida da Torre e de Damon, seu Guardião.

A velha inclinou a cabeça para trás e emitiu o que Magda só podia descrever como uma sucessão de uivos, embora depois de um momento compreendesse que se tratava de uma risada zombeteira. Esse não tem a menor influência por aqui, precisará encontrar algo melhor do que ele para passar! Trate de voltar, menina, volte para sua criança, que nunca deveria ter deixado! Afinal, o que vocês todas pensam que estão fazendo aqui? É demais! Acham que são muito duras e fortes? Orgulham-se de subir esse morrinho, hem? Pois ainda não viu nada, chiya! (A palavra foi pronunciada com um desdém mordaz.) Algumas garotas e duas velhas sem a honestidade para admitir que já têm idade demais para agüentar essas coisas! Claro que vocês não vão passar quando a trilha se tornar mais difícil! Mas, tentem, apenas tentem, mais nada. Ri-ri-ri-ri!

Com a cabeça inclinada para trás, as tranças brancas balançando na risada desdenhosa, a velha e horrível megera sacudiu os punhos para Magda. Mesmo sabendo que seu medo transparecia, pois no mundo superior era impossível ocultar os sentimentos genuínos, Magda disse, firmemente: “Velha mãe, não pode me negar o meu lugar aqui.” E o que está fazendo aqui, deixando sua criança e tudo o mais? O instinto de Magda para responder Por que acha que isso é da sua conta? foi atenuado por algum conhecimento das leis que regiam o mundo superior. Não se podia evitar um

desafio; nem aquele era o primeiro, embora nunca tivesse enfrentado nada como aquela mulher hedionda. Por isso, ela respondeu: “Estou seguindo um chamado do dever e amizade.”

Essa não! Não é amiga de qualquer das duas que seguiram na frente; não tem coragem para fazer o que elas fazem, apenas sente ciúme, mais nada. Magda refletiu a respeito por um momento, antes de responder: “Isso não importa. Minhas amigas estão preocupadas, e Vou continuar por elas.” Ri-ri-ri! Não é suficiente! Eu sabia! O que tem de fazer nesta busca, deve fazer por seus próprios motivos, não pode seguir alguém por aqui. Entende? Eu sabia! Trate de voltar! Ela levantou a mão, e pareceu que um relâmpago de fogo azul atingiu Magda entre os seios. A dor em seu coração foi lancinante, e ela sentiu que estava caindo, caindo...

O mundo cinzento desapareceu. Magda estremeceu dentro do saco de dormir, de volta a seu corpo... Ou será que nunca o deixara? Não teria simplesmente adormecido, o encontro fora apenas um sonho bizarro, dramatizando seus conflitos mentais sobre aquela busca insólita e indesejada? Podia ouvir Cholayna gemendo baixinho no sono, Jaelle murmurando “não, não”, e especulou se a amiga tinha pesadelos com penhascos e precipícios. Deveria tentar voltar imediatamente ao mundo superior? Fora advertida que um fracasso assim devia ser enfrentado de novo no mesmo instante, que era como ser derrubada de um cavalo: devia-se tornar a montar e continuar a cavalgar. Mas, se ela não estivera no mundo superior, se apenas adormecera? Sabia que era uma insensatez tentar um trabalho psíquico quando se estava cansada demais ou doente, e o esforço da escalada e a tremenda fadiga tornavam a tentativa insegura.

Recorrendo com determinação às disciplinas que aprendera, Magda empenhou-se nos processos para adormecer. Não podia continuar acordada com o resto da travessia do Passo do Corvo à sua espera no dia seguinte.

Capítulo Doze

Jaelle engatinhou para a beira do abrigo e olhou ao redor.

— Está nevando mais forte do que nunca — murmurou ela, sombriamente. — Acho que não vai dar para ir a parte alguma desse jeito!

— Preciso sair de qualquer maneira, para verificar os animais — disse Camilla, passando por cima dela.

Ao voltar, Camilla limpou as botas, com repugnância.

— Pisem com todo o cuidado ao saírem; com 10 animais lá fora, está parecendo um estábulo.

— Há uma pá de neve numa das cargas, se tem vontade de limpar a sujeira — disse Jaelle.

Ela saiu também, e voltou logo depois, fazendo uma careta.

— Está nevando como o sexto ou sétimo inferno de Zandru. E adivinhem que mais?

Vanessa, ajoelhando-se no fundo do abrigo para acender um fogo, virou-se para vasculhar em sua mochila. Jogou um pequeno pacote para Jaelle e disse:

— Sirva-se à vontade. Há um ditado antigo nas expedições de escaladas de mulheres: o que quer que possa acontecer, sempre acontecerá no pior momento possível. Você tem sorte. Geralmente acontece logo acima de sete mil.

— Não é o pior momento possível — interveio Magda. — Podia ser uma manhã clara e bonita, e você teria de sair para nos levar pelo passo. Volte para seu saco de dormir, Shaya, e eu lhe faço uma bebida quente.

Atendendo à sugestão, Jaelle perguntou:

— Por acaso trouxe um chá da flor-dourada?

— O que quer que seja isso, não acho o melhor — disse.

— Mas tenho alguns inibidores prostaglandinos em minha caixa de socorros médicos.

Ela pegou alguns tabletes, enquanto Magda preparava o mingau reforçado com frutas secas e bastante açúcar. Cholayna tirou sua suéter mais grossa de sua mochila e vestiu-a. Estava tremendo.

— Eu gostaria de tomar uma bebida alcoólica bem forte.

— Nesta altitude? — disse Vanessa. — Estaria completamente embriagada antes de tomar três goles! Em vez disso, experimente um tablete de cafeína.

Ela distribuiu-os junto com o mingau; só Camilla recusou.

— Acha que o tempo vai melhorar ainda hoje?

— Não tenho a menor idéia — respondeu Jaelle. — Sei o que a está preocupando: se tivermos dois ou três palmos de neve, estaremos numa situação crítica. Este não é o tipo de passo que podemos atravessar com a neve até os joelhos.

Todas entenderam o que ela não disse em voz alta, que voltar pelas plalibandas estreitas nos trechos desmoronados seria tão perigoso quanto tentar seguir em frente. E a cada hora que passava, diminuía as chances de alcançarem Rafaella e Lexie. Elas comeram o mingau. Depois, Vanessa e Camilla arrumaram tudo. O céu permanecia cinzento, mas a neve não se tornara mais intensa. Parecia a Magda que estava até diminuindo, se não mesmo parando. Camilla comentou, olhando pela beira do penhasco:

— Há demônios neste lugar. Fui a única a sofrer os pesadelos de Alar?

— É a altitude — explicou Cholayna. — Minha cabeça está rachando. Sonhei que me encontrava na cidade maldita de que Lexie falou, e havia uma dúzia de mulheres, com chifres e caudas, mascaradas falsas, como os demônios de minhas tribos ancestrais, todas tentando me obrigar a passar pelo buraco de uma agulha, antes de eu poder entrar. Diziam que eu era muito gorda, e me espremiavam para passar, queimando o que pendia para fora.

— Os pesadelos são a regra nesta altitude — explicou Vanessa. “- Eu sonhei com você, Cholayna. Estava me dizendo que se algum dia voltássemos eu teria de ser rebaixada em três graus, por insubordinação. Riu.

— Eu sonhei que minha filha era uma Guardiã, e me dizia que eu nunca seria bastante competente para trabalhar sozinha, por que a abandonara. E tentou me dar aulas de monitoração, só que em vez de uma matriz era um excremento de chervine, e eu tinha de transformá-lo em pedra.

Todas riram, à exceção de Camilla, que olhava para as mãos contraídas, de rosto franzido.

— Não direi o que sonhei. Mas há demônios neste lugar.

— Altitude e frio — disse Magda, bruscamente. — Você está muito magra. Outra camada de roupas de baixo grossas deve resolver o problema.

As horas foram se arrastando. Perto do meio-dia, houve um brilho irregular ao Sul, e Jaelle comentou:

— Acho que o sol está tentando sair. Devemos partir agora, se for possível.

— Quer que eu vá na frente? — sugeriu Vanessa, ao saírem dos sacos de dormir.

— Não há necessidade. Suas pílulas são maravilhosas, nunca me senti melhor. Juro que não estou apenas tentando me manter na frente, Vanessa. Se precisar de ajuda, prometo que lhe direi. Mas conheço o caminho, e você não. Posso dar um jeito. Se ficar enregelada ou cansada demais, deixarei que você siga na frente. Mas mesmo sob a minha condução, haverá muitos pontos de referência que não serão visíveis.

Jaelle pendurou sua mochila no pônei, antes de acrescentar:

— Vamos prender bem as cargas, pois o equilíbrio deve ser o mais precário.

Havia um silêncio opressivo ao redor, enquanto elas prendiam as cargas e mochilas. No ar denso e úmido, até mesmo os pequenos ruídos dos animais pareciam irrealis. A neve era firme e rangia macia sob os pés, não estava tão escorregadia quanto Magda rezeira. Ela olhou para trás, pela trilha que haviam escalado. Teve a impressão de que se encontravam bem alto, mas a trilha continuava a subir, contornando projeções rochosas e desaparecendo. Jaelle pôs uma das mãos na rédea do pônei; o chervine estava amarrado ao pônei, e assim não tinha alternativa senão acompanhá-lo. Camilla pegou as rédeas dos três animais seguintes e foi subindo atrás de Jaelle. A trilha ali era íngreme, mas não intransponível.

Magda gesticulou para que Cholayna seguisse à sua frente, e esperou até que a terráquea se adiantasse vários passos pela trilha acima, antes de começar a subir. E a trilha subia e subia. O solo logo

apareceu. Havia uma visão clara, onde a trilha fazia uma curva, de toda uma sucessão de colinas mais além; a trilha subia íngreme pelo paredão rochoso, até um passo entre dois picos.

— O Passo do Corvo — anunciou Jaelle, apontando.

Ela seguiu em frente. Magda sentia-se revigorada e forte. Continuaram a subir, hora após hora, mas o passo parecia não estar mais próximo. Jaelle fazia uma parada para descanso a cada hora, mas mesmo assim sentia-se cansada. Depois de três ou quatro paradas, ela chamou Vanessa para assumir a dianteira.

— Assim que cruzarmos o passo, eu voltarei para a frente. Há um trecho bastante difícil, logo abaixo do topo, no outro lado.

Vanessa balançou a cabeça em concordância. Jaelle foi se postar ao lado de Camilla, que parecia sombria.

— Não quer ficar na retaguarda, Camilla? — sugeriu ela. — Não estou me sentindo muito bem.

Camilla voltou em silêncio pela trilha para assumir a retaguarda, parando apenas para perguntar a Cholayna como estava.

— Ajuda poder ver para onde vamos.

Magda preferia não ver nada. Mantinha os olhos afastados da beira da trilha. Ao passar por Magda, Camilla tornou a parar, respirou fundo e disse:

— Muito em breve passaremos o pior. Dali por diante, é sempre descida.

Magda sentia-se quase sem forças para balançar a cabeça em gratidão por isso. com o sol de fora, era mais animador, mas a neve começava a derreter e o caminho se tornara mais escorregadio. Para a etapa final de subida até o passo, bastante íngreme, ela teve de exigir o máximo de si mesma; podia ouvir sua respiração assoviando alto nos pulmões, enquanto se esforçava para alcançar Jaelle e Cholayna, na garganta entre os picos.

Jaelle praguejou baixinho, apontando.

— Ali ficava a trilha — murmurou ela.

O caminho de descida se encontrava agora sob toneladas de rochas e cascalho, meio ocultos pela neve.

— Desmoronamentos, só os deuses sabem que mais. O gelo antigo do pico deve ter ruído com as chuvas da primavera, e essa parte da trilha desapareceu para sempre.

— O que faremos agora? — indagou Vanessa. — Podemos passar?

— Seu palpite é tão bom quanto o meu. com pouco peso, subindo, creio que eu poderia passar. Os chervines provavelmente conseguirão descer. Ei, olhem ali... -Jaelle apontou. — Além daquelas árvores, a trilha é bastante boa outra vez. Pelo menos há alguma espécie de trilha! O desmoronamento cobriu cerca de 500 metros com rochas e entulho. É íngreme, parece terrível. Mas provavelmente não é tão terrível quanto parece...

— A menos que toda aquela neve solta comece a deslizar de novo. Parece que pode haver pedras soltas também, o que poderia causar uma avalanche ao passarmos. — O comentário era de Camilla, juntando-se a elas. — Não é de admirar que tivéssemos pesadelos lá atrás.

As mulheres ficaram analisando a situação. Magda e Cholayna, sabendo que em nada poderiam contribuir para a discussão, permaneceram em silêncio, contemplando aquele caos de neve, rocha e gelo antigo empilhados abaixo, onde outrora existira pelo menos o arremedo de uma trilha. Ao final, Vanessa sugeriu:

— Jaelle, você e eu poderíamos descer para um reconhecimento, presas por uma corda. Pelo menos saberíamos se o caminho é bastante sólido para trazer os animais atrás de nós. Com a neve tão profunda, é possível que esteja congelada por baixo, e assim não vai começar a deslizar tão depressa. A temperatura caiu muito ontem à noite.

Jaelle pensou a respeito por um momento, e acabou declarando:

— Não vejo alternativa. Ou alguém tem uma idéia melhor?

Ninguém tinha. Era óbvio que a única outra opção era virarem, voltarem pelo caminho já percorrido e fazerem o desvio por Hammerfell. Nesse caso, perderiam toda e qualquer chance de alcançarem Rafaella em Barrensciae.

— Se soubéssemos — murmurou Jaelle, sombriamente, vasculhando uma carga, à procura de uma picareta de gelo — poderíamos ter seguido a Grande Estrada do Norte diretamente para Nevarsin.

— E se o duque de Hammerfell usasse uma saia — disse Camilla — poderia ser a duquesa.

— Jaelle, a percepção posterior é sempre uma visão dupla — lembrou Cholayna. — Fizemos o melhor que podíamos. E o importante é que estamos aqui, sãs e salvas até agora.

Jaelle comentou, com uma insinuação de sorriso:

— Vamos torcer para que ainda possamos dizer a mesma coisa esta noite. Vanessa, passe-me a corda. Quer ir na frente, ou eu vou?

— Não vai fazer a menor diferença. Podemos ambas ver onde a estrada deveria estar e não está. Irei na frente.

Ela prendeu a fivela de um arreio de corpo em torno da cintura, testou a passagem livre da corda, segurou firme a picareta de gelo.

— Um pouco de folga. Assim está bem.

Com extrema cautela, ela pôs os pés na neve e no entulho, começou a descer; passou além da beira, escorregou, a corda ficou esticada. Magda ouviu Cholayna prender a respiração num ofego, mas um momento depois Vanessa gritou:

— Está tudo bem, apenas perdi o equilíbrio. Não é fácil por aqui. Deixem-me encontrar um ponto mais sólido. Agüentem firmes aí.

Pouco depois sua cabeça reapareceu, subindo.

— Por este lado não vai dar. Há um precipício de 40 metros logo abaixo. Terei de fazer o reconhecimento pelo outro lado.

Ela seguiu lentamente pela esquerda, avançando com cautela. Desta vez conseguiu manter o equilíbrio; depois de algum tempo, até parecia que havia uma trilha ali.

Jaelle entregou a corda a Magda.

— Você e Camilla me segurem daqui.

Ela começou a descer atrás de Vanessa, avançando sobre as pegadas. Camilla postou-se atrás de Magda, pronta para agüentar a corda, se qualquer das duas lá embaixo escorregasse. Elas não

podiam ser avistadas agora. Magda, com Camilla por trás, sentiu que sua respiração saía ofegante. Em parte era por medo, o resto impotência. Não era boa ali; não tinha nenhuma habilidade de montanhista, não conhecia as montanhas. Tudo o que podia fazer ali era agüentar firme, e confiar em sua companheira livre.

— Já chega — murmurou Camilla.

Ou será que ela não falara em voz alta? Seria o silêncio, o isolamento da trilha na montanha, onde não havia a intromissão de outras mentes, que levava Magda a dispensar o escudo contra o estrépito telepático de baixo nível das cidades e multidões, assim possibilitando, ao que tudo indicava, uma comunhão quase constante com a mente de Camilla? Ela não sabia, e de qualquer forma sua mente se concentrava agora em outra coisa. Mas recostou-se contra as mãos de Camilla, que sustentou seu peso, enquanto a corda esticava, segurando as duas mulheres lá embaixo. Magda sentia a garganta e o nariz dolorosamente ressequidos; a secura fria das alturas desidratava as passagens nasais e as membranas da mucosa, tudo o que ela podia pensar agora era na vontade de beber um pouco de água. Devia ser mais difícil ainda para Jaelle e Vanessa, lutando contra o gelo e as pedras soltas lá embaixo. A corda afrouxou, e por um instante Magda entrou em pânico, temendo que se tivesse partido, uma queda... E logo um grito retumbante partiu de algum lugar mais abaixo.

— Está tudo bem. Desceremos por aqui. Já Vou subir.

Era a voz de Jaelle, e depois de um longo tempo ela reapareceu. Vanessa surgiu logo atrás, respirando com dificuldade.

— Quero água — balbuciou Vanessa.

Cholayna pegou a garrafa e estendeu-a. Assim que recuperou o fôlego, Jaelle disse:

— Está tudo bem, o caminho nem mesmo é muito íngreme. Há um trecho ruim, com pedras soltas. Teremos de levar os cavalos um de cada vez, com o maior cuidado, a fim de não escorregarem. Seria muito fácil fraturar uma perna ali. O resto, porém, é sólido por baixo, e removemos o que podia se desprender. A trilha recomeça logo abaixo. É estreita, mas pelo menos existe. Creio que podemos

passar. Mas eu irei pessoalmente com Cholayna pelo trecho mais difícil

Ela tomou outro gole, ofegando. À expressão preocupada de Camilla, limitou-se a acrescentar:

— Estou bem. Não se preocupe.

Magda conhecia Jaelle bastante bem para saber que era melhor não demonstrar preocupação.

— Peguem pão e queijo, pois devemos comer aqui — disse Vanessa. — E se alguém precisa satisfazer pequenas necessidades pessoais, deve cuidar disso logo. Não há lugar lá embaixo para sair da trilha.

— Pelo que me lembro — comentou Cholayna, jovial — nem há trilha de onde sair.

Jaelle redistribuiu as cargas pelos animais com todo o cuidado, enquanto elas comiam pão e queijo. Finalmente estava tudo pronto para iniciar a descida. Jaelle seguiu na frente, puxando as rédeas dos chervines.

— Os chervines costumam seguir os cavalos, mas aqui podem encontrar o caminho melhor do que nós. — Ela começou a descer. — Espere eu percorrer uns 15 metros, e depois venha atrás de mim, Magda. Depois você, Camilla, e Cholayna. Voltarei para buscar os cavalos. Vanessa, fique para trás, a fim de ajudar alguém em perigo, está bem?

— Claro.

Magda pegou a rédea de seu cavalo e começou a descer pela trilha estreita que Jaelle tentava reconstituir — não mais que algumas pegadas. A neve era compacta, e os bufados dos chervines, procurando o caminho à frente, ressoavam bastante altos. Magda estendia cada pé com o maior cuidado; seu cavalo relinchava, tentava recuar, ela sentia-se nervosa ao puxar a rédea.

— Vamos, não se preocupe...

Ela afagava o focinho do animal, encorajando-o gentilmente. Depois de ter descido um pouco, ouviu os passos de Camilla e Cholayna por trás, e depois os cascos dos outros chervines, soltos. Um deles disparou pela trilha recém-aberta na neve; os pequenos sinos em sua cabeça retiniam, enquanto o assustado animal

galopava para baixo. Magda torceu para que as correias da carga agüentassem, e pudessem alcançar o chervine lá embaixo. Um momento depois, ela escutou um grito de Camilla; olhou para trás e indagou:

— Você está bem?

— Torci o pé numa pedra. Mas estou bem agora.

Magda percebeu que Camilla pisava com dificuldade, mas não podia fazer nada naquele momento. Tinham sorte por não ter sido pior. Ela sentiu uma pedra rolar sob seu pé, e por pouco não torceu o tornozelo, ao se virar bruscamente para não cair. O cavalo teve de fazer um grande esforço para manter o equilíbrio. Jaelle esperava alguns passos abaixo.

— Aqui começa o pior trecho. Vou passar com meu cavalo. Espere até eu chamá-la, depois venha também, devagar e com todo o cuidado, está bem?

O rosto dela estava manchado de vermelho e branco do esforço, havia uma faixa estreita de queimadura do sol no nariz. Magda sentiu-se contente pela oportunidade de descansar um pouco; ficou observando Jaelle descer, puxando o cavalo... E logo Jaelle se encontrava no outro lado, acenando para que ela descesse. Magda adiantou-se, tateando com as botas em busca de pontos firmes, duas vezes sentindo pedras se soltarem e rolares. Descobriu que prendia a respiração, como se respirar mais fundo pudesse desprender o cascalho e o gelo. Houve um momento em que escorregou e caiu de joelhos, soltando um pequeno grito, — descobriu-se a olhar para um precipício; mas reprimiu a náusea í terrível, recuou, tornou a se levantar, e continuou a descer. Parecia que não havia sons, nem mesmo o de sua respiração, até que uma mão estendida encontrou a sua, ela estava sã e salva ao lado de Jaelle.

— Tudo bem, amor?

— Está, sim.

Magda podia ouvir pouca coisa além da própria respiração.

— Amarre seu cavalo. Vou voltar para buscar o de Camilla. Você pode me acompanhar e trazer o de Cholayna... ou... será que não pode?

Magda sentiu-se toda arrepiada ao pensamento de atravessar aquele trecho infernal de pedras soltas não apenas mais uma vez, mas duas vezes. Jaelle, no entanto, achava que ela era capaz. E Magda acenou com a cabeça.

— Mas primeiro deixe eu recuperar um pouco o fôlego. Jaelle amarrou as pernas dos cavalos, pendurou as rédeas nas selas.

— Irei primeiro. Observe onde eu piso. Já passei por aqui quatro vezes agora. Parece pior do que é, amor.

Magda ainda se sentia trêmula, mas desta vez a travessia foi mais fácil. Esperaram Camilla e Cholayna alcançarem a extremidade do trecho de pedras soltas; todas se acenaram, e depois Magda e Jaelle tornaram a cruzar com os cavalos. Quase todos os chervines já haviam passado àquela altura, embora saltassem e quase caíssem, levantando-se sobre as pernas finas, sacudindo as cabeças relinchando em desespero. Mas todas chegaram sãs e salvas, Vanessa por último, o rosto muito pálido, quase pendurada na rédea do cavalo.

— Qual é o problema, Vanessa? — perguntou Cholayna.

— Tornozelo.

As outras perceberam agora que ela apoiava a maior parte de seu peso no cavalo; abruptamente, Vanessa largou o cavalo e arriou no chão. Camilla adiantou-se e tentou tirar sua bota, mas ao final precisaram cortar o couro grosso para removê-la. O tornozelo estava inchado, com uma enorme mancha púrpura-vermelha.

— É pior do que uma torção — comentou Camilla. — Você pode ter lascado o osso.

Vanessa fez uma careta.

— Era o que eu receava. Provavelmente preciso de uma radiografia, mas nem dá para pensar nisso agora. Há botas de reserva na minha mochila...

— Não vai conseguir calçá-las — disse Magda. — Use minhas botas de reserva, que são quatro números maiores. Nunca pensei que me sentiria agradecida por ter pés grandes.

Vanessa deixou escapar a respiração num ofego, enquanto Cholayna vinha examinar o pé.

— Mexa com os dedos. Ótimo. Dói quando faço isto? A resposta de Vanessa foi um sonoro palavrão.

— Eu diria que não há nada quebrado. É apenas uma equimose grande, ficou bastante inchado. Há ataduras elásticas na sua caixa médica?

— Tenho uma na minha mochila — informou Jaelle. Ela foi buscá-la, entregou à Cholayna e acrescentou:

— Provavelmente será preciso lavar e outras coisas, mas nem adianta parar e tentar acender uma fogueira aqui. Ponha logo a atadura, e vamos tentar recolher os chervines.

— Os animais haviam se espalhado pelo meio quilômetro seguinte da trilha. — Camilla, você também torceu o tornozelo, não é? Mais alguma baixa?

O tornozelo de Camilla, examinado, revelou estar apenas um pouco machucado; mesmo assim, Jaelle mandou que ela pusesse uma atadura, e descansasse um pouco.

— Magda me ajudará a reunir os chervines. Estamos a menos de duas horas de Barrensclae. Com a misericórdia de Avarra, poderemos cavalgar durante a maior parte do caminho, a partir de lá.

Enquanto recolhiam e aquietavam os animais de carga dispersos, Magda avistou um fragmento de alguma coisa que não devia estar naquela trilha. Foi pegá-lo, e depois chamou Jaelle.

— Dê uma olhada.

Jaelle tirou de sua mão o fragmento colorido de plástico; amarelo, com uma letra rasgada na beira.

— De uma embalagem?

— Isso mesmo. Uma embalagem de rações de emergência em grandes altitudes.

— De Lexie?

— De quem mais poderia ser? E qualquer pessoa que viu isso devia ter compreendido que ela não veio estudar danças folclóricas. Pelo menos sabemos agora que elas vieram por aqui.

Jaelle balançou a cabeça, guardou no bolso o pedaço de plástico.

— Talvez elas também tenham perdido tempo aqui. Logo descobriremos se ainda esperam por nós. Precisam das coisas que estamos levando... agasalhos extras, suprimentos... elas estarão muito melhor nas Hellers se esperarem.

— Você vai continuar, se as alcançarmos? Acha mesmo que elas encontraram aquela... cidade?

— Você não pensa assim, Magda. — Jaelle parecia surpresa e magoada. — Não vai também?

— Acho que Vou — murmurou Magda, lentamente, sem ter a menor certeza.

Ela poderia lidar com Rafaella, que se mostrara amiga e hostil alternadamente, e deveria aceitá-la de novo por causa de Jaelle, na esperança de continuar a busca. E Lexie? Magda quase que podia ouvir a voz de Lexie. Pelo fogo do inferno, Lome, não há nada neste planeta em que você não se meta?

Capítulo Treze

Barrensclae era um platô alto, sem relva nem árvores, com blocos rochosos soltos, ruínas do que havia sido outrora casas de pedras e cercados. Magda especulou por que o povoado teria sido abandonado, o que impelira seus moradores a irem embora, ou teriam sido todos assassinados por bandidos, numa daquelas terríveis rivalidades de sangue que ainda assolavam as colinas Kilghard? Ela fez a pergunta a Jaelle, que deu de ombros.

— Quem sabe? E quem se importa? Não deve ter sido nada de mais grave, ou já teríamos ouvido uma centena de histórias diferentes a respeito.

Camilla comentou, com um sorriso soturno:

— Se eles foram embora por sua livre e espontânea vontade, pode ter sido a coisa mais sensata que fizeram na vida. Eu estaria mais interessada em descobrir por que eles resolveram se instalar aqui.

Cholayna disse o óbvio:

— Lexie e Rafaella passaram por aqui, já foram embora.

— Elas podem estar caçando. Ou explorando os arredores — Jaelle encaminhou-se devagar para o cercado abandonado, perto de uma casa que ainda tinha um arremedo de telhado sobre as pedras antigas. — Abatemos os chervines aqui, e dormimos durante três noites naquela casa. Se Rafi deixou uma mensagem, deve estar ali.

Camilla olhou para o céu, as nuvens cinzas, baixas; a chuva noturna começaria a cair em breve.

— Suponho que passaremos a noite aqui, de qualquer forma. Não há sentido em continuar, e o tornozelo de Vanessa precisa de cuidados. E temos aqui uma coisa que se assemelha a um telhado. Sugiro entrarmos, para verificarmos se podemos acampar aqui.

— Algum motivo para não fazermos isso? — indagou Vanessa?

— Afinal, os proprietários originais parece que já foram embora há muito tempo. O que poderia nos impedir?

— Só algumas coisinhas... como ausência de assoalho o mofo, insetos, cobras, ratos, morcegos — Camilla enumerou nas

pontas dos dedos, rindo. — Por outro lado, podemos encontrar os animais de carga e os pertences de Rafaella guardados ali, e nesse caso...

Magda não tinha certeza se torcia ou não para encontrarem as mulheres ali. Quando conseguiram empurrar a pesada porta para dentro, sobre as dobradiças enferrujadas, o interior parecia suspeitamente livre de todas as coisas que Camilla indicara; o chão de pedra tinha poeira, mas não estava imundo, e parecia não haver nenhum animal à espreita.

— Este lugar foi usado recentemente — ressaltou Cholayna.

— Elas estiveram aqui, e não faz muito tempo. — Eu não teria tanta certeza — murmurou Jaelle. — Outras pessoas podem ter usado este abrigo... viajantes, bandidos. É possível que elas tenham passado por aqui, mas não podemos ter certeza. Parecia a Magda que era um bom lugar para bandidos; ela se lembrou de um encontro com bandidos num abrigo para viajantes, anos antes. Não pensara em bandidos naquela viagem, e desejou não se ter recordado disso agora. Mas não havia sentido em deixar que isso a preocupasse. Camilla podia com certeza dominar três vezes o seu peso em bandidos, e era mais do que provável que adorasse a oportunidade de tentar.

— Não é isso o que está me preocupando — disse Jaelle. — Elas são apenas duas, e uma não passa de uma inexperiente Terranan.

— Não se preocupe com isso — interveio Cholayna. — Lexie recebeu o mesmo treinamento de Magda em combate desarmado. E Rafaella não é nenhuma fracote.

— Os bandidos viajam em bandos — insistiu Jaelle. — E nunca foram famosos por lutas leais. Mesmo assim, ela foi buscar seus alforjes e largou-os no chão de pedra — Cholayna, por que não acende uma fogueira, a fim de cuidarmos do tornozelo de Vanessa?

Não demorou muito para que o fogo estivesse ardendo, e Cholayna usava da melhor forma possível os equipamentos médicos disponíveis. Ainda desconfiava que Vanessa lascara um osso no tornozelo, mas não havia nada que pudessem fazer a respeito ali.

— Pelo menos não há escassez de gelo — disse Cholayna, olhando para a neve lá fora.

— Compressas geladas até o inchaço desaparecer; depois disso, geladas e quentes, alternadas. Um médico engessaria o tornozelo, mas provavelmente não é perigoso dispensar o gesso. Ela terá dificuldades para andar por alguns dias, mas como Jaelle diz que poderemos cavalgar durante a maior parte do tempo, a partir daqui, podia ser pior. Pelo menos, Vanessa, você não corre o risco de ficar manca pelo resto da vida por não receber o tratamento terráqueo adequado.

Sem que ninguém lhe pedisse, Magda pegou os utensílios de cozinha e começou a preparar uma sopa, com a carne-seca das rações. Um aroma apetitoso logo começou a impregnar a velha casa de pedra. Torrar o duro pão de viagem também fez maravilhas. Sopa, mingau, e uma chaleira com chá-de-casca — era a primeira refeição quente que elas faziam desde que haviam deixado Thendara, e contribuiu para reanimá-las consideravelmente.

Finalmente entraram nos sacos -de dormir, e Magda logo percebeu que as outras haviam mergulhado num sono profundo e sereno. Ainda assim, ela permaneceu acordada, perturbada, sem saber por quê. Não podia deixar de sentir que toda aquela viagem era de certa forma um reflexo dos seus fracassos — com Lexie, Vanessa, Cholayna, e talvez ainda mais com Rafaella. De certa forma, levara Lexie a sentir que devia competir com o que algumas pessoas no QG insistiam em chamar de “Mito Lome”; dissera as coisas erradas a Vanessa e Cholayna, caso contrário elas não estariam ali; e sem ter a intenção, interusera-se entre Jaelle e Rafaella... Mas quaisquer que fossem os perigos desconhecidos da estrada, Jaelle tinha razão numa coisa: elas não podiam voltar. Na manhã seguinte o tornozelo de Vanessa inchava ainda mais, e estava com febre. Cholayna deu-lhe doses de salicilatos, enquanto Magda e Camilla arrumavam a carga para redistribuir peso, e Jaelle saía para procurar ao redor por sinais da passagem das outras mulheres. Ela voltou tarde, trazendo no ombro a carcaça de um filhote de chervine.

— Todas estamos precisando de carne fresca. Vanessa em particular necessita o máximo de proteínas extras que puder ingerir.

Ela pôs-se a esfolar e a esquartejar o animal, com a maior competência; Cholayna desviou os olhos, mas Vanessa ficou observando, fascinada.

— Onde aprendeu a fazer isso?

— Conduzindo expedições pelas montanhas. Não temos as rações em embalagens de luxo como vocês, e a habilidade na caça é uma das primeiras coisas que se tem de aprender por aqui, quando se quer comer. Eu já era capaz de abater um animal adulto antes dos 15 anos de idade; e, se você mata para comer, precisa aprender também a esfolar, cortar e secar para a viagem. Comeremos tanto quanto pudermos desta carne. Assarei um pernil para o jantar. Mas o animal é muito pequeno para secar a carne da forma apropriada. O que não pudermos comer aqui, deixaremos lá fora para os kvorebni, antes de partirmos.

Ela olhou pesarosa para a delicada pele mosqueada do pequeno animal, antes de acrescentar:

— Detesto desperdiçar esta pele. Poderia fazer um bom par de luvas, se tivéssemos tempo para curti-la.

Cholayna estremeceu e manteve os olhos ainda mais desviados do que antes; mas não disse nada. Deve ser muito difícil para ela, pensou Magda, aceitar ordens quando está acostumada a dá-las, e resignar-se a ser a mais velha e mais fraca. Aquela agressão a seus princípios éticos — Magda sabia que Cholayna jamais comera carne ou qualquer coisa que já se mexera antes daquela expedição — devia ser a suprema provação. Mas ela se manteve em silêncio, o que não devia ser fácil.

A maior parte do inchaço no tornozelo de Vanessa já desaparecera na outra manhã. Jaelle, olhando para o céu, apreensiva, disse que deviam partir. Cholayna achava que Vanessa precisava descansar por mais um dia, mas Jaelle estava preocupada com o tempo, estudou os mapas de Magda por um longo tempo, procurando o percurso mais fácil.

— Seguiremos diretamente para o Norte — anunciou Jaelle, ao final — mas contornaremos a trilha, em vez de avançarmos pela

beira do precipício. Elas já têm uma boa dianteira, e é improvável que consigamos alcançá-las neste lado do Kadarin. Só devemos encontrá-las pouco antes de Nevarsin.

Com os cavalos e chervines descansados, elas tornaram a partir, por trilhas que não precisavam ser percorridas a pé. A neve caía, havia frio e umidade; elas se encolhiam nas roupas mais quentes. À noite, os sacos de dormir estavam úmidos, e até mesmo Cholayna tomava com satisfação a sopa quente de carne.

A trilha recomeçou a subir na terceira tarde, cada colina mais íngreme do que a anterior. Jaelle finalmente avisou que nas encostas superiores deveriam desmontar e subir a pé, a fim de poupar os cavalos do peso extra — à exceção de Vanessa, que ainda era incapaz de sustentar o peso do corpo no tornozelo ferido.

— Posso andar, se for necessário — assegurou Vanessa, brandindo o galho grosso que Camilla lhe cortara naquela manhã, para servir como bengala. — Também não preciso de tratamento especial!

— Pode estar certa, Vanessa, de que eu lhe direi se você tiver de andar. Não tente bancar a heroína. Uma pausa e Jaelle acrescentou: — Se tivermos de carregá-la, nunca conseguiremos passar.

Elas subiam lentamente pela quarta ou quinta colina — Magda perdera a conta, no nevoeiro denso e úmido — quando seu pé virou, ela perdeu o equilíbrio, caiu e deslizou para trás, pelo caminho íngreme, roçando em pedras, gelo e raízes de árvores. Bateu com a cabeça e, com uma dor lancinante, perdeu a consciência... ela vagueava por um mundo cinzento; ouviu Jaelle chamando-a, mas a velha hedionda estava ali, rindo... para onde quer que se virasse, por mais que corresse e corresse, sempre deparava com a velha megera, com sua risada estridente, que mais parecia o grito de alguma ave selvagem, os braços estendidos para afugentá-la, para forçá-la a voltar, a ir embora... e de repente Camilla se encontrava ali, a faca desembainhada para protegê-la, enfrentando a velha; a faca emitia um fogo azul...

Havia alguma coisa úmida em seu rosto, algo frio infiltrava-se por sua gola. Magda levantou a mão — parecia pesada e gelada —

para afastar a coisa, e esbarrou num pano molhado. Era como fogo em sua testa, que dava a sensação de ter sido partida por um machado. O rosto de Camilla estava próximo do seu, muito pálido; Magda teve a impressão de que ela andara chorando. Isso é absurdo, pensou ela, Camilla nunca chora.

— Bredhiya — murmurou Camilla, sua mão apertando a de Magda com tanta força que a fez estremecer. — Pensei que a tivesse perdido. Como se sente?

— Horrível. Cada osso de meu corpo parece que foi batido com um malho de ferreiro — balbuciou Magda. Ela descobriu que estava despida até a cintura. — Ora, não é de admirar que eu esteja com frio! Este é o tratamento normal para choque?

Ela tentou gracejar com a situação, mas Jaelle inclinou-se em sua direção e disse:

— Eu a despi para me certificar de que não tinha lesões internas. Esfolou toda a pele de um braço até o cotovelo, e talvez tenha fraturado uma costela. Tente sentar, se puder.

Magda ergueu-se, com todo cuidado, até ficar sentada. Moveu a cabeça, cautelosamente, e se arrependeu no mesmo instante.

— Em que bati? Numa montanha?

— Apenas numa pedra, Miss Lome — disse Vanessa.

Parecia absurdo demais; Magda já pensara em protestar contra o tratamento. Vanessa perguntou:

— Está com frio?

Ela pôs a camisa em Magda. Seu braço, Magda descobriu, estava enfaixado, por cima de algum unguento de cheiro horrível. Camilla envolveu-a com um manto.

— Será mais fácil do que tentar vestir o casaco por cima das ataduras, e não vai roçar tanto nas áreas mais doloridas — explicou ela, vestindo o casaco de Magda.

— Está com sono?

Magda tentou outra vez balançar a cabeça, mas não conseguiu.

— Não. Não sinto o menor sono.

— Acha que pode continuar? — indagou Jaelle. — Não há lugar para acampar aqui, mas se você não pode...

Magda fez um esforço para se levantar, com a ajuda de Camilla. A cabeça ainda latejava, e ela pediu os analgésicos de Cholayna, que negou.

— Não deve tomar nada enquanto não conhecermos a gravidade de sua concussão. Se ainda estiver bem desperta quando pararmos para passar a noite, então poderá tomar alguns. Até lá, nada que possa diminuir sua respiração.

— Sádica miserável — resmungou Magda; mas ela também recebera o treinamento básico de emergência, conhecia os cuidados e precauções necessários no caso de ferimentos na cabeça.

— Veja pelo lado bom — disse Cholayna. — Agora você pode subir montada, como Vanessa, enquanto nós temos de continuar a pé.

Magda descobriu que era quase impossível subir na sela, mesmo com a ajuda de Camilla; e, quando finalmente conseguiu, e o cavalo começou a avançar, ela desejou estar a pé; o movimento era quase insuportável. A neve era úmida agora, meio neve, meio chuva, e aderiu ao corpo, encharcando o manto. Ela experimentava um terrível sofrimento, cada passada do cavalo provocando uma pontada de dor, como se o animal pisasse em sua cabeça; e a trilha era tão íngreme que outra vez ela teve a impressão de que escorregava para trás sobre a sela. Sem que ela tivesse de pedir, Camilla aproximou-se para tirar as rédeas de sua mão.

— Bredhiya, apenas se segure aí em cima. Guiarei seu cavalo. Só falta mais um pouco agora. Pobre amor, eu gostaria de carregá-la no colo.

— Estou bem, Camilla, juro que estou. É apenas uma dor de cabeça. E me sinto uma tola, caindo daquele jeito e atrasando todas vocês.

— Estamos quase no topo da crista. Agora poderemos todas montar de novo; e se você não puder se firmar na sela, bredhiya, poderá ir no meu cavalo, que agüentará nós duas sem qualquer dificuldade. Quer fazer isso?

— Não há necessidade. Estou bem.

Embora Magda soubesse que era uma injustiça, a solicitude da mulher mais velha a constrangia — em parte porque sabia que devia

estar embaraçando as outras, especialmente Vanessa, que não podia compreender o vínculo entre as duas.

— Por favor, Camilla, não se preocupe tanto comigo. Pode me deixar em paz. Estou bem.

— Como quiser.

Camilla foi para a frente da fila, seguindo ao lado de Jaelle. Assim que ela se afastou, Magda arrependeu-se de suas palavras e desejou que Camilla continuasse a seu lado. Afinal, que importância tinha o que as outras podiam pensar, depois de tantos anos? Desolada, a cabeça latejando, ela segurou as rédeas com firmeza, deixou que o cavalo encontrasse seu caminho, na descida pela colina.

Ao fazer uma curva, junto de um bosque de enormes coníferas, ela pôde avistar luzes lá embaixo. Uma pequena aldeia, aninhada no vale, perto da estrada estreita; primeiro algumas fazendas nos arredores, depois uma forja e um regato represado, um moinho de vento, um celeiro, umas poucas casas de pedra pequenas, cada uma cercada por uma horta.

— Será que há uma estalagem neste lugar? — especulou Camilla. Crianças e mulheres, até mesmo uns poucos homens, saíram das casas para observá-las; um sinal evidente, Magda sabia por seus longos anos no campo, que o lugar era tão isolado que o aparecimento de qualquer pessoa estranha se tornava um grande acontecimento.

Jaelle perguntou a uma das mulheres, corpulenta, imponente, numa roupa menos vulgar que as outras pessoas:

— Existe aqui uma estalagem em que possamos jantar e passar a noite?

Ela teve de repetir a pergunta várias vezes, em diferentes dialetos, antes de se fazer entender; e quando a mulher finalmente respondeu, seu próprio dialeto era uma distorção tão grande do cahuenga que Magda quase não conseguiu compreender. E perguntou a Camilla, que voltara a se postar ao seu lado:

— O que ela disse? Você conhece melhor do que eu as línguas das montanhas.

— Ela disse que não há estalagem — respondeu Camilla, falando no puro casta, a fim de que ninguém pudesse entender, se estivessem prestando atenção a elas. — Mas há uma boa casa de banhos pública, ela acrescentou, onde poderemos tomar um banho. Também ofereceu o uso de um celeiro, que está vazio nesta época do ano. Estas pessoas me parecem um bando de marginais, e prefiro não confiar em nenhuma, mas não sei que alternativas temos.

Vanessa ouvira parte da conversa.

— Uma casa de banhos parece exatamente o de que mais precisamos neste momento. Tenho certeza de que meu tornozelo e o braço se beneficiariam com uma longa imersão em água quente e limpa. E, com ou sem casa de banhos, essas pessoas me parecem tão sujas que prefiro dormir num dos celeiros, em vez de ir para suas casas. Ou suas estalagens, diga-se de passagem. Leve-me para a casa de banhos!

A mulher que assumira o papel de guia seguiu na frente, liderando uma pequena procissão de crianças. Cholayna comentou:

— Eu não esperava encontrar confortos desse tipo fora de Thendara.

— Há fontes quentes em todas as partes das montanhas — explicou Magda. — A maioria das pequenas aldeias conta com uma casa de banhos, mesmo que cada família tenha de buscar água para beber no poço comunitário. E há salas e tinas separadas para homens e mulheres. Portanto, não precisam se preocupar com costumes diferentes em termos de recato.

Vanessa deu de ombros.

— Estou acostumada a casas de banhos mistas em meu mundo. Não me incomodaria se toda a aldeia se banhasse numa única e enorme piscina, contanto que mudassem a água de vez em quando.

— Pois a mim incomodaria — disse Camilla.

Jaelle riu.

— A mim também. Afinal, fui criada nas Cidades Secas.

Ela foi barganhar com a mulher, que parecia ser a proprietária da casa de banhos e também uma espécie de chefe da aldeia, sobre

o custo do banho. O preço pedido parecia exorbitante a Magda, mas também, no final das contas, aquela aldeia era muito isolada, e o aluguel da casa de banhos a viajantes ocasionais era com certeza a única fonte de moedas cunhadas, pelo menos, informou Jaelle, o lugar seria de uso exclusivo delas naquela noite. Além disso, Jaelle acertara com a mulher que seria preparada uma refeição quente e levada para elas; o custo incluía também o uso do celeiro para guardar os animais e estender os sacos de dormir. Como era um celeiro de pedra, sem nada guardado ali, elas tinham permissão para acender uma fogueira. Foram todas guardar suas coisas no celeiro, desencilhar os cavalos e descarregar os chervines, antes de seguirem para a casa de banhos.

— Como está sua cabeça, Magda? — perguntou Cholayna. — Como se sente?

— Melhor só de pensar num banho.

— Bem desperta? Então pode tomar algumas pílulas contra a dor — Cholayna tirou o medicamento da bolsa. — Algum problema, Camilla? É que Camilla estava acorada, pensativa, de cara amarrada.

— Não confio nessa gente — murmurou Camilla, ainda falando casta, embora parecessem estar completamente sozinhas. — Este lugar parece refúgio de bandidos. Se formos sensatas, não iremos todas para a casa de banhos ao mesmo tempo; não devemos deixar nossas coisas desprotegidas.

— Quase todos os habitantes das montanhas são honestos — ressaltou Jaelle. — Pode-se deixar um saco de cobre sem ninguém vigiando no meio da praça, e se descobre que não foi tocado ao se voltar meio ano depois. A única coisa é que podem ter instalado uma pequena cobertura sobre o saco, a fim de evitar que se estrague com as chuvas de inverno.

— Sei muito bem de tudo isso — murmurou Camilla, obstinada. — Mas já estive antes nesta aldeia em particular? Conhece essa gente, Shaya?

— Não, não conheço. Mas já estive em muitas aldeias nas montanhas parecidas com esta.

— Não é o suficiente — insistiu Camilla. — Todas vocês podem ir tomar um banho. Eu ficarei aqui e vigiarei nossas coisas.

Apesar de as outras argumentarem, ela não mudou de idéia. Finalmente, combinaram que Jaelle e Vanessa sairiam para tomar banho primeiro, e que Magda, Cholayna e Camilla se banhariam num segundo turno, o que significava que pelo menos uma pessoa em cada grupo estaria sem qualquer ferimento, em perfeitas condições físicas, com o máximo de habilidades no uso de armas.

— Ainda não estou satisfeita — resmungou Camilla, enquanto Jaelle e Vanessa saíam para a casa de banhos, carregando roupas limpas. — Essas pessoas seriam capazes de cortar nossas gargantas só pelo sabão perfumado! E é bem possível que a idéia delas fosse a de dividir nosso grupo, a fim de não podermos nos defender direito. Deveríamos acampar fora da aldeia, e montar guarda durante a noite inteira.

— Você tem uma natureza excessivamente desconfiada, Camilla — protestou Cholayna, gentilmente, ajoelhando-se no chão para acender um fogo. — Pois eu sentirei o maior prazer em tomar um banho!

— E eu também ficaria, em qualquer lugar decente. Ou será que você pensa que gosto mais de sujeira do que uma terráquea? Mas, nas circunstâncias, eu me sentiria mais segura se dormíssemos na lama da estrada.

— Camilla — murmurou Magda, quando pegavam roupas limpas em sua mochila, e Cholayna não podia ouvi-las — isso é uma premonição? É o seu laran?

O rosto de Camilla era tenso.

— Sabe muito bem o que penso disso. Se fosse, você ou Jaelle já não teriam descoberto, já que são leroni da Torre Proibida? Não há a menor necessidade de laran para saber que um facínora é um facínora!

Ela soltou uma risada desdenhosa, e tratou de se afastar, irritada. Magda sentia-se perturbada, pois respeitava, por boas razões, as intuições de Camilla; mas o grupo já se dividira, e sua cabeça e o braço ferido doíam terrivelmente. Por isso, sentia-se relutante em renunciar à perspectiva de um banho. Achava que

poderia até resistir a um ataque de bandidos, se antes pudesse tomar um banho e comer uma boa refeição quente.

Capítulo Quatorze

Houve um pequeno som no canto do celeiro. Em segundos, Camilla sacou sua faca e correu para o espaço oculto por trás da porta; voltou arrastando alguém pelo pulso: uma mulher, não jovem, os cabelos compridos e escuros trançados nas costas. Não era diferente das outras pessoas da aldeia, exceto pelo fato de que parecia pessoalmente limpa, notou Magda.

— Quem é você? — grunhiu Camilla, apertando o pulso da mulher com tanta força que ela se encolheu e gritou, e enfatizando suas palavras com um floreio da faca.

— O que veio fazer aqui? Quem a mandou?

— Não tenciono fazer mal algum a vocês — balbuciou a mulher, apavorada. — Você é... é Shaya n'ha M'lorya?

O nome Jaelle era típico das Cidades Secas, muito raro nas colinas Kilghard. A própria Magda quase sempre chamada Jaelle pela versão casta de seu nome, inclusive o dera à sua filha.

— Não, não sou Shaya — respondeu Camilla. — Mas sou sua irmã-de-juramento — ela indicou Magda: -... é sua companheira livre. Fale logo! O que quer com ela? Quem é você?

Os olhos da mulher desviaram-se para contemplar Cholayna furtivamente. Magda pensou: Sem dúvida ela nunca viu antes uma pessoa de pele preta, talvez tenha vindo apenas para bisbilhotar as estranhas. Mas então como ela sabe o nome de Jaelle?

— Meu nome é Calisu — murmurou a mulher. — Não há renunciantes em nossa aldeia. O chefe não permite. Mas algumas de nós... são simpatizantes.

Ela afastou os cabelos da orelha, revelando um pequeno brinco; era o sinal secreto, Magda sabia, reconhecido por centenas de anos, das mulheres simpatizantes das Casas da Guilda, mas que por um motivo ou por outro não podiam assumir legalmente o juramento. A própria Dama Rohana usara um brinco secreto, e Magda tinha certeza de que nem mesmo Dom Gabriel sabia por quê.

Vendo o brinco, Camilla afrouxou um pouco a pressão no pulso da mulher.

— O que você quer? Por que entrou aqui de maneira tão furtiva?

Calisu — o nome, Magda lembrou, era uma versão no dialeto de Callista — explicou:

— Duas renunciantes passaram por nossa aldeia há 10 dias. Pediram para falar com a parteira da aldeia, alegando que uma delas sentia cólicas. Quando me encontraram, perguntaram se eu... usava o brinco.

Era um artifício de Rafaella. Lexie não pensaria nisso, nem em mil anos.

— E depois me pediram que transmitisse uma mensagem a Shaya n'ha M'lorya. Mas se você é a companheira livre dela, posso lhe dar o recado? Se me descobrirem aqui...

— Pode me dar o recado — disse Magda.

— Ela pediu para avisar que devem encontrá-la na Casa da Guilda em Nevarsin.

— Mas não há... — Camilla começou a dizer.

Magda chutou-a na canela e ela fechou a boca. Calisu desvencilhou o braço do aperto de Camilla, correu para a porta e desapareceu.

Camilla foi até a porta. Fechou a porta, lutou com o mecanismo antigo, meio enferrujado, não conseguiu trancar direito, acabou suspirando e disse:

— Ponham algumas cargas na frente da porta, a fim de ouvirmos se alguém tentar entrar de novo. Eu já temia que isso pudesse acontecer. Não, não você, não deve levantar coisas com sua cabeça...

— Raramente faço isso — disse Magda. — Não é meu laran. Lamento dizer que tenho de usar as mãos.

Mas ela recuou e deixou que Cholayna e Camilla empilhassem as cargas junto da entrada. Camilla murmurou, em voz sombria:

— Ouviram o que ela disse. O que significa? Não há Casa da Guilda em Nevarsin, que é uma cidade de crístoforos. Como podemos encontrá-las quando...

— Shaya vai entender — garantiu Magda.

Sua cabeça latejava, apesar dos analgésicos de Cholayna. Ela torceu para que Jaelle voltasse logo, a fim de poder sair para tomar seu banho e depois deitar. Apática, ela pegou roupas de baixo limpas, meias grossas uma suéter e um culote de lã para dormir. Jaelle e Vanessa voltaram; haviam até lavado os cabelos; os de Jaelle, avermelhados, estavam enroscados em anéis, úmidos, ondulados.

— Exatamente o que uma viajante cansada precisa — comentou Jaelle, esticando os braços e bocejando. — Agora, quando a refeição chegar... eu a vi sendo preparada, o cheiro era ótimo. Galinha assada no espeto, cogumelos numa caçarola, com molho de amoras vermelhas.

Ela fez uma pausa, passando a língua pelos lábios, na expectativa da comida.

— Este é um lugar melhor para uma parada do que eu imaginava. Vocês três podem ir para a casa de banhos agora. Mas não demorem muito ou comeremos todos os cogumelos. Será que nesta aldeia fazem um bom vinho das montanhas?

— Se não fizerem — gracejou Cholayna — eu me queixarei à chefe.

A casa de banhos era um prédio de pedra isolado, do qual saía vapor. Quando elas entraram, a atendente deu-lhes bancos de três pernas e perguntou, com uma rude deferência, se as damas traziam seu próprio sabão e esponjas. Ela esfregou-as de forma meticulosa, tomando cuidado com o braço ferido de Magda, e até conseguindo não olhar por muito, nem inquisitiva demais, para Cholayna. Depois, levou-as pelos degraus para a piscina de pedra, com água quente fumegante. Magda suspirou de puro prazer, sentindo que o calor escaldante extinguiu a dor no braço ferido. Recostou-se, a fim de ficar com água até o pescoço.

— É muito agradável — admitiu Camilla.

Magda recordou que ela também machucara o tornozelo, embora não com a mesma gravidade de Vanessa.

— Está se sentido bem, bredá.

— Não tenho nada que a água quente e uma boa noite de sono não possam curar. Se eu me sentisse segura com a nossa

presença aqui.

Camilla falou baixinho para que a atendente da casa de banhos não pudesse ouvi-la:

— Tomem cuidado em não falar nada sério, pois o serviço dela pode ser o de relatar tudo o que dissermos. Não confio em ninguém aqui.

Sob a superfície da água, Magda procurou a mão de Camilla e apertou os dedos compridos entre os seus. Sentia-se envergonhada pela maneira como se comportara naquela tarde. Será que realmente magoara os sentimentos de Camilla por estar preocupada com o que Vanessa pudesse pensar? Por que deveria se importar com isso? Ela ficou sentada, segurando a mão de Camilla, em silêncio, e no conforto tranquilo da casa de banhos começou lentamente a absorver o medo e a suspeita da amiga.

Podia compreender as duas coisas. Nos dias em que ela e Peter Haldane, então casados, exploravam o território, das colinas Kilghard às planícies de Arilinn, haviam encontrado muitos bandidos e proscritos. E não foram poucas as ocasiões em que escaparam por pouco — e sobreviveram, quando outros não tiveram a mesma sorte. Haviam sido os dias em que se formara o chamado “Mito Lome”, num sentido que era um pouco injusto; podia-se muito bem chamar de Mito Haldane, pois Peter fizera tanto quanto ela no recolhimento de informações sobre territórios e fronteiras, registrando variações lingüísticas e costumes sociais — todas as informações básicas necessárias.

A diferença era que Magda fizera isso num mundo em que parecia quase impossível para as mulheres saírem em campo, muito menos realizar alguma coisa significativa; e, por isso, Magda recebera a maior parte do crédito e toda a atenção. Mas Peter também tivera sua recompensa; tornara-se legado, era competente, interessado, justo, comprometido com o mundo que amava. Ela escolhera outro caminho e recompensas diferentes.

— Magda? Não adormeça aqui. Há um bom jantar à nossa espera.

— Não estou dormindo.

Magda empertigou-se na água fumegante, piscando. Sentia-se quase que perigosamente relaxada. Camilla apertou sua mão por baixo da água e disse, num sussurro que não podia ser ouvido a centímetros de distância:

— Bredhyi, chiya.

Magda retribuiu a pressão e sussurrou:

— Eu também amo você. — Mas como não estavam a sós, ela virou-se para Cholayna e acrescentou, em voz alta: — Creio que estão à nossa espera, talvez não sirvam o jantar enquanto não voltarmos. Devemos ir embora, mas eu poderia passar a noite inteira aqui.

Cholayna olhou para seus dedos, começando a enrugar, como frutas secas, na água quente.

— Acho que acabaríamos diminuindo bastante, se continuássemos aqui.

Ela se levantou, e a atendente entregou-lhe uma toalha. Camilla também se levantou, e Magda constatou que as cicatrizes antigas, nas costas e no flanco, haviam se tornado muito brancas na água quente, sobressaindo contra a pele clara, avermelhada pelo calor. Percebeu que a atendente também notava as cicatrizes, e Cholayna chegou a abrir a boca para falar. Magda quase que pôde ouvi-la: Em nome dos deuses secretos, o que aconteceu com você? Só um momento depois é que compreendeu que nem Cholayna nem a atendente haviam dito coisa alguma. Na paz e relaxamento do banho, ela captava mais uma vez pensamentos que não eram expressos. Relutante, Magda saiu do banho quente e relaxante, enrolou-se com a toalha grossa fornecida pela atendente. Era uma sensação maravilhosa vestir roupas limpas.

— E agora comer aquela galinha assada, talvez beber o vinho das montanhas de que Jaelle falou.

Cholayna contraiu os lábios.

— Não quero parecer uma nervosa mãe-de-adoção, Magda, mas você não deve tomar vinho, se sofreu de fato uma concussão. Como está sua cabeça?

Embora a água quente tivesse relaxado os músculos do pescoço e se sentisse muito melhor, Magda admitiu que ainda estava

com dor de cabeça, um latejar incessante, apesar dos analgésicos.

— Ela tem razão, Margali — disse Camilla. — Você deve se limitar ao chá ou sopa, até termos certeza de que não há nenhum problema com sua cabeça.

Magda, pondo a suéter por cima do calombo latejando na cabeça, deu de ombros.

— Terei de me contentar com uma boa comida quente e companhia agradável. Vanessa é que tem sorte, pois apenas machucou o tornozelo, pode ficar de ressaca, se quiser. Mas eu me Curvo aos conhecimentos médicos.

Foi um choque sair de novo para o frio. O vento forte amornara a neve; elas seguiram apressadas pelo espaço estreito entre prédios. Em alguns lugares, a neve se acumulara tão alto que alcançava o alto das botas, esfriando o calor recém-adquirido dos pés. Ficaram contentes em deparar com a fogueira dentro do celeiro. O prédio era tão grande que o fogo não chegava a esquentá-lo direito, mas pelo menos as resguardava do vento.

Vanessa e Jaelle haviam aprontado os sacos de dormir, o lugar parecia limpo e convidativo, quase como um lar; é verdade que nem tanto assim, com os cavalos e chervines guardados no outro lado. Um amplo suprimento de feno fora trazido para os animais, exalando um cheiro agradável. Quase que no mesmo instante, algumas mulheres entraram com pratos e travessas fumegantes; além da galinha assada, havia um pernil de chervine assado, com sua camada chiando de gordura apetitosa, e coelho-de-chifres cozinhado no vinho. Havia pães compridos, ainda quentes do forno, com bastante manteiga e mel, uma caçarola cheirosa de cogumelos e raiz-branca, sem muito gosto, mas nutritiva, e o prometido molho de amoras vermelhas.

— Mas é um verdadeiro banquete! — exclamou Cholayna.

— Não podia deixar de ser — comentou Jaelle. — Tratem de aproveitar. Pagamos bastante por essa comida.

Todas se agruparam ao redor, sentadas em fardos ou mochilas, comendo com bom apetite — à exceção de Cholayna. A mulher mais velha comeu um pouco da raiz-branca, provou o molho de amoras vermelhas com satisfação, mas depois de tentar bravamente comer

os pedaços de galinha assada que Jaelle destrinchou para ela, empalideceu e empurrou o prato para o lado.

— Qual é o problema, comi'ya — indagou Camilla.

— Parece... ainda parece demais... com o animal vivo — murmurou Cholayna. — Desculpem, eu... tentei. Quando é apenas... fatia, um pedaço, ainda consigo comer, mas... mas isto é uma asa.

— Você precisa de proteína — disse Vanessa. — Pegue rações de emergência. Não pode fazer uma refeição apenas de cogumelos e molho de amoras vermelhas.

— Eu... eu sinto muito.

Cholayna foi buscar a carga com as rações terráqueas embaladas. Aquilo era proibido no campo, para evitar que alguma pessoa não autorizada avistasse o pacote de embalagem obviamente alienígena, mas Magda não teve ânimo para censurá-la; ela parecia muito mal. Cholayna passara por dias muito difíceis, e Magda refletiu que se os regulamentos fossem aplicados com rigor, até mesmo a atadura elástica no tornozelo de Vanessa seria contra as determinações do serviço de informações. Por outro lado, se a chefe do serviço de informações em Darkover não puder violar um regulamento, quando praticamente não há ninguém para saber o que ela fez...

— Não importa — Camilla estava dizendo. — Tome pelo menos um pouco do vinho. É muito bom. Uma coisa é certa, elas não estão economizando com a gente. Shaya, diga-me uma coisa... não existe nenhuma Casa da Guilda em Nevarsin, não é mesmo?

— Claro que não! — Jaelle riu, erguendo sua taça de vinho para ser enchida pela terceira vez. — Não se lembra que Keitha costumava falar sobre a abertura de uma casa ali? Há um albergue em que algumas mulheres residiam enquanto copiavam alguns dos manuscritos antigos no mosteiro de Saint Valentine, anos atrás, mas isso não conta.

Ela fez uma pausa, franzindo o rosto, antes de indagar:

— Por que, Camilla?

— Recebemos um recado.

Ela falou de Calisu, o brinco secreto, e as palavras transmitidas.

— É evidente que Rafi pensou que significaria alguma coisa para mim, mas... ei, espere um pouco! -Jaelle pensou por um instante. — Quando éramos pequenas, viajando com Kindra, havia um lugar em que costumávamos nos hospedar. Não era uma estalagem; as mulheres não podem entrar em estalagens públicas nas Hellers, a menos que estejam devidamente escoltadas por seus homens. Havia uma velha dama que fazia botas e blusões de couro para vender... foi lá que eu aprendi a fazer luvas e sandálias.

— É isso mesmo! — exclamou Camilla. — Estive lá uma vez, e uma das garotas me ensinou a bordar luvas com contas. Lembro da velha Betta, com todas as suas pupilas e filhas-de-adoção.

— Ela recolhia todas as órfãs que encontrava na cidade, leva-as para trabalharem em sua casa. Mas em vez de providenciar um casamento para elas, como uma virtuosa matrona cristoforo deve fazer, Betta ensinava um ofício e encorajava-as a estabelecerem um negócio por conta própria. Algumas acabaram casando, mas outras ainda mantêm seus negócios, e vivem na casa da velha. Betta também enviou várias para o Sul à nossa Casa da Guilda. Kindra costumava dizer que se abrissemos uma Casa da Guilda em Nevarsin, deveríamos recrutar Betta para dirigi-la. Creio que ela já morreu, mas quatro de suas filhas-de-adoção ainda dirigem a casa, e as mulheres da Guilda são sempre bem-recebidas ali. Não resta a menor dúvida de que Rafi se hospedaria ali. Jaelle esvaziou a taça de vinho, olhou ansiosa para a garrafa, e suspirou.

— Pode acabar, se quiser — sugeriu Camilla, rindo. — Beba a parte de Margali.

— Isso mesmo — acrescentou Magda.

Sua cabeça girava, ela sentia-se tonta, embora não tivesse bebido vinho. Jaelle recusou a oferta, decidida.

— Eu ficaria com uma dor de cabeça pior do que a dela amanhã se bebesse mais um pouco. Já estou quase dormindo sentada. Vamos deitar.

Os pratos estavam quase vazios; os ossos da galinha assada haviam perdido a carne por completo, restava apenas um pouco de molho na travessa que contivera o pernil de chervine. Depois da fadiga do dia, o banho quente e a refeição lauta, Magda tinha

certeza de que elas dormiriam muito bem naquela noite. Sua cabeça ainda latejava, e ela cambaleou ao se levantar para ir até o saco de dormir, Camilla protestou:

— Não vamos organizar turnos de vigia? Vanessa soltou um bocejo enorme.

— Não eu. Seria uma ofensa à hospitalidade desta boa gente. Eu Vou... — outro bocejo prolongado — ...dormir.

Jaelle, tirando as botas, levantou os olhos para fitar Camilla, séria.

— Sinceramente, acha mesmo que devemos montar uma vigilância, tia?

Ela usou a palavra antiga e afetuosa de sua infância, o que fez sorrir, embora ainda insistisse:

— Acho, sim. Mesmo que a maioria destas pessoas seja boa, hospitaleira e digna de confiança, é possível que haja malfeitores aqui. Eu mesma farei o primeiro turno de vigia.

— Está bem — disse Jaelle, entrando em seu saco de dormir.

Quase antes mesmo que as outras tirassem as botas, ela já estava profundamente adormecida e roncando. Magda pensou: Ela deve estar ainda mais cansada do que imaginávamos. É verdade que o maior peso da viagem coube a ela. Devo tentar assumir um pouco de suas responsabilidades. Ela sentia-se tão tonta, a cabeça latejava tanto, que pediu a Cholayna mais pílulas analgésicas. Cholayna deu, com alguma relutância.

— Não deveria tomar as pílulas, Magda. Depois do banho quente e de uma refeição como esta, tenho certeza de que vai dormir muito bem sem precisar tomar nada.

— Só Vou tomar se não conseguir dormir — prometeu Magda.

Cholayna tirou as botas, cobriu os cabelos com um lenço vermelho e entrou no saco de dormir. Camilla, bocejando, recostou-se num dos fardos, a faca estendida sobre os joelhos. Vanessa baixou a luz da lanterna para o ponto mínimo.

— Acorde-me daqui a uma hora, Camilla. Você também precisa dormir. Devemos tentar partir bem cedo.

— Com este tempo?

Camilla gesticulou, e no silêncio elas puderam ouvir o barulho da neve caindo no prédio, o vento uivando pelos cantos.

— Teremos sorte se conseguirmos sair daqui depois de amanhã — acrescentou Camilla.

— Talvez a tempestade cesse durante a noite.

— Talvez o burro de Durraman possa realmente voar. Trate de dormir, Vanessa. Ficarei vigiando por algumas horas, no mínimo.

O saco de dormir de Vanessa — agora que não se encontravam ao ar livre, usavam os sacos individuais terráqueos, em vez dos sacos duplos da Casa da Guilda — estava estendido ao lado do saco de Magda. Depois de um momento, Vanessa indagou, baixinho:

— Você está dormindo?

— Ainda não. Pensei que ia pegar logo no sono, mas a cabeça dói muito. Acho que tomarei a pílula de Cholayna, no final das contas.

— Miss Lome... posso lhe perguntar uma coisa? Algo bastante pessoal?

— Claro que pode, mas apenas se parar de me chamar de Miss Lome. Somos irmãs da Casa da Guilda, Vanessa. Ficaria muito satisfeita se você me chamasse de Margali.

É o meu verdadeiro nome, não apenas um pseudônimo, ou o nome que uso em operações de campo. Meus pais me chamavam de Margali. Nasci em Darkover, nestas montanhas, embora tenha passado um longo tempo fora daqui. Ninguém jamais me chamou de Magdalen até que fui para a academia do serviço de informações, em Alfa. Trabalhei por tanto tempo no QG que acabei me acostumando com Magda, mas na verdade prefiro Margali.

— Está bem, Margali. Eu... tenho alguma dificuldade para compreender mulheres como companheiras livres. Jaelle é sua companheira livre, não é mesmo? Mas você e Camilla...

— Camilla é minha amante — declarou Magda, em tom incisivo. — O juramento de companheira livre é outra coisa. Jaelle e eu prestamos esse juramento para podermos ser guardiães das crianças uma da outra. Jaelle e eu... talvez nenhuma pessoa criada sob as leis terráqueas seja capaz de compreender. Já fomos amantes também, mas Camilla e eu... eu disse que você não entenderia.

— E não entendo. Mas gostaria de compreender. O que... como é amar uma mulher?

Magda riu.

— Como é amar? Amar qualquer pessoa?

Vanessa acabou adormecendo ao seu lado. Jaelle ainda roncava baixinho; ela bebera demais, refletiu Magda. Cholayna, embora tossisse um pouco, também dormia profundamente. Mas Magda não conseguia dormir, embora se sentisse mal e tonta, como se tivesse tomado toda a garrafa de vinho. Tinha vontade de tomar a pílula de Cholayna, mas conteve-se pelo pensamento de que não deveria se a concussão fosse grave. Do lugar em que deitara, podia avistar Camilla, a faca comprida sobre os joelhos; e enquanto ela observava, a cabeça de Camilla pendeu para a frente. Camilla estremeceu, empertigou-se com um sobressalto... e depois tornou a pender para a frente, adormecida. E de repente, como se estivesse impresso em letras de fogo, Magda compreendeu tudo. Nunca soube se foi laran ou qualquer outra coisa, mas teve certeza. O vinho fora drogado. E provavelmente uma parte da comida também.

Cholayna não comeu quase nada da comida que nos trouxeram. Não pode estar drogada. Devo acordá-la imediatamente e alertá-la. Mas Magda não podia se mexer, sentia-se mais nauseada e tonta do que nunca. E pensou, apavorada: Também estou drogada! Ela tentou se forçar ao movimento, a despertar, a gritar para Camilla, para Cholayna. Mas não podia se mexer.

Capítulo Quinze

Magda lutou contra o torpor do cérebro, fazendo um esforço para se mexer. Tentou se projetar com o laran para Jaelle — Shaya, acorde, fomos drogadas, é uma armadilha, Camilla estava certa! Ela tentou se erguer, engatinhar até a companheira livre, sacudi-la para arrancá-la do sono drogado e embriagado; Jaelle bebera mais do vinho drogado do que as outras. O que não é de admirar. Ela suportou o peso total desta viagem, desde o início, e agora, quando relaxou, agora que se entregou ao sono, talvez eu não consiga despertá-la. Jaelle provavelmente se encontrava tão embriagada e drogada que seria impossível acordá-la. Mas se ela conseguisse entrar em contato com Camilla, despertá-la...

Magda lutou contra sua fraqueza e vertigem, a cabeça latejando e a náusea, concentrando-se na dor. Deu graças à Deusa por não ter engolido a última pílula para dormir de Cholayna, ou agora também estaria num sono profundo, junto com as amigas drogadas; e as pessoas da aldeia poderiam roubar a carga, talvez cortar as gargantas de todas... ou qualquer outra coisa que quisessem.

Cholayna quase não bebera o vinho drogado, comera muito pouco do jantar trazido pelas mulheres da aldeia. Talvez fosse a mais fácil de despertar... Magda tentou erguer a cabeça, cerrar os punhos, qualquer movimento A dor dilacerou sua testa, como facas cegas, mas forçou a cabeça para cima, afastando-a um pouco do fardo que servia como travesseiro. Apoiando-se nas mãos, com tanta náusea que tinha certeza de que ia vomitar, ela conseguiu se levantar pouco a pouco, até ficar sentada.

— Cholayna — sussurrou ela, a voz rouca. Mas a terráquea não respondeu nem se mexeu. Magda especulou se sua voz era audível, se de fato fizera algum movimento, se tudo aquilo não passava de um dos terríveis pesadelos em que a pessoa se convence de que saiu da cama para fazer alguma coisa, quando na verdade permaneceu imóvel, num sono profundo... Magda conseguiu erguer o punho e bateu na têmpora. A dor resultante convenceu-a de que

os movimentos eram reais. Pense! ela disse a si mesma. A conselho de Cholayna, ela não bebera o vinho drogado, e era improvável que tivessem drogado toda a comida; ao que tudo indicava, ingerira muito pouco da droga, e Cholayna ainda menos. Se eu conseguisse ao menos despertá-la!

Se ao menos Cholayna fosse uma das terráqueas que tinham o dom do laran! Pelo que Magda sabia, isso não acontecia. Lutando contra a fraqueza, a náusea e as lágrimas, Magda conseguiu de alguma forma engatinhar por cima de Vanessa; no profundo sono drogado, Vanessa resmungou em protesto.

— Deite e fique quieta, deixe-me dormir...

Ela estava mais próxima, mais fácil de alcançar. Magda tentou sacudi-la, mas só foi capaz de segurar debilmente o ombro de Vanessa, e sua voz não passava de um sussurro rouco:

— Vanessa! Acorde! Por favor, acorde!

Vanessa tornou a se remexer, virando-se pesadamente, puxando o travesseiro improvisado, como se quisesse usá-lo para cobrir o rosto. Magda, seu laran todo aberto, sentiu que a mulher recuava ainda mais pelos sonhos.

Haviam se tornado vítimas voluntárias das pessoas da aldeia. O passo assustador, a desolação vazia de Barrenscloe... e depois uma aldeia hospitaleira, uma casa de banhos, boa comida e bastante vinho. A maioria dos viajantes dormiria o sono quase dos mortos ao final de uma trilha assim, mesmo sem a droga diabólica que os aldeões haviam usado para terem certeza.

Vanessa dormia quase tão profundamente quanto Jaelle. Bebera muito do vinho drogado, depois da longa provação de viajar com o tornozelo machucado. Assim, tinha de ser Cholayna. Mesmo em sua luta desesperada, a cabeça latejando e o corpo e cérebro se recusando a obedecer, Magda experimentou um impulso de riso histórico ao pensamento do que Vanessa poderia concluir se acordasse de repente e descobrisse a ela, Magda, estendida por cima de seu corpo daquele jeito. Mas Magda não podia fazer com que seu corpo obedecesse o suficiente para se erguer e andar, por isso não tinha alternativa a não ser rastejar por cima de Vanessa.

Se eu conseguir despertá-la, não me importarei com o risco de ela pensar que é um estupro, pensou Magda; mas embora Vanessa murmurasse e praguejasse no sono, até mesmo batesse fraco em Magda uma ou duas vezes, não despertou. Agora, no entanto, Magda se encontrava bastante perto para agarrar o ombro de Cholayna.

— Cholayna! — sussurrou ela. — Cholayna, acorde! Cholayna Ares comera pouco, quase não bebera, mas fora uma viagem longa e extenuante, seu sono era pesado. Magda sacudiu a mulher mais velha, debilmente, esforçou-se para ser ouvida, por vários minutos, até que Cholayna abriu os olhos abruptamente e fitou-a. Agora plenamente desperta, Cholayna balançou a cabeça, em incredulidade.

— Magda? Qual é o problema? Sua cabeça está pior? Você precisa...

— A comida... o vinho... drogados! Camilla tinha razão. Olhe para ela. Nunca dormiria num turno de vigia desse jeito...

Mas Magda precisava fazer um tremendo esforço até para fazer com que seu sussurro tenso e rouco fosse ouvido; tremia e definhava, da pior forma possível.

— Falo sério, Cholayna! Não estou... bêbada... nem maluca...

Alguma coisa na premência de Magda, se não em suas palavras, penetrou na mente de Cholayna, que sentou e correu os olhos pelo celeiro. Mais uma vez, Magda, tremendo e incapaz de coordenar o que estava acontecendo, viu aflorar a mulher que tivera o encargo de treinar as agentes do serviço de informações.

— Pode sentar? Pode engolir? — Cholayna se levantou num movimento rápido, procurando uma cápsula em sua mochila.

— Isto é apenas um estimulante suave. Não me agrada a idéia de dá-lo a você, porque pode ter uma concussão, mas está consciente, e as outras não. Tente engolir.

Magda enfiou a cápsula na boca, conseguiu forçá-la pela garganta, especulando vagamente qual seria o efeito de um estimulante terráqueo quando misturado com a droga que os aldeões haviam usado, qualquer que fosse. Isto pode me matar, ela

compreendeu. Mas, por outro lado, provavelmente é melhor do que expor impotente às intenções dos aldeões...

Amparando Magda com um braço, Cholayna encaminhou-se para Camilla, sentada sobre um fardo, num sono profundo, com a faca estendida nos joelhos. Ela se abaixou, sacudiu Camilla vigorosamente. Camilla despertou, já lutando, golpeando com o lado cego da faca; piscou aturdida, ao reconhecer Cholayna, recuou.

— Mas o quê...? — ela sacudiu-se toda, como um cachorro molhado. — Por todos os infernos, eu estava dormindo num turno de vigia?

— Fomos drogadas. No vinho com toda certeza, talvez também em uma parte da comida. Precisamos ficar de guarda contra... o que quer que eles tenham planejado.

A cabeça de Magda começava a desanuviar; ainda latejava, mas a dor agora era suportável, desde que ela não tivesse de enfrentar a vertigem do pensamento e movimento. Cholayna ofereceu a Camilla uma cápsula do mesmo estimulante que dera a Magda, mas Camilla recusou, esfregando os olhos com os punhos para afugentar o sono.

— Estou bem agora, já acordei. Pelos demônios sodomitas de Zandru! Eu desconfiava de algo assim, mas nunca imaginei que a comida fosse drogada. Que idiota eu fui! Será que aquela parteira... Calisu... será que a mandaram para nos tranquilizar e desarmar as suspeitas?

Cholayna abria outra vez a sua bolsa de equipamentos médicos, murmurando:

— Eu me pergunto se Lexie e Rafaella não estão enterradas em algum lugar, com as gargantas cortadas.

Magda estremeceu. Nem mesmo pensara nessa possibilidade; e balbuciou:

— Não creio que uma mulher que usa o brinco pudesse fazer isso com suas irmãs...

Mal acabara de falar, porém, ela compreendeu que não havia como ter certeza de que o brinco não fora roubado. Cholayna pegara uma ampola, mas comentou baixinho:

— Não posso usar isto, pois Vanessa é alérgica. Oh, droga!

— De que outra maneira ela saberia sobre a Casa da Guilda de Nevarsin?

— Talvez ela não soubesse que não existe nenhuma; o que Jaelle interpretaria daquela maneira. Pode ter sido como dizer “no mercado de peixe de Temora”; qualquer pessoa presumiria e há um à beira-mar. É o que se costuma dizer... “Não precisa laran para profetizar neve no solstício do inverno.” Toda a coisa pode ter sido inventada, à exceção do nome de Shaya.

— Só de uma coisa podemos ter certeza — declarou Cholayna. — Não fomos drogadas por bondade rústica, para termos uma boa noite de sono. Vamos parar de conversar e tentar acordar as outras. Magda... você conhece o tipo de endorfino de Jaelle?

— O tipo o quê?

— Então não conhece — disse Cholayna, resignada.

Camilla sacudiu Jaelle furiosamente, mas foi inútil. Jaelle se debateu e murmurou, abriu os olhos, mas olhou sem ver. Ao final, Camilla arrastou-a para um canto, dentro do saco de dormir.

— É como se ela estivesse agora na Caverna do Eremita no Pico de Nevarsin, por tudo o que pode nos adiantar numa luta.

— É uma sorte que nem todas nos encontremos no mesmo estado.

— Cholayna — disse Camilla — se algum dia eu fizer mais algum comentário sobre sua dieta de opção, pode me chutar. Com toda força. Podemos despertar Vanessa, pelo menos em parte?

— Eu não consigo — respondeu Cholayna.

— E ela poderia lutar, com seu tornozelo do jeito que está? — acrescentou Magda.

— Muito bem, então tudo depende de nós — declarou Camilla. — Vamos levá-la para um lugar em que não corra o risco de ser ferida se houver uma luta. Não, Margali, você não. Sente e descanse mais um pouco, enquanto pode. Sabia que está branca como uma geleira?

Cholayna empurrou Magda para o fardo sobre o qual Camilla dormira; e as duas carregaram Vanessa para trás de toda a carga.

— Há trancas nas portas que possamos usar? Isso talvez os retardasse por algum tempo.

— Verifiquei antes do jantar — informou Camilla. — Não é de admirar que nos tenham posto num celeiro, em vez de uma estalagem. Ninguém espera que haja plena segurança num celeiro.

— Acha que toda a aldeia está envolvida?

— Quem sabe? A maioria, provavelmente. Já ouvi falar de aldeias de ladrões, mas sempre pensei que não passava de uma lenda.

Elas falavam em sussurros tensos. Camilla foi até a porta principal e entreabriu-a, espiando lá fora com a maior cautela. O vento e a neve entraram no celeiro, como um animal vivo rondando à procura de presas; a porta quase escapou ao controle de Camilla, que teve de recorrer a toda a sua força para tornar a fechá-la.

— Ainda está nevando e ventando. Que horas são?

— Só Deus sabe — respondeu Cholayna. — Não estou com meu cronômetro. Magda advertiu-me a não trazer qualquer coisa de fabricação terráquea óbvia que não seja vendida abertamente em Thendara ou Caer Donn.

— Não pode ser muito tarde — disse Magda. — Não cheguei a cair num sono profundo. Não se passou mais de uma hora desde que nos recolhemos. Eu diria que eles vão esperar mais um pouco, para terem certeza.

— Depende da droga que nos deram, do tempo que leva para causar seus efeitos, e qual a duração — comentou Camilla. — Acho que devemos ficar meio atentas a Shaya e Vanessa, para o caso de elas começarem a sufocar até a morte.

Magda estremeceu com o tom casual da voz de Camilla, que continuou:

— Se a droga tem uma ação rápida e de curta duração, eles virão para cá a qualquer momento. Se tivermos sorte, confiarão plenamente na droga e enviarão um único homem para cortar nossas gargantas. Nesse caso, talvez possamos escapar.

Ela fez um gesto sinistro e decidido com a faca, antes de acrescentar:

— Depois, enquanto eles esperam que o homem volte para dar o aviso de que podem recolher o saque, nós tratamos de sair daqui.

Mas se não tivermos sorte, toda a aldeia pode vir com malhos e forcados.

Camilla foi até a entrada lateral, pela qual Calisu entrara para transmitir o recado. O vento não era tão forte ali, mas ainda assim entrou pelo celeiro. Ela olhou para a neve caindo e soltou um resmungo rouco de consternação. Magda ficou esperando que ela tornasse a fechar a porta, mas em vez disso Camilla, saiu e, depois de um momento, chamou-a.

— Aqui está a resposta para uma indagação — disse ela, sombriamente, apontando.

Já coberta por uma fina camada de neve, Calisu estava estendida no chão, os olhos mortos contemplando a tempestade, a garganta cortada de orelha a orelha.

Camilla bateu a porta e praguejou.

— Espero que a esposa do chefe entre em trabalho de parto amanhã, com um nascimento transversal obstruído! Pobre-coitada, devem ter pensado que ela veio nos avisar!

— Vamos deixar o corpo aí?

— Não há outro jeito — respondeu Camilla. — Se descobrirem que desapareceu, então saberão que estamos alertadas. Pelo fogo do inferno, Magda, acha que tem mais alguma importância para ela onde seu corpo se encontra?

— Acha que ainda é bastante cedo para podermos escapar... sair daqui furtivamente antes que eles venham? — sugeriu Cholayna.

— Não há a menor possibilidade, não com Jaelle e Vanessa ainda mortas para o mundo. Um chervine solta um balido e eles caem em cima de nós. Provavelmente estão sentados naquela estalagem que nos disseram que não existe, afiando suas facas.

Camilla ficou imóvel, com as mãos nos quadris, o rosto franzido, analisando a situação.

— Vamos empilhar toda a carga na porta lateral... — ela apontou. — Isso vai servir para retardá-los. E ficaremos esperando na porta da frente. Magda, você está bem?

— Estou ótima.

Magda não tinha a menor idéia se era o estimulante de Cholayna ou a adrenalina do perigo, mas sentia-se quase que agradavelmente preparada para o combate. Camilla tinha a faca na mão. Magda verificou se sua adaga estava solta na bainha. Há muito tempo que ela não enfrentava qualquer inimigo humano, mas achava que seria um ato digno de louvor matar quem quer que cortara a garganta da inofensiva parteira. Ela começou a ajudar a empilhar as cargas contra a porta lateral, mas Cholayna interrompeu-a de repente:

— Tenho uma idéia melhor. Vamos pôr as cargas nos animais. Assim, quando eles vierem, poderemos passar por cima, se Jaelle e Vanessa já tiverem despertado. Se não... poderemos escapar assim que os primeiros atacantes forem liquidados.

— Não vejo muita esperança de fuga — disse Camilla — mas você tem razão; precisamos estar preparadas para sair daqui sem perder tempo a carregar e selar os animais. Faremos isso mas fiquem de olho na porta da frente, porque será por ali que eles virão.

— Vamos empilhar alguns fardos na porta — sugeriu Magda.

— Não. Com isso, eles saberiam que estamos alertadas e avançariam já com as facas na mão. Se entrarem aqui pensando que estamos profundamente adormecidas e à mercê para o massacre, poderemos liquidar alguns de surpresa. Qualquer coisa que diminua as chances contra nós é mais do que justa nas circunstâncias.

Camilla começou a ajeitar os fardos nos chervines, enquanto Magda selava o seu pônei e o de Jaelle. Cholayna foi ajudar Camilla com a carga, pegando tudo que se encontrava junto da porta. Magda compreendeu, com um calafrio pela espinha, que Camilla abria o espaço para uma luta. Já vira Camilla lutar; em uma ocasião lutara a seu lado... Sua cabeça ainda latejava um pouco, mas afora isso se encontrava absolutamente lúcida, via tudo com contornos firmes e claros. Começou a pôr a sela no cavalo de Camilla, percebeu que era a sela de Vanessa, maior, efetuou a troca, dizendo a si mesma: Se não tomar cuidado, daqui a pouco estarei selando chervines. Os cavalos estavam selados; os chervines carregados. Se eles nos matarem, pelo menos terão alguma dificuldade para se

apoderarem de nossas coisas, pensou Magda, e se perguntou no mesmo instante por que isso tinha importância.

Camilla acocorou-se de frente para a porta, os dedos tocando de leve na espada. Os estatutos das renunciantes determinavam que nenhuma Comhi'letziis podia usar uma espada, apenas a faca comprida das amazonas, por lei sete centímetros mais curta do que a espada normal; mas Camilla, que vivera por anos como um soldado mercenário, usava a espada que conquistara como homem, e ninguém jamais a contestara. Ela sorriu para Magda e disse:

— Lembra o dia em que lutamos contra os homens de Shann, e você desonrou sua espada? Não poderia esquecer?

— Lute tão bem quanto naquele dia, e não terei medo de nenhum bandido nas colinas Kilghard.

Cholayna, meio sorrindo, encostara-se na parede. — Ouviram alguma coisa? — indagou ela, abruptamente. Silêncio, exceto pelo zunido da neve caindo e o vento uivando pelos beirais do telhado. Algum pequeno animal fez um barulho na palha. Depois da atividade frenética dos últimos minutos, Magda tornara-se um pouco deprimida, o coração batendo forte, o gosto metálico do medo na boca. O tempo foi se arrastando. Magda não tinha a menor idéia se já passara uma hora, 10 minutos, metade da noite. O tempo perdera o sentido.

— Por que eles não vêm logo de uma vez? — murmurou Cholayna, a voz tensa, saindo pelos dentes quase cerrados.

— Eles podem estar esperando que apaguemos a última luz — respondeu Camilla. — Mas que Zandru me açoite com escorpiões se Vou lutar no escuro; se tivermos de esperar até de manhã, muito bem. Prefiro que eles não venham nunca.

Magda gostaria que a luta, se era inevitável, ocorresse o mais depressa possível; mas, ao mesmo tempo, recordou em detalhes nítidos a sua primeira luta, sentindo a dor terrível da espada cortar sua coxa e deixá-la aberta. Estava apavorada. Já Camilla parecia muito calma, como se na verdade se sentisse satisfeita pela perspectiva de uma boa luta. Talvez isso aconteça. Afinal, ela ganhou a vida como um soldado mercenário só Deus sabe por

quantos anos! E de repente, no silêncio, Magda ouviu Cholayna aspirar fundo. A terráquea apontou para a porta.

Lentamente, estava sendo empurrada para dentro, o vento uivando pelas beiras. Um rosto esticou-se pela fresta; um rosto redondo, desdenhoso, coberto de cicatrizes. No mesmo instante o bandido avistou a luz, o espaço desobstruído e as mulheres à sua espera, mas antes mesmo que abrisse a boca para soltar um grito de advertência, Cholayna desferiu-lhe um chute de vaidô e a cabeça explodiu, o sangue esguichando para todos os lados; ele caiu e ficou imóvel. Camilla inclinou-se para arrastar o homem, inconsciente ou um cadáver, para fora do caminho; outro bandido entrou correndo, e ela atacou-o. O homem caiu no instante seguinte, soltando um uivo curto e grosso. O homem seguinte teve o pescoço quebrado por um golpe rápido da mão de Magda.

— Estou vendo que pelo menos você não esqueceu tudo — sussurrou Cholayna, em tom de aprovação.

Houve um momento de silêncio, e depois o homem cuja barriga Camilla abrira com a espada recomeçou a gritar. Magda encolheu-se aos gritos terríveis, mas não fez nada. Afinal, o homem estava disposto a cortar as gargantas de todas, enquanto dormiam. Não lhe devia qualquer compaixão; mas, quando Camilla se adiantou, a faca levantada para silenciá-lo de uma vez por todas, o bandido tornou a cair para trás, com um gorgolejo final, e o celeiro ficou de novo quase em silêncio. Há mais bandidos lá fora, com toda certeza, pensou Magda, mais cedo ou mais tarde nos atacam ao mesmo tempo. Estavam com sorte até agora: Magda matara seu homem, e o que Cholayna chutara podia não estar morto, mas não tinha mais qualquer possibilidade de lutar...

A porta foi aberta bruscamente e o celeiro encheu-se de homens, gritando como demônios. Camilla correu para o que estava mais adiantado, Magda logo descobriu-se a lutar com sua faca quase que num combate corpo-a-corpo, Cholayna se encontrava no meio de um grupo, combatendo como alguma diaba ou heroína lendária, desferindo chutes com uma precisão quase sempre fatal. O oponente seguinte de Magda passou por cima de sua adaga e obrigou-a a recuar, meio desequilibrada; ela sentiu a faca do homem

cortar seu braço, desferiu um chute desesperado, depois acertou um cotovelada em sua garganta, jogando-o para o lado, inconsciente. Magda podia sentir o sangue escorrendo por seu braço, mas outro bandido já a atacava, não havia tempo para dor ou medo.

Um deles, correndo na direção dos cavalos, literalmente tropeçou em Jaelle; ele se inclinou no instante seguinte, com uma adaga na mão, e Magda atacou-o por trás, soltando um berro de advertência. Passou a faca pela garganta do homem com uma força que nunca imaginara que possuía, e ele caiu, meio decapitado, por cima de Jaelle — que acordou, meio atordoada, murmurando palavras incoerentes, sem entender o que estava acontecendo. E tão depressa quanto começara, tudo acabou. Havia sete homens estendidos no chão, mortos ou inconscientes. Os outros bateram em retirada, talvez para se reagruparem, Magda não sabia nem se importava naquele momento.

— O que está acontecendo? — balbuciou Jaelle.

— Cholayna — ordenou Camilla — pegue aquelas pílulas em sua mochila, e obrigue Jaelle e Vanessa a tomarem! Essa foi apenas a primeira investida, eles voltarão!

Jaelle piscou, e Magda percebeu que seus olhos entravam em foco.

— Fomos envenenadas? Drogadas?

Cholayna acenou com a cabeça, gesticulando autoritária para que Jaelle tomasse a cápsula de estimulante. Forçando a cápsula a descer pela garganta, Jaelle explodiu:

— Malditos sejam! Tiveram a desfaçatez de barganhar conosco o preço da comida e até o do vinho!

Ela saiu de seu saco de dormir, tentou tirar Vanessa do outro, acabou desistindo. Pegando sua faca, Jaelle foi se postar ao lado de Camilla. Ainda parecia um pouco tonta, mas o estimulante já fazia efeito. Magda pensou: Tivemos sorte no primeiro combate, e Cholayna é uma lutadora extraordinária para alguém de sua idade. Mesmo assim, não há a menor possibilidade de nós quatro — e mesmo que Vanessa ainda desperte a tempo — matarmos uma aldeia inteira! Morreremos aqui... Mas talvez não, especulou Magda; agora que os aldeões sabiam que as mulheres não seriam presas

fáceis, não poderiam barganhar por suas vidas? Olhando para o rosto de Camilla, ela compreendeu que a espadachim não admitiria tais idéias; estava disposta a lutar até a morte. Que outras defesas elas tinham?

Provavelmente atacariam todos ao mesmo tempo. Magda estava consciente agora da dor no braço ferido, e sua cabeça começava a latejar. O homem estripado por Camilla recomeçou a gemer, inesperada mente; Camilla ajoelhou-se no mesmo instante e cortou-lhe a garganta. Depois de limpar a faca no casaco esfarrapado do morto, Camilla levantou-se. Magda sentiu que quase podia ler seus pensamentos, conhecendo o código de honra dos mercenários. Camilla estava mais do que disposta a morrer bravamente. Mas eu não quero morrer bravamente, pensou Magda. Não quero Morrer de Jeito nenhum. E não ter as mortes de Cholayna e Vanessa na consciência, se sobreviver! Existe alguma alternativa? E de repente, com um terrível senso de déjà vu, ela avistou um rosto espiar pela abertura da porta, como se voltassem para o início da luta.

“Pense, vamos, pense! De que adianta ter laran se isso não pode salvar sua vida agora!” Um bandido correu em sua direção, com a faca levantada. Magda golpeou-o com força, sentiu-o desfalecer... mas elas estavam em inferioridade numérica. Desesperada, Magda projetou-se com seu laran, recordando um truque antigo; vendo subitamente, como uma imagem pintada por trás de seus olhos, à beira do fogo em Armida, Damon relatando uma batalha travada com laran, há muito tempo.

Jaelle! Shaya, ajudem-me! Jaelle lutava por sua vida, com um bandido de camisa vermelha. Magda projetou seu laran, com um desespero cada vez maior, criou uma imagem, viu os bandidos recuarem; por cima deles, no celeiro, um demônio flutuava, não um demônio darkovano, mas um demônio antigo do mito terráqueo, com chifres, rabo, e um terrível cheiro de enxofre...

A linha de homens se rompeu e recuou. Depois, a mente de Jaelle fez contato com a de Magda, as duas se unindo em uma; e subitamente uma dúzia de demônios com enormes presas, armados com espadas, confrontavam os bandidos. Os aldeões tornaram a

vacilar, continuaram a recuar, e depois, com gritos de pavor, viraram as costas e fugiram. Alguns até largaram suas armas pelo caminho. Vanessa escolheu esse momento para despertar e sentar. Correndo os olhos pelo celeiro, atordoada, avistou os demônios, soltou um guincho estrangulado e escondeu o rosto nas cobertas. O cheiro de enxofre ainda persistia. Cholayna correu apressada para Vanessa, exortando-a a se levantar. Camilla disse:

— Isso fez com que eles fugissem, mas não será por muito tempo! Vamos sair daqui enquanto podemos!

Rapidamente, elas montaram nos cavalos. Vanessa ainda sacudia a cabeça e murmurava palavras incoerentes. Magda verificou seu braço sangrando. Calculou que não precisava se preocupar, embora o sangue ainda escorresse lentamente do corte. Se uma veia tivesse sido cortada, ela disse a si mesma, haveria uma hemorragia maior; e se a artéria fosse atingida, eu já teria sangrado até a morte. Ela rasgou uma tira da túnica inferior depois que subiu no cavalo, e fez um torniquete, segurando o pano com os dentes para ter as duas mãos livres. Os cavalos agrupados, os chervines puxados pelas rédeas, elas se encaminharam para a porta.

— Esperem um pouco — disse Jaelle, e Magda sentiu o contato de seu laran. — Vamos providenciar para que eles não entrem aqui por um longo tempo...

Magda olhou para trás, contemplando o rosto e o corpo da Deusa, a túnica escura cintilando com estrelas, asas faiscantes estendendo-se pelos espaços escuros do celeiro, um halo rodeando a cabeça, os olhos penetrantes, pesarosos, aterradores. Ela não invejava o aldeão que tentasse usar aquele celeiro de novo, mesmo que fosse para um propósito inocente. Onde encontrara aquela imagem em sua mente? Na noite daquela primeira reunião da Irmandade?

Saíram juntas para o vento e a neve. Uns poucos aldeões agrupavam-se ali perto, ficaram observando-as partir, mas não fizeram qualquer tentativa de detê-las. Talvez ainda vissem os demônios que ela e Jaelle haviam criado. E, de repente, Magda sentiu-se assustadoramente nauseada e tonta. Segurou-se na sela com as duas mãos, tentando evitar uma queda do cavalo. O braço

ferido — o mesmo braço que esfolara ao rolar pela encosta da montanha, ela compreendeu pela primeira vez — ardia numa dor intensa, a cabeça latejava como se cada pulsação do sangue fosse uma pedra separada arremessada em sua testa; mas agarrou-se na sela, desesperada. O importante agora era colocar tanto espaço quanto fosse humanamente possível entre elas e aquela aldeia miserável. Magda tentou se manter na sela com uma das mãos apenas, enquanto puxava o lenço sobre o rosto para proteger os olhos um pouco do vento forte — sem muita sorte. Inclinou-se para a frente, aninhando o rosto no casaco, cavalgando num sinistro pesadelo de dor. Mal pôde ouvir a voz de Camilla a seu lado.

— Margali? Bredhiya! Você está bem? Pode montar sozinha?

Não é isso o que estou fazendo? E faria alguma diferença se eu dissesse que não, ela tentou falar, irritada; mas a voz não lhe obedeceu. Sentiu que lutava contra as rédeas, lutava contra o cavalo, que não queria lhe obedecer. Mais tarde, soube que lutara e tentara agredir Camilla, quando a mulher mais velha tirou-a do cavalo.

E depois a mente de Magda escureceu, ela mergulhou num sonho tenebroso de demônios gritando, imobilizando numa baía, enquanto um kyorebni com cara de banshee bicaba seu braço e ombro; e depois bicou seus olhos, ela ficou cega, não soube de mais nada.

Capítulo Dezesseis

Ela vagueava pelo mundo cinzento; sozinha, informe, sem pontos de referência. Vagueava por ali há cem mil vezes cem mil anos. E depois, num universo sem forma e vazio, surgiram vozes. Vozes estranhamente sem som, ressoando em seu cérebro a latejar. Acho que ela está recuperando os sentidos. Breda mea, bredhiya, abra os olhos, fale comigo. Não graças a você, se é que isso ocorre. Era a voz de Jaelle, e Magda refletiu, no cinzento informe, que a emoção que formava, habitava e vibrava na voz de Jaelle era agora de raiva; uma ira profunda, visceral, sincera. Você diz que a ama muito, mas não faz nada para ajudar... Não há nada que eu possa fazer. Não sou leronis, deixo isso para você... Já a ouvi dizer isso antes, Camilla, e não acredito agora da mesma forma que não acreditei antes. Se é sua fantasia, como pode muito bem ser seu privilégio, dizer em todas as ocasiões que nasceu sem laran e se manter irredutível nessa posição quando não causa mal a ninguém, além de você, que assim seja; mas quando a própria vida dela está em jogo... A própria vida? Não diga bobagem; as deusas sejam louvadas, ela respira, ela vive, está despertando... breda, abra os olhos.

O rosto de Camilla aflorou do mundo cinzento, pálido contra uma escuridão fria, estrelada. Magda balbuciou o nome dela, a voz trêmula. Por trás de Camilla, podia agora divisar Jaelle; e se lembrou da luta e suas conseqüências.

— Onde estamos? Como conseguimos escapar de... daquele lugar?

— Estamos tão longe que não é provável que eles venham atrás de nós — disse Cholayna, em algum lugar fora do campo de visão de Magda. — Você permaneceu inconsciente por quatro ou cinco horas.

Magda levantou a mão e esfregou o rosto. Doía. Camilla murmurou:

— Desculpe, Margali... não tive alternativa. Você não queria me deixar tirá-la do cavalo para poder carregá-la em minha sela...

parecia pensar que eu era outra daquelas criaturas da aldeia.

Ela tocou ternamente no ponto dolorido no queixo de Magda, antes de acrescentar:

— Tive de bater em você para deixá-la desacordada. Enquanto a curava, Shaya, não poderia ter dado um jeito nisso também?

— Você não sabe coisa alguma a respeito.

Os lábios de Jaelle ainda estavam contraídos em tensão, ela não olhava para Camilla. Levantou os dedos para a costura vermelha e estreita da cicatriz de faca em seu próprio rosto, murmurando:

— Pelo menos pude lhe retribuir por isto. — Anos antes, Magda descobrira seu próprio laran, ajudando Dama Rohana a curar aquele ferimento. — Como se sente?

Magda sentou, tentando avaliar como se sentia. A cabeça ainda doía; além disso, tinha a impressão de que não havia qualquer outro problema. E então ela se lembrou.

— Meu braço... a faca...

Ela olhou curiosa para o braço. Ficara esfolado, em carne viva, na queda, depois fora rasgado pela faca do bandido, mas havia apenas uma cicatriz tênue, como se há muito curado. Jaelle invocara a força de seu laran para curar a própria estrutura das células.

— O que mais eu podia fazer? — disse Jaelle, jovialmente. — Afinal, dormi durante a maior parte da luta. E Vanessa só despertou uma hora depois de sairmos da aldeia. Acho que ela não acreditou que houve mesmo uma luta até que viu seu braço, Margali.

— Mais alguém ficou ferida?

— O nariz de Cholayna estava sangrando, mas um pouco de neve acabou com a hemorragia — informou Camilla. — E um dos desgraçados cortou a minha melhor túnica de festa, embora a pele por baixo tenha ficado pouco mais que arranhada. Além disso, as costelas de Jaelle passarão dez dias doloridas, por causa daquele bandido que você esmagou contra o peito dela.

Magda lembrou agora, vagamente, de tentar puxar um bandido que se lançara sobre Jaelle, cortando a garganta do atacante no processo. Tudo parecia meio turvo, como um pesadelo, e ela preferia que continuasse assim.

— Tivemos sorte de escapar de lá vivas e incólumes — comentou Jaelle. — Camilla, eu lhe devo um pedido de desculpas.

— Nove em dez vezes você estaria certa e o lugar seria tão seguro quanto a Casa da Guilda — resmungou Camilla.

— E você ainda insiste que não tem laran.

— Pare com isso, Shaya, ou juro por minha espada que torcerei seu pescoço. Nem mesmo você pode ir tão longe.

Jaelle cerrou os punhos, e Magda sentiu a raiva se avolumando outra vez nas duas, como linhas de força, vermelhas e tangíveis, se entrelaçando no ar, entre as mulheres. Fez um esforço para falar, romper a tensão, mas compreendeu que mal podia sentar, mal conseguia sussurrar.

— Camilla...

Jaelle deixou escapar a respiração que prendia.

— Pelo fogo do inferno, que importância isso tem? Você ouviu o aviso, parenta, chame como quiser. Não duvido que salvou nossas vidas. É isso o que importa. Vanessa, o chá está pronto?

Ela entregou uma caneca fumegante a Magda, acrescentando:

— Beba isto. Descansaremos aqui até que haja clareza suficiente para vermos o caminho.

— Eu montarei guarda — propôs Vanessa. — Acho que dormi o suficiente por dez dias.

— E eu ficarei com você — disse Jaelle, tomando um gole de outra caneca fumegante. — Estas três tiveram uma luta e tanto, merecem um bom descanso. Vamos também descarregar os animais até de manhã. Cholayna, ainda resta alguma fruta seca?

Cholayna gesticulou na direção de um alforje.

— Mas você não pode estar com fome, depois da refeição... creio que nenhuma de nós poderá sentir fome por três dias!

Mas Magda, observando Jaelle comer algumas passas, sabia que uma fome intensa sempre sucedia o esgotamento do laran. Camilla também pegou um punhado de passas.

— Muito bem, meninas, podem ficar de guarda, já que perderam toda a diversão — disse ela.

Camilla estendeu suas mantas ao lado de Magda e Cholayna. Magda sentiu-se subitamente preocupada com Camilla. Ela não era

mais uma jovem, e fora uma luta terrível. Além disso, Camilla ficara tão angustiada com ela que provavelmente não se dera ao trabalho de verificar qual era o seu estado. Mas sabia que, se perguntasse, Camilla faria uma questão de honra de insistir que não tinha problema algum. Cholayna, abaixando-se para ajeitar suas mantas, hesitou por um instante.

— Devo abafar a fogueira? Pode nos mostrar a... a qualquer coisa que esteja rondando pelo bosque.

— É melhor deixar assim. Qualquer coisa de quatro pernas seria afugentada pelo fogo. E qualquer coisa de duas pernas... que a Deusa nos guarde... poderemos ver quando se aproximar. Não quero que ninguém... ou qualquer coisa... se esgueire para me atacar no escuro. -Jaelle riu, nervosamente. — Desta vez Vanessa e eu sustentaremos a luta, e deixaremos vocês dormirem.

Magda não sentia sono, mas sabia que devia descansar. A pele restaurada em seu braço comichava quase até o osso. O fogo foi se tornando cada vez mais baixo. Ela podia ver Vanessa, sentada num alforje; Jaelle se encontrava em algum lugar fora de seu campo de visão, mas Magda podia senti-la a andar pelos limites do acampamento, protegendo-o, como se estendesse asas para abrigá-lo... as asas escuras da Deusa Avarra, resguardando-as... Por muitos anos ela pensara em Jaelle como mais jovem, frágil e vulnerável, a ser protegida, da mesma forma como protegeria sua filha; e, no entanto, desde o início Jaelle tomara a liderança daquela viagem, assumira a responsabilidade pela segurança de todas. Sua companheira livre crescera; já era hora de Magda deixar de pensar em Jaelle como menos do que sua igual.

Ela é tão forte quanto eu, talvez até mais forte. Devo compreender que não posso e não preciso arcar com todo o peso sozinha. Jaelle, se eu deixar, cumprirá sua parte. E mais... Elas seguiram para o Norte, passando por território selvagem, através de trilhas pouco conhecidas, na direção do Kadarin, evitando as estradas principais e aldeias. Depois de cinco dias de viagem, alcançaram uma estrada mais movimentada; Jaelle disse que preferia se manter afastada das estradas principais. Especialmente por causa da companhia de Cholayna.

— Mesmo tão ao Norte, é possível que já tenha circulado pelas colinas o rumor de que entre os terráqueos em Thendara há alguns com a pele preta, e é sempre melhor não ter de responder a perguntas sobre o que estamos fazendo com uma terráquea. As renunciantes já despertam bastante curiosidade por aqui, e a presença de uma terráquea só serviria para aumentar o interesse. Vanessa poderia passar por uma montanhesa, porque algumas pessoas por aqui têm olhos como os seus. Seja como for, precisamos atravessar o Kadarin, e para isso devemos procurar um dos vaus principais ou pegar uma barça. As cheias da primavera devem ter tornado muito perigosos os vaus menos conhecidos.

— Assumirei qualquer risco que você determinar — declarou Vanessa.

— Vamos evitar os riscos desnecessários. Cholayna, mantenha o capuz cobrindo o rosto, e não responda a qualquer pergunta.

Finja que é surda e muda.

— Eu deveria ter ficado em Thendara, não é mesmo? Estou constituindo um risco para todas vocês.

Havia um tom de amargura na voz de Cholayna, mas Jaelle descartou com um gesto impaciente.

— O que está feito, está feito. Apenas procure permanecer retraída e obedeça às ordens, isso é tudo o que eu peço.

Por um momento, Magda especulou se sua companheira livre estaria contente em ver a terráquea, chefe do serviço de informações, recebendo ordens, em vez de dá-las, para variar, se Jaelle sentia-se satisfeita em ter Cholayna sob seu comando. Mas logo absolveu Jaelle, mentalmente, dessa mesquinhez. Ela própria poderia ter se sentido assim, pelo menos por um instante; Jaelle estava apenas, obviamente, preocupada com a segurança do grupo E, na verdade, provavelmente haveria menos perigo para qualquer delas, mesmo que Cholayna fosse reconhecida como uma terráquea, nos vaus e barças mais movimentados do que em alguma aldeia remota, onde o Kadarin poderia ser cruzado em segredo. Já haviam sofrido o suficiente numa aldeia remota para uma viagem inteira.

Meia dúzia de caravanas estavam na margem do rio. Camilla com uma túnica curta, os cabelos vermelhos desgrehados e feições

encovadas, cheias de cicatrizes, mal podendo ser identificada como uma mulher, percorreu os grupos acampados, à espera da barcaça. Voltou com uma expressão desapontada.

— Eu esperava encontrar Rafí aqui, junto com a mulher Anders.

Jaelle sacudiu a cabeça.

— De jeito nenhum, parenta. Elas estão muito à nossa frente. Camilla apertou os lábios, desviou o rosto, os olhos velados como os de um falcão.

— Há sempre uma possibilidade. Vamos vadear o rio, ou pagar ao barqueiro?

— Vamos vadear, é claro. Não quero que ninguém tenha oportunidade de dar uma boa olhada em Cholayna. Há um provérbio por estas colinas, curioso como um aprendiz de barqueiro. Qual é o problema? Está com medo de molhar os pés?

— Não mais do que você, chiya. Mas pensei que estávamos com pressa.

— Teríamos de esperar uma hora pelo barqueiro, e há todas aquelas pessoas na nossa frente — respondeu Jaelle. — Poderemos vadear assim que aquele homem, seus cachorros e chervines completarem a travessia.

Ela sacudiu a cabeça na direção de um grupo mal-organizado que começava a cruzar o Kadarin. Dois garotos impeliam cachorros e chervines para a água, com varas e ameaças, mulheres em saias de montaria seguravam-se na sela e gritavam: algo assustou um dos nervosos animais de montaria no meio do vau, fazendo-o empinar e jogar a mulher na sela dentro d'água. Uma hora transcorreu antes que o vau ficasse desocupado, e durante todo o tempo Jaelle andou de um lado para o outro da margem, irrequieta.

Magda podia perceber que ela sentia-se ansiosa em partir logo, a fim de mostrar aos homens como uma caravana organizada podia vadear um rio. A missão delas não permitia tal indulgência.

— Não se preocupe com isso — disse Magda, ao começarem a levar os animais de carga para a lama pisoteada na proximidade do vau.

— Pode mostrar a eles depois como uma guia renunciante é eficiente.

Jaelle sorriu, contrafeita.

— Sou tão transparente assim?

— Eu a conheço há muito tempo, brenda mea.

Elas atravessaram em ordem, Jaelle na frente com o chervine que servia como guia, depois Magda, Vanessa, Cholayna encapuzada como uma leronis na capa de montaria de Magda, e Camilla na retaguarda. Vadearam o Kadarin com mais facilidade do que haveria se esperassem pela barça, que naquele momento se encontrava num dos remoinhos do vau, enquanto o barqueiro e seus filhos, praguejando e gritando, tentavam impeli-la para a frente. Deixaram a barça e o Kadarin para trás, embrenharam-se pelas montanhas. A princípio, as encostas dos contrafortes eram suaves, e seguiram por trilhas bem-definidas, cada encosta levando a desfiladeiros profundos, povoados por coníferas e nuvens. Jaelle ia na frente, fixando o ritmo mais rápido que os cavalos podiam suportar. Aquela era a região natal dos chervines, que avançavam contra os ventos fortes com um prazer evidente.

Pouco a pouco, as colinas foram se tornando mais altas, os desfiladeiros agora eram entre paredões rochosos. Jaelle tomou o cuidado de não ser apanhada acima da linha das árvores depois do escurecer. À noite, porém, quando estavam aninhadas nos sacos de dormir duplos para terem mais calor, Magda estremeceu aos gritos estridentes dos banshees, nos passos congelados, os pássaros-espíritos que podiam paralisar qualquer presa ao seu alcance.

— O que é isso? — indagou Vanessa, a voz trêmula.

— Banshees. Leu sobre eles, lembra? Não costumam descer abaixo da linha das árvores, exceto num inverno bastante rigoroso, quando ficam famintos. E estamos num verão ameno.

— E que verão! — resmungou Cholayna. — Não me sinto aquecida desde que cruzamos o Kadarin.

— Então coma mais — sugeriu Magda. — As calorias são calor, além de nutrição.

Cholayna estava agüentando o ritmo, o frio e a altitude melhor do que Magda imaginara; ela deve ter sido uma agente de campo

excepcional. Contudo, à medida que os passos se tornaram mais íngremes, mais como trilhas de chervines, e eram obrigadas a desmontar e subir a pé os trechos mais difíceis — depois de Nevarsin, talvez precisassem abandonar por completo os cavalos passando a montar nos chervines — o rosto da terráquea parecia cada vez mais murcho, os olhos mais fundos. Camilla estava acostumada a viagens árduas, enquanto Vanessa às vezes agia como se toda a viagem fosse algo que ela organizara apenas pela diversão, as suas férias escalando montanhas. Essa atitude de vez em quando irritava Magda, mas ela refletia que Vanessa tinha o direito de se divertir, já que sua habilidade em montanhismo as ajudara em alguns dos piores trechos.

À frente ficava o Passo de Scaravel, a mais de sete mil metros de altitude. No quinto dia depois de atravessarem o Kadarin, elas acamparam na encosta inferior da estrada que levava a Scaravel, depois de um dia inteiro de avanço sob a neve caindo, o que reduzia a visibilidade a poucos metros. Camilla e Vanessa ficaram contrariadas, mas Magda até que se sentiu satisfeita com a circunstância; podia assim fixar os olhos na trilha, sem ter de confrontar em cada curva a visão de abismos sem fundo e as encostas íngremes de penhascos. O caminho se tornava escorregadio com a neve, mas não era realmente perigoso, pensou Magda, sem que lhe ocorresse que se acostumara a estradas que poucas semanas antes a fariam suar sangue.

— Ainda temos claridade, e restam apenas três ou quatro quilômetros até o topo — argumentou Vanessa. — Poderíamos efetuar a travessia ainda hoje.

— Com sorte, e não confio mais na sorte — declarou Jaelle, com firmeza. — Há banshees acima da linha das árvores aqui, como tenho bons motivos para recordar. Quer que eu a apresente a um deles no escuro? É mais fácil passar à luz do dia. E todas precisamos de um descanso e uma refeição quente.

Vanessa tinha uma expressão furiosa, e por um momento Magda teve certeza de que ela insistiria na discussão. Vanessa, porém, acabou se virando e começou a desencilhar seu cavalo.

— Você é quem manda.

— Quero todas as cargas soltas e redistribuídas antes de partirmos amanhã — determinou Jaelle. -Já consumimos uma quantidade considerável de suprimentos, e quanto menos peso os animais precisarem carregar, mais fácil será a travessia do Scaravel... e a passagem pelas montanhas além. Há passos além de Nevarsin que fazem o Scaravel parecer brincadeira de criança.

Magda foi ajudar com as cargas, enquanto Camilla acendia um fogo no fogão de acampamento e Cholayna pegava as rações. Àquela altura, já haviam definido uma rotina regular de acampamento, Não demorou muito para que um aroma agradável de comida se espalhasse pelo acampamento.

— Está nevando mais forte — disse Camilla, esquadrinhando o céu escuro. — Precisaremos das barracas. Venha me ajudar a armá-las, brenda.

Elas haviam adquirido o hábito de se alternarem sempre que armavam as barracas, trocando as ocupantes de cada uma de um acampamento para o outro. Magda teria preferido partilhar uma barraca permanentemente com Camilla ou Jaelle, mas compreendia a insistência de Jaelle para que não se dividissem em grupos, o que já causara o desastre em muitas expedições. Naquela noite, Magda partilharia a barraca menor com Vanessa, enquanto Camilla, Cholayna e Jaelle ficariam na maior. Vanessa, trocando as meias antes do jantar, vasculhou sua mochila pessoal, pegou uma escova e tentou dar um jeito nos cabelos.

— Acho que eu enfrentaria bandidos de novo pela oportunidade de tomar um banho — comentou ela. — Sinto os cabelos imundos, estou encardida da cabeça aos pés.

Magda concordou que esse era um dos piores problemas de uma viagem pelas estradas.

— Mas encontraremos uma casa de banhos para mulheres em Nevarsin, e talvez consigamos uma lavadeira para cuidar de nossas roupas.

— Vocês duas estão prontas para o jantar?

— Estou acabando de escovar os cabelos — disse Vanessa, amarrando um lenço de algodão sobre a cabeça.

Camilla serviu o ensopado nos pratos e distribuiu-os; elas se abrigaram sob as entradas das barracas, sentadas em alforjes, para comer. Magda sentia-se faminta e esvaziou o prato num instante, mas Cholayna limitava-se a empurrar a comida de um lado para o outro do prato.

— Cholayna, você devia comer mais do que isso — disse Camilla. — Se continuar assim...

— Mas que diabo, Camilla, não sou mais uma criança! — explodiu Cholayna. — Venho cuidando de mim há quase sessenta anos e não Vou admitir que ninguém fique me importunando assim! Sei que suas intenções são as melhores possíveis, mas estou cansada de receber ordens intermináveis!

— Então deve se comportar como se soubesse cuidar de si mesma como uma mulher adulta — disse Camilla, rispidamente. — Vem agindo como uma garota de quinze anos, que sai da Casa da Guilda em sua primeira excursão. Não quero saber que idade você tem, como é experiente em outros climas ou entre os terráqueos, aqui não sabe como cuidar de si mesma... ou estaria fazendo isso. E se não pode ser confiada para comer direito, então alguém deve providenciar para que faça isso...

— Espere um pouco, Camilla... — disse Jaelle. Camilla virou-se para ela, não a deixando continuar.

— Não comece você. Há dez dias que venho me contendo para não falar; se Cholayna negligencia a si mesma e cair doente, pode acarretar um risco para todas nós...

— Mesmo que isso seja verdade, não cabe a você dizer... Outra vez Camilla não a deixou continuar, tamanha era a sua fúria.

— A esta altura não importa mais a quem cabe falar! Se a líder não diz nada, então eu tenho de me manifestar. Há dias que venho esperando que você cumpra seu dever e fale com ela a respeito, mas porque a terráquea já foi sua chefe não teve a coragem ou o bom senso de dizer uma única palavra. Se é assim que você encara suas obrigações como comandante desta expedição...

— Cumpro o meu dever como acho certo — protestou Jaelle, com veemência — e não sou mais uma garota para ouvir suas reprimendas...

— Escutem bem, vocês duas! — interveio Cholayna. — Acertem suas divergências em outro lugar, e não me usem como um Pretexto. Tento comer tanto quanto posso de sua comida repulsiva, mas não é fácil para mim, e não preciso que me lembrem disso durante todo o tempo! Farei o melhor que posso; deixem assim está bem?

— Seja como for, Cholayna, o fato é que é verdade o que falaram — disse Vanessa.

— E você age como se elas não tivessem o direito de se manifestarem. Numa expedição como esta, porém, a polidez não é tão importante quanto a verdade. Se ficar doente, nós teremos de cuidar de você. Já lhe expliquei antes que nestas altitudes é fundamental forçar a ingestão de líquidos e calorias.

— Estou tentando, Vanessa, mas...

Magda entrou na discussão pela primeira vez:

— Mesmo que isso seja verdade, Vanessa... e também tudo o que você disse, Camilla... precisam ser tão duras com ela? Não se esqueçam de que esta é a primeira viagem no campo de Cholayna em muitos anos, e sua primeira experiência com este tipo de clima...

— Mais razão ainda para que ela aceite a orientação de quem tem experiência — disse Camilla.

Jaelle interrompeu-a:

— Acha que adianta alguma coisa você ficar gritando para ela como um banshee? Tenho certeza de que eu não conseguiria comer coisa alguma se você ficasse parada na minha frente gritando a plenos pulmões!

Magda levantou a mão, num gesto conciliador.

— Shaya, por favor.....

— Quer ficar fora disso, Margali? Cada vez que eu tento resolver alguma coisa, você tem que se meter. Camilla e eu não podemos conversar sem que você tente entrar no meio, como se tivesse medo de que se faça algo sem a sua participação...

Magda calou-se, com um grande esforço. Era muito parecido com o que Lexie dissera: Pelo fogo do inferno, Lome, será que não há nada neste planeta em que você não esteja envolvida? seria de fato essa a impressão que causava nas pessoas? Ela já ia dizer que

estava apenas tentando ajudar, mas compreendeu que, se não era óbvio, então não estava.

Cholayna pegara seu prato e fazia um esforço para engolir o ensopado de carne, frio e gorduroso. Será que elas não percebem que se Cholayna tentar comer, Vai ficar ainda pior do que já está? Jaelle pelo menos deve compreender. Magda tornou a abrir a boca, sabendo que se arriscava a outra censura pela interferência, mas Camilla falou antes que ela pudesse falar.

— Deixe-me esquentar isto para você, Cholayna; ou, se prefere, ainda temos bastante mingau em pó, o que pode ser mais fácil para você comer. Misturarei com açúcar e passas. Não há sentido em desperdiçar uma boa carne com alguém que não a aprecia ou provavelmente não poderá digeri-la direito. Alguém quer partilhar o resto do ensopado comigo, enquanto preparo um pouco de mingau para Cholayna?

— Estive pensando que pode ser uma boa coisa guardar as rações terráqueas especiais de altas altitudes para Cholayna — sugeriu Vanessa. — São quase que inteiramente sintéticas, mas ricas em calorias, gorduras e carboidratos, e não vão deixá-la tão transtornada. Nós podemos comer a carne seca e frutas de fontes naturais. Tome aqui.

Ela entregou o mingau em pó a que Camilla acrescentara açúcar e passas. Cholayna aceitou a mistura agradecida. Magda percebeu que ela ainda teve de fazer um esforço para comer, mas pelo menos era mais simples obrigar-se a ingerir quando o problema era apenas uma relutância ao trabalho de mastigar e engolir, não uma tentativa de superar décadas de condicionamento, tanto do costume quanto da preferência ética. Assustou-a estar tão consciente do que Cholayna pensava. Houvera ocasiões, no início de seu treinamento na Torre Proibida, quando se descobrira incapaz de bloquear os pensamentos e emoções de seus colegas. Mas eram todos telepatas de primeira magnitude. Cholayna era uma cega mental e uma terráquea, não deveria haver todo aquele vazamento involuntário de emoções. E Camilla também parecia saber... Magda tratou de parar por aí. Ninguém podia saber melhor do que ela que por baixo do exterior rude e de fala agressiva de Camilla havia uma

mulher excepcionalmente sensível, até mesmo maternal. Não havia necessidade de ressaltar que o estresse daquela viagem, ou alguma outra coisa que ela não podia identificar, estava trazendo à tona o laran a tente de Camilla, talvez mesmo de Cholayna. Jaelle murmurou, contrafeita para todas em geral...

— Desculpem. Não posso imaginar o que deu em mim. Camilla, perdoe-me, parenta. Fui sincera no que falei, mas deveria ter tido mais tato. Margali... — Ela virou-se para Magda, estendendo os braços. — Pode me perdoar, brenda mea”.

— Claro que sim! — A abraçou-a; depois de um momento, Camilla foi se juntar; e depois Vanessa e Cholayna se aproximaram também, as cinco ficaram unidas num abraço coletivo que dissipou toda a raiva.

— Não posso imaginar por que comecei a gritar — disse Camilla, Juro que eu não tinha essa intenção, Cholayna. Não quero que fique doente mas sinceramente não queria atormentá-la daquele jeito.

— Deve-se esperar esse tipo de tensão coletiva numa expedição — comentou Vanessa. — E precisamos nos precaver sempre contra isso.

— A Irmandade não estaria nos testando para saber se somos dignas de ser admitidas em sua cidade? — indagou Camilla, num tom irônico.

— Não ria. Estamos... -Jaelle fitava as outras com uma expressão muito séria. — A lenda diz que seremos testadas de forma implacável e nós... — Ela engoliu em seco, procurando por palavras. -Não percebem? Procuramos a Irmandade, mas se não somos capazes de mantê-la entre nós...

Ela não disse mais nada. Pelo menos, pensou Magda, ao entrar na barraca que partilhava com Vanessa, estamos todas falando de novo. Era um motivo de regozijo; seria muito difícil cruzar Scaravel mesmo com a mais plena cooperação de todas.

Capítulo Dezesseete

Jaelle apontou, através da neve caindo: — A Cidade das Neves... Nevarsin.

E Magda captou seus pensamentos — estavam quase assustadoramente abertas uma para a outra agora — Encontraremos Rafaella e Lexie ali? E se não encontrarmos, o que faremos? Era inacreditável que Jaelle, pelo menos, estivesse disposta a se virar e voltar para casa. Na mente de Magda, a viagem assumia proporções irreais de sonho, haveria de continuar para sempre, mais e mais pelo desconhecido, em busca dos vultos em túnicas, o som de corvos chamando, a sombra da Deusa pairando sobre elas, com enormes asas escuras... O cavalo de Camilla esbarrou de leve no dela.

— Ei, mais atenção! Está sonhando acordada, como um camponês no mercado da primavera, contemplando boquiaberto a cidade grande?

Nevarsin erguia-se acima delas, uma cidade construída na encosta da montanha, as ruas subindo íngremes para o pico, onde ficava o mosteiro, os muros cortados na própria rocha. Acima do mosteiro, havia apenas as neves eternas.

Passaram pelos portões de Nevarsin ao final do dia, e foram seguindo pelas ruas cobertas de neve, fazendo curvas e subindo, às vezes não mais que lances de degraus estreitos, pelos quais era preciso puxar os cavalos e chervines. Por toda parte havia estatuas do profeta ou deus dos cristoforo — Magda sabia muito pouco sobre a seita — o Portador dos Fardos, uma figura de túnica com a Sagrada Criança nos ombros, encimada pelo que podia ser um sol, um planeta ou um mero halo. Os sinos repicavam a freqüentes intervalos. Houve uma ocasião, quando subiam para o alto de uma rua estreita, em que encontraram uma procissão monges, vestidos em austeros trajes feitos com sacos, os pés descalços sobre a neve. (Mas pareciam inteiramente à vontade, os pés rosados e saudáveis, como se caminhassem num clima mais ameno.)

Os monges, cantando enquanto andavam — Magda só conseguiu entender umas poucas palavras do hino ou cântico, num

obsкуро dialeto de casta — não olharam para a esquerda nem para a direita, e as mulheres tiveram de desviar os cavalos para um lado da rua, desmontando para segurarem os animais de carga. O monge na vanguarda da procissão, um velho calvo, com o nariz adunco e cara amarrada, olhou irritado para as mulheres. Magda calculou que ele não aprovava as renunciantes. Tanto pior para ele; ela cuidava de sua própria vida, da mesma forma que o monge, e até criando menos problemas para as outras pessoas, pois seu grupo não esperava que ninguém se desviasse do meio da rua para lhe dar passagem. Havia muitos monges, e quando todos terminaram de passar, o crepúsculo já era denso, a neve caía com uma intensidade ainda maior.

— O que vamos fazer, Jaelle? — indagou Camilla. — Você sabe, não é?

— Como acho que já falei, Nevarsin é uma cidade cristoforo, e as mulheres não são bem-vindas em estabelecimentos públicos ou estalagens, a menos que estejam devidamente escoltadas por maridos ou pais. Já lhes contei sobre o lugar; Rafi e eu costumávamos fazer piadas sobre a Casa da Guilda de Nevarsin. Elas podem estar lá, à nossa espera.

A casa, bastante grande, construída com a pedra local, situava-se no canto mais remoto da cidade. Um cheiro agradável de couro recém-curtido saía do interior. A porta grande dava para um vasto pátio (“Ao estilo das Cidades Secas”, sussurrou Jaelle para Magda, ao entrarem), por onde circulavam jovens em aventais de artífice e botinas grossas. Elas pararam para cumprimentar as irmãs com reverências hospitaleiras. A mestra daquelas mulheres, uma velha pequena e rija, com braços que pareciam de um Teiro, adiantou-se, fitou Jaelle com um sorriso largo, e envolveu-a num abraço sufocante.

— Ah, a filha-de-adoção de Kindra!

“- Arlinda, você não está diferente do que era quando a vi pela última vez... será que já se passaram sete anos? Mais do que isso? Foram sete anos; Betta acabara de morrer, a Deusa concede-lhe o descanso, deixando a casa em minhas mãos. É um prazer tornar a vê-la, e quero que saiba que há sempre espaço aqui para alojar

renunciantes! Entrem, entrem! Suzel, Marissa, Shavanne, levem os cavalos para o estábulo, e depois avisem a Lulie na cozinha que haverá três, não quatro, não, cinco hóspedes para o jantar! Dêem feno e grãos para os cavalos, e também para os chervines, levem as cargas para o depósito. Eu lhe darei um recibo, chiya, está bem? Assim não haverá dúvidas. Vocês passaram pelo Scaravel? Parecem magras e exaustas, o que não é de admirar, depois de uma viagem assim! O que posso fazer por vocês primeiro? Um vinho quente e bolo? Um banho? Uma refeição em dez minutos, se estão famintas?

— Um banho seria o paraíso — respondeu Jaelle, sob murmúrios de aprovação e entusiasmo das quatro outras. — Mas pensei que teríamos de sair para a casa de banhos pública das mulheres...

— Ora, minha cara, nós somos agora a casa de banhos para as mulheres. A antiga se achava em decadência, não havia toalhas, as atendentes viviam com as mãos estendidas para gorjetas, e os proxenetas pairavam nas proximidades, à espera das mulheres das ruas, a tal ponto que os homens de família respeitáveis não mais permitiam que as mulheres de família respeitáveis a frequentassem. Por isso, comprei-a bem barato. Fui logo avisando que as mulheres das ruas precisariam de um atestado de saúde de uma das médicas daqui. E se eu as surpreendesse marcando encontros aqui, seriam imediatamente expulsas. E tratei de expulsar os proxenetas, de uma vez por todas. Também comuniquei às mulheres de vida alegre, em termos bem claros, que se quisessem tomar seus banhos aqui, deveriam se comportar dentro das instalações como virgens aprendizes de Guardiães! E quer saber de uma coisa? Acho que elas ficaram contentes por serem tratadas como mulheres de família, sem diferenças para as esposas e filhas respeitáveis. — Uma pausa e a mestra gritou: — Suzel, leve estas damas para o melhor quarto de hóspedes, e depois direto para os banhos, por conta da casa, sem cobrar nada, porque são amigas antigas!

Ela puxou Jaelle para um lado, mas as outras puderam ouvir o seu sussurro:

— E depois de tomar o banho e descansar, minha cara, tenho uma mensagem para você de sua sócia. Agora não, agora não, vá

tomar seu banho primeiro. E mandarei vinho quente para o quarto de hóspedes!

Jaelle estava pálida e tensa.

— Se Rafi está aqui, Arlinda, eu lhe suplico que mande chamar imediatamente. Viajamos desde Thendara na maior pressa possível na esperança de alcançá-la. Não brinque comigo, minha cara prima!

Arlinda contraiu o rosto, bastante curtido, como o couro de sela que produzia.

— Eu faria isso com você, minha cara? Rafi não está mais aqui; passaram três dias e foram embora na manhã de ontem, a que fora enviada para encontrá-las do lugar que vocês conhecem, chegou e elas foram embora em sua companhia.

Jaelle cambaleou para a frente, e por um instante Magda pensou que ela ia desfalecer. Ela estendeu o braço, e Jaelle apoiou-se nele. Através do contato da mão de sua companheira livre, Magda pôde sentir desespero e consternação. Chegar tão longe e perdê-las por tão pouco... Mas Jaelle logo se recuperou, e disse, com uma gentil dignidade:

— Falou de uma mensagem, mas se elas já partiram certamente pode esperar até que minhas companheiras tomem um banho e descansem. Eu lhe agradeço, prima.

O estabelecimento de Arlinda era extremamente eficiente. Em poucos segundos, pelo que pareceu a Magda, elas foram conduzidas a seus aposentos e receberam um recibo pela carga. O quarto era grande e claro, tão limpo como se fosse um departamento do serviço médico terráqueo. Havia também uma lavanderia no estabelecimento, e suas roupas sujas e encardidas da viagem foram levadas para lá, com a promessa de que seriam devolvidas na manhã seguinte. Todas essas coisas foram feitas por moças ativas e cordiais, a maioria entre quinze e vinte anos de idade, que não paravam de se movimentar, mas sempre com a maior alegria, sem darem qualquer sinal de que estavam sendo pressionadas ou intimidadas. Como Camilla demorasse a tirar as roupas (por causa das cicatrizes em seu corpo mutilado, Camilla sempre hesitava em se despir na presença de estranhas), elas demonstraram o maior tato, oferecendo-lhe um roupão de banho para usar enquanto suas

roupas eram lavadas. Foram buscar o roupão e levaram as roupas num instante, enquanto Camilla resmungava que podia passar sem aquilo.

Mas depois que estava com o roupão, velho e desbotado, mas recendendo a sabão de uma lavagem recente, Camilla comentou:

— Agora eu sei por que Kindra costumava chamar este lugar de Casa da Guilda de Nevarsin.

— Não resta a menor dúvida de que é dirigida com mais eficiência do que muitas nos Domínios — concordou Magda.

Uma das moças, encarregada de levá-las aos banhos, hesitou por um instante, e depois se dirigiu diretamente a Jaelle:

— É a líder deste bando, mestra?

— Sou, sim.

— A mulher alta de cabelos brancos... ela ... a doença de pele de que ela sofre é de alguma forma contagiosa? Se for, mestra, sua amiga deve tomar banho sozinha, não poderá entrar na piscina coletiva.

O tom era um pouco embaraçado, mas firme, e Jaelle respondeu da mesma maneira:

— Por minha honra, ela não sofre de qualquer doença contagiosa. Sua pele é assim desde o nascimento; ela vem de um país distante em que todos os homens e mulheres são dessa cor.

— Ora, nunca imaginei! — balbuciou a moça, aturdida. — Quem poderia acreditar?

Cholayna, parada atrás de Jaelle, especulando sobre o que iria acontecer, disse então:

— É a pura verdade, minha jovem. Mas se suas freguesas na casa de banhos ficarão incomodadas ou com medo de contrair alguma coisa, estou disposta a me banhar sozinha, contanto que possa fazê-lo.

— Oh, não, mestra, isso não será necessário, nossa superiora conhece Jaelle há muito tempo, e a palavra dela é suficiente — garantiu a moça, gentilmente, embora não com muito tato. — Acontece apenas que ninguém aqui jamais viu qualquer pessoa como você, por isso não sabíamos, e tínhamos de perguntar por

causa das outras freguesas, entende? E quero que saiba que não tive a menor intenção de ofendê-la.

— Não me senti ofendida — declarou Cholayna, graciosamente (embora Magda nunca soubesse como ela conseguiu isso, nua, envolta por um roupão de banho).

Ao seguirem para os cubículos que lhes haviam sido reservados, Cholayna disse a Magda, em voz baixa:

— Nunca pensei como seria estranho, numa parte do mundo em que todas as pessoas são parecidas. Mas é verdade que há outros planetas assim, embora não muitos. Uma pele clara como a de Camilla seria quase tão insólita em Alfa, por exemplo, quanto eu sou aqui. Que material é este? — Ela estava alisando o roupão.

— Não pode ser algodão, não neste clima; ou será que cultivam ao Sul, perto da Dalereuth?

— É a fibra da árvore da vagem-de-pena, que cresce em todos os cantos das montanhas. Sai caro entrelaçar as fibras dessa maneira. É mais comum usá-las em tecido de empastamento ou na fabricação de papel, porque são fibras curtas. Mas quando são fiadas assim, absorvem as tinturas tão bem que muitas pessoas acham que vale a pena o esforço e o custo. Antigamente, os tecelões dessas vagens formavam uma guilda separada, que guardava os segredos do ofício, os artífices vivendo em suas próprias aldeias e jamais casando com pessoas de fora.

As atendentes do banho chegaram. A jovem devia ter dado o aviso sobre Cholayna, pois não houve qualquer olhar espantado e indevido enquanto esfregavam todas as mulheres. Até mesmo a costumeira atitude defensiva de Camilla relaxou quando ninguém prestou a menor atenção às cicatrizes que cobriam seu corpo; ela riu como uma criança, enquanto as atendentes enxaguavam todas, com um jato quente, antes de despachá-las para a piscina coletiva de água quente. Magda arriou na piscina, feliz. É verdade que a água era a princípio tão quente que Vanessa até gritou quando entrou.

— Você parece um porco prestes a ser abatido, Vanessa — disse Jaelle, entrando na água — Mas vai acabar se acostumando.

A água tinha um cheiro levemente sulfuroso, parecia aliviar as dores de tantos dias a cavalo. As mulheres recostaram-se na

prateleira de pedra, suspirando.

— Parece bom demais para ser verdade — murmurou Cholayna. — Na última vez em que ficamos tão confortáveis assim, eles nos drogaram e nos envenenaram.

— Depois disso, sinto-me em condições de enfrentar qualquer bandido — comentou Magda, rindo.

Jaelle afirmou, muito séria:

— Estamos tão seguras aqui quanto em nossa própria Casa da Guilda, e muito mais seguras do que estaríamos em qualquer outra casa de banhos pública, algumas das quais são controladas por proxenetas e pessoas assim.

— Em Nevarsin? — disse Camilla, cética. — Onde os santos monges controlam tudo?

— Os santos monges são santos demais para pensarem em coisas como leis para proteger as mulheres que viajam sozinhas — explicou Jaelle, ironicamente. — Na opinião deles, as mulheres virtuosas não usam luxos como casas de banhos públicas, onde pessoas estranhas podem ver seus corpos nus; e se uma mulher freqüentasse um lugar assim, mereceria qualquer coisa que lhe acontecesse... doença, atenções indesejáveis de qualquer tipo. Houve uma época, quando o controle cristoforo sobre Nevarsin era absoluto, em que foram promulgadas leis para fechar todas as casas de banhos públicas. Umhas poucas permaneceram abertas, à margem da lei; e como não podia deixar de ser, eram dirigidas por homens à margem da lei. Os monges aproveitavam o comportamento nesses lugares ilegais como justificativa para o fechamento de todas as casas de banhos... estão vendo? Os banhos são lugares iníquos, olhem só para as pessoas que os freqüentam! Felizmente, as leis são mais sensatas agora, mas pelo que sei os monges ainda não têm permissão para freqüentar as casas de banhos públicas, nem as mulheres cristoforo devotas.

Camilla soltou uma risada desdenhosa.

— Se os corpos dos monges são tão sujos quanto seus pensamentos, então eles devem ser mesmo repulsivos!

— Não é bem assim, Camilla. Eles têm seus próprios banhos, dentro do mosteiro, pelo que sei. E muitas casas particulares

também dispõem de banhos. Mas é claro que essas pertenciam apenas aos ricos. Os pobres, em particular as mulheres, não contavam com um lugar limpo e respeitável para um banho, até que algumas mulheres abriram estabelecimentos apropriados. É verdade que os primeiros não eram tão respeitáveis assim, como Arlinda nos contou; ela tem prestado tantos serviços às mulheres desta cidade quanto qualquer Casa da Guilda.

— Ela deveria ser nomeada renunciante honorária — comentou Camilla, arriando até o queixo na água quente.

Jaelle baixou a voz, a fim de que o pequeno grupo de matronas grávidas no outro lado da piscina de água quente não pudesse ouvir.

— Acho que ela é mais do que isso. Ouviram o que ela falou sobre Rafaella. A mulher enviada você sabe de onde... o que pensam que isso pode significar, se não alguma emissária do lugar que estamos procurando? Uma das coisas mencionadas na lenda antiga era a de que a pessoa que chegava bastante perto passaria a ser guiada. Rafaella e Lexie talvez tenham chegado bastante perto para receberem essa orientação. É possível que a mensagem que Rafi me deixou seja sobre as guias enviadas de... daquele lugar.

A voz de Camilla soou desdenhosa:

— E quando chegarmos lá, vamos encontrar árvores-de-pão e pássaros-de-chuva que constroem fogueiras de madeiras perfumadas e se assam para a viajante faminta?

Mas Jaelle estava absolutamente séria.

— Não tenho a menor idéia do que encontraremos. A lenda diz que cada pessoa encontra algo diferente, de acordo com suas necessidades. Há uma história antiga que minha babá me contava.", eu era muito pequena na ocasião, uma criança na Casa Grande de Shainsa.

Magda olhou aturdida para sua companheira livre. Apenas uma vez antes, em todos os anos de seu relacionamento, Jaelle se referira, mesmo assim de passagem, à sua infância nas Cidades Secas, e sem aludir a ninguém na casa de seu pai ali. Ela percebeu pelos olhos de Camilla que a outra amazona também ficara espantada.

— A história dizia que três homens saíram em busca da felicidade — continuou Jaelle, com uma voz distante. — Um deles casou com uma linda mulher, com muito ouro e tesouro, e pensou que era afortunado. O segundo encontrou uma fazenda abandonada, cuidou das árvores e colheu os frutos, domesticou o gado selvagem e as aves; e enquanto trabalhava noite e dia para melhorar sua propriedade, com o esforço árduo de suas mãos, julgava se o mais afortunado de todos os homens.

Mas o terceiro sentou ao sol e contemplou as nuvens, ouviu a relva crescer, escutou a voz de Deus, e disse: “Nunca nenhum homem foi tão afortunado e privilegiado quanto eu.” Houve um longo momento de silêncio. Depois, Cholayna comentou, sempre prática:

— Desde que eu encontre Alexis Anders viva e ilesa, já tenho bastante anotações sobre esta terra e já vi tantas coisas estranhas que seria a mais ingrata das mulheres se me queixasse por não descobrir mais nada.

— Eu gostaria de encontrar uma montanha igual ao Pico Montenegro — disse Vanessa — mas não se pode ter tudo.

— Tome cuidado com aquilo por que reza, pois pode conseguir — ressaltou Jaelle, rindo. — Há montanhas por aqui, posso lhe garantir, muito mais altas do que Scaravel... embora eu confesse que viveria contente se soubesse que nunca mais precisaria viajar por nenhuma acima da linha das árvores. Margali, o que você quer da cidade das lendas, caso sejamos guiadas até lá?

— Como Cholayna, eu me sentiria satisfeita por encontrar Lexie e Rafaella sãs e salvas. De certa forma, não posso imaginar qualquer das duas muito interessada na sabedoria antiga...

— E quanto a lendas — acrescentou Vanessa, impudente — não podemos esquecer que você própria é a lenda viva contra a qual elas se avaliam, o mito Lome...

Magda estremeceu como se Vanessa a tivesse golpeado fisicamente. Não precisava ser lembrada disso... que de certo modo ela era a culpada pelo fato de as duas mulheres, que deveriam ser suas amigas, terem se arriscado naquela viagem desesperada e perigosa. Por tudo isso, eu gostaria que esta estrada não fosse

percorrida? Testei minha força e me descobri mais forte do que jamais acreditei. Gostaria que isso fosse desfeito?

Recostada, em meio às nuvens de vapor, o corpo à vontade no banho quente, ela compreendeu que não tinha a menor importância se desejava ou não que tudo fosse desfeito. Já acontecera, era parte dela, também não importava se para o bem ou para o mal. Dependia dela aprender o que pudesse com a experiência, e passar para a etapa seguinte em sua vida.

E também subitamente ela se sentiu livre do “mito Lome”, que a perseguira por tanto tempo. Ninguém, muito menos Magda, exigira que Alexis Anders tentasse igualar ou superar os feitos de Magda. Era tudo obra da própria Lexie, não sua. Magda sentiu que um fardo mais pesado que a carga dos chervines fora removido de suas costas, dissolvendo-se na água quente. Ainda ajudaria Lexie quando a encontrasse; a mulher mais moça se lançara em águas mais profundas do que tinha condições de enfrentar.

Magda era obrigada a fazer qualquer coisa que pudesse para ajudá-la. Mas só na medida em que seu voto lhe exigia... nas palavras do juramento da Renunciante... mãe, irmã e filha para todas as mulheres. Não por culpa, não porque fosse responsável pela atitude estúpida e precipitada de Lexie. Ela deixou escapar um longo suspiro de puro alívio.

— Já estou saturada — disse Vanessa. — Acho que Vou sair, e experimentar o vinho quente que nos ofereceram.

— Divirta-se — falou Jaelle. — Não poderei acompanhá-la agora, pois quero ouvir a mensagem de Rafaella o mais depressa possível.

Roupas limpas eram um luxo tão grande quanto o banho; Magda guardara um jogo, quando as mulheres haviam levado o resto de suas coisas para lavar. A comida foi trazida e o aroma era o mais apetitoso, mas Jaelle saiu apressada, à procura de Arlinda, para tomar conhecimento da mensagem de Rafaella.

— Perdoe-me por não levá-la, brenda. É que Arlinda me conhece há muito tempo, antes mesmo de eu prestar o juramento da Renunciante, e pode falar mais livremente apenas para mim.

Guarde-me um pouco do coelho de chifres assado que posso cheirar numa dessas travessas.

Magda reconhecia o bom senso dessa iniciativa, mas mesmo assim sentiu-se perturbada ao observar Jaelle se retirar sozinha. A calça de amazona passara por uma limpeza e ela usava seu velho roupão revestido de pele; parecia pequena e vulnerável, e Magda desejou por protegê-la. Mas Jaelle não era uma criança para ser protegida.

Magda voltou e observou as outras levantarem as tampas dos pratos com uma voracidade evidente. Até mesmo Cholayna sucumbiu a um prato de raiz-branca cozida, temperada com queijo e condimentos pungentes, acompanhado por um prato com quatro tipos diferentes de cogumelos e outros de legumes diversos. Embora não tocasse no coelho de chifres assado, ela comeu um pouco do recheio de maçãs secas e o pão encharcado em vinho tinto.

Magda guardou um pernil do coelho de chifres e bastante recheio e legumes para Jaelle. Durante toda a refeição, ela ficou esperando que a porta se abrisse a qualquer instante e sua companheira livre voltasse, mas já estavam na sobremesa quando Jaelle apareceu.

— Pensei que nunca mais comeria molho de amoras vermelhas depois daquele lugar — comentou Vanessa, despejando o molho doce sobre creme — mas descobro que continua gostoso demais, e desta vez tenho certeza de que não contém nenhuma droga nociva.

Todas se viraram para olhar quando Jaelle entrou.

— Guardamos bastante comida para você — disse Vanessa — mas provavelmente ficou tão fria quanto o coração de um banshee...

— Coração de banshee, assado ou cozido, é um prato que eu jamais faria — disse Cholayna — mas se o resto estiver muito frio, podemos mandar esquentar na cozinha.

— Não precisa, está bom assim. Assado de coelho de chifres frio é servido nos melhores banquetes.

Jaelle sentou, serviu-se de coelho de chifres e cogumelos. Magda achou que ela parecia fria e contrafeita.

— Qual era a mensagem de Rafi, amor?

— Apenas que fôssemos atrás dela tão depressa quanto pudéssemos — respondeu Jaelle. — Mas Arlinda também me transmitiu outra mensagem.

Depois disso, no entanto, ela se manteve em silêncio por tanto tempo que Vanessa acabou perguntando, em tom beligerante:

— E então? É algum grande segredo?

— Claro que não. Esta noite, pelo que Arlinda me disse, alguém virá, supostamente daquele lugar, para falar conosco. E percebi, pela maneira como Arlinda falou, que ela estava com medo. Não posso imaginar por que, se a Irmandade é tão benevolente como sempre ouvi dizer, uma mulher como Arlinda poderia sentir medo. O que Arlinda conseguiu fazer, numa cidade como Nevarsin, é incrível. Por que a Irmandade deveria assustá-la?

Jaelle serviu-se do vinho temperado, tomou um gole, empurrou o copo para o lado.

— Então seremos testadas — disse Camilla. — Isso é parte de cada busca, Shaya querida. A Deusa sabe que você nada tem a temer. Acha mesmo que elas nos acharão deficientes?

— Como posso saber disso? Como posso saber o que elas exigem? — Jaelle mastigou a carne fria do coelho de chifres, tão desinteressada como se fosse ração de viagem, o rosto impassível, fechado, sem deixar transparecer coisa alguma. — Elas me julgarão em nome da Deusa e não sei o que lhes dizer.

Camilla declarou, parecendo defensiva demais em sua veemência a Magda:

— Você é o que é, chiya, como todas nós, a nenhuma pode ser diferente. Quanto a mim, não sinto mais reverência por essas mulheres da Irmandade Negra, do que por sua Deusa, que me jogou sem que eu pedisse num mundo em que fui tratada como eu, que não sou mais do que humana, não trataria a mais ínfima das criaturas. Se a Deusa delas me deseja o mal, eu lhe exigirei uma explicação, já que era muito jovem para ter feito qualquer coisa que merecesse a desgraça que se abateu sobre mim; se ela me deseja o bem, eu lhe perguntarei por que se intitula uma Deusa, quando foi impotente para evitar o mal. E quando ouvir sua resposta, então eu a julgarei como ela ou suas representantes pensam me julgar!

Ela fez uma pausa, servindo-se de mais vinho.

— Nem você deveria temer qualquer coisa dessas mulheres que se apresentam como representantes da Deusa.

— Não tenho medo — murmurou Jaelle. — Só me pergunto por que Arlinda teme, mais nada.

Cholayna estendera seu saco de dormir — o único de fabricação terráquea — no chão, estava recostada no alforje e mochila, escrevendo num caderninho. Ela recuperara de uma forma extraordinária os hábitos de uma agente de campo, pensou Magda. Vanessa escovava os cabelos, separando-os de forma meticulosa, a fim de entrançá-los. Magda debatia qual dos exemplos devia seguir, e começava a tirar seu saco de dormir da mochila quando uma das jovens aprendizes entrou, carregando um refinado banquinho de couro, todo trabalhado. Arlinda apareceu por trás da moça. Magda ficou esperando que ela sentasse no banco, mas isso não aconteceu; em vez disso, Arlinda foi se encostar na parede, sentou ali, as pernas cruzadas sob o pesado avental de lona, os braços musculosos dobrados, com as mãos nos quadris, toda encrespada em expectativa. E depois uma mulher entrou no quarto, todos a fitaram. Não era excepcionalmente alta, mas parecia de alguma forma ocupar mais espaço do que fisicamente preenchia. Era um truque de presença; Magda já conhecera umas poucas pessoas que sabiam como usá-lo, mas raramente eram mulheres. Ela tinha cabelos castanhos avermelhados, escuros, enrolados e presos atrás da cabeça por uma travessa de cobre. Vestia roupas de melhor qualidade do que qualquer outra pessoa que Magda já vira até agora, nos banhos e na oficina; e se ajustavam ao corpo com elegância, algo excepcional naquela gelada cidade de cristoforos, em que se esperava que as mulheres fossem apagadas. Os olhos possuíam uma tonalidade cinza clara, eram firmes e autoritários.

A mulher foi se instalar no banco refinado, como se isso fosse a coisa esperada. Magda olhou para Arlinda e notou que os braços musculosos da mulher se achavam todo arrepiados, como se ela sentisse frio. Em nome de todos os deuses em todos os planetas, dentro e fora do Império, de que ela tem medo? Magda não

acreditara que alguma coisa pudesse incutir medo àquela velha amazona — mais digna do nome do que qualquer renunciante.

— Sou a Ieronis Acuilara — anunciou a mulher, fitando uma a uma. — Podem me dizer seus nomes?

Como que por um consenso prévio, todas esperaram que Jaelle falasse primeiro.

— Sou Jaelle n'ha Melora. Estas são minhas companheiras. — Ela enunciou o nome de cada uma. — Somos da Casa da Guilda de Thendara.

Acuilara ouvia sem qualquer movimento, sem nenhum músculo se contraindo no rosto, sem piscar. Um truque impressionante, Magda sabia. Ela se perguntou que idade teria a mulher. Não dava para calcular. Seu rosto era menos vincado que o de Camilla, mas os dedos muito finos e a textura da pele indicavam que não era mais uma jovem. Quando se mexeu, foi com um ar de absoluta determinação, como só se movesse por decisão sua, jamais por qualquer outro motivo. Ela virou a cabeça para Cholayna e disse:

— Conheci uma mulher com a sua cor de pele. Ela foi envenenada na infância com uma substância metálica. É o que acontece com você, não é.

Não era uma pergunta, mas sim uma afirmação. Ela parecia muito satisfeita, como se esperasse que todas reconhecessem sua esperteza pela solução daquele enigma. Mas Cholayna falou com igual calma:

— Não, não é. Também já conheci alguns casos de envenenamento por metal pesado, mas minha pele já era assim quando nasci; venho de uma terra distante em que todos os homens e mulheres são como eu.

Os olhos da Ieronis piscaram várias vezes, tornaram a se fixar em Cholayna, abruptamente. Afora isso, seu rosto mantinha-se tão imóvel que Magda compreendeu que ela fora tomada de surpresa. Deveríamos ficar impressionadas, mas estragamos seu espetáculo. A arrogância era parte da mulher. Magda mais ou menos esperava que as enviadas da misteriosa Irmandade fossem como Marisela, benevolentes e despretensiosas. Seria aquilo alguma forma de teste? As palavras se formaram espontaneamente em sua mente. Ela olhou

para sua companheira livre, tentando transmitir uma advertência: Tome cuidado, Jaelle! Mas compreendeu que Jaelle não recebera a mensagem, seu cérebro parecia morto, o ar no quarto era um vazio em que o pensamento não se irradiava. Portanto, temos uma demonstração de seus poderes, embora não como ela esperava.

Arlinda ainda se encolhia junto da parede, e Magda olhou com desagrado para a velha amazona, não por Arlinda e seu medo, mas pela arrogante Ieronis por impô-lo. Por que uma enviada da Irmandade deveria tentar aterrorizá-las? Magda lembrou de repente a velha de seu sonho no passo do Corvo. Mas estava com mais medo de Acuilara do que ficara da velha. Acuilara recomeçou:

— Soube que vocês estão procurando uma certa Cidade.

Jaelle não desperdiçou palavras:

— Foi enviada para nos levar até lá?

Magda sabia, sem entender como sabia, que Jaelle desagradara à mulher. Acuilara mudou de posição; depois de sua imobilidade, o movimento foi tão surpreendente como se ela tivesse levantado de um pulo e gritado.

— Sabe o que está pedindo? Há perigos...

— Se tivéssemos medo de perigos — declarou Jaelle — não teríamos chegado tão longe.

— Acha que sabe alguma coisa de perigos? Pois eu lhe digo, mocinha, que todos os perigos que conheceu na estrada... banshees, bandidos, todos os demônios dos passos mais altos... não são nada em comparação com os perigos que ainda deve enfrentar antes de ser levada àquela Cidade. Não sou quem lhes impõe este teste, pode estar certa. É a Deusa a que sirvo. Vocês, renunciando invocam essa Deusa. Mas se atreveriam a encará-la, se Ela por acaso surgisse?

— Não tenho razão para temê-la — afirmou Jaelle.

— Pensa que sabe alguma coisa de medo? — Acuilara fitou Jaelle com desdém, depois virou-se para Camilla. — E você? Também está procurando a Cidade? Para quê? É uma Cidade de mulheres. Como você, que renunciou à sua feminilidade, seria admitida lá?

O rosto pálido de Camilla ficou vermelho de raiva, e Magda pensou de repente nas sessões de treinamento na Casa da Guilda, quando as noviças eram estimuladas à raiva, a assumirem uma posição defensiva, a fim de forçá-las a revelar seus verdadeiros pensamentos; para ir além do que haviam sido condicionadas a pensar e sentir desde pequenas. Estariam sendo submetidas agora a um processo similar? E por quê? E também por que nas mãos daquela mulher, daquela leronis, se é que ela era mesmo uma leronis!

— Por que diz que renunciei à minha feminilidade, quando me encontra na companhia de minhas irmãs da Casa da Guilda?

Acquilara pareceu rir desdenhosamente.

— Onde mais poderia se pavonear e bancar o homem tão bem? Pensa que não posso interpretá-la como um mateiro interpreta as pegadas na primeira neve? Atreve-se a negar que por anos viveu entre os homens como um homem, e agora pensa que pode se tornar uma mulher de novo? Seu coração é um coração de homem... não demonstrou isso ao tomar uma mulher como amante?

Magda observou o rosto de Camilla, furioso e angustiado. Sem dúvida aquela mulher era mesmo uma leronis, pois de outra forma como poderia golpear com tanta precisão nas defesas de Camilla? Contudo, ela, que fora amante de Camilla por tanto tempo, sabia melhor do que qualquer outra pessoa viva como aquilo era injusto. Por mais assexuado que o corpo mutilado de Camilla pudesse parecer, o corpo de uma emmasca, Magda sabia melhor do que ninguém que ela era toda mulher.

— Você, que negou a Deusa em si mesma, como vai se justificar perante Ela?

Camilla ficou de pé, a mão segurando a faca. Magda sentiu vontade de se levantar de um pulo, impedi-la fisicamente de fazer qualquer coisa precipitada que pudesse estar cogitando; contudo, permaneceu sentada, como se estivesse paralisada, incapaz de mexer um músculo para alertar ou conter a amiga.

— Eu me justificarei perante a Deusa quando ela se justificar para mim — declarou Camilla. — E me justificarei para ela, não para

sua enviada. Se foi mandada para nos guiar até aquela Cidade, então nos guie. Mas não se aventure a nos testar; isso cabe a ela, não a suas lacaias.

Ela se manteve de pé diante da leronis, e por um momento foi uma competição de arrogância. Magda nunca soube com certeza o que aconteceu em seguida. Houve um clarão, algo como um fogo azul, e Camilla cambaleou para trás; e caiu, em vez de sentar, sobre seu saco de dormir.

— Vocês pensam que conhecem a Deusa — disse Acquilara, a voz agora só desprezo. — São como as camponesas que rezam à brilhante Evanda para fazer seus jardins desabrocharem, seus animais leiteiros terem crias sem doenças, e lhes trazer amantes bonitos e viris, bebês saudáveis. E rezam a Avarra para atenuar suas dores do nascimento e morte. Mas nada sabem da Deusa. Ela é a Tenebrosa, cruel, além da compreensão de mulheres mortais, com um culto secreto.

— Se é secreto — disse Vanessa, que durante todo o tempo mantivera-se em silêncio, em seu saco de dormir, escutando tudo atentamente — por que nos fala a respeito?

Acquilara levantou-se abruptamente.

— Vocês, garotas... — O termo era francamente desdenhoso, incluindo até a madura Cholayna.

— ...Pensam que usarão a Deusa? A verdade é que Ela as usará de maneiras que não podem sequer conceber. Ela é cruel. Sua única verdade é a Necessidade Mas como todas nós, vocês são úteis para Ela, que vai sugá-las até que não tenham mais proveito. Sua amiga viu isso, e suplicou um lugar para vocês. Estejam prontas quando Ela chamar!

A mulher virou as costas sem olhar ao redor, e saiu do quarto. A aprendiz pegou o banco, sempre em silêncio, e seguiu-a. Arlinda ainda se encolhia junto da parede, numa agonia de medo.

— Vocês não deveriam tê-la enfurecido — sussurrou Arlinda. — Ela é muito poderosa. Oh, não deveriam tê-la deixado zangada!

— Não me importo que ela seja a própria Deusa — declarou Jaelle, rispidamente. — Ela me pressionou da maneira errada. Mas

se está com Lexie e Rafaella, teremos de fazer o que ela determinar, pelo menos por algum tempo.

Vanessa recomeçara a escovar os cabelos, e agora os prendia em meia dúzia de tranças, com todo cuidado.

— Acha então que ela está com Lexie e Rafaella? Jaelle virou-se para Arlinda.

— Rafi foi com ela?

Arlinda sacudiu a cabeça e murmurou:

— Como posso saber de suas idas e vindas? Ela é uma leronie, uma feiticeira, qualquer coisa que queira, assim será...

Magda estava chocada, até horrorizada. Arlinda parecera tão forte, vigorosa, resistente, agora balbuciava como se fosse uma velha senil. Pouco depois, ela deu um beijo de boa noite em Jaelle e saiu. As mulheres da expedição ficaram a sós.

— É melhor deitarmos — disse Jaelle. — Quem sabe o que nos está reservado neste lugar? Mantenham as facas à mão.

Vanessa fitou-a espantada.

— Pensei que tivesse dito que estávamos tão seguras aqui quanto na Casa da Guilda, com Arlinda...

— Até mesmo uma Casa da Guilda pode pegar fogo ou algo assim. Arlinda mudou muito desde o tempo em que a conheci, há dez anos. Fica sentada num canto a tremer, enquanto a velha megera atormenta suas hóspedes... há dez anos ela teria expulsado Acquilara, ou qualquer que seja o nome dessa suposta leronis.

— Acha que ela não é uma leronis — indagou Magda.

— Isso mesmo. -Jaelle baixou a voz, olhando cautelosamente ao redor, como se pensasse que Acquilara poderia estar à espreita, invisível, em algum canto. — Ela se esforçou ao máximo para nos impressionar com o quanto sabia a nosso respeito. Sobre Camilla ter vivido como um homem, por exemplo. Qualquer coisa que ela pudesse usar contra nós, tenho certeza de que teria usado, para nos deixar em desvantagem.

Jaelle fez uma pausa, olhou de Cholayna para Vanessa, antes de acrescentar:

— Mas ela não foi capaz sequer de adivinhar que vocês três eram terráqueas. Que tipo de leronis é essa?

Capítulo Dezoito

— Tem razão. — Magda franziu o rosto, tentando definir o que isso podia significar. — Ela deixa escapar coisas que até mesmo Dama Rohana teria captado. Essa “grande leronis” dá a impressão de carecer de maiores capacidades mentais... embora, obviamente, tenha algumas físicas.

Camilla ainda se encontrava sentada no saco de dormir, parecendo atordoada. Magda foi até ela.

— Breda, ela a machucou?

Por um momento assustador, Camilla não respondeu e Magda teve uma breve lembrança da imagem de Arlinda, divagando de repente como uma velha senil. Depois, Camilla respirou fundo e soltou o ar.

— Não, não me machucou.

— O que exatamente ela fez com você, Camilla? — Perguntou Vanessa. — Não pude ver...

— Como Vou saber? Aquela cria do demônio em forma de mulher apontou um dedo para mim, e parecia que as pernas não eram mais capazes de me sustentarem; eu caía por um abismo açoitado por todos os ventos do mundo. E de repente me descobri sentada aqui, sem ânimo para abrir os olhos ou falar.

— Se aquela era mesmo uma representante de sua Irmandade — comentou Vanessa — não posso ter a menor consideração.

Cholayna como uma profissional, estava fazendo uma análise mental das circunstâncias.

— Você diz, Jaelle, que ela não possui as faculdades mentais que se esperaria da maioria do Comyn. As faculdades físicas demonstradas poderiam ser reproduzidas por aparelhos. Ela parecia depender da presença e do velho truque de “sei o que você está pensando”. Lembrou-me de alguém dirigindo um embuste teatral.

— É isso mesmo — concordou Vanessa. Ela se empertigou e entoou, solene:

— Confie em mim, crianças! Eu sou a representante pessoal da Única e Verdadeira Deusa; eu vejo tudo, sei tudo; vocês nada

vêm, nada sabem.

— Vanessa abandonou a pose, assumiu uma expressão pensativa. — Ela disse que seríamos chamadas. O que quis dizer com isso?

— Não tenho a menor idéia — respondeu Jaelle — mas eu não iria a parte alguma... nem para fora desta casa, nem para o quarto ao lado, nem mesmo para o paraíso cristoforo... a chamado daquela mulher.

— Não vejo alternativa — disse Cholayna. — Se ela, quem quer ou o que quer que seja, está com Anders e Rafaella, ou mesmo sabe onde elas se encontram...

Jaelle balançou a cabeça, desolada.

— É verdade. Mas ficaremos aqui por tanto tempo quanto pudermos. Por enquanto, precisamos descansar, a fim de estarmos preparadas para qualquer coisa que possam planejar para nós. Querem que eu faça o primeiro turno de vigia?

Cholayna guardou o caderninho em que estivera escrevendo. Vanessa prendeu os cabelos entrançados com um lenço e acomodou-se no saco de dormir. Camilla foi para a única parede do quarto em que não havia porta, e disse a Magda, em voz baixa:

— Eu me sinto como uma tola, mas pela primeira vez em muitos anos tenho medo de ficar sozinha. Venha dormir aqui ao meu lado.

— Com o maior prazer — respondeu Magda, colocando seu saco de dormir de maneira que Camilla ficasse protegida, entre ela e a parede. — Tenho certeza de que aquela criatura... eu me recuso a chamá-la de leronis... nos mandaria pesadelos, se pudesse dar um jeito.

O fogo ardia baixo; Jaelle deixara um dos lampiões acesos, e estava sentada em seu saco de dormir, a mão pronta para desembainhar a faca. Magda tocou no punho de sua própria faca... a faca de Jaelle; anos antes, haviam trocado facas, no antigo ritual darkovano que unia uma à outra. Era-lhe agora tão familiar quanto sua própria mão. Ela pensou: Agora que estamos seguras aqui, devo tentar entrar em contato com a Torre Proibida, para avisar que estamos bem. E gostaria de saber que as crianças estão saudáveis e

contentes. Preparou-se para o sono, uma das mãos tocando na bolsa de seda em sua garganta em que guardava a matriz.

Sonolenta, deixou a mente começar a sair do corpo. Um instante depois se encontrava no mundo superior, olhando através do cinza para seu vulto aparentemente adormecido, vendo os corpos imóveis de suas quatro companheiras. Mas embora tentasse se projetar mais além, pelo mundo cinzento, em busca dos pontos de referência da Torre Proibida, alguma coisa parecia retê-la no quarto. Pairou ali, imóvel, sentindo vagamente que havia algo errado. Descobriu-se a olhar para cada uma das companheiras, contraída para o vôo, mas mantida ali por uma força que não podia superar. Não estava acostumada a isso; e embora ficasse livre de qualquer sensação física, quando estava fora de seu corpo, experimentou uma ansiedade, um medo à espreita que estimulava a dor real.

O que podia estar errado? Tudo parecia normal; Jaelle sentada, em silêncio, alerta; Vanessa e Cholayna, a mulher mais velha deitada de lado, o rosto oculto no travesseiro e apenas uma parte visível dos cabelos brancos, Vanessa sob as mantas como uma criança; Camilla também dormia, embora se revirasse, inquieta, murmurando para si mesma, o rosto franzido. Magda silenciosamente amaldiçoou Matera em todas as línguas de que se lembrava.

Baixinho a princípio, depois mais alto, ela ouviu um som no silêncio do mundo superior; era o chamado dos corvos. E logo pôde avistá-las, as figuras encapuzadas, imagens enevoadas, pouco a pouco se tornando mais definidas. Por um instante, ela experimentou uma sensação vaga de bem-estar. Este é o caminho certo. Estamos fazendo o que nascemos para fazer. E depois a apreensão voltou, mais forte do que antes; os corvos soltavam seu grito de alarme, um som rouco, estridente, espalhando-se pelo mundo superior. Um grito mais forte ressoou pelo quarto que não era de fato um quarto. Falcões! De algum lugar, dezenas de falcões estavam no quarto, investindo contra os corvos de todas as direções. Uma grande onda de emoção, uma combinação de ira, frustração e inveja, emanava dos falcões — fez Magda se lembrar do mito terráqueo de Lúcifer e seus anjos caídos, expulsos do paraíso e para

sempre tentando impedir que os outros alcançassem o que eles haviam perdido.

Um par de falcões, as penas caindo, salpicadas de sangue, mergulharam para Camilla, e Magda voltou abruptamente a seu corpo, enquanto a amiga despertava gritando. Ou não houvera qualquer som? Camilla estava sentada no saco de dormir, os olhos desvairados, os braços estendidos para se defender de alguma ameaça invisível. Magda tocou em seu ombro, e Camilla piscou e acordou de verdade.

— A Deusa me guarde — balbuciou ela. — Eu vi... dez mil demônios... e depois você apareceu, Margali, com... — Ela fez uma pausa, franziu o rosto, antes de acrescentar, um sussurro confuso: — Corvos?

— Você estava sonhando, Kima.

O apelido raramente usado, raramente permitido, era a medida da perturbação de Magda. Camilla sacudiu a cabeça.

— Não. Você já falou das emissárias da Dama Negra como assumindo a forma de corvos. Não tenho certeza se compreendo...

— Nem eu.

Mas no instante mesmo em que falava, Magda teve uma súbita visão de Avarra, Dama da Morte, senhora das forças que destroem e arrebatam o que é passado e inútil; corvos, animais e aves de carniça, limpando os detritos do passado. Falcões; aves de rapina, atacando os vivos...

Vanessa murmurou em protesto, aconchegando-se no saco de dormir. Magda olhou com remorso para suas companheiras. Não deveria perturbá-las. Levantou-se e foi para o lado do fogo, ajoelhando-se junto de Jaelle. Perguntou num sussurro:

— Viu alguma coisa?

Jaelle despertou de um cochilo irrequieto.

— Ah, que guardiã eu sou! Poderíamos todas ter sido assassinadas enquanto dormíamos! — Ela fez um gesto nervoso para o fogo. — Eu vi nas chamas... mulheres, em túnicas, encapuzadas, com os rostos de falcões, circulando por cima de nós... Margali, não gosto de sua Irmandade.

Magda fez sinal para que Camilla se aproximasse.

— Vimos também. Nós duas. Acho que os falcões são... são a turma de Acquilara, se isso faz sentido para vocês, e nada têm a ver com a verdadeira Irmandade. Mas as autênticas estão perto de nós. Vão nos proteger, se escutarmos. Mas se escutarmos a Acquilara, suas ameaças e chamados...

— Tem razão — resmungou Camilla. — Também recebi um aviso. Se ficarmos aqui, é bem possível que teria sido melhor morrermos nas mãos dos bandidos. Não são nossos corpos que correm perigo desta vez; o ataque é contra os bastiões internos de nossas mentes. Nossas almas, se preferirem assim. Não é Arlinda ou suas garotas que eu temo, mas de alguma forma elas permitiram que este lugar ficasse exposto... — Ela fez uma pausa, aturdida. — Não sei do que estou falando. É a isso que vocês se referem quando falam de laran?

Jaelle olhou de uma para a outra, consternada.

— O que sugerem que façamos?

— Que saiamos daqui o mais depressa possível, sem sequer esperar pelo amanhecer — respondeu Camilla.

— Uma péssima retribuição pela hospitalidade — murmurou Jaelle, hesitante.

— Hospitalidade uma ova! — protestou Camilla, secamente. — Se fosse, não lançariam em cima de nós aquela feiticeira... não lhe darei o título honrado de Ieronis.

Mas Jaelle ainda sentia-se perturbada.

— Cholayna tinha razão nesse ponto. Se Acquilara está com Rafí... e a Tenente Anders... não podemos deixá-las em seu poder. Se ela pode nos guiar até as duas...

— Acho que ela mentiu, para nos persuadir a segui-la — declarou Camilla.

— Mas em nome da própria Deusa, por que motivo? — indagou Magda. — O que ela pode querer conosco? E por que tentaria nos enganar?

— Não sei — respondeu Camilla — mas não acredito em uma só palavra do que ela disse. Se nos garantisse que Liriel estava nascendo no horizonte a leste, eu olharia para o céu, a fim de me certificar.

Durante sete anos afligiu-me que Camilla não usasse o laran com que nasceu. Agora, quando ela o faz, tento contestá-la, pensou Magda. Contudo, ela captara de Jaelle a verdadeira preocupação; de suas ações, nas próximas horas, poderiam depender as vidas de Lexie e Rafaella. Ela pensou: Que se danem as duas!, e no mesmo instante tratou de se retratar.

Há anos que sabia que um pensamento era uma coisa concreta. Não possuía o laran do Domínio de Alton, onde um pensamento assassino podia matar, mas compreendeu, cansada, que não queria que qualquer mal se abatesse sobre Rafaella, que era a amiga mais antiga de Jaelle. É verdade que gostaria de dar uma boa lição em Lexie, mas não queria realmente vê-la ferida ou morta. Fora insensato o que as duas haviam feito, absurdo e inadmissível, mas a morte ou a danação seriam uma penalidade exagerada. Qual era então a resposta?

— Vamos supor que ela falou a verdade... mesmo que seu propósito fosse o de nos confundir desse jeito... e que esteja realmente com Lexie e Rafaella — disse Magda. O que faríamos nesse caso?

— Talvez esperar que ela volte, e eu garanto que lhe arrancaria a verdade — afirmou Camilla; ela pôs a mão na faca, depois baixou-a, com uma expressão sombria.

— Não fui muito competente na hora de enfrentá-la, não é?

— Não, não foi — concordou Jaelle. — Não podemos lutar contra ela desse jeito. Creio que esse tipo de luta seria a pior coisa que poderíamos fazer. Ela seria capaz de usar... a emoção contra nós. Entende o que estou tentando dizer, Magda?

— Ela pode nos levar a lutar entre nós. Umas contra as outras. Talvez seja esse todo o poder mental de que ela dispõe, mas tenho certeza de que pode fazer isso ou algo pior. Lembrem-se do que ela parece ter feito com Arlinda.

— Mas, em nome de todos os Deuses e Deusas que já existiram, quais poderiam ser suas razões? — indagou Camilla. Não venham me dizer que ela entrou em nossas vidas, mentiu e mandou seus demônios contra nós só pela diversão! Mesmo que ela tenha um bizarro senso de humor e o prazer de mentir, o que poderia

ganhar com isso? É possível que ela seja maligna, mas não consigo acreditar em feiticeiras que se entregam à iniquidade sem qualquer motivo. O que ela pensa que pode tirar de nós? Se era o roubo que tinha em mente, não precisaria recorrer a toda essa encenação. Seria mais simples subornar as vigias de Arlinda.

— Talvez seja uma maneira de nos manter longe das autênticas — sugeriu Jaelle, depois de um longo momento. — Da verdadeira Irmandade.

Camilla disse, desdenhosa:

— Ainda posso acreditar numa Irmandade de sábias sacerdotisas, valendo pela humanidade, em nome da Deusa Negra. Mas duas é levar minha credulidade além dos limites, Shaya.

— Não, Camilla, falo sério. Todas as lendas dizem que seremos testadas. Se elas são mesmo o que as pessoas dizem, então devem ter inimigas. Inimigas de verdade... ou por que manteriam o segredo em suas ações? Para mim, não é difícil acreditar que pode haver... outras, talvez uma Irmandade rival, que odeia tudo o que a outra representa e que não se deterá diante de nada para impedir que as pessoas a alcancem. E a verdadeira Irmandade permite que isso aconteça porque... ora, porque torna mais difícil para as aspirantes sérias encontrarem-na. Afinal, não posso imaginar que as autênticas queiram perder tempo com pessoas do tipo que escutaria Acquilara e sua laia.

— Você errou de profissão, Jaelle; deveria ser uma cantora de baladas no mercado — disse Camilla. — Nunca ouvi um melodrama tão inventivo.

Jaelle deu de ombros.

— Se é isso ou não, a nossa principal questão continua sem resposta. Independente do que Acquilara possa ser, mentirosa, ladra, iníqua ou representante de alguma Irmandade rival, o problema com que nos defrontamos ainda é o mesmo. Ela está com Rafaela e Lexie, ou mentiu sobre isso também? E se ela tem as duas em seu poder, como vamos descobrir, o que devemos fazer? Se alguma de vocês tem uma resposta para essa questão, melodrama ou não, escutarei com o maior prazer. Reluto em sair daqui sem ter certeza se Rafaela está nas mãos daquela mulher.

Tudo sempre acabava se reduzindo a isso, pensou Magda, em frustração. Começavam a dar voltas e mais voltas, sem chegarem a parte alguma; e foi o que ela disse.

— É melhor você dormir um pouco, Jaelle. Não é provável que Camilla e eu consigamos dormir depois daquele...

Magda hesitou, em busca de uma palavra, pois não queria falar ataque; afinal, poderia ter sido apenas um sonho partilhado pelas três e derivado da desconfiança e medo daquele lugar. Mas Jaelle captou seu pensamento.

— Não é tão tarde assim — disse ela. — Se não tivéssemos viajado tanto, nenhuma de nós tentaria dormir a esta hora. É possível que as aprendizes de Arlinda ainda estejam despertas, talvez bebendo ou dançando no refeitório, talvez refesteladas no banho. Vou até lá e tentarei conversar com elas. Talvez alguma tenha falado com Rafi! durante sua permanência aqui.

— Uma boa idéia — disse Camilla. — Deixe-me ir com você, chiya.

Jaelle sacudiu a cabeça.

— Elas falarão mais livremente se eu estiver sozinha. A maioria é da minha idade ou mais jovem, e há duas ou três em quem eu costumava confiar. Verei se ainda se encontram aqui e se estão dispostas a falarem comigo. — Jaelle enfiou os pés nas botas e acrescentou, antes de sair: — Tentarei voltar antes de meia-noite.

Capítulo Dezenove

Depois que Jaelle as deixou, a noite arrastou-se. Magda e Camilla quase não falaram, e as poucas palavras foram comentários corriqueiros sobre a viagem. Magda ficou com sono, mas não se atreveu a deitar e fechar os olhos, com medo de um novo ataque da coisa que a atacara antes, o que quer que fosse. Sabia que era irracional, mas por algum motivo sentia-se apavorada com a perspectiva de ver outra vez aqueles falcões mergulhando; e embora Camilla assumisse uma atitude destemida, ela sabia que a amiga sentia a mesma coisa.

Cholayna teve um sono irrequieto; Magda calculou que a terráquea devia no mínimo estar tendo pesadelos, mas não a despertou. Cholayna precisava descansar. Podia com certeza sobreviver a pesadelos, mas havia outras preocupações. Magda desconfiava, pelo som da respiração, que Cholayna começava a apresentar alguns dos primeiros sintomas da doença das montanhas. Como a mulher mais velha sobreviveria ao território inóspito além de Nevarsin? Mal tinham alcançado o platô mais elevado.

Cholayna era resistente, já sobrevivera ao Passo do Corvo e aos salteadores, atravessara Scaravel, exausta, congelada, mas ainda firme. De qualquer forma, ela pediria a Vanessa, que sabia mais sobre as montanhas e altitude do que as outras, para ficar atenta a Cholayna. Como se Vanessa precisasse de um aviso meu para isso! Aqui estou mais uma vez, tentando proteger a todas. Não é minha função e preciso compreender isso; as outras pessoas têm o direito de assumir seus próprios riscos, enfrentar os perigos que quiserem.

Em torno delas, a vibração da noite diminuía; os sons na rua desapareceram quase por completo. Magda não sabia como interpretar o repicar distante dos sinos do mosteiro, mas tocaram várias vezes, um som melancólico, antes que Jaelle voltasse ao quarto. Camilla, imóvel diante do fogo, levantou a cabeça.

— E então?

Jaelle adiantou-se, sentou no chão, diante do fogo.

— Encontrei duas velhas amigas.

A voz era baixa; em parte, Magda sentiu, para não acordar Vanessa e Cholayna, mas em parte também porque Jaelle receava ser ouvida por algo que não se encontrava no quarto.

— Uma delas era uma garota que conheci quando vinha aqui com Kindra. Não tinha mais do que doze anos naquele tempo, mas Jessamy recordou algumas de nossas brincadeiras.

Reconheceu Rafaella no instante em que elas chegaram aqui. Ficaram alojadas neste mesmo quarto.

— Elas passaram por aqui — murmurou Camilla. — Era o que eu pensava. Mas por que não esperaram por nós? E Anders estava com ela?

— Jessamy disse que sim. Ao que parece, Lexie tinha um pequeno problema de ulceração do frio, e passaram um dia extra aqui, a fim de que ela se recuperasse para continuar a viagem. Jessamy não conversou com Rafi sobre qualquer assunto pessoal, ou em particular, mas Rafi lhe contou que eu viria... e Jessamy até pensou que elas tencionavam esperar por mim aqui. Foi por isso que ela ficou tão surpresa quando Rafi foi embora sem sequer se despedir, sem ao menos deixar um presente pela estadia.

— Rafaella não é disso — comentou Camilla. — Já viajei com ela pelas montanhas. Sempre foi generosa com as gorjetas... é a melhor política. Aqui por cima, tudo funciona dessa maneira... é preciso engraxar as engrenagens, por assim dizer. Mesmo que estivesse com pouco dinheiro, ela pediria desculpas, daria os presentes que pudesse dispensar, faria muitas promessas. O que terá acontecido?

— Jessamy informou que Arlinda não se importou... elas pagaram a estadia, e Arlinda não costuma indagar se as garotas receberam gorjetas. Mas Rafaella já estivera aqui antes, acompanhando exploradores, e como você disse, Camilla, sempre foi generosa com as gorjetas. Jessamy não se queixou nem criticou Rafi, mas ressaltou que ela devia estar com muita pressa. Nem mesmo se lembrou das mulheres que consertaram seu alforje e trataram de um dos pôneis.

A expressão de Camilla era sombria.

— Se queríamos alguma prova, aqui está. Rafi não faria esse tipo de coisa, não se esperava voltar aqui e obter um serviço decente. Por algum motivo, elas partiram às pressas, quando previam esperar por nós aqui. O que mais você quer? É bem provável que a tal de Acquilara, ou como quer que ela se intitule, seqüestrou-as no meio da noite.

— Se ela estava aqui para falar com a gente, então não partiu com Rafí e Lexie — protestou Magda.

— A menos que ela as tenha levado e escondido em algum lugar próximo — ressaltou Jaelle. — E se elas foram de bom grado, como explicar o fato de que Rafaella foi embora sem se despedir e deixar presentes?

— Ela não faria isso se tencionasse nos avisar que não partiram de bom grado? — especulou Camilla.

— E se Acquilara as escondeu nas proximidades — acrescentou Magda — então podemos ficar esperando aqui, até que nos leve a elas. É o que ela pretende fazer. Foi o que disse.

— Não sei o que vocês pensam, mas não pretendo ir a lugar algum em companhia daquela criatura — declarou Camilla. — A lugar algum, entendido? Não confiaria nela por trás de mim... mesmo que estivesse amarrada e amordaçada.

— Se ela está com Rafaella e Lexie...começou Magda.

— Se Rafaella foi tão tola a ponto de confiar naquela bruxa infernal, então mereceu qualquer coisa...

— Parem com isso, vocês duas! — suplicou Jaelle. — Essa discussão não ajudará em nada. E não posso conceber que Rafí tenha confiado naquela mulher.

— Jaelle, acha que não estou preocupada com ela... com as duas? Se Camilla sente que não pode confiar na tal de Acquilara, se depois ela mandar nos chamar, dizendo que Rafí e Lexie estão em sua companhia, então talvez você e eu...

— Confio na intuição de Camilla — interrompeu Jaelle. — Talvez eu deva procurar amanhã a mulher que cuidou dos pôneis, entregarei a gorjeta que sei que Rafi gostaria de dar, tentarei descobrir quem as viu partindo, se alguém as acompanhava.

— É uma boa idéia — disse Magda. — E não fará mal algum a Cholayna ter um dia extra de descanso.

— Também me preocupo com ela — comentou Camilla. — Quanto menos não seja por sua causa, seria ótimo se a nossa viagem terminasse aqui, em Nevarsin. O território além... vocês sabem como é.

— Sei muito bem, pois nasci em Caer Donn — lembrou Magda. Ela bocejou, e Camilla sugeriu, de forma previsível:

— Se está com sono, Margali, vá se deitar. Ficarei de guarda, junto com Jaelle.

Magda ainda relutava em dormir, mas sabia que não poderia viajar no dia seguinte se não descansasse. O que era ainda mais verdade em relação a Camilla, que não era mais jovem, e já apresentava sinais de fadiga de viagem, mas que parecia ainda mais temerosa em dormir. Assim como Cholayna, ela não poderia viajar sem descanso. O laran de Camilla parecia estar aflorando, depois de todos os anos em que ela tentara reprimi-lo. Subitamente, com uma pontada de terrível solidão, Magda pensou: Eu gostaria que Damon estivesse aqui. Ele poderia me indicar o que fazer por Camilla. Era um fardo pesado demais para carregar sozinha. Damon, no entanto, estava muito longe, nas colinas Kilghard, e por algum motivo Magda parecia estar privada do acesso familiar à Torre Proibida, através do mundo superior. Bem que tentara e sabia, no fundo de seu coração, que um novo esforço acarretaria outro ataque dos...falcões? Damon poderia cuidar disso também. Ele é nosso Guardião.

E foi então que ela recordou algo que Damon lhe dissera: qualquer técnico meio competente pode fazer, se necessário, o trabalho de um Guardião. Qualquer coisa que ela achasse que deveria invocar Damon para fazer, também seria capaz de realizar. E era o que devia fazer agora.

— Você deve dormir, Camilla. O que me diria nesta situação? Também sinto medo, bredhiya. — Ela usou o termo carinhoso deliberadamente, uma maneira de dizer confie em mim. — Mesmo assim, precisa dormir. Jaelle e eu vigiaremos o quarto, de tal maneira que nenhuma bruxa ou influência maligna poderá entrar aqui, nem mesmo em sonhos. Ajude-me, Shaya.

Decidida, Magda desembalhou sua matriz, observando o rosto de Camilla; os olhos da mulher mais velha fixaram-se na matriz, logo se desviaram.

— Não tente olhar para a matriz, pois não está treinada para isso. Pode deixá-la doente. Sua vez ainda chegará, mas não deve tentar, por enquanto...

— Eu? Usando uma matriz? Que a Deusa me proíba...

— Desde que seja a Deusa que proíbe, não o seu próprio medo, Kima. — Outra vez, deliberadamente, ela usou o apelido que nunca falara antes na presença de terceiros.

— E se for a Deusa quem a está conduzindo para isso? Confie em mim; sei o que faço. Mas desvie os olhos da matriz por enquanto.

Magda falou num tom gentil, com o que chamavam de voz de comando, e Camilla, obediente e surpresa pela obediência, desviou os olhos.

— Jaelle...

Juntas, elas combinaram as vibrações, até trabalharam em uníssono. Por um instante, o contato explodiu, ardeu entre as duas, uma intimidade além da palavra ou sexo, indescritível. Se ao menos Camilla pudesse partilhar isso...

Nenhuma das duas teve certeza de que mente se originara o pensamento, ou qual respondeu, pesarosa: Não. Ela não está preparada. Ainda não.

Enquanto as matrizes vibravam em harmonia, houve um fogo azul momentâneo no quarto. Camilla levantou a cabeça bruscamente, aturdida, mas fora tão rápido, Magda sabia, que Camilla já especulava se vira mesmo alguma coisa. Se os falcões aguardam qualquer movimento de saída deste quarto, então a verdadeira Irmandade também deve estar nos observando. Elas nos ajudarão a lacrar o quarto... Elas não podem interferir. Mas nós temos esse poder...

O contato de Jaelle era como uma mão segurando a sua, uma mão que empunhava uma faca de amazona, que luzia com um fogo azul. Embora soubesse que não saíra do lugar em que se encontrava, ajoelhada junto do fogo, a matriz entre os dedos, Magda

descobriu-se de alguma forma caminhando ao lado de Jaelle, circulando pelo quarto, uma linha de fogo azul-branco em sua esteira, projetando-se da faca. Ela fechou o círculo; juntas, ergueram as mãos num arco (embora nenhuma das duas se mexesse), e entre suas mãos uma teia de fogo pálido correu de um lado para o outro.

A velha estava ali, com sua risada estridente. Então vocês acham que podem impedir minha entrada, suas tolas? Mãe, não a sua. Mas nossas amigas precisam descansar e não devem ser bicadas por falcões enquanto dormem.

O fogo azul projetava-se das matrizes, entrelaçando-se, até que o quarto ficou encerrado num domo reluzente. Magda lançou sua percepção em todas as direções, procurando qualquer falha na proteção. Por um instante, o rosto de Acquilara estava ali, ameaçador, terrível, como Magda o vira por uma fração de segundo, através de sua pretendida jovialidade e desdém, fervendo de raiva. Ela está advertida, sabe que sabemos que não é o que parece... Pensou realmente que poderíamos realizar esse tipo de trabalho sem alertá-las?

O falcão estava ali... e mergulhava para seus olhos... Instintivamente, Magda ergueu a matriz em sua direção, interpondo um escudo de fogo. As penas do falcão arderam em chamas, e Magda recuou do calor, do grito súbito e assustador; sentiu os dedos ficarem inertes, a matriz caiu de sua mão. Fogo e um cheiro de coisa queimada... penas?...surgiram no quarto; e depois a matriz estava em sua mão... realmente a soltara, ou fora apenas uma ilusão?

O fogo na lareira ardera até formar uma camada regular de brasas. O quarto estava silencioso e sereno, sem magia, apenas um quarto aconchegante, onde cinco mulheres exaustas podiam dormir. A louça do jantar ainda se encontrava sobre a mesa, no centro. Jaelle foi até a mesa, pegou uma fatia de pão, espetada em sua faca, estendeu-a para a lareira. Enquanto o pão torrava, Camilla pegou a última garrafa de vinho, que partilharam, passando de boca em boca. Jaelle só queria saber uma coisa:

— Vocês viram a velha?

— Tive medo dela na primeira vez — respondeu Magda, tomando a sua parte do vinho. — Agora sei que ela não nos fará mal.

Pela primeira vez, ela não sentia qualquer hesitação. Agora estavam seguras. Jaelle partiu o pão torrado ao meio, entregou uma metade a Magda, as duas ficaram mastigando em silêncio. Ao olhar inquisitivo de Camilla, Jaelle explicou:

— A comida fecha os centros psíquicos. Você está com fome?

— Por algum motivo que ignoro, estou, sim, embora pensasse que tinha comido tanto do excelente jantar que poderia passar dias sem ficar com fome — comentou Camilla.

Ela mordeu uma fruta, jogou o caroço no fogo. Por um instante, Magda tornou a sentir o cheiro de penas queimando; e no momento seguinte havia apenas o cheiro do pedaço de maçã queimando.

Elas dormiram sem sonhos. Magda foi despertada pelo som de tosse, um acesso profundo, intenso, sonoro, que sacudia o corpo esguio de Cholayna, como se fosse alguma força externa. Vanessa já se encontrava a seu lado, com o equipamento de primeiros socorros, examinando-a. Mas Cholayna desvencilhara-se e correu para a latrina, no compartimento adjacente, onde puderam ouvi-la vomitando.

— Isso é péssimo — comentou Vanessa. — Qual é a altitude desta cidade?

— Jaelle está com os mapas Ela pode informar. Não sei direito.

Magda podia compreender, sem precisar que alguém lhe dissesse. Talvez uma em quarenta ou cinquenta pessoas sofria bastante nas altitudes mais elevadas. Cerca da metade das que eram afetadas podia melhorar, se houvesse tempo e descanso para uma aclimação lenta às novas altitudes. Umhas poucas desenvolviam edema pulmonar, pneumonia, ou mesmo hemorragia cerebral, se subissem ainda mais. Não havia como prever qual seria a reação de Cholayna, tinham de esperar para ver. Camilla, acordando, ouviu o ruído e comentou:

— Ela está com a doença da montanha. Vou verificar se há chá de espinheiro-preto na cozinha de Arlinda. Se não houver, qualquer

outro chá ou líquido pode servir, mas ela deve beber o máximo que puder.

— Parem de se preocupar — protestou Cholayna, aparecendo na porta. — Aquele jantar ontem à noite foi um exagero para mim, depois de dias e dias de rações de viagem. Isso é tudo.

— Mesmo assim — insistiu Vanessa — você apresentou todos os sintomas, tosse, náusea e vômito. A menos que tenha ocorrido um milagre e você esteja grávida na sua idade, está com um caso avançado de doença da altitude; e pode ter certeza, Cholayna, que não é um problema que se possa encarar levemente.

Os olhos de Cholayna estavam fundos nas órbitas. Ela tentou sorrir, mas não conseguiu.

— Aconteceu tudo de novo, não é mesmo? Vou atrasar vocês, o elo mais fraco na corrente...

— Levamos tudo isso em consideração quando concordamos em permitir que nos acompanhasse — disse Camilla, bruscamente. — Mas precisa descansar hoje, seu corpo deve se acostumar ao ar rarefeito aqui por cima. Vou buscar um chá, e não esquecerei de dar uma gorjeta às mulheres da cozinha, que podem servir a mais de um propósito.

Magda não pensara nisso. Talvez Rafaella tivesse conversado com uma delas; se Lexie sofria de ulceração do frio, elas precisariam de medicamentos e bebidas quentes. Levantando os olhos, ela fitou Jaelle, que disse:

— Vou dar um pulo ao estábulo. Agora que penso nisso, lembro que um dos pôneis parecia mancar um pouco. Encontrarei a mulher que ajudou Rafaella, e lhe darei a gorjeta que, tenho certeza, minha sócia haveria de querer que recebesse, se não estivesse com tanta pressa ao partir.

Era uma missão que só Jaelle podia fazer, estaria melhor aos seus cuidados. Camilla saiu para a cozinha. Depois que Jaelle se vestiu e deixou o quarto, Camilla persuadiu Cholayna a voltar para seu saco de dormir e descansar. Camilla voltou com uma chaleira fumegante e meia dúzia de pacotinhos de ervas.

— Elas avisaram que o desjejum será servido dentro de poucos minutos — anunciou Camilla. — Sentiu o aroma de um bolo de noz

no forno. Uma delas me contou que sempre fazem um bolo para as irmãs da Guilda que se hospedam aqui.

Camilla despejou a água fervendo sobre as ervas.

— É um chá de raiz-negra, um estimulante para o coração, que também deixa o sangue vermelho; vai ajudá-la a se acostumar às montanhas — explicou ela, ajoelhando-se ao lado de Cholayna. — Beba e descanse. Talvez amanhã seu corpo já tenha se aclimatado à altura, e possa continuar a viagem conosco.

Cholayna tomou o chá amargo sem protestar, apenas torcendo um pouco o nariz ao gosto. Perguntou em voz fraca:

— E se eu não melhorar?

— Nesse caso, vamos esperar até que se encontre em condições de viajar — respondeu Magda, no mesmo instante.

A desculpa de que uma de suas companheiras estava doente demais para viajar pelo menos evitaria alguma insistência de Acquilara ou qualquer de suas coortes para que acompanhassem imediatamente a bruxa.

Qualquer discussão adicional foi suspensa pela chegada do desjejum, em diversas bandejas, exigindo duas moças para carregá-las. Magda deu gorjetas generosas às moças, depois sentou diante da ampla variedade de pães quentinhos, biscoitos, bolo de noz, manteiga em abundância, mel e conserva de maçã, ovos cozidos e salame temperado com cogumelos. Vanessa e Camilla comeram vorazmente; mas Cholayna estava nauseada demais para ingerir qualquer coisa. Magda persuadiu-a a engolir um pouco de pão e mel, acompanhando o chá, mas não adiantava insistir para que Cholayna comesse o resto dos alimentos a que não estava acostumada; de qualquer maneira, era bem provável que ela não conseguisse mantê-los no estômago.

Jaelle não voltou. Sem dúvida decidira comer o desjejum com as aprendizes no estábulo, enquanto tentava descobrir o que elas sabiam. As mulheres que removeram as bandejas do desjejum foram logo sucedidas pelas que trouxeram de volta as roupas lavadas. Camilla saiu com elas, convidada a visitar as lojas em que se vendiam luvas. Magda acomodou-se para cerzir as meias; continuava a não gostar de costurar, mas detestava ainda mais usar

meias com buracos, especialmente naquele clima. Vanessa seguiu seu exemplo, e as duas ficaram sentadas em silêncio, consertando as roupas.

Cholayna, apoiada em almofadas, escrevia em seu caderninho. O fogo crepitava alegremente na lareira; as mulheres haviam trazido o que parecia ser um suprimento inesgotável de lenha. Reinava a tranqüilidade no quarto; Magda sentiu que seus pesadelos não haviam sido mais do que isso. Mas a tosse pesada de Cholayna rompeu o sossego do quarto. O que Jaelle conseguiria descobrir? O que aconteceria se Acquilara as chamasse antes que Cholayna estivesse em condições de viajar? Magda preparou mais um pouco do chá especial para Cholayna, instou-a para que bebesse o máximo que pudesse.

— Cholayna, se você não estiver melhor dentro de um dia ou dois, isso pode significar que é uma das pessoas que simplesmente não podem se adaptar de forma adequada às montanhas. Agora que sabemos onde Lexie e Rafaella estão, confiaria que eu fosse no seu lugar, deixando a Vanessa o encargo de levá-la de volta a Thendara? Não precisaria atravessar os desfiladeiros, exceto o de Scaravel; poderia viajar pela Grande Estrada do Norte, que é bem definida, com bastante movimento, durante o ano inteiro. Não quero a sua doença pesando em minha consciência...

— Não há qualquer dúvida a respeito, Magda. Fui eu que decidi vir, ninguém me obrigou, e você não é absolutamente responsável por coisa alguma.

— Seja como for — interveio Vanessa — a doença da altitude é séria. Diga-me uma coisa, Cholayna: já ficou com a visão turva?

— Não, não senti nada disso — respondeu Cholayna, impaciente, — Sinto-me muito cansada e a comida não cai bem no estômago. Bastará um dia de descanso para que eu me recupere.

— Pode estar certa de que é o que eu espero — disse Magda. — Mas se isso não acontecer, seu único recurso será descer para um nível mais baixo; não conseguirá se recuperar enquanto permanecer em Nevarsin. E além de Nevarsin, é ainda pior, muito pior. Não poderia confiar em mim para fazer o que for possível por Lexie?

Cholayna inclinou-se, pegou a mão de Magda. Era um gesto de sincera afeição.

— Não é uma questão de confiança, Magda. Há quanto tempo vocês duas se conhecem? Mas eu treinei Alexis também. Não posso... e não Vou abandoná-la agora. E exatamente você, entre todas as pessoas, deve compreender isso.

Ela sorriu à expressão de frustração de Magda.

— Vamos esperar para ver. Talvez amanhã eu esteja em condições de viajar. Sei que algumas pessoas se aclimatam mais devagar do que outras. Não sou tão rápida quanto Vanessa, mas isso é tudo.

— Mas se isso não ocorrer? — insistiu Vanessa. — Pelo menos prometa que concordará em voltar nesse caso.

— Se eu não melhorar, decidiremos então o que fazer. Não farei nenhuma promessa, Vanessa. Você ainda não é minha superior...

— Se eu certificasse que está inapta para o serviço...

— Pare com isso, Vanessa — protestou Cholayna, gentilmente. — Nenhuma de nós se encontra aqui nas mesmas condições que prevalecem no QG. Aceito os seus conselhos como uma pessoa que conhece as montanhas, e farei qualquer coisa que me disser, a fim de tentar compensar minha lentidão na aclimatação. Até mesmo beber esse medicamento nauseante de velhas que Camilla me trouxe.

— Contem alguma coisa parecida com... — Vanessa mencionou uma droga terráquea que Magda não conhecia. — Há séculos que se usa nestas montanhas para casos assim, de doença da altitude. Não deve assumir uma mentalidade tacanha.

— Não é mentalidade tacanha dizer que preferiria cápsulas de algo familiar, em vez dessa beberagem horrível.

Apesar disso, Cholayna tomou o chá que Vanessa lhe serviu, fazendo uma careta.

— Estou fazendo o melhor que posso. Você nasceu nestas montanhas, Magda; e você, Vanessa, vem escalando montanhas desde a adolescência. Dêem-me algum tempo.

— Você é uma velha teimosa — resmungou Vanessa. Cholayna sorriu e disse, com igual afeição:

— E você é uma pirralha desrespeitosa.

Os sinos da cidade repicaram à distância. Cholayna caíra num cochilo leve. Vanessa estava irrequieta.

— Se ao menos houvesse alguma coisa-que eu pudesse fazer!

— Camilla e Jaelle podem fazer qualquer coisa melhor do que nós, Vanessa. Tudo o que podemos fazer agora é esperar, e cuidar de Cholayna.

Também não era fácil para Magda. Em seus anos como agente no campo, ela se acostumara a cuidar de tudo pessoalmente, a fim de que as coisas saíssem à sua maneira. O próprio ato de submissão, de sentar e deixar que outra pessoa fizesse o que era necessário, era estranho à sua natureza. Já era meio-dia; Cholayna despertara e elas persuadiram-na a tomar mais um pouco do chá de espinheiro-preto, quando Jaelle voltou, entrando no quarto e jogando seu velho casaco numa cadeira.

— Conversei com a mulher que consertou o alforje de Lexie. Parece que elas partiram abruptamente... como disse a mulher, à hora estranha da madrugada, quando todas as pessoas dormem. Por acaso a mulher estava acordada no estábulo, cuidando de um pônei doente. Ela informou que os sinos do mosteiro haviam acabado de tocar para o ofício noturno, que é apenas algumas horas depois da meia-noite... meu irmão foi educado em Nevarsin, e me contou essas coisas.

— Acquilara estava com elas? — perguntou Magda.

— Não havia ninguém com elas, ou pelo menos Varvari não viu ninguém — respondeu Jaelle. — Elas selaram e carregaram pessoalmente os cavalos. E Varvari sabia que caminho elas seguiram, pois ouviu Rafi falar sobre os perigos dos pássaros-espíritos no passo.

— Portanto, há duas possibilidades — disse Vanessa. — Uma Acquilara assustou-as tanto que fugiram.

Duas, combinaram se encontrar com ela em outro lugar. Desculpe, Jaelle, mas acho que isso não adianta muito.

— Pelo menos sabemos que elas deixaram a cidade — ressaltou Jaelle. — Seria praticamente impossível revistar Nevarsin de casa em casa. Pode não ser fácil procurá-las nas regiões ermas, mas pelo menos por lá não há tantas pessoas para atrapalhar a busca. E sabemos que foram para o Norte, pelo passo de Nevarsin, em vez de voltarem para o Sul, ou pegarem a estrada para o Oeste, através do planalto de Leng. Sempre ouvi dizer que essa estrada era intransponível, assediada por monstros terríveis, comparados com os quais os pássaros-espíritos parecem animais domésticos.

— Isso parece o equivalente darkovano de “ali tem dragões” — murmurou Cholayna.

— O passo de Nevarsin e os pássaros-espíritos já são dragões mais do que suficientes para mim — comentou Jaelle, a pragmática. — Quase cinco mil metros, mais alto do que o passo do Corvo. A estrada provavelmente é um pouco melhor, mas a questão é uma só: este é um mau ano para os pássaros-espíritos? Depende de um estudo ecológico bastante complicado, ou pelo menos era o que Kindra me dizia; se há uma quantidade suficiente de coelhos-do-gelo, os pássaros-espíritos conseguem se alimentar bem acima da linha das árvores, e permanecem lá por cima. Se um líquen ou outro se torna escasso dentro do ciclo de vida, há um problema na população dos coelhos-do-gelo, as fêmeas se tornam estéreis, e os pássaros-espíritos passam fome, por isso descem além da linha das árvores, procurando presas maiores. E o que sei sobre o ciclo de vida do coelho-do-gelo pode ser escrito na unha do meu polegar. Assim, teremos de correr o risco.

— Quer dizer que vamos segui-las pelo passo? — indagou Cholayna.

— Eu Vou... não tenho certeza quanto ao nós — respondeu Jaelle. — É uma obrigação minha. Você não parece ter condições para sequer ir até ao mosteiro para a operação vespertina, muito menos subir a cinco mil metros e enfrentar o pássaro-espírito...

— Discutimos tudo isso durante a sua ausência — informou Cholayna. — É uma obrigação minha também, Jaelle. Rafaella apenas seguia a orientação de Alexis. Onde quer que você vá, eu irei também. Isso já está acertado.

Jaelle abriu a boca para protestar, mas algo no tom de voz de Chelayna a deteve.

— Está bem. Descanse o máximo que puder, tente comer bem ao jantar. Partiremos cedo.

Capítulo Vinte

A tarde arrastou-se lentamente. Jaelle tornou a sair, a fim de acertar as contas com Arlinda, e (ela informou a Magda em particular) distribuir as gorjetas e presentes que Rafaella deixara de entregar.

— Desconfio que ela evitou os presentes habituais porque achava que assim poderia avisar sua partida a alguma espiã aqui — comentou Jaelle. — É bastante óbvio, primeiro, que Arlinda tem pavor de Acquilara, e segundo, que deve haver espiãs ou aliadas de Acquilara entre as mulheres que vivem aqui.

— Neste caso, não vai correr o risco, ao distribuir os presentes, de alertar as próprias pessoas que Rafi tentava evitar?

— Não há outro jeito. Rafaella pode precisar voltar aqui algum dia; ou eu tenha de retornar. Direi a elas que são os presentes que Rafaella teria dado, se dispusesse de tempo e dinheiro. Talvez acreditem, talvez não. Tem uma idéia melhor?

Magda não tinha. Arrumei minha mochila, com as roupas limpas e remendadas. Camilla foi ao mercado, levando Vanessa, a fim de comprar mais mingau de cereais e frutas secas para Cholayna, já que parecia improvável que a terráquea fosse capaz de comer bastante das tiras de carne seca, que constituíam a ração normal de viagem. Ela também comprou um estoque de chá de espinheiro-preto, que fizera muito bem a Cholayna.

Jaelle deu a Arlinda uma mochila cheia de mercadorias de troca que trouxera para Rafaella.

— Rafi não vai precisar além deste ponto, pois não há nada para trocar, e quase ninguém com quem trocar — explicou ela. — É verdade que guardei várias coisas, que poderão ser usadas como presentes ou subornos, se houver alguma aldeia lá por cima: doces e balas, pequenas ferramentas, espelhos, e assim por diante. Não podemos esquecer que a Guilda precisa manter boas relações com Arlinda; afinal, esta casa é o único lugar decente em que as Renunciantes podem se hospedar, aqui em Nevarsin.

— Não tenho tanta certeza disso, se Arlinda é vigiada ou controlada pelas emissárias de Acquilar — comentou Camilla, enquanto arrumava os novos suprimentos num alforje.

— Devemos negociar os cavalos aqui, levar apenas chervines para as terras mais altas. Os cavalos não possuem a mesma resistência...

— Cholayna e Vanessa não podem viajar em chervines — interveio Magda. — Creio que nem eu seria capaz. Os cavalos das montanhas são capazes de irem praticamente a qualquer lugar a que os chervines vão. E desconfio que se alcançarmos um terreno insuperável para um cavalo, será também insuperável para nós.

Enquanto carregavam os alforjes, Camilla puxou Magda para um lado, por um momento, e deu-lhe um par de luvas bordadas, feitas com o melhor couro do estabelecimento de Arlinda. Desde que haviam se tornado amantes, Camilla gostava de surpreendê-la com pequenos presentes assim. Os olhos de Magda encheram-se de lágrimas.

— Mas são muito caras, Camilla! Não deveria...

— Encontrei alguns homens das montanhas nas tavernas, homens que gostam de jogar dardos e não acreditam que qualquer mulher, nem mesmo uma emmasca que já foi uma guerreira mercenária, seja capaz de arremessar uma faca tão bem quanto eles. E quando o orgulho e a paixão pelo jogo levaram um homem a apostar mais do que podia pagar, generosamente aceitei estas luvas para saldar a dívida. Imagino que ele as comprou para a esposa ou namorada, mas ela terá agora de ensinar seu homem a não apostar no orgulho masculino.

Camilla soltou uma risada, baixa e gutural, antes de acrescentar:

— São absurdas e frívolas para esta cidade nas montanhas... suas mãos congelariam aí dentro... mas poderá usá-las quando voltarmos a um clima mais ameno.

E por um instante Magda sentiu-se animada, recuperando o otimismo; haveriam de voltar para o clima relativamente ameno de Thendara. Ela mal percebera, até então, como seu mundo se restringira ao gelo, frio, mãos congeladas, pés congelados. As finas

luvas bordadas lembravam flores, sol, um mundo em que era possível dançar nas ruas até o amanhecer, no solstício do verão, não aquela austera cidade monástica em que a neve cobria as ruas durante o ano inteiro.

Ela apertou a mão de Camilla, que passou um braço por sua cintura. Jaelle levantou o rosto e avistou-as. As mulheres da cozinha entraram neste momento, com o jantar que elas haviam encomendado, e Magda percebeu que Jaelle franzia um pouco a testa, como acontecia quando planejava alguma brincadeira. De repente Jaelle abraçou Vanessa, inclinou-se para beijá-la na boca. Vanessa ficou aturdida, mas Magda ouviu Jaelle dizer, embora soubesse que estava muito longe e escutava apenas o pensamento por trás do sussurro:

— Entre na brincadeira, sua tola! Ou pensa realmente que estou tentando seduzi-la?

Vanessa piscou em espanto, mas não protestou; enlaçou Jaelle, que lhe deu um beijo prolongado. Depois, lânguida, Jaelle virou-se para as mulheres que ajeitavam na mesa, os pratos e bandejas, e disse:

— Não nos incomodem até a quinta horas depois que os sinos do mosteiro tocarem para a oração da manhã.

Ela passou a descrever um requintado desjejum, pagou adiantado, acrescentando uma generosa gorjeta. Depois que as mulheres se retiraram, com muitas promessas sobre as iguarias finas que haviam sido encomendadas, Vanessa desvencilhou-se de Jaelle, o rosto vermelho.

— Você enlouqueceu? O que elas vão pensar?

— Exatamente o que quero que pensem — disse Jaelle — que permaneceremos na cama por muito tempo amanhã, em diversas combinações. Nunca lhes ocorrerá desconfiar que tencionamos deixar a cidade antes dos sinos repicarem para o ofício noturno; não saberão que partimos até trazerem aquele desjejum de luxo, quando o sol já estiver bem alto.

— E se a espiã de Acuilara não estiver entre as mulheres que trabalham na cozinha, mas sim no estábulo? — indagou Vanessa.

— Neste caso, eu a deixei embaraçada por nada. — com um dar de ombros malicioso, Jaelle tornou a abraçá-la e beijá-la. — Será que objeto tanto assim? Não vi sinal de reação.

Vanessa limitou-se a soltar uma risadinha. Poucos dias atrás, pensou Magda, ela ficaria furiosa. Pelo menos Vanessa não sente mais que somos uma ameaça a ela. Outro banho prolongado, depois um lauto jantar, servido no quarto, e elas se acomodaram para dormir por tanto tempo quanto pudessem. Para Magda, no entanto, o sono demorou a chegar, embora não mais temesse pesadelos, agora que o quarto fora fechado contra qualquer intromissão. Estava deitada entre Jaelle e Camilla. Depois que a mulher mais velha dormiu, Magda ficou se remexendo, até que Jaelle sussurrou:

— Também não consegue dormir? Qual é o problema? Sei que será uma viagem árdua, mas até Cholayna parece melhor. Creio que ela pode agüentar. Não continua preocupada com aquela bruxa velha da Acquilara, não é? Acho que conseguimos nos livrar dela. E tenho a impressão de que Lexie e Rafaella também fizeram a mesma coisa.

— Não tenho tanta certeza assim, Shaya. O que me incomoda é... quem são elas? O que querem de nós? E por quê?

— Pensei que você tinha uma teoria a respeito. Que elas provavelmente querem nos manter afastadas da verdadeira Irmandade.

— Mas torno a perguntar: por quê? Qual o proveito que teriam com isso? Apenas pelo puro gosto de fazer uma maldade? Não posso acreditar nisso. Deve ser necessário tanto talento e energia para controlar o que Acquilara está fazendo quanto precisamos para nos unir e operar com a Torre Proibida.

— E daí? — insistiu Jaelle. — Talvez seja apenas por ódio e inveja dos poderes da Irmandade. Acquilara, pessoalmente, parece não ter muitos poderes, apesar do que conseguiu fazer com Camilla.

— Mas mesmo que ela odiasse a Irmandade... não, Jaelle. Nós temos uma razão para existir, Jaelle. Damon, Callista, Andrew, Hilary, todos nós... trabalhamos para levar o que há de melhor no laran às pessoas nascidas fora das Torres, pessoas que não desejam repudiar seus dons, mas também não querem viver nas Torres, isoladas do

mundo real. Tentamos levar o laran para o mundo, provar que não há necessidade de nascer no Comyn, ser um aristocrata, ou até mesmo um darkovano, para ter e usar esses dons. Temos um propósito no que fazemos, mas é um trabalho árduo, às vezes angustiante. Por isso, não posso acreditar que ela se dê a tanto trabalho só para nos impressionar.

— Não sei qual poderia ser o motivo de Acquilara, Magda. Mas será que isso tem alguma importância? Não quero nada com ela, ou com seus poderes. De uma coisa, porém, tenho certeza: se você continuar a pensar nela desse jeito, acabará ocorrendo um contato telepático, e todas as nossas precauções serão inúteis.

Magda sabia que Jaelle tinha razão, e tentou se controlar para dormir, da melhor forma possível. Pensou em sua casa distante, em levar sua filha para a cama em Arminda, Shaya de camisola, os cachos macios e escuros desgrenhados. Não imaginara que se lembrava de tantas canções folclóricas darkovanas e baladas das montanhas que a mãe tanto se empenhara em colecionar, até que se pusera a cantá-las para Shaya, como acalantes. Elizabeth Lome, ela sabia, amava seu trabalho, e morrera pensando que a filha Magdalen não lhe dava a menor importância, nada sabia a respeito. Ela ficaria muito satisfeita se me ouvisse cantar para Shaya as baladas antigas da Iellers e colina Kiklghard que tanto amava. Algum dia, quando crescer, Shaya conhecerá a coleção de canções e baladas — um total de oito volumes, ou por aí — reunidas por minha mãe, e saberá um pouco do trabalho a que ela se dedicou com tanto fervor.

Talvez Shaya se tornasse uma música; Magda lembrou que a filha de cabelos escuros era capaz de repetir uma melodia, de forma clara e melodiosa, muito antes de saber falar direito. Cleindori no mundo superior: Fiquei surpresa quando tia Ellemir me contou de onde vêm os bebês. Pensei que vinham do mundo cinzento. Era uma luz fascinante na relação da educação sexual com a metafísica. Ela já era crescida, e depois voltou a ser um bebê, eu não podia falar com ela, a não ser aqui, no mundo superior. O acesso de Magda ao mundo superior se encontrava barrado, agora, por causa da bruxaria de Acquilara; se não fosse por isso, poderia entrar em contato com a

filha, abraçá-la mais uma vez. Se eu morresse nesta viagem, pensou Magda, nunca mais tornaria a ver Shaya. Mas se é verdade o que Cleindori disse, e não tenho motivos para acreditar que não seja, então a morte talvez não faça qualquer diferença. É curioso que eu aprendesse a ter fé com uma criança de cinco anos. Ela estava resvalando para o sono, ouvindo à distância o som tranqüilizador do chamado dos corvos. Parecia que apenas uns poucos momentos haviam passado quando Jaelle a acordou.

— Os sinos do mosteiro acabaram de tocar para o ofício noturno. Acorde Cholayna. Temos pão e frutas secas do jantar, que comeremos no caminho.

Jaelle enrolava longas perneiras de lã por baixo do calção. Magda vestiu-se depressa, inclinou-se e sussurrou para Cholayna. A terráquea estava mergulhada num sono pesado, e ocorreu a Magda que se quisessem deixá-la para trás poderiam sair agora, e Cholayna continuaria a dormir, só despertaria quando as mulheres da cozinha trouxessem o desjejum desnecessário.

Não. Ela também é nossa irmã. Devemos ser honestas com ela, pensou Magda, mas suspirou, desejando que Cholayna tivesse concordado em permanecer ali, na segurança relativa, ou voltar a Thendara, em companhia de Vanessa. Quase desejou que ela própria também pudesse voltar para o Sul, até Armida, ao encontro da filha e da família da Torre, ou mesmo até Thendara, e suas irmãs da Casa da Guilda. Ela pôs uma camada extra de roupas quentes, entregou algumas a Camilla, sem dizer nada.

— Estou bem assim, Margali, não se preocupe.

Magda ficou olhando fixamente para Camilla, e a mulher mais velha, ao resmungos, vestiu os agasalhos. Camilla era muito magra, ficaria satisfeita com o calor extra quando chegassem ao desfiladeiro. Cholayna tremia no frio do quarto enorme; elas haviam deixado que o fogo na lareira se extinguisse. O desperdício de combustível e calor era um grande crime nas Hellers. O desjejum encomendado por elas seria comido por outras, e ninguém sofreria qualquer prejuízo com isso, a não ser as próprias viajantes que pagaram e deixaram de consumir. Manter um fogo aceso durante a noite, sem necessidade, no entanto, era um desperdício que Magda

e Camilla, criadas nas montanhas, não podiam admitir, mesmo que isso significasse que teriam de dormir sob todas as suas cobertas até o momento da partida. Uma tênue camada de gelo formara-se no jarro com água, sobre a mesa a que haviam jantado. A geada também aparecia na única janela do quarto, alta e estreita. Jaelle murmurou:

— Meu irmão me contou que os noviços no mosteiro dormem nus na neve, usando apenas os capuzes, e correm descalços. Eu bem que gostaria de ter o treinamento deles.

— Creio que é um dos poderes psíquicos que eles possuem, — comentou Vanessa.

— Valentine diz que não, é apenas uma questão de costume e hábito, convencer a mente a exercer sua função de aquecer o corpo.

Cholayna ergueu uma sobrancelha, numa expressão de ceticismo.

— Pois eu não estou convencida. A hipotermia já matou e continua a matar muita gente. Como eles podem superar isso?

— Vai não teria razão em mentir para mim. Ele diz que um dos testes para os graus superiores entre os monges é tomar banho num córrego da montanha, descendo da geleira no pico de Nevarsin, e depois enxugar, com o calor do corpo, o hábito usado. Ele garante que testemunhou isso.

— Não poderia ser um truque para impressionar os noviços com o poder dos mais velhos?

— Que motivo eles teriam para isso?

— Ouvi histórias parecidas quando trabalhava em mapeamento e exploração — informou Vanessa. — Remonta a um passado distante, aos velhos tempos na Terra, antes do Império. Alguns homens que viviam nos platôs mais altos, a quatro mil metros ou mais, possuíam uma capacidade pulmonar maior do que as pessoas que viviam ao nível do mar. Seus corpos eram de tal forma adaptados que ficavam doentes nas terras baixas. Não duvido que os irmãos de Nevarsin sejam capazes de aprender a fazer essas coisas. O animal humano dispõe de uma capacidade de adaptação espantosa. Muitas pessoas achariam que seu planeta nativo,

Cholayna, é quente demais para habitação humana. Estive lá uma vez, e pensei que morreria de tanto calor.

O homem não foi projetado para viver onde a temperatura ambiente do ar é normalmente mais alta do que o calor do sangue.

— Talvez não — disse Cholayna, forçando a bota estreita por cima de três camadas de meias grossas. — Mas a verdade é que eu preferiria estar lá do que aqui.

Ela vestiu o grosso blusão, e depois indagou:

— Podemos ir?

Carregando as mochilas, penduradas nos ombros, elas atravessaram em silêncio os longos corredores, deixaram a área dos aposentos, alcançaram os estábulos. As portas pesadas rangeram, mas não houve qualquer outro som, exceto por Cholayna, que teve um súbito acesso de tosse.

— Quieta! — disse Jaelle, a voz ríspida, um pouco alta. Cholayna tentou abafar o som na manga, sem muito sucesso, o corpo todo tremendo no esforço.

Os cavalos, chervines e suas cargas, reduzidas consideravelmente desde a partida de Thendara, tudo se achava num canto do mesmo estábulo. Jaelle soltou um assovio de alívio.

— Desconfio que Arlinda compreendeu o que eu quis insinuar quando conversamos. Ontem à noite, os alforjes estavam guardados em dois armários diferentes, em outro estábulo.

Selando seu cavalo, Magda descobriu-se ao lado de Vanessa; e perguntou baixinho:

— O que você acha? Cholayna tem condições de viajar?

— Quem pode saber? Mas examinei-a da melhor forma que podia; seus lábios têm uma cor saudável, os pulmões parecem limpos. A tosse horrível é apenas uma irritação da garganta, decorrente do ar seco e dos ventos nestas altitudes. Tudo o que podemos fazer agora é torcer para que o melhor aconteça.

Elas ajeitaram as cargas nos dorsos dos chervines, e acertaram aos sussurros a ordem da marcha. Jaelle, que conhecia bem a cidade, seguiria na frente; Camilla, que a conhecia quase tão bem, ficaria na retaguarda. Magda esperou para ajudar Camilla a fechar a

pesada porta do estábulo, mas não podiam trancá-la por dentro. Camilla sussurrou:

— Espere aqui, Margali. Voltarei num instante.

Ela tornou a entrar; Magda ouviu a pesada tranca ser encaixada. Ficou esperando na rua, por tanto tempo que começou a especular se Camilla não teria sido capturada por uma das espiãs de Acuilara na casa. Deveríamos ter deixado a porta destrancada, pensou ela, mas foi nesse momento, quando já estava prestes a tentar entrar para procurar Camilla, que a emmasca alta reapareceu, saindo por uma janela. Ela soprou um beijo para Magda, depois partiu apressada pela rua, no encalço de Jaelle. Magda correu atrás.

— Camilla, o que...

— Não podemos mais desperdiçar um instante sequer; estou ouvindo os sinos do mosteiro.

Mas ela não pôde conter uma risadinha, enquanto partiam atrás de Jaelle, e acrescentou:

— O que vão pensar quando descobrirem que partimos, e o estábulo ainda está trancado por dentro?

Não havia como silenciar os cascos dos cavalos e chervines nas ruas calçadas com pedras, mas puxá-los pelas rédeas fazia menos barulho do que montá-los. Ainda assim, o ruído era alto, as ferraduras dos cavalos produziam faíscas no frio. Era uma madrugada gelada e clara, as estrelas cintilavam por cima da cidade escura, as únicas luzes, bem fracas, eram nas janelas do mosteiro de São Valentine. Os sinos ressoaram estrondosos no silêncio que antecedia o amanhecer.

Enquanto subiam pelas ruas, as estrelas foram empalidecendo no céu, que começou a adquirir a tonalidade rosada da aurora. Magda podia ver a sua própria respiração, as respirações de suas companheiras e dos animais, como pequenas nuvens à frente. As mãos já estavam frias por dentro das luvas grossas, os pés gelados nas botas, e ela pensou, pesarosa, naquele suntuoso desjejum que Jaelle encomendara, e que jamais comeriam. Para cima, sempre para cima, elas continuaram a subir, as ruas cada vez mais íngremes; mas Magda já se encontrava em viagem há tanto tempo agora que mal perdia o fôlego, mesmo na escalada da colina mais

íngreme. Até Cholayna caminhava sem dificuldade, no ritmo acelerado imposto por Jaelle. O portão do Norte ficava na parte mais alta da cidade, e a estrada além levava ao passo de Nevarsin. Havia dois homens no portão, cristoforos, a julgar pelas roupas austeras, embora não fossem monges; abriram o portão para deixá-las passar.

— Estão partindo cedo, minhas irmãs — comentou um deles, ao recuar para permitir a passagem dos animais.

— Seguimos duas de nossas irmãs que passaram por aqui na manhã antes da última — comentou Camilla, num casta excepcionalmente puro, de uma mulher criada nas montanhas.

— Por acaso deixou-as passarem por este mesmo portão, há duas manhãs, a uma hora tão cedo quanto esta, meu irmão?

O guarda cristoforo soprou nas mãos nuas para aquecê-las. Sua respiração também era uma nuvem, através da qual falou, franzindo o rosto em desaprovação para a emmasca:

— Deixei, sim. Uma delas... uma mulher alta, cabelos escuros, uma guerreira como você, mestra, com um rryl pendurado no ombro... era sua irmã?

— Minha irmã da Guilda; tem notícias dela, irmão, em nome daquele que arca com os fardos do mundo?

O guarda tornou a franzir o rosto, sua desaprovação pela emmasca e Renunciante contradizendo o companheirismo tradicional entre guerreiros, cristoforos ou não. Mas não havia nenhuma maneira polida de recusar um pedido apresentado em nome do santo cristoforo.

— Tenho, sim. Ela estava acompanhada por outra mulher, tão pequena que pensei por um momento que viajava com a filha, como uma mulher respeitável. Uma coisinha de nada, tão envolta por agasalhos que não pude ver muita coisa dela, a não ser os enormes olhos azuis. Lexie. Portanto, elas ainda se mantinham juntas, Lexie estava segura e bem, pelo menos até dois dias antes. Magda ouviu o suave suspiro de alívio de Cholayna. Poderiam alcançá-las m algum lugar do passo.

— Ela me perguntou... a alta, sua irmã... se este era um mau ano para os pássaros-espíritos. Tive de dizer a ela que sim, um ano terrível; ouvimos um aqui, bem perto deste portão, uivando sem

parar, há dez dias, durante a última tempestade. Viajem com todo cuidado, irmãs, tentem ultrapassar a parte mais alta antes que o sol se ponha de novo. E que os santos as acompanhem. Vão precisar deles, viajando por esta estrada à noite.

Ele recuou, ficou observando-as passar, depois fechou o pesado portão. À frente, a estrada subia, rochosa e íngreme, a neve na altura dos tornozelos, montes enormes à direita e à esquerda. Jaelle montou e fez sinal para que as outras fizessem o mesmo. Das alturas por cima, como uma advertência, ouviram o grito distante e estridente de um pássaro-espírito.

— Não se preocupem — disse Jaelle. — O sol terá surgido muito antes de alcançarmos o passo, e eles são noturnos. Vamos embora.

Capítulo Vinte e Um

Três dias depois, Magda estava sentada num alforje, olhando para uma barra de carne seca na mão. Sentia-se quase cansada demais para pensar em comer; o esforço necessário para mastigar e engolir parecia mais do que poderia agüentar.

Os ventos fortes do pico de Nevarsin haviam dissipado os medos externos, como o pensamento de bruxarias ou ataques psíquicos; nenhuma delas tivera um momento sequer para pensar em outra coisa que não fosse a mecânica da sobrevivência. Caminhos estreitos sobre os abismos, uma nevasca que destruíra a última tenda e as obrigara a se aconchegarem num buraco escavado às pressas na neve, ventos implacáveis que arrebataram a última pretensão de coragem ou fortaleza, e sempre, à noite, os gritos terríveis e paralisantes dos pássaros-espíritos à espreita.

Camilla pôs uma caneca com chá em sua mão. Como Camilla, na sua idade, podia permanecer tão forte e incólume? Seus olhos estavam vermelhos e queimados pelo vento, a ponta do nariz tinha uma ulceração em carne viva produzida pelo frio, mas se recuperara depois de umas poucas horas de sono na neve. Ela sentou em outro alforje, tomou seu chá, em que desmanchara a carne seca e o pão, mas não disse nada. Àquela altitude, não havia fôlego para palavras irrelevantes.

— Cholayna está bem?

— Parece que sim. Mas se não descermos em breve, não quero nem pensar no que pode acontecer. Ela tossiu durante a noite inteira.

Mas nem mesmo a tosse de Cholayna poderia manter Magda acordada na noite anterior, depois do pesadelo da descida do passo no escuro, com o luar se refletindo na neve: livorebni surgindo de repente dos abismos vertiginosos, dando algumas voltas, com gritos estridentes, para desaparecerem em seguida; trechos desmoronados da trilha, onde até os chervines refugavam, e tinham de ser persuadidos a seguirem em frente, e os cavalos arrastados, lutando

para recuarem, os olhos revirando em terror, farejando os pássaros-espíritos nos penhascos.

Jaelle levava a todas pelo passo, ilesas, sem perderem um só cavalo ou chervine, nem sequer um alforje. Magda olhou para a forma franzina familiar de sua companheira livre, arriada num alforje, levando um punhado de passas para a boca. Os cachos ruivos estavam desgrenhados, sob o capuz forrado de pele, os olhos cinzas injetados e queimados pelo vento. Magda não pôde deixar de admirar a força de vontade e a coragem contidas naquele pequeno corpo. Houvera momentos no passo em que a própria Magda, ainda jovem e forte, com uma excepcional condição física, sentira vontade de deitar como um dos pôneis, sem fôlego nem coragem para outro passo, o coração disparado, a cabeça estalando, o rosto e o corpo entorpecidos pelo frio. Só podia imaginar como fora para Cholayna, mas a mulher mais velha resistira bravamente, sem uma única palavra de queixa. Fora Jaelle, Magda compreendeu, quem mantivera todas de pé.

Magda seguiu o exemplo de Camilla, desmanchou o pedaço de carne seca no chá fumegante. O gosto era muito estranho, mas isso não tinha a menor importância. Era espantoso como, naquela altitude, ela podia sentir a carne e o líquido quentes esquentando tudo, enquanto desciam, restaurando uma sensação de calor no corpo exausto e enregelado. Depois que terminou de ingerir a mistura, Magda vasculhou o saco de rações, e tirou outra barra, esta de nozes e frutas moídas, unidas com mel, pôs-se a mastigar. Cholayna dissolvia uma mistura igual em seu chá.

— Eu deveria tirar a bota e examinar o tornozelo torcido — comentou Vanessa. — Mas está frio demais. Para onde iremos agora, Jaelle?

Jaelle olhou para trás, contemplando o pico de Nevarsin.

— A estrada desce na direção de Caer Donn. Se houvesse alguma cidade misteriosa e conhecida nesta região, uma de nós já a teria encontrado antes.

Ela abriu o mapa com alguma dificuldade, com os dedos enluvados, e apontou; tirar as luvas desnecessariamente, naquela altitude, era cortejar o congelamento.

— Este pequeno povoado não está indicado em qualquer dos mapas darkovanos. Apareceu numa foto de satélite. E isto... — Ela deslizou o dedo enluvado. — parece uma estrada.

— Parece uma estrada — resmungou Cholayna.

Aquela altura, todas já sabiam como eram as estradas sem registro naquela região.

— É verdade, mas não posso imaginar qualquer outro caminho que Rafaella pudesse seguir — insistiu Jaelle.

No alto do passo, haviam encontrado uma mochila abandonada, completamente vazia, com a marca de Rafaella.

— Elas devem estar com pouca comida, quase sem rações para os pôneis. e sabem que as estamos seguindo — acrescentou Jaelle. — Por que não nos esperam?

Magda não podia imaginar, a menos que Lexie e Rafaella houvessem recebido alguma orientação especial para a cidade desconhecida da lenda. Do pico de Nevarsin, num breve momento em que o sol ardente aparecera, entre as tempestades, ela contemplara uma vista de intermináveis cordilheiras, picos incontáveis, na direção da barreira de gelo remota e inacessível conhecida como a Muralha ao Redor do Mundo. Só a vislumbrara uma vez antes, e mesmo assim de um avião de mapeamento. Nunca, nem mesmo em seus sonhos mais remotos, ocorrera-lhe que um dia poderia viajar em sua direção a pé.

— Alguém quer mais chá? — indagou Camilla.

Ela dividiu o chá restante entre as quatro canecas estendidas em sua direção, depois guardou a chaleira e espalhou neve por cima do fogo restante; era o puro hábito de anos na trilha, pois ali certamente não havia nada para pegar fogo.

Vanessa ajeitou as cargas nos chervines, prendendo as correias com toda firmeza, verificando tudo duas vezes. Cholayna começou a ajudar Jaelle com as selas. Abruptamente, ela inclinou-se, num renovado acesso de tosse, segurando-se na cilha, apoiada no flanco do animal. Os olhos com que Vanessa a fitou eram calculistas; Magda sabia que ela especulava se a mulher mais velha podia agüentar. Mas não havia nada que pudesse fazer. Depois de um momento, Cholayna, os olhos molhados e as lágrimas já congeladas

nas faces, empertigou-se e vasculhou sua mochila, à procura da bússola, que conferiu com o mapa e a estrada.

— Por aqui — decidiu Jaelle. — Vamos embora.

Durante algum tempo, a estrada descia, depois houve uma curva longa, até uma trilha um tanto indefinida, que subia entre duas encostas. O sol foi se elevando pelo céu, cada vez mais alto, e Magda sentiu o suor escorrer pelo corpo, sob os agasalhos, congelar ali. Já estavam viajando há três horas quando Jaelle avisou que deveriam procurar um bom lugar para descansarem. A estrada era íngreme e estreita, os cavalos precisam fazer o maior esforço para subir por uma geleira antiga. A trilha fazia uma curva, passava através de uma encosta coberta de neve. Ao chegarem ali, ouviram um grito, e no instante seguinte uma dúzia de aves alçou vôo, ruidosamente. Seguiu-se um estrondo, que parecia uma trovoadas. Jaelle, na vanguarda, obrigou seu cavalo a parar, bruscamente.

De algum lugar acima, toneladas de rocha e gelo desmoronaram por uma ravina profunda na encosta da montanha. Os cavalos empinaram, relinchando. A própria montanha parecia tremer. Os animais de carga se agruparam, o mesmo acontecendo com os cavalos; Camilla inclinou-se e puxou Magda, as duas ficaram abraçadas, enquanto a avalanche descia e descia, com um barulho infernal, parecendo se prolongar por toda a eternidade. Mas finalmente o silêncio voltou, embora o ar estivesse repleto de fragmentos de gelo e poeira. O pônei de Jaelle caíra, atingido por um bloco de pedra. Camilla desmontou e adiantou-se, tão depressa quanto podia, através da trilha coberta de pedras. Jaelle, tremendo toda, estava ajoelhada ao lado do pônei caído. Magda olhou ao redor, procurando suas companheiras. Vanessa envolvia a si mesma, os braços comprimidos contra o peito, o rosto muito branco. Magda pôde ouvir a respiração resfolegante de Cholleya, estendida sobre o pônei, sem forças sequer para tossir. Silêncio, exceto pelo grito do animal ferido e o clamor estridente dos pássaros assustados, ainda circulando acima delas. Vanessa comentou, a voz trêmula:

— Dizem que nunca se pode ouvir a avalanche que tem o seu nome. Se você consegue ouvir, ainda está viva.

Ela avançou com todo cuidado entre os detritos de rocha e gelo que cobriam a trilha, foi se ajoelhar ao lado de Camilla, junto do pônei, que gritava angustiosamente.

— A perna foi esmagada — murmurou ela. — Não se pode fazer nada.

As lágrimas escorriam dos olhos de Jaelle, congelando nas faces, enquanto ela fazia um tremendo esforço para desembainhar sua faca. Camilla disse:

— Deixe que eu faço isso.

Por um instante, ela pôs a mão livre sobre a de Jaelle. Foi quase uma carícia.

— Segure a cabeça do pônei, Shaya — acrescentou Camilla. Jaelle ajeitou a cabeça do animal em seu colo. O pônei debatendo aquietou-se por um instante, e a adaga de Camilla penetrou fundo, cortando a artéria enorme no pescoço. Uns poucos esguichos de sangue, um derradeiro movimento convulsivo, e o pônei ficou inerte. Os lábios de Camilla estavam contraídos, enquanto tentava limpar o sangue da capa de montaria.

— Vamos tirar a sela. Você já montou em chervines antes, Shaya. Use o de cara branca, que é o mais gentil e o que merece mais confiança de todos.

Enquanto Vanessa tirava a sela do corpo congelando rapidamente (a perna do pônei fora esmagada sob uma enorme pedra, era um milagre que Jaelle não tivesse sido lançada da sela e morrido), Magda aproximou-se de Jaelle, que parecia quase atordoada. Ela pegou um tubo de creme, passou sobre as lágrimas congeladas no rosto da companheira livre. Misturando com o sangue espirrado do pônei, formou uma máscara grotesca, mas impediria que as faces sofressem a ulceração do frio.

— Está ferida, bredeía?

— Não. — Mas Jaelle claudicava, apoiando-se em Magda. — Alguma coisa me atingiu na canela quando o pônei caiu. Não creio que seja uma fratura; é apenas uma contusão, sem maior gravidade.

Ela estava quase chorando de novo quando murmurou:

— Oh, Dançarino! — Era esse o nome do pônei. — Damon me deu no ano em que Dori nasceu. Quando era um potro, seguia-me

por toda parte, como um cachorrinho. Domei-o pessoalmente. Oh, Magda, Damon ficará tão zangado ao saber que não tomei conta como devia de Dançarino!

As palavras não tinham o menor sentido; ela estava histérica, e Magda sabia disso. Jaelle se encontrava em estado de choque; era o que acontecia com todas.

— Tire as outras selas também, Camilla. Vamos fazer um chá. Jaelle precisa, depois do que aconteceu; todas nós precisamos.

Por insistência de Magda, elas subiram um pouco pela encosta, afastando-se do cadáver do pônei, em torno do qual os kvorebni já esvoaçavam e brigavam. Vanessa começou a preparar uma fogueira. Magda sentou Jaelle num alforje e contemplou o que fora outrora uma estrada. Fora praticamente destruída. Apesar de tudo, porém, elas tinham sorte por escaparem vivas, perdendo apenas uma montaria.

Jaelle fez menção de levantar, mas Magda obrigou-a a permanecer sentada. com a trilha desaparecida, seria preciso efetuar um reconhecimento do terreno pela frente. Nem Jaelle nem Cholayna, no entanto, estavam em condições agora de continuar a viagem por um caminho tão difícil. O chá foi preparado e bebido. Camilla tirou a sela do pônei morto, tentou ajustá-la no chervine menor e mais dócil, mas a diferença no tamanho e contorno, mesmo com o lombo do chervine coberto por uma manta, tornava isso quase impossível.

— Já montei chervines em pêlo, mas não tenciono tentar de novo agora, se houver uma alternativa — disse Jaelle. — O lombo ossudo sempre me deixa com a sensação de que fui dividida ao meio.

Com o chá quente e alguns alimentos doces das rações, um pouco de cor voltou às faces de Jaelle, mas a canela estava esfolada, em carne viva, a contusão era profunda.

— Quando alcançarmos a próxima aldeia, tentaremos trocar por um chervine de montaria, ou pelo menos obter uma sela apropriada para este — propôs Camilla.

Magda terminou de comer e levantou-se, exausta.

— Cabe a nós, Vanessa — disse ela — fazer um reconhecimento do caminho pela frente, descobrir se há uma trilha em algum lugar acima.

Ela examinou o mapa. Já passava de meio-dia, e o céu continuava claro, mas nuvens compridas e estreitas, com as extremidades formando ganchos, começavam a ser sopradas do Norte. Magda sabia, todas sabiam, o que isso pressagiava: um vento forte no mínimo, talvez tempestade, muita neve. O mapa indicava algo como um povoado ou uma aldeia. Magda rezou para que não fosse uma aldeia igual à última que haviam encontrado numa emergência.

— Levante a perna e descanse enquanto pode, Jaelle. Vanessa e eu vamos fazer um reconhecimento.

Cholayna, pensou Magda, parecia pior do que Jaelle, a respiração ofegante, difícil. Contudo, não havia como voltar agora, nenhum abrigo nas proximidades. Deviam simplesmente continuar, rezando para descobrirem um abrigo. Magda não era supersticiosa, mas sentia que a morte do pônei era um mau presságio. Haviam tido muita sorte naquela longa viagem, mas quem seria a próxima se a sorte as abandonasse agora?

— Quero ir com vocês — disse Camilla.

— Precisa ficar aqui para cuidar de Cholayna e Jaelle. Vanessa conhece as montanhas e agora eu sou quem está em melhores condições físicas. — Magda sorriu debilmente.

— Você ficará com a parte mais difícil, parada aqui, com o frio que vai fazer. Pegue os sacos de dormir e ponha as duas dentro deles. Pelo menos Vanessa e eu estaremos nos movimentando para nos esquentarmos.

— Em todas as histórias antigas que Kindra contava — disse Jaelle — era sempre claro que o caminho para a cidade da Irmandade era bem guardado. Eu me pergunto se não estamos sendo testadas.

Envolvendo um saco de dormir em torno de si mesma e de Jaelle, Cholayna comentou:

— Acho difícil acreditar que elas tenham tanto poder. O tempo, talvez... dá para acreditar nisso. Uma avalanche? Não, acho que isso

deve ser atribuído... — Um prolongado paroxismo de tosse a interrompeu, e só depois de algum tempo pôde acrescentar, a voz meio estrangulada” — ... à perversidade geral das coisas. Camilla, você ainda tem daquela beberagem de feiticeira?

Magda sentia uma estranha relutância em se afastar, mesmo daquele acampamento improvisado. Era a sua primeira experiência em ser puxada por uma corda, mas um olhar para a superfície rochosa e gelada, coberta de detritos, acima e abaixo, convenceu-a a deixar que Vanessa lhe prendesse a corda. Começaram a avançar, escolhendo o caminho com todo o cuidado entre as pilhas de pedras soltas, com o risco permanente de torcer o tornozelo, ou pior ainda. Na geleira por cima, os paredões de gelo pareciam se inclinar para a frente, pairando sobre elas.

Magda logo ficou ofegante com a altitude — calculou que deviam estar acima de cinco mil metros de altura. Toda a encosta dava a impressão de se encontrar coberta por neve recente e gelo antigo. Havia vários afloramentos rochosos, separados por ravinas, cheias de pedras soltas e blocos instáveis. Parecia não haver qualquer sugestão de trilha, nenhuma indicação de que alguém já passara por ali antes.

Enquanto subiam, toda a extensão do vasto platô foi se revelando. Aproximavam-se do enorme paredão de gelo que guardava o cume assinalado no mapa; atravessavam as ravinas apressadas, temendo novos desmoronamentos, sempre procurando a segurança das projeções rochosas naturais, em que o perigo era menor.

— Há muitas pedras soltas e gelo por este lado — comentou Vanessa, fazendo uma pausa para limpar o rosto, ao abrigo de uma projeção rochosa. — Se viermos por aqui, teremos de ficar bem juntas, inclusive prendendo com cordas os cavalos e os chervines. Será quase impossível. E aquilo não me agrada.

Ela apontou e Magda, já ofegante, sentiu que o coração subia pela garganta. Estavam ainda longe, num lado, seguras, mas a enorme geleira, uma massa impressionante de formações de gelo retorcidas, assomava na outra encosta, a extremidade de uma camada de gelo, quase no topo do cume que deveriam atravessar.

Magda pouco sabia de geleiras, mas teve certeza de que o gelo, embora sobre uma encosta rochosa suave, encontrava-se em movimento, lento mas inexorável, descendo de maneira imperceptível, pelos caminhos que teriam de escalar ou cruzar. Quando a tremenda massa de gelo, sob uma pressão incomensurável, alcançasse a beira do cume, ia se romper e deslizar para o vale, estrondosamente. Fora uma avalanche assim que matara o pônei, e quase arrastara Jaelle. Como poderiam saber quando ocorreria o próximo momento de desequilíbrio? Suas companheiras estavam seguras, mesmo no lugar em que se encontravam agora?

Elas atravessaram apressadas outra ravina de fragmentos rochosos, afiados como lâminas, que cortaram suas botas. O sol desaparecera por trás da grossa camada de nuvens. Magda, olhando para baixo, pôde avistar apenas um pequeno ponto avermelhado, o saco de dormir com que Cholayna envolvera a si mesma e Jaelle. Olhando para cima e através do vale, elas puderam avistar na encosta seguinte, algumas formas cinzentas retangulares.

— Será a aldeia indicada no mapa, ou apenas um agrupamento de blocos rochosos, como aqui? — especulou Magda, em voz alta.

— Só Deus sabe, e Ele não me faz confidências — murmurou Vanessa. — No momento, eu seria capaz de empenhar até minha alma por um helicóptero. Não teria sido isso o que Lexie avistou do avião?

— Não há como saber — respondeu Magda. — De qualquer forma, não me agrada a aparência do céu. Se é uma aldeia, teremos de seguir direto para lá. Não há nada mais que sequer pareça um abrigo, e não me agrada a idéia de deixar Cholayna passar outra noite ao relento. Estou preocupada, Vanessa, mas muito preocupada mesmo com ela.

— E acha que eu não estou? É melhor começarmos a rezar para que aquele lugar seja de fato uma aldeia, ou algum tipo de povoado. Não creio que seja o que Lexie avistou, pois está assinalado no mapa. Dá a impressão de ser regular demais para uma formação rochosa. Seja como for, temos de tentar alcançá-lo.

Pela aparência do céu, não temos opção. Não quero ficar acampada por aqui sob uma tempestade.

— Quem poderia querer?

Magda virou-se para descer pelo caminho por que haviam subido, mas olhou para Vanessa, que se encontrava parada na beira do penhasco, de uma maneira que a deixou toda arrepiada em apreensão. E Vanessa murmurou:

— Por Deus, Lome, olhe só para aquilo! Faz com que as montanhas de Alia pareçam meras colinas. Eu me orgulhava de ter escalado o pico de Montenegro. Nunca vi nada parecido. Não importa o que venha a acontecer, apenas a oportunidade de ver isso...

Ela parou de falar, fitou Magda. E depois acrescentou, baixinho:

— Não compreende, não é mesmo, Lome? Para você, é apenas uma questão de dificuldades e perigos, de viagem árdua, não pode perceber mais nada, não é mesmo?

— Não do jeito como você faz, Vanessa — admitiu Magda. - Jamais desejei escalar montanhas por escalar. Não pelo amor à aventura.

Inesperadamente, Vanessa inclinou-se e estendeu um braço para enlaçá-la, meio contrafeita.

— É uma coisa impressionante, a maneira como continua, não desiste nunca, quando não significa coisa alguma para você. Lome... estou contente por termos nos conhecido. Você é... o que sempre disseram que era.

Seus lábios frios roçaram o rosto de Magda num beijo tímido. E depois, abruptamente, ela virou-se.

— É melhor descermos, e informar o que descobrimos. Se for alguma coisa... Eu me sentiria muito engraçada se subíssemos até aquelas coisas cinzentas só para verificar que não passam de umas drogas de rochas!

— Engraçada não é exatamente a palavra para o que eu sentiria — murmurou Magda — mas é a única palavra que se pode repetir.

Descer foi mais fácil, embora tomassem o maior cuidado para evitar uma queda. Mesmo assim, Vanessa tropeçou uma vez e foi

salva pela corda de uma longa queda por uma encosta coalhada de detritos; ao estender a mão para se segurar, no entanto, ela torceu o pulso, dolorosamente.

O céu se encontrava agora inteiramente coberto pelas nuvens, um vento cortante começara a soprar. Magda tremia toda. Pararam no meio da encosta, ao abrigo de um afloramento rochoso, para tirar rações de emergência do bolso e fruta seca com mel. Magda sentia o rosto esfolado, apesar do creme que passara. À medida que o céu escurecia, era cada vez mais difícil avançar. Como conseguiriam subir por ali com chervines e cavalos, para não falar de Cholayna doente. Magda não tinha um cronômetro, mas não podia ser tão tarde quanto a escuridão do céu parecia indicar. Será que era o presságio de uma nevasca, vindo do Norte intransponível?

— A que distância você acha que está aquele lugar?

— Uns poucos quilômetros; se pudéssemos montar, umas duas horas de viagem, não mais do que isso. Subindo a pé, só Deus sabe.

— Vanessa fez uma pausa, pensativa.

— Depois de passarmos pela parte pior, talvez seja possível pôr Cholayna num cavalo e levá-la assim.

Enquanto falava, ela puxou os cordões do capuz em torno do rosto. Magda tinha a impressão de que o vento se tornava mais forte a cada instante, trazendo o cheiro intenso de neve. Disse a si mesma para não se angustiar com problemas futuros, pois a situação já era bastante ruim do jeito como estava. Ao se aproximarem do local em que haviam deixado as outras, sua mente foi atormentada por súbitos temores; e se Jaelle, Camilla e Cholayna tivessem desaparecido, arrebatadas pelas bruxas que talvez houvessem arrastado Lexie e Rafaella para a perdição em algum lugar daquelas montanhas... Mas ao descerem cautelosamente pelo último trecho da encosta, elas divisaram um clarão alaranjado, contrastando com a rocha e a neve, a velha capa de montaria de Camilla e o brilho de uma fogueira. Assim que alcançaram o acampamento, Camilla estendeu-lhes canecas com chá quente. Magda arriou num saco de dormir estendido.

Nada, ao que parecia, jamais tivera um gosto tão agradável em sua garganta ardendo. Um pouco recuperada pelo chá quente,

aquecida, mas não o suficiente, ela perguntou:

— Como está Cholayna?

Jaelle inclinou a cabeça na direção do lugar em que Cholayna dormia, envolta por sacos de dormir e mantas. Mesmo à distância, Magda pôde ouvir sua respiração difícil. Vanessa foi até lá, e abaixou a cabeça para escutar o som de perto. Camilla perguntou:

— E então?

— Não está nada bem — murmurou Vanessa, com os lábios contraídos. — Há líquido nos brônquios; não sei o suficiente para determinar se já se infiltrou nos pulmões. Mas precisamos encontrar um abrigo para ela o mais depressa possível. Vamos rezar para que seja de fato um abrigo o que descobrimos. E eu não queria que Vanessa viesse. O que teríamos feito sem ela?

Rapidamente, elas relataram o que haviam avistado, selaram os pôneis e carregaram os chervines, prendendo todos juntos com cordas. Cholayna, despertando num instante de seu sono leve, garantiu que era capaz de andar, como as outras, mas todas insistiram que ela montasse, Magda puxando o cavalo pelas rédeas. Começaram a subir. Na primeira etapa do percurso, pelo menos, não havia necessidade de ficarem presas por cordas uma às outras. Algumas dezenas de metros acima do ponto em que haviam acampado, depois da avalanche, as pedras e o gelo estavam tão soltos sob os pés que Vanessa insistiu em tirar as cordas e amarrar todas.

— Desculpe, Cholayna, mas você terá de desmontar e continuar a pé. Não confio no equilíbrio de nenhum cavalo aqui. Se fosse capaz de montar num chervine...

— Não há necessidade.

Mesmo assim, Cholayna segurou-se na cilha de um chervine como ponto de apoio. Era a fêmea mais velha, a mais dócil, que relinchou um pouco, apreensiva, mas não fez maiores protestos ao peso de Cholayna. Os outros chervines seguiam a líder; era preciso também confiar que os cavalos saberiam encontrar seu caminho através do gelo e detritos. Magda sabia que seria um milagre se todos os animais alcançassem o destino ilesos. Houve um momento em que Camilla escorregou, e só a corda esticada impediu que ela

rolasse pela encosta rochosa. Ela se levantou, praguejando ofegante, numa língua que Magda mal compreendeu.

— Machucada, Camilla?

— Só um pouco abalada.

Ela tinha alguma dificuldade para pisar com um pé, mas não havia nada que se pudesse fazer ali. Lentamente, elas foram subindo pela longa encosta, sob um céu cada vez mais baixo, com nuvens de neve que ainda não caíra. Era um progresso árduo e determinado; Magda, que já cobrira aquele percurso antes, sentia que seus joelhos mal podiam sustentá-la; ouvia sua respiração cada vez mais profunda e entrecortada, assoviando alto ao entra e sair. A cabeça latejava, os ouvidos doíam, mas não havia mais qualquer sensação em seu rosto. Ela levantou o lenço para o nariz, formando uma tosca máscara, mas a respiração quente condensava e congelava tão depressa que seu rosto logo se tornou coberto por uma máscara de gelo.

Seu mundo reduzia-se a isso, um passo, depois outro. Contido, fora do pequeno círculo formado pelo som da própria respiração, ela estava consciente de alguma forma das companheiras, podia sentir a pontada de dor na perna machucada de Jaelle, dor lancinante no pé de Camilla cada vez que pisava, sabia que o tornozelo de Vanessa machucado no início da viagem ainda doía naquele frio, sentia a dor intensa no peito de Cholayna. Fez um esforço para excluir tudo isso, sabendo que nada podia fazer pelas outras, exceto guardar as próprias forças, a fim de não precisar de ajuda. Sabia que Vanessa chorava baixinho de cansaço e dor, pois também já escalara aquele caminho pouco antes. Só um passo, e depois outro. Nada além disso.

Foi um longo pesadelo, elas subiam por ali há uma eternidade, continuariam a subir por outra eternidade. Darei mais dez passos, Magda barganhou consigo mesma, e depois desistirei. E ao final dos dez passos: Darei mais dez passos, só mais dez, não pensarei em nada além disso. Mal podia conseguir, fragmentando nesses pequenos segmentos, tomando cuidado para não pensar além, sete, oito, nove, dez passos, depois Vou deitar, e nunca mais levantarei.

— Magda... — Era a voz de Vanessa, bem baixa. — Pode ajudar Cholayna?

Levantando os olhos, além do círculo de sua preocupação, ela descobriu que Cholayna largara a rédea do chervine e caíra na neve. Vanessa lutava com um dos cavalos, esforçando-se para levá-lo através dos detritos. com uma parte do cérebro, Magda especulou por que ela se incomodava, enquanto uma pequena parte desligada de si mesma sabia que se perdessem mais cavalos jamais conseguiriam chegar à aldeia avistada.

Ela aproximou-se de Cholayna, inclinou-se e segurou-a pelo braço.

— Eu a ajudarei. Apóie-se em mim.

O rosto de Cholayna era uma massa disforme de creme e manchas claras meio congeladas contra a pele escura, os olhos avermelhados e fundos. O gelo grudava nas mechas soltas dos cabelos. Sua voz era apenas um sussurro rouco:

— Nunca Vou conseguir. Só estou atrasando vocês. Podem ir embora. Deixem-me aqui. Não há motivo para que não alcancem a aldeia. Eu estou perdida, liquidada.

Magda pôde sentir, dentro de sua mente, a profundidade do desespero exausto de Cholayna, e empenhou-se para evitar que também a dominasse.

— Está apenas cansada. Apóie-se em mim.

Ela abaixou-se para passar o braço sob os ombros de Cholayna. Uma parte sua estava irritada, mal tinha forças para si mesma, mas a outra parte sabia que aquela era a última luta.

— Estamos quase chegando ao cume, você poderá montar em seguida.

— Magda, não posso... não posso. Acho que estou morrendo... E por um momento, olhando para Cholayna, Magda acreditou; começou a soltar a mão de Cholayna... e depois alguma coisa, raiva, um fluxo final de adrenalina, dominou-a.

— Mas que droga, não se atreva a fazer isso comigo! Você nos pressionou a permitir que viesse junto, mesmo depois que eu lhe disse que não poderia conseguir! E falei também que não poderia viajar além de Nevarsin, mas recusou-se a deixar que a

mandássemos de volta de lá! Agora trate de levantar esse rabo velho e teimoso da neve, ou Vou começar a chutá-la! Vai fazer isso, porque eu não tenho forças para carregá-la, e as outras se encontram num estado ainda pior! Levante logo de uma vez!

Magda ouviu a si mesma com incredulidade. Mas a raiva era tão intensa que chegou a levantar o braço para bater em Cholayna. A respiração de Cholayna se acelerou por um momento, depois ela se mexeu, cansada. Magda estendeu a mão, mas Cholayna se levantou sozinha, sem ajuda. Depois, segurou-se por um instante no braço estendido, murmurando, entre os dentes semi-cerrados:

— Se eu tivesse forças, pode ter certeza...

Mas as palavras morreram num violento espasmo de tosse. Magda passou o braço em torno dela.

— Apóie-se em mim.

— Posso andar sozinha.

Cholayna forçou-se a ficar de pé sem o apoio de Magda, lançando um olhar irado para a companheira, os dentes à mostra, como um animal rosnando. Deu um passo trôpego, mais outro. Mas pelo menos estava andando. Magda tornou a passar o braço ao seu redor, e desta vez Cholayna não se afastou do apoio oferecido. Jaelle seguia na frente, Vanessa lutava para controlar os cavalos logo atrás. Camilla acompanhava os chervines amarrados uns nos outros, segurando-se num deles, como Cholayna fizera por tanto tempo. Magda ansiava em ir para junto dela, mas sabia que Camilla podia, se necessário, agüentar sozinha, enquanto Cholayna precisava de sua ajuda.

Em algum lugar, mais abaixo, soou o estrondo de uma avalanche, e a montanha tremeu. Magda ofegou, e Cholayna comprimiu-se contra ela; mas era muito abaixo, e o som desapareceu depois de alguns momentos.

Precisamos atravessar logo este trecho; tudo pode desmoronar a qualquer momento!

— Olhem! — gritou Jaelle, frenética, algumas dezenas de passos acima. — Veja aquilo, Vanessa! No outro lado da encosta, ali em cima! Luzes! Estou vendo luzes ali! É o povoado indicado no mapa! Existe realmente, e nós o encontramos!

Magda deixou escapar um suspiro de alívio. Aspirou fundo, o que doeu em sua garganta ressequida, o ar ardeu nos pulmões, mas acontecera no momento certo. Agora, elas poderiam continuar. Nem mesmo importava que tivesse começado a nevar. com Cholayna segurando-se nela, subiram pelos últimos passos até o cume da montanha, todas se agruparam ali, olhando para o tremeluzir das luzes no outro lado do vale. A partir dali era descida, e poderiam montar, pelo menos durante parte do percurso.

Capítulo Vinte e Dois

Começou a nevar no meio da descida da encosta; elas avançavam ao crepúsculo cada vez mais denso, a nevasca aumentando. Cholayna e Camilla estavam montadas, Jelle seguia a pé na frente, com Magda e Vanessa a seguir. Os outros cavalos e os chervines vinham atrás, comprimindo-se na trilha estreita. Pela posição das luzes, Magda calculou que se encontravam muito acima do fundo do vale, e torceu para que houvesse uma estrada regular para a subida. Não sabia se Cholayna agüentaria outra picada montanhosa.

Enquanto desciam, mais e mais árvores surgiam no caminho, às vezes bloqueando as luzes distantes. A neve caía com uma intensidade cada vez maior, e o vento foi se tornando mais forte.

— Vamos supor que não consigamos encontrara aldeia nesta nevasca; e se a tempestade piorar? E se não nos derem abrigo, se for uma aldeia de saqueadores, como a que encontramos depois de Barrenscae?

Mas Magda sentia-se cansada demais para se importar, para pensar em qualquer coisa além daquelas luzes promissoras. E continuaram a descer, um pouco resguardadas do vento forte e da neve pelas árvores retorcidas à beira do caminho. Havia um tênue cheiro de resina, mas Magda estava tão enregelada que muito tempo passou antes que pudesse ter certeza de que sentia algum cheiro. E continuaram a descer, até que de repente ela teve certeza de que sentia o cheiro de fumaça, o aroma distante de comida no fogo, tão delicioso que lágrimas afloraram a seus olhos. As luzes faiscavam fracamente, muito acima, mas pareciam muito próximas para se encontrarem no outro lado do vale, como se flutuassem no ar.

Um momento depois, no entanto, Magda não podia mais ver as luzes. Esbarrou no cavalo de Camilla, percebeu que todos os animais se agrupavam na base de um penhasco. Estava tão escuro quanto o interior de um bolso.

— Alguém pode acender uma luz?

Era a voz de Camilla. Cholayna tossia. Jaelle tateou no escuro, uma pequena chama foi acesa. Pouco a pouco, à sua luz, Magda começou a perceber por que haviam parado de forma tão abrupta.

Estavam paradas na base de um penhasco, que se erguia íngreme na frente. Alguém, há muito tempo, escavara degraus na rocha, separados demais para se conseguir subir, como se os responsáveis por aquilo não fossem humanos. Mas ao lado dos degraus havia uma corda comprida, com uma alça, um pedaço de madeira amarrado ali. Lançando um rápido olhar ao redor, Jaelle deu um puxão na corda, e elas ouviram, muito acima, o som de um sino. Depois, por um longo tempo, nada aconteceu. Pelo menos se encontravam ao abrigo do penhasco, livres do vento; mas o frio ainda era intenso, penetrante. Jaelle e Vanessa se movimentaram, batendo com as botas na rocha, com toda força. Magda sabia que deveria fazer a mesma coisa, mas não lhe restava a força de vontade necessária para isso. Cholayna tossia e ofegava de novo, encolhida no capote, um lenço grosso lhe cobrindo o rosto e abafando o som da respiração. Magda estremeceu e esperou.

— Está ouvindo alguma coisa, Jaelle? Não seria melhor tocar o sino de novo?

— Alguma coisa. Lá em cima.

Jaelle afastou-se do penhasco, olhou para cima, tentando divisar alguma coisa, através da densa escuridão e da neve turbilhonando. Agora todas podiam ouvir, um estranho rangido.

Jaelle acendeu outra chama; um momento depois, no pequeno círculo de luz, em meio aos flocos de neve caindo, surgiu um pé metido numa bota, descendo pela encosta do penhasco, depois outro, seguidos por pernas envoltas por uma calça, um corpo coberto pelo que parecia ser um sortimento variado de xales grossos. Tudo era encimado por um rosto meio oculto pelos cabelos brancos, emaranhados, a neve se acumulando nas sobrancelhas brancas espessas.

— Terão de deixar os animais aqui embaixo — disse uma voz rouca, no dialeto das montanhas. — Não temos como levá-los lá para cima. São homens ou mulheres, estranhos?

Ao último clarão do fósforo, Magda constatou que os olhos fundos eram cobertos por uma película branca. Mesmo assim, por um momento chocante, Magda pensou que era a velha que encontrara no mundo superior.

— Sou Jaelle n'ha Melora, uma Renunciante de Thendara, e estas outras quatro mulheres são minhas irmãs de juramento. Estamos exaustas da viagem e uma de nós ficou doente. Suplicamos abrigo por esta noite.

— Está bem, vamos abrigá-las por esta noite, não precisam mais se preocupar — respondeu a cega. — Abrigaríamos mesmo que fossem homens, só que os homens dormem no estábulo com seus animais. Esta é a ermida de Avarra, filhas. Os homens aqui são amaldiçoados se tentarem entrar, mas vocês podem subir e dormir um sono profundo. Esperem só um instante.

A mulher inclinou a cabeça para o lado e soltou um grito, sem palavra, longo e estridente, que ressoou pelo ar cheio de neve por bastante tempo. Magda chegou a pensar que era uma palavra em seu dialeto quase incompreensível, depois compreendeu que se tratava de um sinal. Foi seguido por um rangido alto, e logo depois, balançando de um lado para outro, da ponta de uma corda, uma massa escura apareceu. Magda logo descobriu que era um enorme cesto, entrelaçado com algo parecido com vime, batendo na encosta do penhasco enquanto descia.

A cega gesticulou.

— Podem entrar, irmãs. Nós levaremos os animais para o estábulo.

E quando o cesto desceu mais, Magda percebeu lá dentro o corpo esguio do que parecia um rapaz, ainda adolescente, mas provavelmente era uma moça, envolta pelos mesmos trajes informes da mulher. Camilla indagou:

— Não seria melhor que eu ficasse com os cavalos?

A cega virou a cabeça na direção da voz; adiantou-se, passou a as mãos pela cabeça de Camilla, os ombros, o corpo estreito.

— Você é de fato mulher? Suas mãos são feitas para a espada, e não tem peitos...

Isso esclarecia uma questão, pensou Magda, impassível: aquela não era a cidade oculta das feiticeiras, a mulher não tinha laran. Sua garganta doía na consciência da humilhação de Camilla, mas a amiga declarou calmamente:

— Sou uma emmasca, velha mãe, e assim me tornei quando era jovem. Mas nasci mulher, e permaneço mulher. Existe alguma lei neste lugar que proíba uma mulher de empunhar uma espada?

— Hum!

Era um som intraduzível; Magda não sabia se indicava desprezo ou apenas aceitação. A cega ficou parada por um momento, as mãos ainda nos ombros de Camilla, depois disse:

— Ela lá em cima julgará você. Não sou eu quem fará isso. Entrem logo.

Ela gesticulou na direção do cesto. A jovem desceu, inclinou-o para que Camilla entrasse, seguida pelas outras. A cega estendeu as mãos para amparar Cholayna, enquanto ela subia para o cesto, tremendo toda, depois tornou a soltar o grito longo e estridente de sinal. Foi respondido por um grito similar lá de cima, no momento seguinte o cesto começou a subir. Durante aquela subida assustadora, aos solavancos, balançando sem parar, roldanas invisíveis rangendo na escuridão por cima, a corda às vezes prendia em alguma coisa, o cesto batia na encosta do penhasco, a corda era desprendida, a lenta ascensão recomeçava. O vento sacudia o cesto, a intervalos, — com uma violência assustadora. Cholayna espiava pela beira, com a maior curiosidade, mas Magda agarrava-se na borda do cesto, com as duas mãos, escondia os olhos dentro do manto. Cholayna murmurou:

— Fascinante!

Magda notou, admirada, que a terráquea ainda podia estar ofegante, a voz fraca e trêmula, mas já recuperara a curiosidade e o interesse pelo que acontecia ao redor. Cholayna perguntou a Magda:

— Acha que esta é a Cidade das Feiticeiras? Magda sussurrou em resposta:

— Acho que não.

Ela explicou o motivo de sua opinião, mas Jaelle murmurou:

— Lembre-se de que a velha é apenas uma porteira ou algo parecido. As pessoas lá em cima podem ser muito diferentes.

Magda não disse nada. Os movimentos do cesto deixavam-na nauseada. A que altura teremos de subir?, especulou ela. Parecia-lhe que o cesto subia devagar, aos solavancos, há cerca de meia hora, embora ela soubesse, em termos objetivos, que não podia ser tão alto assim. Na próxima vez em que me apresentar como voluntária para uma viagem pelas montanhas, ela disse a si mesma, tentarei me lembrar de que sofro de acrofobia. Mas até a subida aparentemente interminável, aos solavancos, finalmente acabou, o cesto parou. Havia luzes, a maioria de tochas toscas de breu, que desprendiam muita fumaça, exalavam um cheiro forte. Foram ajudadas a descer por mulheres, quase todas vestidas em saias grosseiras e xales, os cabelos desgrenhados.

— Se essas são as eleitas da Deusa — sussurrou Vanessa, no padrão terráqueo, para não ser ouvida nem compreendida — não posso lhes dar muito crédito. Nunca vi um bando tão sujo.

Magda deu de ombros.

— Não há muito combustível nem água aqui para se lavarem. A primeira coisa que fizeram, naquela aldeia de salteadores, foi nos oferecer um banho; não se pode julgar por isso.

Duas mulheres seguraram o cesto, enquanto elas saltavam. Magda sentiu-se grata pela escuridão em torno das tochas, pois assim não precisava ver o abismo pelo qual haviam subido.

— Sejam bem-vindas à casa sagrada da Deusa — disse uma das mulheres, no dialeto bárbaro. — Que a Dama as abrigue sãs e salvas. E agora vamos sair da neve e do vento.

Cercando-as, elas conduziram as visitantes por um caminho longo e íngreme, calçado com pedras, à sombra de alguns prédios. O zunido da tempestade soava alto entre os prédios, uivava nos cantos, mas ali estavam livres da neve caindo, resguardadas do vento. Magda lembrou que avistara o agrupamento de prédios cinzentos à distância, e calculou seu tamanho; não eram absolutamente construídos em escala humana, da mesma forma que os degraus pelos quais a cega descera sozinha, na escuridão da tempestade.

As guias conduziram-nas por uma espécie de corredor entre dois dos imensos prédios, abruptamente passaram por uma porta, entrando numa sala em que um fogo ardia, uma fogueira pequena, numa lareira de pedra, que mal iluminava os vastos espaços escuros e os cantos do cômodo. Perto do fogo, estava acocorada uma forma escura, envolta por xales grossos. As outras mulheres empurraram-nas para a frente.

— Kiya — disse uma delas, usando a palavra cortesia devida a qualquer parente feminina da geração da mãe, quase sempre indicando tia ou mãe-de-adoção — aqui estão estranhas, uma delas doente, à espera de sua bênção.

A mulher diante do fogo levantou-se, lentamente empurrou para trás o capuz que cobria seu rosto. Era uma velha alta, o rosto moreno, com os olhos bem espaçados, sob sobranceiras grisalhas. Fitou uma a uma, sem pressa.

— Boa noite para vocês, irmãs — disse ela, depois de um longo tempo.

A velha falou no mesmo dialeto das montanhas que as outras mulheres usavam, só que devagar, como se não estivesse muito familiarizada. Além disso, sua pronúncia era mais clara, menos bárbara.

— Esta é a casa sagrada de Avarra, onde vivemos na reclusão, procurando sua bênção. Todas as mulheres são bem-vindas para se abrigarem aqui, sempre que precisarem; aquelas que partilham a nossa busca são abençoadas. O que esta pessoa pode lhes oferecer para a noite?

A voz era de contralto profundo, tão profundo que quase não parecia a voz de uma mulher.

— Procuramos abrigo contra a tempestade, e uma de nós está doente — respondeu Jaelle.

A mulher tornou a fitá-las, uma a uma. Cholayna tossiu, no silêncio. A velha fez sinal para que ela se aproximasse, mas Cholayna parecia muito fraca e letárgica para perceber o gesto, muito menos obedecer. Por isso, foi a velha quem se adiantou.

— O que a aflige, irmã? — A velha não esperou por uma resposta. — Dá para saber por sua tosse. É das terras baixas e o ar

das montanhas deixa sua respiração doente. Não é isso?

Ela abriu o capote de Cholayna, encostou a cabeça grisalha no peito. Escutou por um momento, depois disse:

— Podemos curar isso, mas você não será capaz de viajar por alguns dias.

Ela indicou Vanessa.

— E seus dedos das mãos estão congelados, seus pés também.

Minhas irmãs trarão uma sopa quente para vocês daqui a pouco, e também água quente. Serão levadas a um lugar em que poderão dormir secas e seguras. Os olhos da velha deslocaram-se para Jaelle, pareceram brilhar com um súbito interesse.

— Seu nome, filha?

— Sou Jaelle, n'ha Melora...

— Não, o seu nome verdadeiro. Esta que fala com você já viveu nas terras baixas, sabe muito bem que uma Renunciante pode adotar o nome que quiser. Seu nome de nascimento, chiya.

— Minha mãe era Melora Aillard — respondeu Jaelle. — Não reconheço meu pai. Por acaso sou uma égua de corrida, para ser julgada pelo sangue de quem me gerou?

— Muita coisa, criança, é julgada por menos do que isso. Você tem o sangue do Comyn estampado no rosto como um estandarte.

— Se me reconhece como uma Renunciante, velha mãe, sabe que renunciei a essa herança.

— Pode-se renunciar aos olhos na cabeça, filha? Você é Comyn, e com o donas... — Ela usou a palavra arcaica para indicar dom, em vez do termo atual mais comum, laran.

— ... dessa grande casa. E seu irmão-irmã ali?

Ela fez sinal para que Camilla se adiantasse.

— Por que violou as leis do seu clã, meia-mulher? — As palavras eram rudes, mas por algum motivo não pareciam tão ofensivas quanto os comentários da porteira cega.

— Não quer confiar a esta velha o seu nome de nascimento, Renunciante?

A mulher fitou Camilla nos olhos.

— Há muitos anos — disse Camilla — fiz um juramento de nunca mais pronunciar o nome daqueles que renunciaram a mim,

bem antes que eu renunciasse a eles. Minha mãe era do Domínio Aillard, e na infância eu tinha o nome de Elorie Lindir. Mas Alaric Lindir não foi meu pai.

Magda mal conseguiu reprimir uma exclamação de espanto. Nem mesmo para ela, nem para Mãe Lauria, Camilla jamais enunciara aquele nome. O fato de fazê-lo agora indicava uma mudança tão profunda que Magda não podia nem imaginar o que significava.

— E você tem o donas do clã Hastur?

— É possível — respondeu Camilla, calmamente. — Não sei.

— Sejam bem-vindas a esta casa, filhas. — A velha inclinou a cabeça para elas, cortesmente. — Haverá tempo depois para que voltem a conversar comigo, mas esta noite suas necessidades são de repouso e calor. Avisem às minhas irmãs sobre qualquer outra coisa que possam precisar.

A mulher alta chamou as mulheres que haviam conduzido as visitantes até ali, deu uma série de instruções em voz baixa, em seu dialeto peculiar. Mas Cholayna balançou a inclinou-se para ela, só que Magda não conseguiu ouvir o que foi dito.

— Venham conosco — disse uma das mulheres.

Elas tornaram a passar pelos corredores por onde o vento soprava, foram levadas a uma construção antiga, espaçosa, vazia, ressonante, chão de pedra, paredes de pedra, com ninhos de passarinhos nos cantos altos, pequenos roedores correndo no meio da palha, espalhada para proporcionar calor. Como mobiliário, havia apenas alguns bancos de pedra, além de uma armação de cama, que na verdade não passava de uma plataforma de pedra. Uma das mulheres esfarrapadas armou uma fogueira na lareira, e acendeu-a com sua tocha.

— Estarão aquecidas e seguras aqui — disse ela, em seu tosco dialeto, ao mesmo tempo em que fazia um gesto surpreendentemente formal. — Daqui a pouco vamos trazer sopa quente da refeição noturna, e medicamentos para os pés congelados e para a doente.

Ela se retirou, deixando as viajantes sozinhas. Vanessa comentou:

— Elas são mais generosas com o fogo para nós do que demonstraram com aquela velha, a sacerdotisa ou qualquer coisa parecida.

— É isso mesmo — disse Jaelle. — São das montanhas, onde a hospitalidade é um dever sagrado. A velha que nos recebeu... provavelmente ela fez votos de austeridade; mas nos dariam o melhor em quaisquer circunstâncias, mesmo que o melhor fosse uma enxerga bolorenta e um punhado de mingau de nozes.

— Quem são essas pessoas, Jaelle? — indagou Vanessa.

— Não tenho a menor idéia. Quem quer que sejam, salvaram nossas vidas esta noite. Se alguém me disser que Avarra ou a Irmandade nos guiaram até elas, juro que não vou discutir.

Ela olhou ao redor, descobriu que Cholayna arriara num dos bancos.

— Vanessa, pegue o estojo de socorros médicos.

Jaelle hesitou, olhando para Vanessa, que arriara em outro banco de pedra, encolhendo-se toda, em dor.

— Pode andar?

— Mais ou menos. Mas acho que estou com os pés congelados.

— As palavras de Vanessa soavam quase como um pedido de desculpas. — Não chegam a doer, pelo menos não muito, mas...

Ela comprimiu os lábios com toda força, e Jaelle apressou-se em dizer:

— É melhor tirar as botas e cuidar de seus pés, tão depressa quanto puder. Como chegou a esse ponto?

— Devia haver um buraco numa das botas... cortei nas pedras — murmurou Vanessa, enquanto Jaelle a ajudava a tirar as botas. — Ali... está vendo?

Jaelle balançou a cabeça ao ver os dedos esbranquiçados.

— Elas disseram que nos trariam água quente dentro de poucos minutos. Chegue perto do fogo, mas não muito. Não, não esfregue os pés, pois isso destruiria a pele. Vai melhorar quando a água quente chegar.

Ela olhou para Cholayna, estendida no banco de pedra, indiferente a tudo, depois para Camilla, que tirava uma bota com o maior cuidado, acabando por pegar a faca para cortá-la.

— Quantas de nós estão sem condições? — murmurou Jaelle.
— Cholayna provavelmente é a pior. Magda, você é a que se encontra melhor neste momento. Ponha-a num saco de dormir... tão perto do fogo quanto possível. A velha disse que mandaria medicamentos, água quente, sopa quente... tudo o que pudéssemos precisar.

— Sou capaz de apostar que aquela mulher é uma leronis — comentou Camilla.

Ela cortou a bota, revelando um pé horrivelmente inchado, com bolhas púrpuras ensangüentadas e manchas brancas. Magda ficou chocada ao ver; sentiu vontade de ir cuidar de Camilla, mas no momento Cholayna estava ainda pior, semi-inconsciente, a testa ardendo em febre. Quando Magda a segurou, ela murmurou:

— Estou bem. Só preciso descansar um pouco. Está muito frio aqui.

Ela estremeceu, da cabeça aos pés.

— Ficaré aquecida em poucos minutos — prometeu Magda, gentilmente. — Deixe-me tirar seu capote...

— Não, prefiro continuar assim, pois estou com frio — balbuciou Cholayna, resistindo.

— Pois então fique, mas pelo menos vamos tirar as botas. Magda ajeitou Cholayna no saco de dormir, abaixou-se para ajudá-la a tirar as botas. Cholayna tentou protestar, mas a fraqueza impedia qualquer resistência. Arriou no saco de dormir, quase inconsciente, deixou que Magda tirasse as botas e as roupas externas, envolvendo-a em mantas.

— Uma sopa quente e um pouco daquele chá de espinheiro-preto vão ajudá-la, se não pudermos obter nada melhor — comentou Magda.

Ela não revelou o seu grande medo, que era o de que Cholayna se encontrasse nos primeiros estágios da pneumonia.

— Que outras lesões nós temos? — acrescentou Magda. — Jaelle, sua perna ficou machucada quando Dançarino caiu em cima, mas vem andando desde então. Qual é a gravidade? Quero ver agora, não insista.

A canela de Jaelle estava contundida e ensangüentada, mas parecia não haver uma fratura. Contudo, era improvável que Jaelle pudesse andar sem dificuldades por alguns dias; já forçara demais os músculos e tendões lesionados. Além disso, havia os pés congelados de Vanessa, assim como as manchas brancas em suas mãos. O pé de Camilla estava inchado e dolorido; Magda desconfiava que um ou dois dos pequenos ossos no pé pudessem ter quebrado. A própria Magda tinha uma ou outra ulceração produzida pelo frio no rosto, mas embora seu nariz escorresse, as faces doessem, e tivesse a impressão de que poderia deitar e dormir por três dias no mínimo, parecia ser a única que não estava no momento com qualquer doença ou lesão mais grave.

A porta antiga foi aberta de novo dali a pouco, rangendo. A neve e o vento penetraram no cômodo, enquanto duas mulheres entravam, carregando um par de enormes caldeirões com água, bacias, chaleiras e bandagens, seguidas por uma terceira, com uma grande panela com sopa fumegante, que foi pendurar na lareira. Sorriram timidamente para as estranhas, mas não falaram e se retiraram no mesmo instante, ignorando a tentativa de Magda de agradecer-lhes, no que ela sabia do dialeto das montanhas.

Magda, que era a única que podia andar direito, foi pegar nos alforjes a concha e as canecas, serviu a sopa quente, primeiro para Jaelle, depois para Camilla e Vanessa. Em seguida, pôs os pés de Vanessa numa bacia com água quente — naquela altitude, ela lembrou, a água fervia numa temperatura tolerável à pele congelada.

— Vai doer um pouco, mas agüente firme, caso contrário pode...

— Perder os dedos dos pés. Passei três anos aprendendo tudo sobre doenças e lesões da altitude em Alfa, Margali, sei muito bem o que pode acontecer.

Vanessa tomou um gole da sopa, segurando a caneca com a mão ilesa — a outra estava na água quente — e Magda viu-a ranger os dentes de dor. Mas Vanessa acrescentou com uma despreocupação simulada:

— A sopa é ótima. O que será que contém?

— É melhor nem perguntar — disse Camilla. — Coelho-do-gelo, provavelmente. É praticamente a única caça que se encontra nesta altitude, a menos que alguém tenha descoberto uma maneira de cozinhar um pássaro-espírito.

Magda levantou a cabeça de Cholayna, tentou ajudá-la a engolir um pouco da sopa quente, mas a mulher mais velha se encontrava totalmente inconsciente agora, a respiração rouca saindo pela garganta tão alto que ela teve um momento de pânico, pensando que a outra estava à beira da morte.

— Se ela tem pneumonia — disse Vanessa, tão depressa que Magda especulou se ela não teria lido seus pensamentos — há um antibiótico no estojo de primeiros socorros. Traga até aqui... não posso me mexer.

Vanessa procurou entre os tubos e frascos no estojo.

— É isto. Deve servir. Não creio que ela possa engolir, mas tenho uma seringa de ar comprimido que qualquer pessoa pode usar, mesmo sem conhecimentos médicos...

Mas antes que Magda pudesse aplicar a injeção, a porta foi aberta outra vez, e a velha entrou, acompanhada por duas jovens reverentes. À luz bruxuleante do fogo, ela parecia a imagem que as pessoas fazem de uma bruxa. Mas não a noção terráquea comum de uma feiticeira, pensou Magda; algo mais antigo, mais arcaico e Benevolente, uma primitiva mãe das cavernas da raça humana, "ama antiga bruxa, sacerdotisa, chefe do clã, no tempo em que "mãe" significava ao mesmo tempo avó, ancestral, rainha, deusa. As rugas no rosto, o brilho dos olhos fundos, sob o emaranhado dos cabelos brancos, tudo indicava sabedoria, o sorriso era encantador.

Ela encaminhou-se para Cholayna com uma solene determinação, agachou-se ao lado da plataforma de pedra. De uma maneira periférica, Magda registrou que ela era a primeira pessoa, durante toda a viagem, que não demonstrara a menor surpresa com a pele preta de Cholayna. A velha pôs a mão na testa ardendo de Cholayna, inclinou-se para escutar sua respiração, olhou para Magda, que a fitava na maior ansiedade. Seu sorriso era largo, quase desdentado, notou Magda, mas quando falou a voz era tão gentil que deixou Magda com vontade de chorar:

— Sua amiga está quente com a doença dos pulmões, mas não se preocupe, *chiya*, pois isso é uma coisa que podemos tratar. Tome um pouco de sopa, já que andou tão ocupada com os males de suas amigas que não pôde cuidar de seus próprios problemas. Pode ir comer que eu cuido desta.

Magda sentia os olhos ardendo, mas disse:

— Eu ia dar a ela um medicamento, velha mãe... — Magda usou o título da maneira mais respeitosa. — e depois comerei.

— Não, nada disso — murmurou a velha. — Tenho uma coisa melhor do que os medicamentos de outro mundo. Muitas forasteiras já chegaram aqui com doença dos pulmões, e isto sempre ajudou mais.

Ela tirou de algum lugar dos trajes um pequeno frasco, e uma velha colher de pau. Levantou a cabeça de Cholayna, apoiada em seu braço, abriu a boca, despejou uma dose entre os lábios.

— Coma logo — disse a velha a Magda.

O tom era gentil, mas tão autoritário que Magda reagiu como uma criança repreendida; seguiu apressada até a panela, serviu sopa numa caneca. Sentou no banco ao lado de Vanessa, levou a caneca aos lábios. O gosto era maravilhoso, quente, confortador, embora ela não tivesse idéia do que fosse.

— Não me importaria se fosse ensopado de pássaro-espírito — murmurou ela.

Vanessa sussurrou:

— Magda, devemos deixar que essa velha feiticeira despeje só Deus sabe o que pela garganta de Cholayna, sem ao menos indagarmos o que é?

— Elas não conseguiriam sobreviver num lugar como este sem saberem o que fazem — sussurrou Magda em resposta. — De qualquer maneira, confio nela.

Magda virou-se para observar o que a velha fazia agora. As duas atendentes levantaram Cholayna, empilharam almofadas nas suas costas, deixando-a meio sentada. Estenderam mantas por cima, formando uma espécie de tenda tosca, por baixo da qual puseram uma das chaleiras com água fervendo, sobre um braseiro. Era uma tenda de vapor improvisada. Com o vapor e a droga

desconhecida da velha, a respiração de Cholayna já se tornava mais fácil, ou pelo menos assim parecia a Magda.

A velha pegou um graveto no fogo, e com a ponta em brasa acendeu uma estranha vela colorida; desprendia um cheiro forte, enquanto a fumaça espalhava-se pelo cômodo. Depois ela foi para o lugar em que Magda sentava, ao lado de Vanessa, verificou a água quente na bacia, acenou com a cabeça.

— As filhas trouxeram bandagens e medicamentos; quando a pele estiver toda rosada de novo, enfaixem com este unguento. Usem também para as equimoses.

Ela parou ao lado de Jaelle e Camilla.

— Ajudará a manter a pele saudável. Quanto à amiga de vocês... — Ela gesticulou na direção de Cholayna. — ...enquanto a vela arder, mantenham a chaleira com água sobre o braseiro, a fim de que ela possa respirar vapor quente, e ponham estas ervas na água. A vela tornará mais fácil a respiração de todas vocês. Quando a vela acabar, dêem a ela mais uma colher disto... — A velha estendeu um frasco e uma colher. — ...e deixem-na dormir, bem agasalhada. Vocês também devem dormir. Não se preocupem, pois ela ficará boa.

Por um breve instante, ela se inclinou e espiou o rosto de Magda, como se alguma coisa ali a deixasse perplexa; depois empertigou-se e disse, para todas, incluindo de certa forma até mesmo a semi-inconsciente Cholayna:

— Que Avarra abençoe a todas, esta noite e para sempre.

A velha saiu. Vanessa revirou o frasco em sua mão, estudando-o. Era um vidro esverdeado, bojudo, com muitas falhas. Ela tirou a tampa de pedra, aspirou o forte cheiro de ervas.

— Obviamente, trata-se de um poderoso descongestionante — sugeriu Vanessa. — Escutem só, a respiração de Cholayna já é mais fácil. E a tenda de vapor parece ser a mesma coisa. Não tenho a menor idéia do que pode ser a vela, mas parece que também torna a respiração mais fácil.

— Como estão seus pés? — perguntou Magda.

— Vanessa fez uma careta, mas respondeu jovialmente:

— A água quente faz maravilhas. Tive sorte. Desta vez. Magda, que experimentara a ulceração do frio nas colinas Kilghard, muitas vezes, durante suas viagens, e conhecia a agonia do retorno da circulação, compreendeu o que ela sentia.

— Não esqueça o unguento que ela deu, quando enfaixar os pés.

— Obrigada, mas acho que Vou preferir o antibiótico no estojo de primeiros socorros.

— Tenho experiência com as duas coisas — disse Jaelle, pegando o pequeno pote que a velha deixara — e acho que usarei isto. Magda, já que está de pé, pode me servir outra caneca de sopa?

Enquanto Magda ia servir a sopa, Jaelle acrescentou:

— As sacerdotisas de A varra são lendárias. Segundo Kindra, são curandeiras há séculos, possuem uma longa tradição nas artes da cura. E algumas também têm laran.

E como se isso a lembrasse da primeira e surpreendente entrevista com a velha, Jaelle virou-se para Camilla, que tentava enfaixar o pé. Pondo o pé ferido em seu colo, ela se encarregou do trabalho.

— Quer dizer que você é minha parenta, Camilla?

Camilla respondeu em voz baixa... e para espanto de Magda falou de forma quase idêntica ao dialeto das montanhas:

— Não sabia, chiya! Jaelle sacudiu a cabeça.

— Rohana disse uma vez algo que me fez desconfiar, mas acho que ela não sabia que era você. Comentou que uma filha de Aillard... desaparecera, em circunstâncias misteriosas...

— Isso mesmo — murmurou Camilla, sombriamente. — O destino de Elorie Lindir foi um escândalo durante meio ano, pelo menos, nas colinas Kilghard, até que encontraram outra coisa para especular, mais uma pobre moça estuprada e esquecida, ou um lorde Hastur reconhecendo outro bastardo... por que acha que vivi tanto tempo como homem, a não ser porque me sentia enojada das intrigas das damas obrigadas a permanecer dentro de casa? Rohana não é tão ruim quanto a maioria, mas essas neves já se derreteram há vinte invernos. Deixe a situação como está, Shaya.

— Você é parenta dela também, Camilla. — Jaelle estendeu a mão para Magda. — Detesto incomodá-la desse jeito, mas você pode andar, e eu não. Não quer pegar alguns alfinetes na minha mochila pessoal?

— Claro, brenda.

Magda pegou os alfinetes, entregou a Jaelle, que prendeu as bandagens de Camilla, depois levantou sua própria perna machucada para o banco.

— Uma de vocês pode me enfaixar?

Magda ajeitou a perna em seu colo, começou a espalhar o unguento de ervas da velha sobre a pele esfolada. Camilla disse de repente, com uma estranha veemência:

— Reivindicarei parentesco com Dama Rohana, quando ela reivindicar o parentesco comigo!

Ela se levantou, testou a resistência do pé enfaixado, estremeceu, foi estender seu saco de dormir ao lado do fogo.

— Devo ficar acordada para cuidar da chaleira na tenda de vapor, ou você trata disso?

O tom incisivo não deixava margem a discussões.

— Pode deixar comigo — disse Magda. Mas Jaelle sacudiu a cabeça.

— Você cuidou de nós durante o dia inteiro. Vá dormir, Magda, que eu cuidarei de Cholayna agora. Quando a vela acabar... não vai demorar mais do que uma ou duas horas... também poderei dormir. Pelo menos não precisaremos ficar de vigia a noite toda. Aqui, contamos com a proteção de Avarra, e todas as Renunciantes estão sob sua asa.

Magda quis protestar, mas seus olhos pareciam se fechar por vontade própria. Balançou a cabeça em concordância, estendeu seu saco de dormir ao lado de Camilla. O fogo ardia baixo; ela podia ouvir lá fora a neve caindo, o vento uivando como dez mil demônios em torno dos prédios.

À beira do sono, a cabeça de Camilla encostada em seu ombro, Magda pensou mais uma vez que conhecia bem pouco aquela mulher que tanto amava. As palavras espantosas ressoavam em sua cabeça. Minha mãe era do clã Aillard, mas eu nasci com o nome de

Elorie Lindir. E você possui o donas dos Hasturs? E a resposta ainda mais espantosa de Camilla: É possível.

Capítulo Vinte e Três

A nevasca prolongou-se por três dias. No primeiro dia, Magda pouco fez além de dormir; depois da exaustão da longa viagem, a tensão e o medo, o corpo cansado e a mente ainda mais cansada cobraram seu tributo, e por uma noite, um dia e a maior parte da outra noite, ela passou as horas adormecida ou num estado de sonolência incompleta, despertando apenas para comer ou beber. Todas se encontravam praticamente na mesma situação.

— Pensamos a princípio que você também tivesse contraído a febre dos pulmões — disse-lhe Camilla, mais tarde. — Mas a velha Ieronis garantiu que não, era apenas cansaço e frio. E, louvada seja a Deusa, ela estava certa.

Naquela manhã, Magda teve energia suficiente para se lavar (numa bomba interna, a água apenas um pouco acima do ponto de congelamento), trocar as roupas de baixo e as meias, escovar os cabelos.

— Como está Cholayna? — perguntou ela.

— Bem melhor — respondeu Camilla. — A febre baixou, ela tomou um pouco de sopa. Ainda está muito doente, mas sua respiração é mais fácil. E me falou em cahuenga, o que pelo menos indicava que sabia quem eu era. Foi um alívio, depois de dois dias em que ela só falou numa língua que nenhuma de nós podia compreender, nem mesmo reconhecer como qualquer das nossas.

— Como estão as outras?

— Jaelle desceu o penhasco ... nesta nevasca!... para se certificar de que os animais estão bem. Não que ela não confie nas mulheres aqui, mas acho que queria fazer algum exercício.

Camilla soltou uma risada, e Magda riu também, sem muito ânimo. Jaelle sempre se cansava depressa da inação.

— E Vanessa?

Camilla apontou; Vanessa dormia perto do fogo, apenas uns poucos cachos de cabelos escuros aparecendo além do saco de dormir.

— Seus pés ainda estão machucados e doloridos, duas unhas caíram ontem à noite, quando trocou as bandagens, mas é uma sorte que não estejam piores. Meus pés ficaram quase tão ruins, mas estou me recuperando mais depressa. Acho que isso acontece porque Vanessa usou apenas o medicamento terráqueo, enquanto Jaelle e eu usamos o unguento que a velha Ieronis nos deu.

Magda terminou de comer o mingau, com gosto de queimado, largou a tigela e deitou, exausta.

— Não estou com sono agora, mas tenho a sensação de que meu corpo foi todo espancado com porretes de pau.

— Pois então descanse, bredhiya — murmurou Camilla. — Ninguém vai mesmo sair daqui com este tempo.

A tempestade ainda desabava lá fora, violenta; parecia a Magda que caíra com a mesma intensidade enquanto ela dormia, durante as últimas horas e dias. Jaelle voltou dali a pouco, os trajes externos cobertos de neve, os flocos aderindo às sobancelhas e aos cabelos castanhos avermelhados.

— Está acordada, Margali? Ainda bem. Eu já começava a me preocupar com você. Desci e subi pelos degraus do penhasco esta manhã, embora elas me dissessem que poderia usar o cesto, sendo levantada com os sacos de grãos. Foi maravilhoso, mesmo com a neve; quando não está nevando, elas me informaram, pode-se avistar até o pico de Nevarsin, por um lado, e a Muralha ao Redor do Mundo, no outro.

Magda admirou a idéia de diversão de sua companheira livre. Lembrou que poucas semanas antes do nascimento de sua filha, Jaelle insistira em acompanhar Damon aos confins de Armida, em busca de cavalos, alegando que sabia muito bem que dispunha de tempo suficiente antes do parto. Ela voltara a montar antes mesmo que Cleindori completasse quarenta dias. Magda sentira-se cansada e apática durante a gravidez, contente em permanecer dentro de casa, deixando que Ellemir e Callista cuidassem dela. Mas antes que ela tivesse muito tempo para refletir a respeito, a porta foi aberta, dando passagem à velha que as recebera e trouxera medicamentos para Cholayna. Ela apenas acenou com a cabeça para as outras, encaminhou-se direto para Cholayna, ajoelhou-se, pôs a mão em

sua testa; inclinou a cabeça para escutar o coração e os sons da respiração.

— Já está mais forte esta manhã, filha.

Cholayna despertou, olhou para os cabelos desgrenhados e as roupas esfarrapadas da velha, fez um esforço para sentar. Magda aproximou-se, a fim de que Cholayna pudesse constatar que não se encontrava sozinha, à mercê de uma estranha. Cholayna indagou, a voz muito fraca:

— Onde estamos? O que aconteceu?

A velha disse algumas palavras tranquilizadoras, mas era no estranho dialeto das montanhas, e Cholayna não entendeu.

— Quem é você? O que está acontecendo?

A velha pegou a colher, abriu o vidro com o medicamento, gesticulou para que Cholayna abrisse a boca.

— O que é isso? O que vai me dar? — Cholayna balançou a cabeça de um lado para outro, numa negativa em pânico. — O que é isso? Magda, ajude-me! Será que ninguém pode me escutar?

Havia um terror genuíno em seu rosto, e Magda apressou-se em ficar de joelhos ao seu lado, pegando as mãos de Cholayna.

— Está tudo bem, Cholayna. Ficou muito doente, mas ela vem cuidando de você. Não sei o que lhe dá, mas fez com que melhorasse. Pode tomar.

Cholayna abriu a boca, docilmente, engoliu o medicamento, mas ainda parecia confusa.

— Onde estamos? Não me lembro de ter vindo para cá.

As perguntas eram formuladas no padrão terráqueo, enquanto ela fazia um esforço para sentar, empertigada, olhando desesperada ao redor. Magda procurou tranquilizá-la na mesma língua:

— Ninguém vai lhe fazer mal, Cholayna. Essas pessoas têm sido muito boas para nós... estamos seguras aqui...

— Quem é essa estranha? É uma das agentes de Acuilara? Elas nos seguiram até aqui? Eu... eu acho que estava sonhando... pensei que Acuilara tinha nos capturado, trazido para cá...

— Diga a ela que não deve falar, tem de ficar deitada, descansando, agasalhada — ordenou a velha.

Magda pegou o pulso de Cholayna, abraçando-a gentilmente a deitar.

— Não deve falar. Fique deitada e descanse. Explicarei tudo. Tossindo, Cholayna relaxou. Seus olhos acompanhavam as atendedoras, que armavam a lenda de vapor improvisada. Escutou as explicações simplificadas de Magda, sem fazer perguntas. Magda teve a impressão de que ela estava tão fraca que aceitava tudo o que lhe dissessem. Ao final, Cholayna sussurrou:

— Essas não são servidoras de Acquilara? Tem certeza?

— Tanta certeza quanto se pode ter de qualquer coisa — assegurou Camilla. — Ela veio aqui a intervalos de poucas horas, a fim de se certificar que sua febre estava sob controle. Mas agora precisa descansar, não pensar em outra coisa que não seja ficar boa.

Cholayna tornou a fechar os olhos. A velha levantou a cabeça, lançando um olhar furioso para Camilla.

— Foi pronunciado um nome que é proibido na sagrada casa de Avarra. O que vocês têm a ver com essa mulher?

— Quem? Acquilara?

A velha gesticulou, irritada.

— Silêncio! Não pronuncie os nomes de mau presságio! Aquela que ajudou vocês esperava que a história fosse contada depois que a doença e o cansaço estivessem curados.

Agora talvez seja o momento de ouvir. O que vocês fazem nesta região erma, onde só aparecem as mulheres que estão em busca da bênção da Deusa?

— Margali contará a história, avó — disse Camilla, no dialeto das montanhas.

Magda especulou quando ela teria aprendido o dialeto, e viu na mente de Camilla um lampejo de memória, um ano passado como uma criança vilipendiada e espancada, escravizada num acampamento de bandidos...

— Também viemos em busca da bênção. — Magda encontrou em sua memória a noite em que vira pela primeira vez a imagem de Avarra, durante a primeira reunião da Irmandade.

— Procuramos uma Cidade que dizem ser habitada pela Irmandade das Sábias. Duas de nossas companheiras iniciaram a

mesma busca, partiram antes de nós. Quando avistamos as suas luzes aqui, perdidas nas montanhas, pensamos que talvez tivéssemos encontrado o lugar, talvez fôssemos descobrir nossas companheiras.

— Aquela leu sua mente e memória quando estava fraca, neta. Apenas oferecemos abrigo à sombra das asas de Avarra, chiya, e não pertencemos à sua irmandade. Mas essa busca faz com que sejam sagradas aqui, por onde suas companheiras não passaram.

A velha pôs a mão no ombro de Magda.

— Agora, pode falar daquele nome que já foi pronunciado duas vezes?

— Ela nos procurou à noite, garantiu que poderia nos levar às nossas companheiras.

— E por que não a seguiram?

Foi Camilla quem respondeu, falando bem devagar:

— Achamos que a verdade não seria encontrada em sua boca, e que seguir uma guia assim era pior do que vaguear sem qualquer orientação.

— Mas sua companheira aqui clamou por ela em sua língua desconhecida...

— Cholayna tinha medo dela — explicou Magda. — Leia sua mente e memória, velha mãe, se puder, e saberá que falo a verdade.

Jaelle perguntou a Magda, no padrão terráqueo:

— Qual é o problema?

— Ela diz que Rafi e Lexie não passaram por aqui. O que pode significar que elas caíram nas... — Magda ia dizer nas mãos de Acquilara, mas olhou para a velha e evitou o nome. — Receio, assim, que as duas que procuramos tenham caído nas mãos daquelas que consideramos como inimigas.

A velha olhou de uma para outra antes de declarar, lentamente:

— Sua amiga está melhor, mas ainda doente. Cuidem dela por mais alguns dias.

Ela saiu. Camilla e Jaelle olharam para Magda.

— Afinal, o que significa tudo isso?

A velha não voltou naquele dia, nem no seguinte, nem no outro. Atendentes silenciosas apareciam três vezes por dia, trazendo comida: um mingau pela manhã e ao meio-dia, uma sopa grossa e nutritiva ao anoitecer. O repouso compulsório foi bom para todas; Magda recuperou as forças, os pés congelados de Vanessa sararam, e até Cholayna começou a ficar sentada por algum tempo, durante o dia.

Na quinta ou sexta manhã — Magda perdera a contagem dos dias, já que um passava sem nada para distingui-lo do outro — a neve parou e o sol do silencio despertou Magda; o vento não mais uivava em torno dos prédios. Ela saiu para um mundo brilhante, o sol falseando nos telhados, o céu tão claro que se podia contemplar uma paisagem interminável de picos nevados e vales. Talvez Cholayna tivesse condições de viajar em breve. Magda começou a calcular mentalmente tudo de que dispunham, para os presentes à velha e à Irmandade, em troca da hospitalidade. Estremeceu ao pensar na descida pelo penhasco dentro do cesto. E quanto mais teriam de percorrer? Talvez a velha pudesse lhes dizer alguma coisa sobre Lexie e Rafaella; pelo menos parecia saber algo sobre o bando de Acquilara, a quem desprezava.

Cholayna sentara naquela manhã, e até comera um pouco de mingau. Parecia melhor, mais saudável; pedira água para lavar o rosto, rebuscara sua mochila à procura de uma escova para os cabelos. Mas ainda se encontrava muito fraca, e por isso Vanessa teve de pegar a escova e tentar desemaranhar os cabelos brancos.

— Vejo que já se sente melhor — disse Magda, ao voltar, indo se ajoelhar ao lado.

Cholayna sorriu.

— Começo a me sentir meio humana outra vez, posso respirar sem experimentar a sensação de que cravam facas em meu peito. Acho que as pessoas daqui podem saber alguma coisa sobre a Cidade. Se perguntarmos da maneira certa, talvez elas nos contem.

— Mas qual é a maneira certa? — indagou Vanessa. Aproximando-se, Camilla comentou:

— Uma coisa que sabemos com certeza é que elas não estão de conluio com...

Camilla parou de falar abruptamente, e Magda pôde ler em sua mente a lembrança da ira exagerada que a velha demonstrara quando fora pronunciado o nome de Acuilara. Foi como se alguém que não estivesse presente falasse, embora não em palavras: O nome do mal pode invocá-lo e ser usado como uma ponte...

— Ela não está de conluio com aquela mulher que nos procurou e tentou nos dominar em Nevarsin, na casa de Arlinda — disse Magda. — Elas sentem um profundo horror até por seu nome, por isso é evidente que sabem o que está acontecendo.

— Eu bem que gostaria de saber — queixou-se Vanessa. — Aquela velha me deixa toda arrepiada. É inumana!

Jaelle protestou:

— Ela salvou a vida de Cholayna, e você poderia ficar aleijada para sempre. Não seja ingrata.

— Entendo o que Vanessa está querendo dizer — interveio Camilla. — Já notou, Margali? Não creio que Vanessa tenha compreendido, pois não conhece a língua tão bem quanto você, que a aprendeu em Caer Donn, quando criança. Percebeu que ela nunca diz eu? Sempre se refere a si mesma como se fosse outra pessoa. Não dá para entender.

— Não sei se alguma vez é possível entender uma prática religiosa estranha — murmurou Cholayna, pensativa. — Talvez devêssemos simplesmente nos sentir gratas por ela ter nos acolhido.

— Só que precisamos mais do que isso — declarou Jaelle. — Chegamos ao fim da trilha. Não sei de coisa alguma além deste ponto, nada consta nos mapas. Se elas não nos indicarem o caminho, não sei para onde iremos.

— E há dias que a velha não nos procura — disse Camilla. — Quando se falou... — Outra vez a hesitação. — ...de um certo nome, parece que ela ficou ofendida. Estava cordial até esse momento, e depois... nada. Nem um sinal da velha.

O sorriso de Camilla era desolado.

— Talvez, ao descobrir que algumas de nós têm laran, ela concluísse que não precisamos de ajuda para encontrar o caminho.

— Mas isso significaria que há alguma coisa para se encontrar — disse Magda. — E que seria possível encontrar, partindo daqui.

Naquela noite, quando as atendedoras entraram para armar de novo a tenda de vapor de Cholayna — indicaram por sinais que ela deveria dormir ali dentro, mesmo que já pudesse respirar bastante bem durante o dia — Jaelle saiu com elas, desceu o penhasco para ver como estavam os animais. Ao voltar, fez sinal para que todas se agrupassem.

— Amanhã, elas disseram, alguém virá falar conosco. Calculei, pelo que a cega... seu nome é Rukhaila, por falar nisso, o nome para Rafaella no dialeto das Ilellers... pelo que ela falou, que há mulheres aqui que vão e voltam do ... — Jaelle hesitou. — ...do lugar que procuramos. Tenho o pressentimento de que devemos nos preparar para partir a qualquer momento.

— Cholayna ainda não tem condições de viajar — protestou Vanessa.

— Isso é outra coisa que precisamos discutir. Acho que talvez devamos mandar Cholayna de volta, ou deixá-la aqui, para se recuperar ainda mais. Pelo que Rakhaila falou, isso pode nos levar além da Muralha ao Redor do Mundo. Não há a menor possibilidade de Cholayna recuperar condições para realizar uma viagem assim.

Cholayna declarou, obstinada:

— Já discutimos esse problema antes. Posso viajar, nem que isso me mate.

— É justamente o que reparamos, sua velha teimosa — disse Vanessa. — De que adiantaria se matar na viagem? Ajudaria Lexie..... ou você?

Mas Magda não tinha tanta certeza.

— Chegamos até aqui juntas. Acho que não seria justo abandonar Cholayna na ermida. Devemos todas partir juntas, ou nenhuma continua.

Ela não sabia por que pensava assim. Depois que Cholayna se acomodou para dormir, Jaelle tocou no braço de Magda.

— Breda, precisamos conversar... Saia comigo por um momento.

Elas saíram pelo corredor comprido entre os prédios. Jaelle seguiu na frente, até um ponto próximo da beira do penhasco. Ali

estavam as roldanas e o cesto, aguardando a próxima viagem para a base do penhasco.

— Os degraus não são tão difíceis quanto parece — comentou Jaelle. — Já desci duas vezes.

— Melhor você do que eu — murmurou Magda. — Lembra quando dizia em Thendara que queria um ano de folga para ir às montanhas, Jaelle? Está tendo a sua grande aventura, não é?

Por cima delas, o céu estava salpicado com as estrelas de uma rara noite clara darkovana. Jaelle olhou para o Norte, na direção, Magda sabia, em que se erguia a Muralha ao Redor do Mundo, o fim do mundo conhecido dos Domínios, e disse:

— Talvez esteja apenas começando. Magda sorriu, indulgente.

— Está se divertindo, não é?

Era quase um gracejo, mas Jaelle manteve uma seriedade absoluta.

— É verdade. Por mais terrível que tenha sido a viagem, adorei cada minuto. Gostaria de não ter arrastado você, pois sei que tem detestado...

— Não. — A própria Magda surpreendeu-se com a palavra. — Não gostaria de perdê-la... pelo menos algumas partes.

Ela experimentava uma súbita sensação de autocontrole, por ter realizado o que nunca julgara que fosse capaz, Cholayna e Vanessa eram antes apenas amigas, no sentido limitado de colegas de trabalho; agora, ela sabia, eram tão íntimas quanto as irmãs que jamais conhecera. Haveria de querer perder isso? E, num sentido bastante real, isso era a sua busca. Desde o dia em que vira pela primeira vez as figuras em túnicas no seu círculo, ouvira o chamado dos corvos; Magda sabia que deveria seguir em frente, mesmo que a busca levasse além do telhado do mundo conhecido. Por um momento ela pensou a respeito, mas logo o pragmatismo voltou a prevalecer, e perguntou a Jaelle:

— Você iria a esta Cidade das histórias de Kindra, e permaneceria lá?

— Não sei se elas me aceitariam. Creio que é preciso primeiro... ora, estudar e se preparar, por um longo tempo. Deve haver um colégio desse tipo de sabedoria, e ainda estou no jardim

de infância. Mas se eu decidisse que queria tentar me preparar para ser digna da honra? Ou se acontecesse alguma coisa que me impedisse de voltar? Numa viagem como esta, um passo em falso... e todas estivemos bem próximas da beira do abismo, Margali. Se eu não voltasse, você cuidaria de Cleindori por mim?

Magda sorriu, gentilmente.

— Eu teria de entrar na fila pela oportunidade, depois de Damon, Ellemir e Dama Rohana... praticamente tudo o que eu poderia fazer seria patrociná-la, se ela decidisse trabalhar com os terráqueos; e considerando que Cleindori é Herdeira de Aillard, duvido que lhe seja concedida essa opção. Mas se quer saber se eu a amaria como se fosse minha própria filha... duvida de nosso juramento, companheira livre?

Jaelle tocou no punho da faca de Magda, que ela usava no cinto.

— Nunca, bredda.

— Devemos entrar agora.

O enorme disco violeta de Liriel subia pelo céu, quase cheio, a maior das quatro luas. O crescente azulado de Kyrddis pairava quase no zênite do céu. As estrelas cintilavam através da noite clara. Um vento gelado começou a soprar pelas alturas, um jato violento que lhes desmanchava os cabelos, parecia querer empurrá-las para a beira do penhasco. Magda apoiou-se na parede gelada para manter o equilíbrio contra as sucessivas rajadas. Não estava escuro; ao redor, a lux crescente das luas refletia-se na neve.

— Está com frio? Abrigue-se no meu manto.

Jaelle passou o braço pelos ombros de Magda, a fim de agasalhá-la. Magda sorriu, enquanto se aconchegavam uma contra a outra. Jaelle acrescentou, muito séria:

— Preciso conversar com você a sós, apenas por alguns minutos. Gostaria de não ter de voltar, Magda. Não sou necessária na Torre Proibida. Meu laran não é muito forte; nunca foi. Mas chego a ser uma monitora competente, enquanto você... uma terráquea!... é uma técnica tão poderosa quanto o próprio Damon. Eles se amam, admito, mas não precisam de mim. Num sentido bastante concreto, nunca fui necessária em parte alguma. As pessoas não precisam de

mim, não aderem a mim, como acontece com você. Até minha filha procura você para cuidados maternos, não a mim. Ela também percebe, Magda, a coisa que faz as pessoas a procurarem. Eu nunca soube... para onde ir, ou por quê.

Magda escutava em profunda consternação. Desde que conhecia Jaelle que invejava o que considerava como a confiança da mulher mais jovem, o senso de determinação, a intensidade com que se lançava em empreendimentos, com um empenho que Magda jamais experimentara. Nunca lhe ocorrera que Jaelle pudesse se sentir assim.

— Isso não é verdade, Shaya. É muito mais forte do que eu, em muitas coisas. É mais brava do que eu. Não recua e entra em pânico, não confunde tudo em sua mente, durante todo o tempo...

— Ora, a coragem — murmurou Jaelle, sorrindo. — Damon me disse uma ocasião que considerava a coragem, a coragem de um soldado, do tipo que eu tenho, apenas uma indicação de falta de imaginação para ter medo. O próprio Damon admite que é um horrível covarde, fisicamente, porque tem muita imaginação. E eu tenho bem pouca. Sem imaginação, sem a metade da inteligência que você possui, sem metade da sensibilidade também... Talvez o que eu precise seja o tipo de sabedoria que elas possuem... essas feiticeiras da lendária Cidade. Sou como Camilla. Talvez eu precise encontrá-las para perguntar por que nasci, o que deve ser a minha vida.

— Há ocasiões em que também me sinto assim, Jaelle. Mas temos vínculos. Deveres, responsabilidades...

Jaelle, irrequieta, afastou-se de Magda. Pôs-se a andar pela beira do penhasco, de uma maneira que fez Magda estremecer. Coragem? Ou falta de imaginação, sabendo que não cairia? Então por que precisava se preocupar com o que poderia lhe acontecer se ela caísse?

— Oh, Margali, será que não compreende? Não há qualquer motivo para eu voltar. Num certo sentido, parece que toda a minha vida levava a isso, uma oportunidade de descobrir o que é real, o que há sob as superfícies da vida. Descobrir algum sentido em tudo.

Talvez essas Ieroni da Irmandade conheçam as respostas, e possam me revelar. Ou me ajudar a descobrir.

— Ou talvez elas apenas aleguem que podem. Como Acquilara. Para parecerem importantes. E tudo não passa de truques.

— Não. Será que não percebe a diferença? Acquilara está cheia de arrogância e... e odeia a você e a mim porque realmente temos laran, enquanto ela não tem, embora queira nos dar a impressão de que possui. Estou pensando em... Marisela. Ela não discute por que a vida acontece, não tenta convencer nem converter ninguém, apenas faz o que precisa. Quero descobrir o que ela sabe. A lenda diz que se você chegar lá, por suas próprias forças, elas têm de aceitá-la... e se não quiserem, ficarei sentada na porta até que me aceitem.

A idéia tinha suas atrações: saber qual era realmente o sentido da vida, procurar direto a fonte da sabedoria e exigir a resposta. Contudo, havia outros deveres, obrigações, responsabilidades.

— Seria mesmo capaz de sair em busca desse tipo de sabedoria e me deixar sozinha, Shaya?

— Não ficaria sozinha, Margali. Não é o tipo de pessoa que pode ficar sozinha. E, de qualquer forma, você tem Camilla...

Magda cerrou os punhos com toda força.

— Jaelle... bredhiya, meu amor, minha companheira livre, acha realmente que é a mesma coisa? — O amor não era assim, Magda sabia, não podia ser dividido em compartimentos. — Não posso acreditar que tenha ciúme de Camilla...

— Não, filha de juramento. — Era raro que Jaelle a chamasse assim agora, mas vinha do primeiro de muitos compromissos uma com a outra. — Não é ciúme. Apenas...

Jaelle pegou as mãos de Magda e apertou-as; ao luar refletido pela neve, seu rosto estava muito pálido, os olhos enormes, com sobrancelhas escuras, exibiam uma expressão sombria. Por um momento, um fluxo de lembranças envolveu-as. Jaelle fitando-a como um animal acuado, aguardando o golpe de faca do caçador; ela salvara Jaelle dos bandidos que teriam matado as duas, mas agora era a vez de Jaelle ser a prisioneira, não a captora que lhe impusera o Juramento da Amazona contra a vontade; agora, com

um único golpe de sua faca, Magda podia se libertar, nem mesmo precisava matar. Bastava se afastar, deixando Jaelle ferida para morrer ali, desamparada.

Jaelle, na caverna, onde haviam enfrentado juntas a inundação, morte, abandono, inanição. Jaelle, para quem seu laran despertara. A troca de facas, o juramento de companheiras livres. Jaelle, próxima a ela no círculo da Torre, ligada pelo vínculo da matriz, mais íntimo do que família, mais íntimo do que sexo, mais íntimo do que sua própria pele...

Jaelle, agarrando-se a ela, o rosto coberto pelo suor do árduo trabalho de parto, na noite em que Cleindori nasceria; o contato entre as duas tão profundo que anos depois, quando Shaya nasceria, nem mesmo a tensão do parto era novidade para ela; menos consciente da agonia do que do esforço intenso, terror, triunfo e alegria; num sentido bastante real, Cleindori era sua filha também, já que igualmente lutara para trazê-la à vida...

Qualquer que fosse o caminho que ela escolhesse, sempre parecia que Jaelle já passara por ali antes, e ela era apenas uma desajeitada seguidora de seus passos. Mesmo agora... E depois o contato foi rompido! (Quanto tempo durara? Uma vida inteira? Meio segundo?), e Jaelle disse calmamente:

— Não, bredhiya mea, viyha mea, não tenho ciúme de Camilla, assim como você não tem ciúme de Damon.

Mas houvera um tempo, Magda recordou, em que ela sentira ciúme de Damon, angustiante, cego, obsessivo. Não podia também suportar isso, tanto quanto não podia suportar, depois que ela e Jaelle haviam se unido, como se fosse obra do destino, que qualquer homem pudesse dar a Jaelle algo que ela não fosse capaz de oferecer. Envergonhava-se agora desse breve ciúme, do medo de que Jaelle pudesse amá-la menos porque amava o pai de sua criança. Lutara e triunfara, sempre amando Jaelle, e amando Damon também, porque ele podia dar a Jaelle a única coisa de que ela não era capaz, apesar de todo o seu amor.

— A única coisa que poderia me fazer hesitar, Margali, seria deixá-la. Até mesmo Cleindori conta com uma dúzia de pessoas que teriam o maior prazer em criá-la, se eu não pudesse. Mas você tem

algo por que voltar. Eu não tenho. O que tenho pela frente, a não ser voltar, ocupar o lugar de Aillard no Conselho, quando Dama Rohana morrer? E por que eu haveria de querer isso? Entre as Renunciantes, como também na Torre Proibida, trabalhamos para que os Domínios não precisem depender de Conselhos e do Comyn, sempre tentando manter o laran como um poder exclusivo, para seu próprio bem. Os Hasturs, que dominam o Conselho, não querem súditos independentes, pensando por si próprios, da mesma forma que não querem mulheres independentes.

— Sendo assim, não tem a obrigação de ocupar seu lugar no Conselho, e contribuir para que mudem sua maneira de pensar?

— Oh, Magda, brenda, acha que já não pensei em tudo isso? Não posso mudar o Conselho, porque no fundo do coração o Conselho não quer mudar. Tem tudo o que deseja, na situação atual: poder, os meios para satisfazer sua ganância. E quando as pessoas não lhes são favoráveis por sua livre e espontânea vontade, o Conselho as suborna com promessas de poder, apelos à sua ganância.

Jaelle virou-se, recomeçou a andar de um lado para outro, à beira do penhasco, inquieta, o rosto iluminado pelo luar.

— Veja o que fizeram com Dama Rohana! Disseram-lhe: “Não importa que não seja livre; em vez disso, tem poder, e o poder é mais importante do que a liberdade.” Subornaram-na com o poder. Tenho medo que façam a mesma coisa comigo, Magda, descubram o que mais quero, e me subornem com isso... não posso acreditar que todo o Comyn seja corrupto, mas eles têm o poder, o que lhes atija a cobiça por mais. Até as Torres entram no jogo do poder, poder, poder, sempre sobre outras pessoas.

— Talvez, Jaelle, a vida seja simplesmente assim. Também não me agrada. Mas é como você disse sobre barganhar no mercado: faz com que cada parte pense que está levando a melhor sobre a outra.

— O sorriso de Magda era tenso. — E você disse que gostava de barganhar.

— Apenas quando é um jogo. Não quando é real.

— Mas é um jogo, Shaya. Poder, política, como quer que chame... é simplesmente assim que a vida funciona. A natureza

humana. Os românticos entre os terráqueos acham que os darkovanos são imunes a isso, porque não fazem parte de um Império interestelar, mas as pessoas fazem as coisas por causa do lucro, da ganância, como você falou...

— Então não quero participar, Magda. E sei que tentarão me pressionar a ocupar o lugar Aillard no Conselho, dentro de dez anos eu me tornaria tão ruim quanto os outros, usando o poder porque me convenceram de que assim estou fazendo o bem...

— Acho que você seria incorruptível, Jaelle...

Mas Jaelle não a deixou continuar, balançando a cabeça, com uma sábia tristeza.

— Ninguém é incorruptível, não quando se deixa envolver, aceitando a participação nesses jogos do poder. A única coisa que se pode fazer é permanecer fora. Creio que é possível que as Ieroni de Avarra, a Irmandade das Sábias, me ensinem como permanecer fora. Talvez saibam por que o mundo funciona assim. Por que o bem e o mal trabalham desse jeito.

Jaelle virou-se, aflita, o manto esvoaçando.

— Pense em Camilla. Ela tem o direito de odiar... pior do que Acquilara. Ouviu-a dizer que era uma Hastur, pelo menos que tinha o laran Hastur? E veja o que fizeram com ela! Mas Camilla é uma boa pessoa, uma pessoa cheia de amor. E Damon também. A vida tratou-o da pior forma possível... mas ele ainda pode amar. O mundo é sórdido para as pessoas, que não param de insistir que não é justo...

Magda murmurou:

— Os cristoforos dizem o seguinte: "Ó Sagrado, por que os iníquos florescem como cogumelos numa árvore morta, enquanto o justo é atormentado por toda parte com espinhos?"

— Magda, já pensou alguma vez que talvez o mundo não esteja destinado a ser um lugar melhor? Talvez continue do jeito como é, a fim de que as pessoas possam escolher o que é realmente importante.

Jaelle falou com veemência, andando de um lado para o outro, ao vento, os cabelos castanhos avermelhados esvoaçando por baixo do capuz do manto. Esquecera o frio e as rajadas de vento.

— Que o Conselho e os terráqueos se empenhem nos jogos de poder. Andrew caiu fora, fez o que podia em outro lugar. Que as Torres travem suas lutas políticas, sob aquela megera horrível e velha, Leonie Hastur... não importa o que Damon possa dizer, não importa que ele a ame, tenho certeza de que ela é uma tirana tão cruel e despótica quanto seu irmão gêmeo que controla o Conselho! Entre o Conselho e as Torres, onde há um lugar para o uso do laran? Mas Hilary e Callista encontraram outro caminho, embora as Torres estivessem corrompidas. Que as mulheres usem correntes nas Cidades Secas, ou sejam boas esposas nos Domínios, a menos que tenham a coragem para escapar... a verdadeira coragem, não do meu tipo, que é apenas falta de imaginação. Coragem... para sair das Cidades Secas, livrar-se das correntes, como minha mãe e Dama Rohana fizeram, ou como você fez quando descobriu a Casa da Guilda...

— Mas sua mãe não escapou, Jaelle. Ela morreu.

Por anos, Magda sabia, Jaelle escondera esse conhecimento de si mesma.

— Claro que ela morreu. E sua mãe também. Algum dia você e eu também morreremos. Como vamos todas morrer de qualquer maneira, não importa o que façamos ou deixemos de fazer, que sentido faz viver apavorada, rastejar, submeter-se às coisas mais sórdidas, só para agüentar um pouco mais? Olhe para Cholayna. Ela poderia permanecer em Thendara, tranqüila e segura, ou aceitar sua oferta de mandá-la de volta a Nevarsin. Mesmo que ela morresse aqui, não teria sido melhor do que voltar do passo do Corvo, sabendo que fracassara no que se propusera a fazer? Viver é assumir riscos. Você poderia ter ficado na Casa da Guilda, obedecendo ordens. Minha mãe poderia ter ficado nas Cidades Secas, usando correntes por toda a sua vida. Poderia ter morrido quando Valentine nascesse lá, mas morreria no conforto, e eu continuaria naquele lugar até hoje. Em correntes. Jaelle fez uma pausa, olhando para seus pulsos nus, pensativa. — Isso é tudo o que há, Magda. Não podemos mudar a vida. Há muita ganância, muito lucro e... e segurança. A natureza humana, como você disse. Só podemos escapar. Como Damon fez, ao fundar a Torre Proibida.

Ele poderia ter sido cegado... perdido seu laran, porque não queria recuar, não queria prometer usar seu donas somente como os outros, os que detêm o poder, diziam que deveria usar. Mas se ele se submetesse, ficaria cego de qualquer maneira única descrença e que ele próprio causaria a cegueira. E Damon sabia disso. Magda conhecia a história de Damon. Sabia que ela não teria aquele tipo de força. A não ser algumas vezes, quando Jaelle me obriga a acompanhá-la em algum desafio absurdo...

— Está entendendo agora, Magda? Posso voltar, e me empenhar naqueles horríveis jogos de poder no Conselho, ou posso seguir em frente, em busca de tudo o que aquelas leroni poderão me ensinar...

— Você disse que foi preciso coragem para criar a Torre Proibida, e temos um lugar ali...

— Isso foi o julgamento de integridade de Damon, Margali, não o meu. — Jaelle virou-se e fitou sua companheira livre. — Só que eu não poderei ir se isso a deixar tão magoada. É a única coisa que pode me deter. Eu não faria isso por cima... por cima de seu cadáver!

Magda sentia um aperto tão grande na garganta que mal podia falar. Nem precisava; apenas tornou a estender as mãos para Jaelle.

— Shaya, meu amor, meu tesouro, faça o que você tem de fazer. E você irá também, Margali?

Magda compreendeu subitamente que a busca de Jaelle também se tornara a sua. Mas talvez ela tivesse vínculos mais fortes. Uma fraqueza, agora, não uma força, mas...

— Não sei. Preciso ver Cholayna sã e salva. Eu a trouxe para cá, não posso abandoná-la agora. Não tenho certeza, Jaelle. Mas não tentarei detê-la.

— Eu esperava que pudéssemos ir juntas — disse Jaelle, em voz alta, enquanto voltavam na direção dos prédios. — Devemos entrar agora, Margali, antes de congelarmos.

E de fato o frio era cada vez mais intenso, deixara de ser revigorante e estimulante, passara a ser letal.

— Acho que você tem razão — acrescentou Jaelle. — Se não está pronta, não seria certo para você. Mas devo dizer, brenda, que

ou vamos juntas, ou não seguiremos de jeito nenhum. Eu não suportaria deixá-la para trás.

Mas sempre, pensou Magda, em todas as situações, Jaelle estava um passo à sua frente.

— Siga na frente, Shaya — disse Magda, jovialmente — e a seguirei até onde puder. Neste momento, porém, prefiro segui-la apenas para fora deste frio.

Capítulo Vinte e Quatro

Magda estava sonhando...

Havia um círculo de vultos envoltos por túnicas, em torno de uma fogueira; vultos escuros, encapuzados, olhando para alguma coisa no centro. Magda não podia ver o que era, nem o que faziam. Sabia apenas que havia um som que parecia com gritos de falcões, sempre acompanhado por um choro desesperado. Por um momento, Magda pensou, horrorizada: É Shaya, estão com a minha pequena Shaya ali, machucando-a. O fogo no centro se elevou de repente, em labaredas altas, e Magda pôde perceber que não era uma criança que se encontrava ali, mas uma mulher, nua, amarrada, dentro do círculo.

Magda tentou correr em sua direção, mas parecia retida no lugar por grilhões invisíveis, como as correntes de uma mulher das Cidades Secas.

— Pelo amor de Deus, Lome, ajude-me! Você me meteu nisto, agora tem a obrigação de me tirar!

Era a voz de Lexie. Ela soubera durante todo o tempo, de alguma forma, que era Lexie quem se encontrava estendida ali, desamparada, e que fora responsável pelo ato ou omissão que a levava àquela situação.

Magda tentou se desvencilhar dos grilhões invisíveis, mas os falcões continuavam a gritar. Podia ver agora o que faziam; a cada ímpeto para cima das chamas, os falcões turbilhonavam, levados pelas correntes de fogo, depois lançavam-se contra o corpo inerte de Lexie, e em cada investida dilaceravam a carne nua, arrancando enormes pedaços de pele sangrenta, enquanto Lexie berrava, berros terríveis, que fizeram Magda recordar, desesperada, a ocasião em que ficara presa com Jaelle numa caverna, com a inundação subindo, a ocasião em que Jaelle abortara a criança de Peter Haldane.

Jaelle delirava, sem ter plena consciência do que acontecia na maior parte do tempo, e em seu delírio gritava assim, como se estivesse sendo dilacerada, e Magda não fora capaz de ajudá-la.

Haviam chegado bem perto da morte naquela caverna. E agora era Lexie quem gritava. E a culpa é minha; ela se empenhava em competir comigo, e foi assim que acabou se metendo nesta situação. Magda tornou a se debater contra os grilhões, correr para Lexie, mas havia um estranho fogo azul no ar, e nesse brilho maligno pôde avistar o rosto de Acquilara, a sinistra feiticeira.

“É isso mesmo, você sempre quis aliviar sua consciência pela disposição em ajudar as outras pessoas. Mas agora tem a obrigação de aprender a se desligar; deve compreender que os problemas dela não foram criados por você, e que ela precisa assumir as conseqüências por suas próprias ações”, explicou Acquilara, insensível. Parecia bastante racional, mas os gritos levaram Magda ao desespero, como se cada golpe das garras afiadas e dos bicos cruéis e ensangüentados caíssem em seu próprio coração.

“É isso mesmo o que eles estão fazendo”, Acquilara continuou a explicar. “Vão dilacerar e dilacerar essa sua consciência falsa e sentimental, o que você pensa ser seu coração, até que desapareça de seu peito.” E Magda, olhando para baixo, descobriu que um enorme buraco sangrento se abria em seu peito, de onde um falcão gritando arrancou um pedaço de carne...

Não. Pense. Isto é um sonho. Pouco a pouco, um senso de realidade penetrou na mente de Magda, devagar, bem devagar. Ela sentiu que se desvencilhava, estava livre dos grilhões invisíveis, ergueu os braços, sacudiu-se, e se descobriu sentada no frio saco de dormir. O coração ainda disparava do pesadelo. Ouviu Jaelle gritar, inclinou-se para sacudir sua companheira livre, até despertá-la.

— Shaya, Shaya, também está tendo um pesadelo?

— Pelos infernos de Zandru — murmurou Jaelle -, foi um sonho, um sonho, eu apenas sonhava... com as feiticeiras de Acquilara. Elas torturavam Rafaella. Acorrentaram-me ao rryl de Rafi, obrigando-me a tocar baladas, e ela gritava... ah, como gritava, como uma garota de quatorze anos em parto... e os demônios todos berravam, “Mais alto, toque mais alto, para que não escutemos os gritos...”

Jaelle estremeceu, comprimiu a cabeça contra o ombro de Magda. Afagando os cabelos macios de Jaelle, Magda compreendeu

o que acontecera. Até os temas nos pesadelos partilhados haviam sido quase idênticos. Ela se perguntou se Camilla e as outras também sofriam pesadelos. Sentia quase medo de voltar a dormir.

— Pensei que este lugar era protegido — murmurou ela — que nem mesmo os nomes daquela bruxa e sua gente podiam ser pronunciados aqui...

— Acho que isso só aconteceu enquanto estávamos doentes e exaustas — sugeriu Jaelle. — Agora que estamos bem outra vez, quando temos de tomar decisões, os pesadelos podem se infiltrar em nossas mentes, e aqueles demônios conseguem... — Ela hesitou. — ...nos torturar?

Mas Magda não podia fazer qualquer comentário agora. Uma onda de horror a envolvia, deixando-a fisicamente doente, com o tremendo impacto. Estava estendida no chão, mãos e pés acorrentados, no centro de um círculo de vultos em mantos e capuzes... não; eram homens, bandidos cheios de cicatrizes, brandindo facas, nus, os corpos rudes e cabeludos, falos erectos, tocando-a em toda parte, penetrando-a por toda parte, eram como lâminas, como facas lhe cortando os seios, invadindo seu ventre, dilacerando-a. Um deles, um homem diabólico, com cara de falcão, uma enorme cicatriz no rosto, levantou o corpo nu e sangrando de uma criança, um feto ainda não de todo formado, e berrou: "Aqui está o Herdeiro Hastur, que ela nunca há de gerar!" E devagar, bem devagar, o rosto do bandido mudou, não era mais rude, com uma enorme cicatriz, tornou-se nobre, pálido, impassível, o rosto da feiticeira Leoni... Não, era um rosto de homem. O rosto do regente, Lorill Hastur.

"Como posso reconhecer como minha própria filha uma garota que foi tratada assim, deixada com tantas cicatrizes?" Feita a pergunta, ele se afastou... — Magda!

Jaelle abraçou-a, dominada pelo horror; e Magda desvencilhou-se da terrível paralisia do pesadelo. Uma vez antes, durante o despertar de seu laran, ela se tornara parte dos pesadelos de Camilla. Uma época angustiante; e o pior fora o horror e vergonha de Camilla, por não ser capaz de resguardar essas lembranças e angústias do conhecimento da amiga e amante.

Magda inclinou-se para Camilla e sacudiu-a, até acordá-la.

— Estava chorando no sono, amor. Tinha algum pesadelo? Magda já testemunhara aquilo antes: como Camilla lutava para se livrar da paralisia do terror. Com as mãos trêmulas, ela enxugou do rosto o suor do pesadelo, fazendo um esforço para recuperar o controle.

— Estava, sim — murmurou ela, finalmente. — Obrigada por me despertarem, irmãs de juramento.

Camilla sabia, e sabia que as outras sabiam, o que estivera sonhando. Mas podia contar que não lhe fariam perguntas, e sentia-se grata por isso.

Na manhã seguinte, a cor de Cholayna estava boa, a respiração tão fácil que as mulheres que trouxeram o mingau da primeira refeição desmontaram e levaram a tenda de vapor. Cholayna sentou, vestiu-se, à exceção das botas, afirmando que se sentia muito bem. Mas Magda sabia que isso levantava outra vez a questão que vinham evitando, enquanto a vida de Cholayna corria perigo; e descobriu-se a temer a discussão. Mas a verdade é que Cholayna não poderia mais enfrentar o frio intenso e as dificuldades da viagem. Mas era provável que ela concordasse em voltar, entregasse a busca por Lexie aos cuidados de Vanessa e Magda? Cholayna aceitaria tal decisão? Magda duvidava. Por isso, todas tomaram o cuidado de evitar o assunto. Magda sentiu que o silêncio forçado começava a deixá-la nervosa. Era um dia claro, e Vanessa saiu para dar uma volta pela beira do penhasco, tentando descobrir um caminho à frente. Magda resolveu acompanhá-la por algum tempo.

— Gostaria que me dissesse uma coisa, Vanessa: teve pesadelos ontem à noite?

Vanessa acenou com a cabeça, confirmando, mas desviou o rosto, as faces vermelhas, não se oferecendo para contar o que sonhara. Magda também não perguntou. Encontravam-se sob ataque outra vez; a Irmandade das Sábias era guardada com bastante eficácia pela Irmandade das Trevas, ou pelo menos era o que parecia... ou seria possível que as duas estivessem inextricavelmente ligadas? Seu pesadelo e o de Jaelle haviam saído

dos demônios e angústias pessoais, não eram algo que alguém lhes impusera de fora.

E Camilla? Seu pesadelo não se baseava em algo que ela fizera errado, não havia antecedente de equívoco, crueldade ou omissão voltando para atormentá-la, como acontecera com Magda e Jaelle, mas algo cometido contra uma criança inocente, que de jeito nenhum merecera aquilo. Jaelle formulara a pergunta irrespondível: Por que os iníquos florescem? Nem mesmo os cristoforos tinham uma resposta para essa pergunta; formulavam a questão em linguagem poética, diziam que era um mistério de seu Deus. Vanessa, no momento, não estava interessada em especulações filosóficas, mas sim em realidades práticas.

— Teremos de partir a pé daqui. Alguns chervines ainda podem passar, mas não posso imaginar que cavalos consigam avançar por aquelas trilhas.

— Acha que Cholayna é capaz?

— Ora, Lome, não sou adivinha. Mas ela insistirá em tentar, e acho que não serei capaz de impedi-la. Você quer tentar persuadi-la? Não? Eu já imaginava.

Ao voltarem ao prédio em que haviam passado as últimas noites, Camilla estava de pé, inclinando-se para alguém que a lareira encobria. Magda e Vanessa entraram, e Jaelle disse, concluindo uma apresentação:

— E estas são nossas companheiras Vanessa ryn Erin e Margali n'ha Ysabet.

Magda adiantou-se e viu uma jovem pequena, franzina, os cabelos presos numa trança comprida que descia pelas costas, como as camponesas na região de Caer Donn usavam. Vestia uma túnica simples, descendo até os joelhos, cor de açafrão escura, bordada na gola e mangas com um padrão infantil de folhas e flores, uma calça de montaria simples, marrom, sem adornos. Não tinha jóias nem ornamentos além da argola de cobre simples pendurada da orelha esquerda.

— Meu nome é Kyntha.

Ela falava no casta comum das montanhas, mas devagar, com todo cuidado.

— Fui enviada até aqui, e devo voltar em breve. Por que vieram até este lugar, tão distante de Nevarsin?

Jaelle inclinou-se para a frente e sussurrou bem baixo, para que ninguém mais pudesse ouvir:

— Esta é a mulher de que Rakhaila falou. Em voz alta, ela acrescentou:

— Viemos à procura de amigas nossas. Temos agora motivos para pensar que elas depararam com uma catástrofe ou com o cativo.

Kyntha não disse nada. Jaelle meteu a mão no bolso, tirou a carta de Rafaella, que as lançara na viagem.

— Não sei se é costume em sua terra as mulheres lerem e escreverem...

— Sei ler — disse Kyntha, estendendo a mão para a carta.

Ela leu devagar, com a maior atenção, os lábios se movendo, como em alguma outra língua. Ao final, perguntou:

— O que querem de mim? Se é a Irmandade das Sábias que sua amiga procura, creio que sabem que ela fracassou antes mesmo de começar.

— Pode nos ajudar a salvá-la? — indagou Jaelle.

— Não.

Era uma resposta incisiva, categórica, não deixava margem para discussão ou argumentos, tinha mais impacto do que uma dúzia de protestos ou desculpas.

— Mesmo assim, por nossa amizade, eu devo tentar — declarou Jaelle.

— Se deve, então deve. Mas tome cuidado para não ser arrastada para as causas que ela desencadeou. E se salvá-la dos efeitos de sua própria loucura, o que fará então? Vai salvá-la pelo resto da vida, para que ela não caia em erro outra vez?

Vanessa indagou:

— Se ela invadiu involuntariamente a sua sagrada Irmandade, vão puni-la por ignorância?

— A neve pune a criança que sai sem manto, capuz ou botas? E a criança fica menos congelada por isso?

Era um comentário para acabar com qualquer conversa, pensou Magda. Jaelle perguntou:

— Pode nos ajudar a encontrar o caminho para a Cidade em que a Irmandade habita?

Kyntha respondeu em tom ainda mais incisivo:

— Se eu conhecesse o caminho para esse lugar, teria prestado o juramento de jamais revelá-lo. Sendo assim, por que pergunta?

— Porque sei que há algumas que chegaram e partiram; e por que eu deveria procurar uma chave para uma porta estranha, quando posso bater polidamente, e talvez me deixem entrar?

Kyntha sorriu, fugasmente, pela primeira vez.

— Algumas tiveram permissão para entrar. Não cabe a mim dizer que vocês seriam bem-recebidas. Quem lhe falou sobre esse lugar?

— Minha mãe-de-adoção foi uma — disse Jaelle. — É verdade que nunca pensei em procurá-lo. Mas me parece que agora o momento chegou.

— E suas companheiras? Fala por elas?

Jaelle abriu a boca, mas no mesmo instante tornou a fechá-la. Só depois de algum tempo é que disse:

— Não. Deixarei que elas falem por si mesmas.

— Ótimo.

Kyntha olhou para cada uma, mas o silêncio persistiu. Foi Cholayna quem acabou por rompê-lo:

— Não tenho o menor desejo de violar sua Cidade. Meu interesse é apenas numa das jovens mencionadas na carta.

— Ela é sua filha ou amante? Ou é uma criança que procura para salvá-la das conseqüências de suas próprias ações, filha de Chandria?

Magda ficou surpresa por Kyntha ainda se lembrar do nome de Cholayna, depois de tantas apresentações apressadas.

— Nenhuma dessas coisas. Mas foi minha discípula; eu a treinei. Assumo a responsabilidade por seu fracasso.

— Arrogância — disse Kyntha. — Ela é adulta. A opção para fracassar foi sua, e tem o direito de sofrer as conseqüências dos próprios erros.

Vanessa interveio, querendo argumentar:

— Se é proibido ajudar uma amiga em sua Cidade, espero nunca ter de ir até lá. Ousa nos dizer que é proibido ou ilegal, por suas leis, ajudar uma amiga?

Os olhos de Kyntha fitaram os de Vanessa por um longo momento. Depois, ela disse, no mesmo tom compenetrado:

— Seus motivos são bons. O mesmo aconteceu com a criança que queria ajudar a gata-tigre a levar seus filhotes para um lugar quente e aconchegante, a sua própria cama. Não sabe o que está fazendo, e não será poupada só porque seus motivos eram admiráveis.

Os olhos deslocaram-se para Camilla.

— Procura a Cidade, ou só está aqui por um desejo inconsiderado de partilhar o destino de suas amigas?

— Se desdenha a amizade ou mesmo o amor — respondeu Camilla — então não me importo com o que pense a meu respeito. As razões que tenho para procurar essa Cidade pertencem a mim apenas, e ainda não me convenceu de que devo confiá-las a você. Que prova tenho de que a chave se encontra em suas mãos?

— Muito bom — comentou Kyntha. — Há muitas que conhecem o caminho para aquele lugar, mas algumas das que se oferecem para indicá-lo não o conhecem tão bem quanto pensam. Não é impossível que a permissão seja concedida a você, e talvez a esta...

Ela acenou com a cabeça na direção de Jaelle, antes de continuar:

— Não sei. Se for determinado que vocês terão permissão para buscar esse fim de sua jornada, então podem ser guiadas ou mesmo ajudadas. Mas muitas que receberam a oferta de ajuda tiveram de voltar, e algumas que perseveraram não puderam concluir a jornada, por um motivo ou outro. Devem ser sábias e cautelosas. — Ela olhou para Magda. — E você?

— Por duas vezes encontrei a Irmandade, ou pelo menos assim acredito.

Os olhos de Kyntha fixados nela eram estranhamente compulsivos. Magda sentiu que seria inconcebível mentir diante

daqueles olhos.

— Uma ocasião elas salvaram a minha vida e a vida de minha companheira livre. Uma dessas mulheres que, usando a sua palavra, violaram, também encontrou, num momento de grande crise e à beira da morte, essa mesma Irmandade. Por isso, acreditei que eu... e talvez ela também... tenha sido chamada. Como pode saber que não fomos chamadas, presumindo imediatamente que qualquer de nós seria uma violadora?

— Porque li a carta de sua companheira — explicou Kyntha. — Mesmo que ela fosse chamada, qualquer uma que concordasse com os motivos ali expostos jamais encontraria o lugar procurado.

Seria para ela, naquele momento em particular, e naquela companhia em particular, um ato de violação. Quanto a você, não tenho como saber se de fato foi chamada, ou se apenas sofre uma ilusão. Se na verdade foi chamada, a ajuda haverá de chegar. E não lhe restará mais qualquer dúvida. Silêncio, rompido finalmente por Jaelle:

— Posso fazer uma pergunta?

— Ou uma dúzia. Só não posso prometer que responderei. Não fui enviada a vocês para isso, não sou douta e sábia.

— É membro da Irmandade?

— Se eu afirmar que sou, como saberiam que falei a verdade? Qualquer uma pode dizer isso.

Camilla interveio:

— Há entre nós quem tenha laran... o suficiente, de qualquer forma, para distinguir uma mentirosa de uma adivinha.

Sua voz era dura, mas Kyntha apenas sorriu. Magda teve a impressão inequívoca de que ela gostava de Camilla.

— Outra pergunta — disse Jaelle. — Nós encontramos... — Ela hesitou, e Magda calculou que se lembrara que não deveriam pronunciar o nome de Acquilara. — ...com alguém que quis nos testar e dar ordens, em nome da Deusa. Ela pertence à sua Irmandade?

— Por que questiona seus próprios instintos, Shaya n'ha Melora? Permite que eu dê alguns conselhos, na medida em que posso?

— Claro — respondeu Jaelle.

— Então prestem atenção. Mantenham-se em silêncio. Não falem a ninguém de seu objetivo, e nunca, três vezes nunca, pronunciem o nome do mal de que desconfiam. Seria mais simples a sua filha pequena atravessar o passo do Corvo nas chinelas de seda que usa dentro de casa, armada apenas com uma colher de pau contra o pássaro-espírito, do que você entrar naquele lugar na companhia errada. E há algumas que, se você for chamada, tentarão impedi-la, por inveja, ou por puro amor de fazer o mal. Se a ajuda for enviada, confie em seus instintos.

Kyntha inclinou a cabeça, de certa forma abrangendo a todas no gesto.

— Eu lhes desejo boa sorte, quer acreditem nisso ou não — arrematou ela, saindo em seguida, sem se despedir.

— Muito bem — disse Cholayna, quando ficou evidente que Kyntha não voltaria — o que devemos concluir de tudo isso?

— Não tenho a menor idéia — disse Jaelle. — Mas eu não contaria mais com a hospitalidade dessa gente. Recebemos a advertência, estamos descansadas e saudáveis de novo, agora cabe a nós decidir se continuamos ou voltamos.

— Eu não voltarei — declarou Camilla. — Pelo que ela disse, creio que está bem próxima a Cidade que procuramos; e seria mais seguro presumir que a Cidade da Irmandade de Avarra se encontra mais perto do que longe da sagrada casa de Avarra. Além disso, ela não falou que devemos voltar.

— Acho que ela foi enviada para verificar até que ponto estamos determinadas — comentou Jaelle. — Não se pode negar que fez o melhor que podia para nos desencorajar.

— Não foi absolutamente essa a impressão que tive — protestou Magda, que julgara admirável a franqueza de Kyntha. — Contudo, se ela vai apresentar algum relatório a suas superiores, talvez devêssemos esperar até que o relatório seja analisado e o veredicto proclamado. Ela disse que haveria ajuda, até mesmo guias.

— Creio que todas concordamos numa coisa: que ela foi enviada, e que não pertence à... à outra turma — disse Vanessa. — E ela se comportou como se não houvesse a menor possibilidade de

que Cholayna e eu nos aproximássemos do lugar, só vocês duas e talvez Magda.

Vanessa fez uma pausa, olhando para Magda, um tanto surpresa, antes de acrescentar:

— Notei que ela tratou você como se também fosse darkovana.

Magda sentiu que também deveria ter percebido isso. Mas por que não? Tinha o direito de ser considerada uma darkovana. Mas será que tinha mesmo, ou não passava de uma pressuposição lisonjeira? E por que se preocupava com isso, questionando seus motivos, depois de tanto tempo? Já fora longe demais para voltar agora.

— Levando tudo em consideração, acho que devemos partir assim que pudermos — disse Jaelle.

— Pois eu acho que devemos esperar para descobrir se a ajuda insinuada será mesmo oferecida — insistiu Magda.

— Não concordo — declarou Camilla. — E quer saber por quê? Ela disse que não poderia nos prestar ajuda para resgatar Lexie e Rafaella. Tratou Cholayna e Vanessa como se fossem intrusas indesejáveis, apesar da gentileza e hospitalidade que lhe ofereceram. Minha opinião é a seguinte: se esperarmos pela ajuda delas, será ao preço de mandar vocês duas... — Ela acenou com a cabeça para as duas terráqueas. — ...de volta imediatamente, e abandonar toda e qualquer esperança de salvar Rafaella. Não estou disposta a fazer isso.

— Nem eu — afirmou Magda. — Acho que devemos nos preparar imediatamente, e partir assim que for possível.

Ela fez uma pausa, antes de acrescentar, com evidente hesitação:

— Nenhuma de nós estava disposta a tentar isso, mas creio que é o nosso último recurso: quero tentar descobrir Lexie e Rafaella com o laran, não importa nas mãos de quem elas possam estar agora. E você, Jaelle?

— Eu teria medo de fazer contato... com a Acquelitra — murmurou Jaelle, perturbada.

Mas Camilla sacudiu a cabeça.

— Se elas estão nas mãos daquela mulher, como começo a desconfiar, não temos opção. Vejo Lexie e Rafaella, e vejo... ela. Shaya, é isso o que acontece com o que chama de laran?

Mas não houve tempo para responder à pergunta. Primeiro, duas atendentes entraram, apressadas. Depois apareceu a velha que cuidara de Cholayna, calma e confiante, sentou entre elas. E logo em seguida veio uma mulher baixa e atarracada, que elas fitaram incrédulas, piscando de surpresa. Se o Legado terráqueo entrasse naquele momento, Magda não poderia ficar tão espantada, pois foi um choque maior do que qualquer coisa que poderia esperar.

— Ora, ora, está parecendo uma reunião da seção das Hellers da Sociedade da Ponte — disse a mulher. — Será que ninguém vai me desejar bom-dia?

Mas todas estavam aturdidas demais para falar. Foi Cholayna quem finalmente balbuciou, numa voz ainda rouca:

— Eu deveria ter imaginado... Olá, Marisela.

Capítulo Vinte e Cinco

— Marisela! — exclamou Jaelle. — Como chegou aqui?

— Da mesma forma que vocês, cavalgando quando podia, andando quando isso era impossível, escalando quando era necessário. Mas como eu sabia para onde ia, é claro que segui direto até Nevarsin.

— Poderia ter nos contado — disse Camilla.

— Tem razão — murmurou Marisela, secamente. — Poderia segurar as mãos de vocês em cada passo do caminho. Não seja tola, Camilla. O que comentei com Margali ainda é verdade: não estava e não estou autorizada a discutir os assuntos da Irmandade com forasteiras, e isso inclui o lugar em que elas habitam, e a busca necessária, sem ajuda, para alcançá-las.

— Se elas exigem tanto esforço para alcançá-las — especulou Camilla — como podemos saber que vale a pena todo esse sofrimento?

— Não sabem. Ninguém as obrigou a virem. Não deve esquecer isso, Camilla. Em qualquer momento, poderia retornar à segurança, às recompensas conhecidas, tudo o que reivindicou para si mesma da vida. Não ha motivo para renunciar a nada, e para você, ainda menos razão do que para a maioria. Contudo, constato que nenhuma de vocês optou por voltar.

— Tudo isso é irrelevante — interveio Vanessa. — Qualquer que seja a busca psíquica a que está se referindo, Camilla, nosso único interesse é encontrar Lexie e Rafaella.

Foi Marisela quem respondeu:

— Tem certeza disso, Vanessa? Vejo que você também não voltou. Não ganhou nada de pessoal com esta viagem? Sua busca é exclusivamente altruísta?

— Eu gostaria que parasse de falar em enigmas — protestou Vanessa. — O que isso tem a ver?

— Tudo. Pense com todo o cuidado agora, porque de sua resposta pode depender se terá ou não permissão para continuar. A amizade pode levá-la bem longe... e, por favor, não pense que

desprezo o bom instinto de ajudar as amigas. A longo prazo, no entanto, Vanessa rym Erin... — O fato de Marisela usar não o nome pelo qual

Vanessa era conhecida na Casa da Guilda e na Sociedade da Ponte, mas sim o nome terráqueo, o nome legal, deixou Magda surpresa e chocada. — A longo prazo, nada importa que não os seus motivos pessoais para essa busca. Não ganhou nada com isso?

— Há algo de errado nisso? — indagou Vanessa, agressiva.

Marisela hesitou, olhou por um momento para a velha sacerdotisa, envolta por xales esfarrapados, sentada impassível numa plataforma de pedra. A velha olhou atentamente para Vanessa. Por um instante, Magda esperou que ela desferisse um ataque, com as palavras ríspidas que tão bem sabia usar, arrasando Vanessa. Mas a voz saiu com uma gentileza surpreendente:

— Ela não questiona você sobre o certo ou errado, pequena irmã. Procura o certo, sabemos disso, ou estaria lá fora, na tempestade independente de sua necessidade; não se oferece abrigo aqui às que procuram ativamente causar o mal a suas irmãs. O que se pergunta é se você encontrou, entre muitas coisas boas, algo que seja pessoal, a seu gosto. Diga a verdade agora, não tenha medo.

— Não posso acreditar que estejam me perguntando isso — declarou Vanessa, impaciente. — É verdade, um dos motivos pelos quais me lancei nesta viagem foi porque queria conhecer as montanhas, queria ter a oportunidade de escalar algumas, e sabia que nunca mais teria outra chance igual. Estava disposta a suportar qualquer coisa por isso. O que não significa que não seja sincera no empenho de ajudar Lexie e Rafaella.

— Eu não sabia que gostava tanto dela — comentou Marisela.

— Gostar não tem nada a ver com isso — respondeu Vanessa, furiosa. — Ela não é minha amante, amiga íntima ou confidente. Não sou, sei que é o costume aqui, acho que não tem nada de errado, mas não estou interessada em mulheres como amantes. Acontece apenas que cursamos juntas a academia, agora ela está em dificuldades. Precisa de amigas, e não conta com muitas. Creio que se eu estivesse em dificuldades, ela também tentaria me ajudar.

Afinal, de que adianta falar em irmandade... e não estou me referindo aqui a sociedades secretas... se não posso tentar ajudar uma amiga? E Rafaella é uma montanhista. Tenho o maior respeito por ela. Será que não podem compreender essas coisas?

A velha sorria, mas Vanessa não percebeu. Marisela acenou com a cabeça para Vanessa, quase um gesto formal de reconhecimento, e disse:

— Rafaella e eu servimos juntas no período de permanência compulsória na Casa da Guilda em Thendara; parece que foi há muito tempo. Também me preocupo com ela, e foi esse um dos motivos pelos quais vim de tão longe até aqui. Rafaella tem o direito de realizar sua própria busca, mesmo que procure riquezas, mas receio que esteja se metendo em águas profundas, onde não será capaz de nadar, pensando apenas que se trata de um empreendimento legítimo. Eu sabia que Jaelle se preocupava com ela, e se fosse apenas uma questão de mau tempo e trilhas perigosas, deixaria Jaelle, com a ajuda de vocês, cuidar de tudo. Mas havia outras coisas envolvidas, e eu esperava impedi-la de se meter sem uma noção precisa do que poderia enfrentar.

Marisela fez uma pausa, soltando um suspiro profundo.

— Quer dizer que não a alcançaram?

— Como pode constatar, ainda não — respondeu Camilla, secamente. — E parece até que você já não sabia, sendo uma leronis...

— Não sou mais onisciente do que você, Camilla. Até chegar aqui, eu ainda tinha esperanças. Mas se Rafaella não se encontrava sã e salva aqui, durante aquela grande tempestade, só há duas possibilidades: ou ela se encontrava sã e salva em algum outro lugar... — Marisela pronunciou essas palavras com uma entonação cuidadosa, e um olhar hesitante para a velha, e Magda compreendeu subitamente que ela se referia a Acquilara e suas seguidoras. — ... ou está morta. Pois não havia outro abrigo, e nada poderia sobreviver nestas montanhas sem abrigo, numa tempestade como aquela. Não suporto pensar que elas podem estar nas mãos de...

Marisela piscou, furiosa, e Magda percebeu que ela tentava ao máximo reprimir lágrimas incontáveis. A velha inclinou-se, pegou

a mão de Marisela, e sussurrou:

— Sempre pode esperar que ela tenha encontrado a segurança na morte, neta.

Cholayna, que acompanhara toda a conversa em absoluta concentração — Magda, que passara pelo mesmo tipo de treinamento, sabia que esforço era necessário à outra para acompanhar o diálogo na língua que usavam, embora Cholayna tivesse feito o melhor e mais eficiente curso de línguas em todo o Império — manifestou-se pela primeira vez:

— Marisela, sou como Vanessa, não posso acreditar no que estou ouvindo. Essas pessoas sentem tanto ciúme que preferem que Lexie e Rafaella estejam mortas, em vez de envolvidas com alguma heresia religiosa? Já ouvi falar de fanatismo religioso, mas isso supera qualquer coisa! Não sou ingrata com essas pessoas. Salvaram-me a vida, salvaram Vanessa de ficar coxa pelo resto da vida... salvaram a todas nós. Ainda assim, no entanto, acho terrível!

Foi a velha quem falou, devagar, como se tentasse fazer Cholayna compreender através de uma barreira intransponível:

— Você é muito ignorante, lista velha não pode lhe oferecer a sabedoria de toda uma vida em poucos minutos. Mas se não é capaz de imaginar algo pior do que a simples morte, então é mais do que ignorante. Não há coisas que preferiria morrer em vez de ser obrigada a fazer? Aquelas com nomes que não pronunciamos...

Ela parou de falar, franziu o rosto, sacudiu a cabeça, numa frustração quase tangível.

— Como explicar a você? Prefere morrer, ou torturar uma criança desamparada? Prefere morrer, ou trair sua honra mais profunda? É a alegria daquelas obrigar outras a fazer coisas que preferiam morrer antes de realizar.

A velha sacudiu a cabeça, com raiva, antes de acrescentar:

— Não se fala o nome delas, porque isso seria um convite para que entrassem na mente. Pense que esta velha detesta você, que assume o risco por você e sua ignorância, irmã, a fim de tentar lhe ensinar uma migalha de sabedoria.

Magda olhou para Jaelle, e por um momento de absoluta intensidade, quer por laran ou algo mais profundo, tudo se juntou

em sua mente. Era em consonância com o que Jaelle dissera na noite anterior: Vamos todas morrer de qualquer maneira.

Ela recordou coisas terríveis, na história da raça humana, que os homens haviam feito contra seus semelhantes, porque temiam a morte: guardas que forçavam outras criaturas à morte em campos de concentração; o brutal massacre da guerra, em que o matador se justificava pelo medo de ser morto; as infinitas traições causadas pelo medo mais ignóbil — farei qualquer coisa, absolutamente qualquer coisa, pois não quero morrer... Já era bastante horrível fazer essas coisas porque, de alguma maneira demente, julgava-se que eram boas, como os monstros religiosos que queimavam, enforcavam ou retalhavam para salvar suas almas. Mas qual a justificativa que podia haver para alguém que fazia essas coisas porque a alternativa era a morte pessoal? Num súbito instante resplandecente, Magda experimentou uma profunda alegria. Sentiu um ímpeto intenso, um luxo quase físico de total percepção, sabendo como a vida era forte, quão pouco a morte tinha a ver com isso.

E Magda foi completamente envolvida, dominada, absorvida; consciente de seu profundo amor por Jaelle, claro, foi por isso que arrisquei a vida para salvá-la; de seu amor muito diferente por Camilla. O amor projetou-se para abranger até, sem qualquer motivo, aquela velha ridícula, nem mesmo conhece Cholayna, mas se arrisca ao que considera uma morte espiritual, teme estar convidando Acquilara e seu bando a penetrarem em sua cabeça para jogos letais, e tudo isso só porque nos ama... Elas poderiam apenas me matar, e isso não importaria. Morrer dói, a morte não. E depois Magda saiu bruscamente do devaneio, atônita com seus pensamentos. Não era aquele o problema... ninguém lhe pedira para morrer por qualquer coisa! O que há de errado comigo? Não quero morrer, da mesma forma que qualquer outra pessoa; por que então fico sonhando com meu heroísmo.

E depois ela especulou se tudo não passava de imaginação, pois Cholayna estava dizendo, com uma paciência polida e tensa, que não achava que a questão tivesse alguma aplicação no caso.

— Ninguém me ofereceu essa opção. E, com todo respeito, acho difícil acreditar que essas irmandades rivais, ou o que quer que sejam, se comportem como algum lendário ditador ou um experto em lavagem cerebral, oferecendo uma opção entre a morte e a desonra. É absurdamente melodramático!

Cholayna inclinou-se para a velha, muito séria, e acrescentou:

— Sempre que escuto alguém dizer que há coisas mais importantes do que a vida ou a morte, descubro-me a especular de quem é a vida que planeja arriscar. Já constatei que raramente é a sua própria vida.

O sorriso desdentado da velha foi gentil, quase desesperado.

— Você quer o bem, mas é ignorante, filha de Chandria. Que Avarra permita que viva pelo tempo suficiente para que possa um dia aprender a sabedoria que se compadece com sua grande força e vontade.

Marisela levantou-se, como se recolhesse os fios dispersos de seu discurso.

— Está na hora de partir, enquanto o tempo se mantém bom, e o único caminho é seguir em frente. Estão prontas?

— Eu disse a você, Magda, que deveríamos nos preparar para partir a qualquer momento — comentou Jaelle, calmamente.

Camilla enfiou as mãos nos bolsos da túnica e indagou:

— Para onde vamos?

— Para o lugar que vocês procuram. Onde mais?

— Para a Cidade da...

— Cale-se! — ordenou Marisela. — Não fale em voz alta. É sério. Palavra e pensamento têm poder.

— Ora, Marisela, em nome da Deusa ou de todos os infernos de Zandru, poupe-me de suas besteiras místicas!

— Como ousa me falar assim? Sabe muito bem, ainda que tenha tentado se proteger dessas coisas, Elorie Hastur.

Camilla pôs a mão na faca.

— Meu nome é Camilla n'ha Kyria... Marisela fitou-a nos olhos.

— E ainda diz que nomes não têm poder, Camilla?

Camilla arriou abruptamente num banco, incapaz de dizer mais alguma coisa.

Magda começou a recolher suas coisas. A permanência forçada de vários dias transformara o cômodo numa espécie de acampamento de cigano, embora tentassem manter um mínimo de ordem.

A velha começou a se levantar, com evidente dificuldade, e Marisela inclinou-se para ajudá-la. Camilla adiantou-se.

— Avó de muitos mistérios, permite uma pergunta a uma mulher ignorante?

— De que outra forma elas seriam instruídas? — murmurou a velha.

— Como soube... — Camilla fez uma pausa, engoliu em seco. — ...de tudo aquilo?

— Para as pessoas que vêem além da superfície, filha... — A voz era extremamente gentil. -... está escrito em cada cicatriz sua, em cada linha do rosto. Nas energias que cercam seu corpo, pode-se ler tão claramente quanto um caçador do chervine selvagem lê os rastros de sua presa. Nada tema, pois sua amiga aqui...

— Ela acenou com a cabeça para Marisela. — ...não traiu nenhuma confiança. Esta jura isso.

— Nem poderia trair, pois ela não sabia de nada — declarou Camilla, bruscamente.

Ela olhou inquisitiva para Marisela, e Magda quase que pôde ouvir as palavras: Será que ela também viu, sabe de tudo a meu respeito? E depois Camilla perguntou, a voz ríspida, mas falando claramente no dialeto das montanhas que a velha usava:

— Você se empenha em rebuscar nomes antigos e passados enterrados. Posso perguntar qual é o seu nome, mãe?

O sorriso desdentado era sereno.

— Esta não tem nome. Foi esquecido em outra vida. Quando você tiver razão para saber, chiya, lera um nome tão claro quanto leio o seu. Que Avarra abençoe seu longo caminho, criança. Poucas irmãs passaram por tantas provações. Como os frutos podem crescer se as flores não forem podadas pela árvore?

Ela sorriu, benevolente, e fechou os olhos, como se caísse no sono leve e súbito da senilidade. Marisela olhou para Camilla com uma expressão quase de reverência, mas não disse nada.

— Em quanto tempo podemos partir? O dia está ótimo, devemos aproveitá-lo.

Num tempo surpreendentemente curto, elas se aprontaram para a viagem. Não havia nuvens no céu, mas o vento soprava pelas alturas, quando se aproximaram do penhasco. Desceram em dois grupos. Magda, recuando discretamente, optou pelo segundo, e ficou observando, horrorizada, o cesto ser balançado pelo vento, bater no paredão rochoso. A corda parecia muito pequena para agüentar todo o peso, embora fosse um cabo resistente de fios entrelaçados, com quase três dedos de espessura. Magda desviou os olhos, sabendo que nunca teria coragem de entrar no cesto se ficasse observando.

Jaelle, Cholayna e Camilla, junto com Marisela, desceram primeiro. Quando o cesto subiu de volta ao lugar em que ela esperava, junto com Vanessa e a velha cega chamada Rakhaila, Magda sentiu um arrepio; subir na escuridão era uma coisa, mas em plena luz do dia não seria capaz de entrar naquele cesto.

Rakhaila sentiu sua apreensão e soltou uma risada.

— Prefere descer pelos degraus no penhasco, moça? Sou uma velha cega, e faço isso todos os dias. Os degraus estão bem ali.

Ela empurrou Magda para a beira. Soltando um grito, Magda caiu de joelhos, apavorada; mais um momento, e teria caído pela beira do penhasco. Vanessa segurou-a pelo braço, murmurando:

— O cesto é absolutamente seguro. Não há nada a temer, Magda. É evidente que elas sobem e descem assim há séculos, nunca houve qualquer problema.

Vanessa foi conduzindo Magda da melhor forma possível. Evitando olhar para a distância vertiginosa até a base do penhasco, Magda conseguiu entrar no cesto, abaixou-se lá dentro, os olhos fixados no fundo, cheio de pedaços de palha e grãos. Como elas trazem seus alimentos aqui para cima? Será que tudo vem neste mesmo cesto? Magda sabia que a especulação era apenas um meio de manter o pavor à distância.

E depois, amargurada, ela escarneceu de si mesma. Com todas as minhas lindas teorias sobre não ter medo da morte, aqui estou quase me molhando toda de pavor, por causa de um elevador

primitivo, que provavelmente é tão seguro quanto os que existem no QG terráqueo!

A acrofobia, ela lembrou a si mesma, não era, por definição, um medo racional. Mas sem dúvida não fora tão terrível assim quando cruzara pela primeira vez o passo de Scaravel, em companhia de Jelle, há sete ou oito anos. E ela recordou que gostara positivamente de sua primeira viagem a Nevarsin, com Peter, quando ambos ainda tinham vinte e poucos anos. Com um alívio incrível, ela sentiu o cesto encostar no chão, e se apressou em saltar.

— Vai conosco, Marisela?

— Claro, minha cara. Mas não conheço direito a trilha; por isso, Rakhaila nos guiará. Os cavalos terão de permanecer aqui. Levaremos apenas um animal de carga, e o resto esperará aqui para a viagem de volta.

Perguntando-se vagamente como uma cega poderia guiá-la por uma trilha difícil, que nem mesmo Marisela podia reconhecer direito, Magda ofereceu-se para conduzir o chervine na primeira etapa. Ali, na base do penhasco, o vento não era tão intenso, mas ainda assim soprava com bastante força para fazer com que os cabelos emaranhados da velha Rakhaila esvoaçassem por trás da cabeça, de uma forma espetacular, quando ela começou a avançar.

A neve era macia sob os pés, o vento cortante, mas Magda, puxando o lenço de lã sobre o rosto, sentiu-se grata por não estar congelando. Vanessa, ela notou, ainda claudicava um pouco, seguindo Rakhaila de perto. Por trás, vinham Jelle, depois Camilla, com Cholayna a seu lado; pelo menos naquele começo da viagem, Cholayna parecia revigorada, forte e descansada, a respiração normal. Talvez ela já tivesse conseguido se adaptar à altura. Não a deixariam partir, pensou Magda, se ainda restasse qualquer coisa da pneumonia.

Seguiram pela trilha ao longo de uma crista, longos declives nos lados. Magda, conduzindo o chervine, por trás de Cholayna e Camilla, olhava para a direita, onde a encosta era suave, e não a deixava tonta. A trilha só tinha largura suficiente para uma pessoa, mas parecia bastante usada; onde a neve derreteria, Magda

percebeu que o chão era compacto, como se tivesse sofrido o efeito de muitas gerações de pés. Por trás de Magda e o chervine vinha Marisela, na retaguarda. O vento forte impedia muita conversa, elas andavam depressa. Uma hora na trilha, grande parte da hora seguinte. Os cinco dias de descanso haviam feito bem a Magda; seu coração não mais batia descompassado com a altitude. Mais abaixo, ela podia avistar as copas de árvores. Um bom lugar para os pássaros-espíritos, pensou ela, contemplando as vastidões geladas mais abaixo, mas mesmo eles teriam morrido de fome há muitos séculos.

Rakhaila levantou o braço de repente, soltando um grito longo e estridente, e todas pararam.

— Descansem aqui; comam, se precisarem.

A própria Rakhaila, pensou Magda, dava a impressão de ter sido castigada ao estoicismo pelos ventos de cem anos. Enquanto armavam a fogueira do acampamento e faziam um chá, ela se acorou ao lado da trilha, imóvel, parecendo uma porção de trapos amontoados ao acaso; e quando Camilla lhe ofereceu uma caneca de chá, ela sacudiu a cabeça, desdenhosa.

— Eis aqui uma amazona que faz com que todas nós pareçamos aprendizes — comentou Camilla, mastigando uma barra de carne meio congelada.

Cholayna comeu um dos bolos de nozes e frutas moídas com mel, mastigando com determinação. Magda ouviu-a perguntar a Camilla:

— Acha também que elas estão mortas?

— Marisela não é dada a exageros, e nunca soube que ela mentisse. Se diz que provavelmente estão mortas, fala sério. Ou então, como ela falou, estão em poder de Acquilara, ou de quem quer que esteja espreitando por aqui.

— E ainda assim procuramos por isso, o que quer que seja, essa cidade das feiticeiras? Acho que deveríamos tentar descobrir para onde as outras foram, para onde Acquilara pode tê-las levado. E se estão detidas por resgate, podemos pagar. E se querem luta, então também lutaremos!

Os olhos cegos de Rakhaila viraram-se para Cholayna.

— Tome cuidado com o que pede, irmã, pois a Deusa pode lhe conceder.

— Assumirei o risco, se me guiar até lá — declarou Cholayna. — Marisela pode conduzir as outras até a Cidade, a qualquer lugar que prefiram ir. Você pode me guiar ao lugar em que Marisela acredita que nossas amigas estão presas?

Rakhaila limitou-se a soltar um grunhido desdenhoso, desviando o rosto para o outro lado. Jaelle e Camilla sentavam em suas mochilas, comendo barras de carne. Magda ouvi-as conversando sobre Kyntha.

— Ela disse para nunca se pronunciar o nome do mal que se teme. Isso inclui coisas como o tempo? — indagou Jaelle. É errado discutir a tempestade que se aproxima?

— Errado? Claro que não. Sensato? Apenas se você puder fazer alguma coisa para evitá-la. Sem dúvida é sensato discutir as precauções que se deve adotar. Afora isso, serve apenas para criar um medo que sempre acaba se consumando de algo que não é possível evitar. Não comente como a tempestade pode ser terrível; pense apenas no que pode fazer para escapar ilesa.

— Então por que ela não nos falou em Acquilar, nem sequer mencionou seu nome?

Marisela sorriu. Magda notou que era o mesmo sorriso jovial, as covinhas se formando nos lados da boca, que ela costumava exibir quando instruía as jovens Renunciantes na Casa da Guilda.

— Passei tempo demais de minha vida como instrutora — disse ela. — Devo estar ficando velha; e fico contente que haja cabeças mais sábias do que a minha para instruir vocês duas. Pronunciar o nome delas pode atrair a atenção; os pensamentos, como todos sabemos, têm um certo poder.

— Mas quem são elas, Marisela? Mal posso acreditar em uma Irmandade benevolente, demonstrando algum interesse pelos problemas das mulheres...

— Da humanidade, Camilla. De nossas irmãs e de nossos irmãos também.

— Mas a noção de que existe uma organização rival, dedicada a fazer mal à humanidade, vai muito além da minha capacidade de

acreditar.

Marisela parecia perturbada.

— Este não é o lugar mais apropriado para discutir tais coisas. Digamos apenas que... Jaelle, você deve ter ouvido isso entre os terráqueos, como eu ouvi quando fazia o curso de enfermagem... a cada ação há uma reação igual e oposta.

— Quer dizer que elas constituem uma reação às feiticeiras boas, empenhadas em fazer o mal?

— Não é tão simples assim. Só posso dizer que elas não se interessam o suficiente em fazer mal à humanidade. Apenas querem o que querem; querem poder.

— E isso é tão ruim assim? — indagou Jaelle. — Você sempre diz às garotas, nas sessões de treinamentos, que as mulheres têm o direito de reivindicar poder...

— Poder sobre si mesmas, minha cara! Esse tipo de poder está de acordo com a Irmandade. Temos um único objetivo: que na plenitude do tempo, todas as pessoas que chegam a este mundo, homens ou mulheres, se tornem tudo o que podem ser, realizem tudo de que são capazes. Não caímos no erro de pensar que se as pessoas fizessem isso ou aquilo, o mundo se tornaria perfeito. A perfeição é para os indivíduos, cada um a seu modo, não determinamos a maneira como as pessoas preferem viver. Não obstante, quando a Irmandade vê tendências e perigos a longo prazo, trata de promover variantes que possam romper esses padrões, proporcionando às pessoas uma oportunidade de viver de outro jeito. Marisela fez uma pausa, sorrindo gentilmente para Camilla.

— Não sei, mas talvez tenha sido parte do padrão que você não crescesse para ser a poderosa Guardiã que obviamente nasceu para se tornar.

— Guardiã? Eu? — Camilla soltou um resmungo indignado. — Mesmo que tivesse crescido na casa de meu pai... meu verdadeiro pai, e seria uma tola se não desconfiasse de quem ele era...

— Certo. Pode se imaginar na posição da feiticeira Leonie?

— Eu preferiria... — Camilla respirou fundo, antes de acrescentar, com um tom de surpresa, como se só agora tivesse

pensado a respeito: — Ora, eu preferiria

vaguear pelas estradas por toda a minha vida, como a companheira de espada de um bandido!

— Exatamente! — disse Marisela. — Mas se fosse criada entre as sedas e os privilégios da casa real de Hastur, duvido que pudesse se sentir assim. Ao contrário, teria de bom grado seguido Leonie para Arilinn. Ah, Camilla, querida Camilla, não cometa o erro de pensar que esse foi o seu destino, ordenado antes mesmo que nascesse. Se algum Deus ou santo bem-intencionado não tivesse estendido a mão para salvá-la de seu destino, onde você estaria hoje? É isso mesmo, pensou Magda. Era a totalidade da vida que fazia Camilla o que era.

— Já sabia? — argumentou Camilla. — Antes disso?

— Só sabia a seu respeito, até hoje, o que você quis me dizer, Camilla, e o que em uma ocasião li em sua mente e coração quando estava... irradiando; pode estar certa de que nunca invadi sua privacidade. O que você era, não me interessava.

Jaelle interveio, em tom agressivo:

— Imagino que vai dizer agora que a Irmandade resolveu salvar a minha vida e a de Magda por algum motivo?

— Não estou a par de todos os seus motivos. Shaya, minha criança, sou apenas alguém que as serve, uma de muitas mensageiras. Tenho liberdade para tentar adivinhar, não mais do que isso. Talvez elas achessem que algum propósito a longo prazo seria atendido se a filha de Aillard gerasse uma criança, a fim de que o seu laran não se perdesse para o mundo. Talvez desejassem que algum dom psíquico dos terráqueos fosse fortalecido na Torre Proibida, e por isso levaram Magda para lá, depois que ela decidiu que queria uma criança, para que sua pequena Shaya fosse criada entre pessoas que desenvolveriam seu laran. Talvez alguma delas sucumbisse, como até eu faço mesmo quando sei que talvez fosse melhor não fazê-lo, ao desejo simples de salvar uma vida. Quem pode saber? Elas são apenas humanas, cometem erros, embora possam perceber mais do que nós. Mas nenhuma pessoa é perfeita. Aperfeiçoável, talvez, na plenitude do tempo. Jamais perfeita.

— Contudo, depois que elas se deram a tanto trabalho para salvar a vida de Lexie, deixaram-na cair nas mãos de... Acquilara? Lamento, Marisela, mas não posso acreditar nisso.

— Nunca pedi que acreditasse em qualquer coisa — murmurou Marisela, subitamente indiferente, levantando-se. — Mas neste momento, creio que raikhaila quer que continuemos a viagem, e já sinto cãibras nas pernas de ficar sentada. Posso ajudá-la a guardar a chaleira?

Enquanto seguiam em frente, Magda teve tempo para pensar na situação. Se era verdade o que se falara sobre laran nas pessoas de sangue terráqueo, refletiu ela, eu me pergunto se não fui de alguma forma pressionada a ter uma criança de Andrews; afinal, ele possui o laran mais forte entre todos os terráqueos que já conheci. Mas parece evidente que elas permitem o livre arbítrio total. Deixe-me entregue ao meu destino. E já ouvi dizer que os Syrtis constituem uma seita antiga dos Hasturs; portanto, Shaya é parenta de Camilla por sangue, assim como de Jelle, pelas leis do juramento de companheira livre. O que era tranqüilizante. Se alguma coisa me acontecer, Shaya terá parentes que cuidarão dela. Cleindori e Saya são irmãs de fato.

— Levarei o chervine agora por algum tempo, brenda — disse Jelle.

Magda entregou a rédea, e adiantou-se para andar ao lado de Marizela. O caminho subia agora, por uma trilha na encosta da montanha, dando várias voltas, com pedras soltas que rolavam de vez em quando. Mas naquele trecho havia uma projeção rochosa na encosta, e por isso Magda avançava confiante, já que não tinha de olhar para o precipício.

— Não prefere andar pelo lado de dentro? — indagou Marisela. — Pelo que me lembro, a altura a incomoda.

— Um pouco.

Magda aceitou a sugestão, e por algum tempo caminharam em silêncio. Foi Magda quem o rompeu:

— Marisela, essas... não Vou dizer o nome delas, mas sabe a quem me refiro... — A imagem de Acquilara estava em sua mente, com o estranho brilho azulado do pesadelo.

— Posso perguntar só uma coisa? Por que alguém... haveria de querer seguir por esse caminho? São as mulheres que tentaram... achar a Irmandade, e fracassaram?

E isso era mais fácil?

— De jeito nenhum, minha cara. É preciso muito mais força e poder para fazer o mal do que o bem.

— Por que isso? Sempre ouvi dizer que o mal era apenas uma questão de fraqueza, de seguir o caminho de menor resistência...

— Claro que não! Isso é apenas ser fraca, assustada, egoísta... em suma, humana, imperfeita. Se a fraqueza fosse um crime, todas nós seríamos levadas a julgamento.

É desculpável. Poder ser terrível às vezes, mas é desculpável. O fato é que as pessoas que são boas, ou tentam ser boas da melhor forma que podem, estão trabalhando com a natureza, entende? Para desenvolver o poder de fazer o mal, é preciso trabalhar contra a natureza, o que é muito mais difícil. Há resistências, e se torna necessário adquirir impulso contra todo o fluxo da natureza.

Era uma noção nova para Magda, a de que o bem era simplesmente a realização do desígnio da natureza, enquanto o mal era algo que operava contra a natureza. Tinha

certeza de que ainda não entendia plenamente, pois Marizela era uma parteira e enfermeira, e aquela idéia, levada ao extremo, podia ser interpretada como uma proibição a salvar vidas, o que Marisela passara a vida inteira fazendo. Magda concluiu que precisava conversar mais com a amiga a respeito, em outra ocasião. Nunca teria essa oportunidade.

Desciam agora, a trilha era íngreme, a caminho de um vale comprido, abaixo da linha das árvores. Antes de alcançarem as árvores, Marisela pediu a Rakhaila para pararem por um momento, e apontou para cima. No outro lado do vale havia uma sucessão interminável de penhascos gelados, falseando ao brilho escarlate do sol.

— A Muralha ao Redor do Mundo — murmurou ela.

Todas se agruparam, observando, aturdidas. Vanessa respirou fundo, impressionada. Mas limitou-se a comentar:

— Parece... muito maior do que de um avião de reconhecimento.

Era muito aquém da realidade. A cordilheira parecia se prolongar para sempre, muito além da vista. Magda pensou: Santo Deus, não vamos cruzar isso a pé, não é mesmo?

Rakhaila gesticulou impaciente, e partiu em passos apressados, logo desaparecendo entre as árvores. Camilla e Jaelle foram atrás, mas Cholayna recuou para ficar junto de Magda e Vanessa.

— Estou contente por descermos agora — comentou ela.

— Cansada?

— Não tanto quanto pensei que ficaria. — Cholayna sorriu. — De certa forma, sinto-me ainda mais contente por ter vindo, quanto menos não seja porque o esforço me impede de ficar preocupada o tempo todo com Lexie.

— Deve ter sido isso o que ela viu — disse Vanessa. — Valeu a pena, só pela oportunidade de contemplar esse espetáculo. E ainda vamos atravessar para o outro lado!

Ela deixou escapar uma exclamação de incrédula satisfação. Cholayna comentou, secamente:

— E também no cumprimento do dever. Quem falava sobre recompensas e diversão em pleno trabalho, Vanessa?

Era uma diversão que Magda teria dispensado com o maior prazer, mas não disse nada, pois não queria estragar a alegria de Vanessa. Estavam entre as árvores agora, algumas crescendo nos ângulos mais insólitos na encosta abaixo, outras inclinadas sobre a trilha, tapando o sol, mas também proporcionando algum abrigo contra o vento. Rakhaila, com Camilla e Jaelle, estavam fora de vista. Marisela virou-se para trás, gesticulando para que as três terráqueas se apressassem. Por um momento, seu rosto, sorrindo jovialmente, ficou congelado na mente de Magda em súbito horror, para depois se dissolver numa chuva de sangue. Os olhos ainda espiavam; numa fração de segundo, no choque, Magda recordou que lera em algum lugar que os olhos de um cadáver ainda podiam ver durante vinte segundos depois da morte.

E depois, de algum lugar, a risada exultante de Acuilara ressoou em sua mente, foi puxada para trás e para baixo, sem

chance de resistir. Ouviu o ofego abalado de Cholayna, o único outro som, pois Marisela morrera sem a oportunidade de gritar.

Eu também não pude gritar, pensou Magda, com um ressentimento insano, antes que o mundo se tornasse escuro e silencioso.

Capítulo Vinte e Seis

A primeira coisa que ela lembrou foi: Morrer dói, a morte não. Só que doía, ela pensou. Sentia os braços e as costas arrebatados, tinha certeza de que pelo menos uma perna fora esfolada. Pensei que me descobriria no mundo superior se morresse. Cleindori disse que esteve lá antes de nascer. Ou foi apenas o sonho de uma criança? Uma pena. Era uma idéia maravilhosa. Ela tinha certeza agora de que a realidade seria menos agradável. Mas onde estava Marisela? Se haviam morrido juntas, não deveriam estar juntas agora? Depois de um longo tempo, surgiu um clarão alaranjado, ela ouviu uma voz à distância.

— Você estragou tudo, como sempre. Eu queria particularmente a outra viva, a parteira.

A voz de Acuilara. Claro. O que mais!

— Vamos matar esta agora?

— Não. Posso encontrar um proveito para ela.

Depois de um intervalo prolongado, Magda pensou: Mas elas estão falando a meu respeito! O pensamento seguinte também só surgiu depois de um longo prazo. Se discutem a conveniência de me matar, então é óbvio que não estou morta. E depois ela não se lembrou de qualquer coisa por muito tempo. Quando tornou a despertar, ficou com medo de estar cega. A escuridão a envolvia, o silêncio quase total, rompido apenas por uma goteira distante. Magda escutou com toda atenção, logo ouviu uma respiração forte. Havia alguém ao seu lado, dormindo.

Dormindo, ela pensou, indignada, quando Marisela foi morta, quando eu fui capturada e espancada! Como podem dormir? E depois ela refletiu que estivera dormindo ou inconsciente há um tempo considerável. Talvez não estivesse cega. Talvez apenas se encontrasse num lugar escuro, ela e a outra pessoa, que dormia ao seu lado. Não sabia... seus olhos estavam fechados. Assim que o pensamento lhe ocorreu, Magda abriu os olhos. Estava deitada numa caverna. Por cima, enormes estalactites pálidas desciam do teto, muitas e muitas, até onde podia avistar, como pilares de um vasto

templo. À distância, havia um clarão de fogo, projetando estranhas imagens e sombras. Uma grossa manta de pele a cobria, mas não fora amarrada, pelo que podia perceber. O que fazia sentido. Quem poderia fugir, para onde alguém iria naquele clima? Magda virou-se; à luz bruxuleante da fogueira, divisou dois corpos envoltos por mantas, dormindo ao seu lado, no chão. Captoras? Ou companheiras de cativeiro? Não havia claridade suficiente para reconhecer alguém. Ela tateou pela cintura, descobriu que sua adaga desaparecera.

— Shaya? — sussurrou ela, e um dos corpos se mexeu.

— Quem chama? Há mais alguém aqui?

— Vanessa, sou eu, Magda. Pegaram todas nós?

— Pegaram Cholayna. Ela ainda não se mexeu; acho que a acertaram com força demais. — Magda percebeu que Vanessa estivera chorando. — Não consigo ouvir sua respiração.

Oh, Magda, mataram Marisela!

— Sei disso. Assisti a tudo.

Magda sentiu um aperto na garganta. Marisela fora sua amiga quase desde o primeiro dia na Casa da Guilda de Thendara; trabalharam juntas para fundar a Sociedade da Ponte. Não podia acreditar que aquela vida inocente fosse apagada tão de repente. Por quê? Por quê? Ela disse que eram malignas. E tinha razão. Não me lembro de Marisela jamais ter feito mal a alguém, ou sequer falasse uma palavra grosseira; pelo menos não que eu ouvisse. E era possível que tivessem matado Cholayna também. Magda aproximou-se de Vanessa.

— Está ferida, brenda?

Ela se perguntou por que nunca antes chamara Vanessa por essa palavra simples e fraternal.

— Não... não sei. Acho que não é nada grave, mas tenho um caroço na cabeça. Devem ter me atingido com força suficiente para me deixar sem sentidos. Quanto ao resto, pelo que sinto, a maioria dos reflexos está intacta. Tudo funciona quando experimento.

Os olhos de Magda ardiavam. Era típico de Vanessa, sempre prática.

— As outras estão aqui?

— Se estão, não posso vê-las. É possível... — Outra vez a voz de Vanessa tremia, e Magda compreendeu que ela chorava. — ...é possível que estejam todas mortas, à exceção de nós. Se mataram Marisela...

Magda abraçou-a, gentilmente, no escuro.

— Não chore, brenda. É terrível, elas são terríveis, mas não podemos ajudá-la agora com lágrimas. Vamos apenas cuidar para que elas não tenham mais a oportunidade de matar alguém. Tiraram a sua faca?

Vanessa parou de chorar. Ela pode chorar por Marisela, pensou Magda. Eu não posso. Apesar disso, eu a amava. Magda sabia que ainda não começara a sentir realmente a perda. E encarou o conhecimento de que Jaelle e Camilla podiam estar mortas também. Mais razão ainda para cuidar de Vanessa, e de Cholayna também, se ainda estivesse viva. Ela repetiu baixinho:

— Tiraram a sua faca? A minha não está aqui.

— Pegaram a faca que eu usava no cinto. Tenho ainda uma pequena, no bolso do casaco, acho que não a levaram.

— Verifique então — sussurrou Magda, em tom de urgência. — Enquanto isso, verei se Cholayna... está respirando.

Vanessa começou a revistar os bolsos, ainda atordoada, enquanto Magda rastejava para o vulto imóvel que era Cholayna Ares.

— Cholayna!

Ela tocou na mão da mulher, cautelosa. Estava fria como gelo. Como um cadáver? E depois lhe ocorreu que fazia muito frio na caverna — embora não tanto quanto lá fora, ao vento — e suas próprias mãos quase congelavam. Abriu o casaco de Cholayna, enfiou a mão por dentro, sentiu algum calor, o calor da vida. Abaixou a cabeça, e pôde ouvir, bem fraco, o som da respiração.

Talvez adormecida, talvez inconsciente, mas Cholayna continuava viva. Magda transmitiu a informação a Vanessa num sussurro.

— Oh, graças a Deus! — balbuciou Vanessa.

Magda recebeu que ela pudesse recomeçar a chorar, e se apressou em dizer:

— Não podemos fazer nada até sabermos em que estado ela se encontra. Vou tentar despertá-la.

Com a possibilidade de um ferimento na cabeça, ela não ousou sacudir Cholayna. Murmurou seu nome várias vezes, afagou seu rosto, esfregou as mão geladas entre as suas, até que finalmente Cholayna mexeu-se um pouco, com um suspiro aflito. Abriu os olhos, fitou Magda sem reconhecimento.

— Largue-me! Demônia assassina!

Era evidente que Cholayna tentava gritar a plenos pulmões, mas o som era apenas um murmúrio deplorável. Era também óbvio para Magda que se ela conseguisse gritar, alertaria as captoras, que não deviam estar muito longe. Ela abraçou Cholayna, tentando impedi-la de se debater, enquanto murmurava, insistente:

— Está tudo bem, Cholayna. Fique quieta, bem quieta, estou aqui com você. Vanessa também está aqui, não vamos deixar ninguém machucá-la.

Ela repetiu a exortação muitas vezes, até que Cholayna parou de se debater, o reconhecimento surgiu em seus olhos.

— Magda? — Ela piscou, levou a mão à cabeça. — O que aconteceu? Onde estamos?

— Em algum lugar de uma caverna — respondeu Magda, sempre num sussurro. — Acho que Acquilara e seu bando nos capturaram.

Vanessa aproximou-se, no escuro.

— Estou com minha faca pequena. Você está bem, Cholayna?

— Continuo inteira — murmurou Cholayna. — Vi quando mataram Marisela. Acertaram você na cabeça, Magda, e me agarraram. Acho que atingi uma delas, antes que me arrancassem a faca. E depois aquela miserável da Acquilara me acertou na cabeça com uma tonelada de tijolos, e não me lembro de mais nada.

— Até que acordamos aqui — arrematou Vanessa, enlaçando as duas na escuridão. — O que faremos agora?

Magda riu, desolada.

— Tentou subornar Rakhaila para trazê-la até aqui. Ela disse que era preciso tomar cuidado para não se encontrar aquilo por que se rezava... e aqui estamos nós, no reduto de Acquilara. Mas pelo

menos, se Lexie e Rafaella ainda estão vivas, ficamos numa posição privilegiada para resgatá-las.

Cholayna balançou a cabeça; o rosto escuro contraiu-se numa expressão de dor, ela comprimiu a cabeça com as mãos, ficou imóvel.

— Quem sabe? Mais cedo ou mais tarde, elas voltarão a nos procurar, com toda certeza; se achassem que estávamos mortas, não teriam se dado ao trabalho de nos agasalhar. Não vejo Marisela estendida por aqui, aguardando um sepultamento digno, ou qualquer outra coisa caridosa.

Magda estremeceu.

— Não fale assim!

Cholayna inclinou-se para ela, abraçou-a.

— Calma, calma... Sei quanto você a amava, todas nós a amávamos, mas nada podemos fazer por ela agora, Magda. É verdade que se algum dia eu tiver aquela bruxa sórdida na ponta de minha faca... mas agora devemos pensar em nós mesmas, o que podemos fazer para sair daqui. O que aconteceu com Jaelle e Camilla? Sabem se elas estão vivas ou mortas?

Magda podia se lembrar apenas de Marisela, caindo, em meio a uma chuva de sangue. E mais nada.

— Vi você cair, Magda, depois Cholayna — murmurou Vanessa. — Jaelle e Camilla se achavam fora de vista, além de uma curva na trilha. Talvez tenham escapado, seguindo em frente, sem saber que fomos capturadas, até pararem, descobrindo então que desaparecemos.

— Sabem há quanto tempo aconteceu? — indagou Cholayna.

Mas nenhuma das duas tinha a menor idéia do tempo transcorrido, nem mesmo se era dia ou noite. Também não sabiam quantas eram as oponentes, nem como estavam armadas, nem quais podiam ser seus planos, ou se Jaelle e Camilla haviam morrido. Magda, no entanto, tinha uma convicção quase que totalmente irracional:

— Acho que eu saberia se ela estivessem mortas. Se qualquer das duas morresse, tenho certeza de que eu saberia.

— Ter certeza não é uma prova concreta — protestou Vanessa. Mas Cholayna não a deixou continuar:

— Está enganada. Magda teve um treinamento psicotécnico intensivo. Não do tipo que ofereceram no Império, mas provavelmente ainda mais eficaz. Eu diria que seus sentimentos constituem uma prova, das mais qualificadas.

— Acho que tem razão — admitiu Vanessa, depois de pensar por um momento. — Mas não sei como isso pode nos ajudar, já que obviamente elas não sabem onde estamos, ou como podem nos salvar.

Era suficiente para Magda naquele momento, depois de ver Marisela assassinada diante de seus olhos, ter certeza de que sua amante e sua companheira livre haviam escapado ao mesmo destino. Contudo, ela e suas duas companheiras terráqueas se encontravam em poder de uma mulher cruel e inescrupulosa, talvez com algum tipo de laran... e Magda lembrou como Acquilara fulminara Camilla com um olhar.

Ela pode nos matar também, só de olhar!

Vanessa sentiu Magda estremecer e abraçou-a com força.

— Está com frio? Tome aqui, enrole-se com minha manta. É melhor descansarmos enquanto podemos; por tudo o que sabemos, deve ser o início da noite, elas terão uma boa noite de sono, antes de virem nos buscar. Devemos dormir também.

Elas se aconchegaram, juntas em silêncio, sob as mantas. Magda pôde captar o temor e apreensão das outras, a dor que se insinuava, com o frio, nos ossos e músculos de Cholayna, como se fosse seu próprio corpo. Sentiu vontade de aninhá-la, proteger as duas, mas era impotente.

O tempo foi se arrastando; nunca souberam quanto. Talvez uma hora, talvez duas. Magda tirava pequenos cochilos, em que ouvia palavras incoerentes, à beira da audição; via manchas de luz que se transformavam em rostos estranhos, depois despertava com um sobressalto, e percebia que nada daquilo acontecera, que ainda se achava entre Cholayna e Vanessa, na escuridão fria daquela prisão. Pensou que se tratava de mais um dos pequenos sonhos quando avistou uma luz, mas Vanessa contraiu o corpo, e sussurrou:

— Olhem! Elas estão vindo!

Era o clarão de uma tocha, subindo e descendo, como se carregada por uma pessoa andando, na altura da cintura. Chegou mais perto. Não era uma ilusão. Só que não era fogo na extremidade de um pau comprido. Era uma lanterna, pequena mas potente, e um minuto depois Magda pôde ver quem a empunhava. Lexie Anders inclinou-se sobre elas, e disse:

— Muito bem, Lome, levante-se e venha comigo. Está vendo isto?

Ela mostrou algo que deixou Magda aturdida, pois constituía uma violação de todos os tratados legais entre terráqueos e darkovanos.

— É um atordoador — explicou Alexis, o que Magda já sabia. — E para sua informação, tem um mecanismo letal adaptado. Prefiro não ser obrigada a usá-lo, mas não hesitarei, se você criar problemas, ou tentar algum heroísmo tolo. Vamos, levante-se logo. Não, Van, você continua aqui. Prefiro não ter de controlar as duas ao mesmo tempo.

— Pelo amor de Deus, Anders, está trabalhando com essa gente? — O tom de Cholayna era de total indignação. — Sabe o que elas são? Sabe que mataram Marisela a sangue-frio?

— Isso foi um erro — disse Alexis Anders. — E Acquilara ficou bastante irritada. Mas Marisela se interpôs no caminho, acabou acontecendo.

Cholayna disse, com uma raiva fria:

— Tenho certeza de que Marisela ficaria contente por ouvir isso.

— Não fui a responsável, Cholayna, e me recuso a acalantar qualquer sentimento de culpa. Marisela não tinha o direito de interferir.

— Interferir? — Protestou Magda. — Ela tratava de seus interesses legítimos...

— Você não sabe de nada, Lome, não tem a menor idéia do que está em jogo aqui, não imagina em que Marisela se envolvia. Portanto, fique de boca fechada e venha comigo.

Se sente frio, pode levar a manta.

Magda saiu rastejando, lentamente, do lugar em que se encontrava, entre Vanessa e Cholayna. Cholayna estendeu a mão para detê-la.

— Para o registro, Anders. Insubordinação, deserção, intromissão em território fechado sem autorização, posse de uma arma ilegal, em flagrante violação dos acordos entre o Império e as autoridades planetárias constituídas. Sabe que está destruindo sua carreira...

— Você não passa de uma velha megera teimosa. Chocada, Magda lembrou que Vanessa dissera a mesma coisa, só que de uma maneira afetuosa, enquanto Lexie acrescentava:

— Não sabe quando está derrotada, Cholayna. Ainda pode escapar com vida, pois não sou sanguinária. Mas é melhor se manter de boca fechada, porque tenho a impressão de que Acquilara não é muito tolerante com terráqueas. Por isso, advirto-a a fechar a boca e deixá-la assim.

Outro gesto autoritário com a arma. Magda tocou a mão de Cholayna, murmurando:

— Não se arrisque por mim. É uma coisa entre nós duas. Verei o que ela quer.

Ao se levantar, Magda descobriu que tremia toda. Seria porque o atordoador apontava ameaçador em sua direção, pelo frio, ou porque haviam-na acertado no ponto exato de sua concussão anterior? Ela percebeu o brilho de satisfação nos olhos de Lexie.

Lexie pensa que estou com medo dela, e por algum motivo isso a deixa feliz. Pois que Lexie continuasse a pensar assim. Magda compreendeu que podia sentir algum medo de que o atordoador na mão de Lexie disparasse por acidente, mas não tinha o menor medo da própria Lexie. Ela não se preocupou quando Cholayna enunciou a lista de acusações. Isso só pode significar uma de duas coisas: ou está resignada à perda da carreira... ou não tem a menor intenção de deixar Cholayna para testemunhar contra ela.

Lexie tornou a acenar com a arma.

— Por aqui.

Ela conduziu Magda pela vasta caverna, cheia de estalactites, gesticulou para que descesse por uma rampa escorregadia, molhada

da água que caía de algum lugar, e empurrou-a para outra caverna. Esta era iluminada por tochas presas nas paredes, a fumaça subindo. Magda notou a direção da fumaça e pensou: Deve haver uma abertura em algum lugar por ali, o ar entrando do exterior. No meio da caverna, havia uma fogueira acesa; a princípio, Magda especulou onde conseguiam a lenha para a fogueira, mas depois percebeu que o cheiro não era absolutamente de lenha, mas sim de uma fogueira de estéreo de chervine seco, e avistou uma pilha ao lado. Em torno do fogo, havia um círculo de figuras encapuzadas. Por um instante de angustiante desilusão, Magda pensou: Isto é a Irmandade? Depois, um vulto esguio familiar ergueu-se do lado da fogueira, dizendo:

— Seja bem-vinda, minha cara. Lamento que minhas mensageiras tenham usado tanta força. Eu disse para estarem prontas quando fossem chamadas; se tivessem me escutado, poderiam poupar a todas nós de muitos problemas.

Magda respirou fundo, tentando se controlar.

— O que você quer, Acquilara?

Capítulo Vinte e Sete

Mas não era assim que Acquilara agia. Magda deveria ter imaginado.

— Você está ferida; deixe-nos cuidar dos machucados. E tenho certeza de que sente frio e câibras. Não gostaria de tomar um chá?

Magda pensou que aceitar qualquer oferecimento da sinistra feiticeira seria se submeter a seu poder. Começou a dizer, orgulhosa, Não, obrigada, não quero nada que você possa me dar. Nunca soube o que a deteve.

A obrigação mais importante que tinha naquele momento era se manter tão forte quanto possível, a fim de que, se conseguisse escapar, pudesse ajudar Vanessa e Cholayna a se livrarem daquela situação crítica. Ela disse apenas, determinada:

— Obrigada.

Alguém lhe entregou uma caneca de chá espumante. O gosto era um pouco amargo, rescendia ao fogo de estéreo, um pedaço de manteiga fora derretido no líquido, o que lhe proporcionava um sabor estranho, mas aumentava, no frio cortante, a qualidade revigorante. Magda bebeu tudo, sentiu que esquentava seu corpo. Aceitou uma segunda xícara. Duas mulheres saíram do círculo da fogueira para cuidar de seus ferimentos. Na aparência, eram um pouco mais agradáveis do que as mulheres da ermida de Avarra; pareciam bastante limpas, usavam os mantos compridos, com capuz, tendo por baixo o traje comum das mulheres das aldeias das montanhas, saias compridas de tartã, blusas e túnicas, xales grossos e botinas. As bandagens usadas eram toscas, mas pareciam limpas. Magda descobriu que ficara com uma perna esfolada — jamais soube como isso aconteceu, mas presumiu que na luta devia ter rolado por uma encosta cheia de pedras afiadas. Também tinha machucados no rosto, o que não percebera antes.

Depois que os arranhões e equimoses estavam cobertos por unguento e bandagens, Magda sentiu-se melhor; o chá também, apesar do gosto um tanto nauseante, fortalecera-a a tal ponto que

agora se sentia preparada para enfrentar qualquer coisa que pudesse acontecer.

— Sente-se melhor? — indagou Acquilara, a suavidade em pessoa. — Agora, vamos sentar e discutir tudo como mulheres civilizadas. Tenho certeza de que poderemos chegar a um acordo.

Acordo? Depois que você assassinou minha amiga, aprisionou minhas companheiras, e por tudo o que sei pode ter matado também minha companheira livre e minha amante? Nunca! Mas Magda tinha bom senso suficiente para não dizer isso em voz alta. Se aquela mulher era a metade da Ieronis que alegava ser, poderia sentir a aversão e saberia como era bem pouco provável que Magda aceitasse seu plano.

— O que você quer de mim, Acquilara? Por que me chamou, como disse?

— Sou a servidora da Grande Deusa a quem você procura... Magda já ia dizer Bobagem, isso não existe, mas decidi não hostilizá-la.

— Muito bem, então diga o que sua Deusa quer comigo.

— Devemos ser amigas — começou Acquilara. -Você é uma poderosa Ieronis da Torre chamada Proibida, que se recusou à submissão aos Hasturs, ou àquela velha e terrível teneresteis que é Leonie de Arilinn, que mantém todo o povo dos Domínios paralisado sob o comando implacável da Torre de Arilinn. Como alguém que ajudou a libertar nossos irmãos e nossas irmãs, você é minha aliada e camarada, eu lhe dou as boas-vindas aqui.

E Marisela? Mas Magda não disse nada. Talvez, se esperasse por tempo suficiente, Acquilara acabasse revelando o que estava acontecendo. Como Camilla ressaltara, nem mesmo uma "feiticeira maligna" se daria a tanto trabalho só para se divertir.

— Sua amiga me contou que você é de outro mundo, e também disse alguma coisa sobre o Império — continuou Acquilara.

Os olhos de Magda desviaram-se para Lexie, de pé no canto. Guardara o atordoador. Acquilara acrescentou:

— É uma poderosa Ieronis, mas não deve nada ao Comyn. E entre suas companheiras, há duas outras que têm sangue Comyn. Não estou certa?

— Foi corretamente informada.

O casta era uma língua formal, e Magda procurou se manter tão formal quanto podia.

— Eu lhe disse, Acquilara, que não conseguiria coisa alguma com ela desse jeito — comentou uma voz, das sombras em que Lexie se encontrava.

Rafaella n’ha Doria não tinha um atordoador, ou qualquer outra arma, pelo que Magda podia perceber, a não ser a faca comprida de uma Renunciante.

— Deixe-me conversar com ela. Em suma, Margali, ela sabe que você recebeu o treinamento de laran na Torre Proibida, ou como quer que se chame. Mas é uma terráquea.

Por outro lado, Jaelle nasceu Comyn, mas renunciou à sua herança, e como uma Renunciante é livre para usar seus poderes como quiser. Ela ficou esperando que Magda confirmasse o que acabara de dizer; em vez disso, Magda teve uma explosão de raiva:

— Eu não teria acreditado se me contassem, Rafi! Você, a quem ela ama como uma irmã, traí-la dessa maneira! E Camilla também a chama de amiga!

— Você não sabe do que está falando! — gritou Rafaella, também furiosa. Traí-la? Nunca! Foi você quem a induziu a trair a si mesma, e estou tentando remediar a situação.

Rafaella se adiantou, postou-se na frente de Magda.

— Você nem mesmo deixou Acquilara dizer o que está oferecendo. Não se tenciona nenhum mal para Shaya, nem mesmo para Camilla...

— Essa é a emmasca de cabeça vermelha? — Acquilara acenou com a cabeça em satisfação. — Ela tem poderes do Comyn, talvez Alton, talvez Hastur, não há como saber, a não ser testá-la. O que se pode fazer com a maior facilidade. É possível que ela resista um pouco ao teste, mas há meios de submetê-la.

As palavras do Juramento do Monitor a floraram na cabeça de Magda: Não entre em qualquer outra mente, a não ser para ajudar ou curar, e ainda assim apenas com consentimento. Aquelas pessoas nunca tinham ouvido falar dessa obrigação. O pensamento de Camilla, invadida contra a vontade, numa abertura angustiante e

dolorosa, fez Magda tremer de raiva. Se tivesse uma arma, naquele instante, seria capaz de matar Rafaella com a maior satisfação.

Rafaella sequer imaginava o que estava propondo, como seria penoso?

— Quero que preste toda a atenção, Margali — disse Rafaella, muito séria. — Somos irmãs na Sociedade da Ponte... talvez não tenhamos sido tão boas amigas algumas vezes como deveríamos, mas ainda assim trabalhamos pelos mesmos objetivos, não é?

— Será mesmo? Acho que não. Parece-me que se os seus motivos são os mesmos da Sociedade da Ponte, deveria ter apresentado sua proposta a Cholayna, se não a mim, ou até mesmo a Jaelle ou Camilla. A Tenente Anders... — Magda usou o posto oficial de Lexie deliberadamente. — ...nem mesmo pertence à Sociedade da Ponte. Então por que procurá-la?

— Foi ela quem me procurou com a proposta. E se não sabe por que ela não foi a você ou a Cholayna com a proposta... Eu já deveria saber, é claro, que você nunca admitiria que qualquer coisa pudesse ser feita na Ponte, ou até no Império, sem a sua participação.

As palavras de Rafaella eram uma torrente de fúria, mas um gesto breve de Acquilara interrompeu-a.

— Já chega. Diga a ela qual é a proposta. Não estou interessada em seus ressentimentos pessoais.

— Jaelle recebeu algum treinamento na Torre Proibida, mas essas mulheres podem completar seu treinamento até que ela se torne mais poderosa do que Leonie de Arilinn.

Camilla também será treinada até alcançar o máximo de que for capaz. Se ela realmente tem sangue Hastur, pode ser a mais poderosa leronis por muitos anos. O poder real as aguarda...

— O que a faz pensar que é isso o que elas estão procurando? Foi Acquilara quem respondeu:

— Por que outro motivo elas viriam para estas montanhas, à procura da velha deusa, em seu santuário abandonado? Não foi em busca do plano potencial dos poderes que elas podem um dia adquirir? Talvez não saibam, mas é isso o que estavam fazendo. Esse é o fim de todas as buscas, tornar-se o que você é, e isso

significa poder, poder de verdade, não filosofia e preleções morais. Do povo-corvo, elas receberiam austeridades incontáveis, sendo obrigadas ao final a assumirem o compromisso de nunca usarem nem aproveitarem seus poderes. Serão advertidas de que o objetivo de toda sabedoria é saber apenas, que devem se abster de fazer, pois qualquer feito seria magia negra. — O rosto de Acquilara era uma máscara brutal de desprezo. — Posso lhes oferecer algo melhor do que isso.

— Enquanto que se elas forem treinadas por Acquilara — acrescentou Rafaella — ao final do treinamento serão enviadas de volta a Thendara, armadas com os meios para promover algumas mudanças reais em seu mundo, transformá-lo em proveito próprio. Jaelle no Conselho, como podia ser, como deve se tornar, e Camilla... não há limites para o que Camilla pode fazer. Pode até controlar todas as Torres nos Domínios.

— Não é isso o que Camilla deseja.

— Mas é o que deve querer, como uma Hastur; e depois que eu terminar de prepará-la será o que vai querer — declarou Acquilara, com uma confiança inabalável.

Aquela mulher tinha poder. Magda podia senti-lo em sua postura, seus gestos. Acquilara gesticulou para que Lexie continuasse.

— Você é muito ingênua, Lome — disse Lexie. — É por isso que tem se intrometido em tantas coisas, mas nunca realizou nada de concreto. Já viu sua ficha no departamento de pessoal do QG? Eu já vi. Sabe o que eles dizem a seu respeito? Poderia conquistar uma posição de poder...

Magda recuperou o uso da voz:

— Não tenho a presunção de dizer o que Jaelle e Camilla querem, mas posso garantir que o poder, pelo menos sob essa forma, não é o que procuro.

— E eu posso lhe garantir que é uma mentirosa — declarou Lexie. — Apesar de toda a conversa, só há um jogo de verdade, só uma coisa que todas as pessoas querem: o poder. Dissimule, seja hipócrita, se quiser, negue, minta a respeito, mas sempre saberei que é diferente; isso é o que todo mundo quer.

— Julga a todas as pessoas por si mesma?

— Ao contrário de você, Lome, não pretendo ser melhor do que ninguém. Mas isso não importa. Quando a nova cooperação entre terráqueos e darkovanos começar, será por um curso totalmente novo; e desta vez não terá o nome de Magdalen Lome à frente, mas sim o de Alexis Anders.

— É isso que você quer, Lexie, mais do que qualquer outra coisa?

— Não é o que você queria, mas não conseguiu? Por que dizer que é indigno para mim?

Outra vez Acquilara interrompeu a conversa, com um dos seus gestos autoritários. Magda, observando-a com atenção, compreendeu que ela se sentia contrafeita sempre que o foco da discussão se desviava de sua pessoa.

— Já chega. Magdalen Lome... — Como todas as pessoas que falavam casta, ela errou a pronúncia do nome, diminuindo a própria dignidade; sabia disso e tentou assumir uma aparência ainda mais imponente. — ...prometa que me ajudará a convencer Jaelle n'ha Melora e a outra comynara, a emmasca de cabeça vermelha, a trabalharem comigo, e encontrarei um lugar para você entre nós. Seria ótimo ter uma agente de informações terráquea nas nossas fileiras. Seria um Penta Cari'vo realmente poderoso, não uma sociedade inócua para alojar e alimentar mulheres. Depois que nossa influência estiver consolidada em Thendara, seria fácil como chefe do serviço de informações terráqueo...

— O que a faz pensar que é isso o que quero?

— Mas que droga, Acquilara — interveio Lexie — já lhe disse mais de uma vez que não é essa a maneira de conseguir alguma coisa com Lome!

— Está pensando que tem uma importância que não possui, terranis — disse Acquilara, em tom ríspido. — Não me interrompa mais! Muito bem, Magdalen Lome, quero que pense a respeito.

— Nem preciso pensar — declarou Magda, calmamente. — Não estou interessada em sua proposta.

— Não tem condições de recusar — insistiu Acquilara. — Estou fazendo uma proposta muito generosa. Os terranan não são nada

populares nestas montanhas. Só preciso revelar quem você é, em qualquer aldeia, para que seja retalhada em pedacinhos. Quanto à sua amiga, a mulher de pele preta, o que pensariam dela? Uma aberração, a ser largada nos picos para o pássaro-espírito e o kvorebni. Mas se for uma de nós, estará sob a minha poderosa proteção, em qualquer lugar destas montanhas.

Ela gesticulou para duas das mulheres.

— Levem-na de volta, e deixem que ela pense na proposta. Amanhã me dará sua resposta.

Acquilara fez um sinal para Lexie, acrescentando:

— Vigie-a com sua arma.

Uma das mulheres adiantou-se, e sussurrou para Acquilara, que acenou com a cabeça.

— Tem razão. Se ela é uma leronis tão poderosa quanto ouviu dizer, então não perderá tempo em alertar as comynaris. Pode lhe dar um pouco de raivannin.

Raivannin!, pensou Magda, consternada. Era uma droga que paralisava os centros psíquicos e o laran; às vezes era usada para imobilizar um poderoso telepata, que estava doente ou delirante, sem condições de controlar seus poderes destrutivos. Ela se apressou em tentar o salto para o mundo superior, a fim de se encontrar com Jaelle, gritar uma advertência, Jaelle, Camilla, tomem cuidado... umas poucas palavras. Uns poucos segundos de advertência... Subestimara aquela gente. Alguém a dominou — não fisicamente, pois nenhuma mão a tocou — mas descobriu que estava fria como o gelo, não podia se mexer nem falar. Sentiu que caía, caía, embora soubesse que permanecia imóvel; o corpo e a mente eram fustigados por um vento furioso e gelado, como se estivesse nua numa nevasca. Ouviu Lexie dizer:

— Deixem que eu cuide dela. Posso ajustar o atordoador para mantê-la apagada por algumas horas.

— Não, pois ela precisa de liberdade para a decisão — murmurou Acquilara.

E de repente Magda foi agarrada por dois pares de mãos poderosas, imobilizada, desta vez fisicamente. Rafaella forçou sua

boca a abrir, despejou alguma coisa gelada e nauseantemente doce por sua garganta.

— Segurem-na por mais trinta segundos — disse Acquilara, da escuridão. — O efeito é rápido. Depois, ela estará bastante segura.

Um fluxo inacreditável de calor espalhou-se pelo rosto de Magda, fazendo-o vibrar, provocando uma explosão de dor dentro da cabeça. Só um instante, mas ela teve vontade de berrar com o impacto. E depois se desvaneceu, devagar, deixando-a vazia, entorpecida, subitamente surda. Piscou, apoiando-se nas mulheres que a seguravam; mal conseguia manter o equilíbrio; toda a percepção periférica desaparecera, estava surda e cega, despojada dos cinco sentidos; podia ver, ouvir e tocar, mas o mundo parecia muito pequeno; inadequado; nada, nada fora de si mesma, o universo morto... até mesmo os sentidos comuns pareciam amortecidos, como se houvesse uma película sobre a vista, os sons chegavam embotados, como se viessem de muito longe, e até o frio em sua pele dava a impressão de ser remoto, como se estivesse mergulhada em algo pesado e oleoso, isolando-a do mundo.

Raivannin. Despojara-a dos sentidos ampliados, deixando-a com a cegueira mental. Uma dose forte; já tomara a droga uma vez, quando ficara doente, e Callista achara que deveria ser resguardada de uma operação da Torre; mas apenas embotara sua percepção para o trabalho com a matriz que se desenvolvia ao seu redor, a fim de que pudesse se isolar, se assim desejasse. Nada como aquele isolamento total, aquela obstrução de todos os sentidos.

— Deu demais a ela — disse uma das mulheres que a seguravam; até sua voz parecia indistinta, ou seria assim que as vozes normalmente soavam, quando não eram acentuadas pela percepção psíquica do significado? — Ela mal consegue se manter de pé. Talvez nunca recupere seu laran, depois de uma dose assim.

Acquilara deu de ombros. Magda compreendeu, desesperada, que não podia sequer ouvir a maldade e falsidade na voz de Acquilara, que parecia com qualquer outra voz, até soava agradável. Como as pessoas com cegueira mental podiam saber em quem confiar?

— Uma perda insignificante. Podemos passar sem ela, e talvez se torne mais fácil de manipular desse jeito. Podem levá-la para junto das outras.

Capítulo Vinte e Oito

Enquanto as mulheres levavam-na para longe do círculo em torno da fogueira, de volta à caverna em que ela despertara no cativeiro, Magda estava consciente apenas do desespero. Não podia sequer alertar Jaelle ou Camilla. Tentou se convencer de que não precisava se preocupar. Jaelle e Camilla não sabiam onde ela estava, nem mesmo onde procurá-la. E agora que estava drogada com raivannin, também não poderiam descobri-la através do laran. E se Acquilara tentasse persuadi-las a aderirem a seus planos, elas sempre poderiam recusar. Não havia como forçá-las, nenhum perigo de que Jaelle ou Camilla achassem a oferta bastante tentadora para renunciarem a seus princípios. Então por que ela se preocupava?

As mulheres largaram-na bruscamente na primeira caverna e foram embora. Magda encolheu-se no chão, angustiada. Lexie com certeza tencionava matar Cholayna, ou providenciar para que outra a mate, caso contrário não ousaria lhe falar daquela maneira. Cholayna levantou a cabeça quando Magda foi largada no chão.

— Você está bem, Magda? O que elas queriam?

— Fazer-me uma proposta, que não me interessa — respondeu Magda, apática. — Não há problema algum. Eu disse a elas, em suma, que fossem para o inferno. Pode voltar a dormir, Cholayna.

Ela cometera um erro fatal de estratégia. Deveria fingir que concordava, parecer impressionada com os planos de Acquilara; e assim a deixariam livre, poderia entrar em contato com Jaelle ou Camilla, usando laran. Agora, era tarde demais.

— Você está tremendo toda — disse Vanessa. — Acho que não está nada bem. O que fizeram realmente com você? Venha ficar sob a minha manta, para se agasalhar. Está com uma aparência horrível.

— Não foi nada... nada que você pudesse compreender, Vanessa. Deixe-me em paz.

— De jeito nenhum!

Vanessa puxou Magda à força para baixo de sua manta, aconchegou-a. Pegou as mãos de Magda, e acrescentou:

— Mas suas mãos estão ardendo! Vamos, Lome, o que fizeram com você? Nunca a vi assim antes!

Magda sentia-se entorpecida, exausta, queria apenas chorar e chorar, até se dissolver em lágrimas. As mãos de Vanessa nas suas eram como as mãos de uma estranha, sem qualquer sensação além do puro contato físico. Como devia ser ter apenas isso para partilhar com outra pessoa, por mais querida que seja? Como se podia distinguir amiga de estranha ou amante? E ela poderia continuar assim para sempre. Seria melhor morrer. Magda deixou que Vanessa a envolvesse e percebeu, para seu desespero e vergonha, que chorava desconsolada. Vanessa abraçou-a, acariciando suas costas.

— Calma, calma, não chore... Vai tudo acabar bem. Nada é tão ruim que não possa ser remediado. Estamos aqui, com você...

Cholayna, ouvindo-as, aproximou-se e pegou as mãos ardendo de Magda entre as suas, começou a esfregá-las.

— Vamos, conte-nos o que fizeram com você... Vai se sentir muito melhor se contar, o que quer que tenha sido. Deixe-nos ajudá-la.

— Não há nada que ninguém possa fazer — balbuciou Magda, desesperada, entre os soluços. — Elas... elas me drogaram... com raivannin.

— E o que é isso?

— Serve... para bloquear o laran. Para que... eu não pudesse... é como ser surda e cega...

Magda sentia as palavras tropeçando na língua, sem vida, nada transmitindo de sua verdadeira personalidade, ou seus verdadeiros pensamentos, apenas ruídos sem sentido, como os murmúrios de um retardado. Cholayna abraçou-a.

— Mas que coisa horrível para se fazer! Não percebe, Vanessa? Fizeram isso para que ela não pudesse avisar Jaelle, nem mesmo entrar em contato... está compreendendo? É algo diabólico para fazer com alguém que possui um talento psíquico! Oh, Magda, Magda, minha querida, sei que não posso realmente compreender o que isso significa para você, não posso imaginar de fato, mas posso entender pelo menos um pouco o que deve representar para você!

Magda estava completamente descontrolada; mas aconchegada e confortada pelas amigas, conseguiu parar de chorar depois de algum tempo.

— Mas pode ser útil de alguma forma — comentou Vanessa, num sussurro. — Quando a trouxeram de volta, não se deram ao trabalho de mandar Lexie e seu atordoador. É

evidente que pensaram que você não representaria mais um perigo para elas, com seu laran inoperante. Tenho a impressão de que nem mesmo se preocuparam conosco... com Cholayna e eu... porque não tínhamos qualquer tipo de poder psíquico.

Magda não pensara nisso. Seu choque fora tão profundo que não pensara em coisa alguma. Será que passei a depender tanto de meu laran que esqueci todo o resto? O que também não é certo.

— Tem toda razão — murmurou Magda.

Ela fez um esforço para se controlar, sentou, enxugou as lágrimas com a manga. Era verdade o que Vanessa dissera; não havia ninguém a vigiá-las. Podia-se fazer alguma coisa. Sem comida, mochilas e mapas, sem sequer saber se era dia ou noite lá fora, a fuga seria difícil, mas não necessariamente impossível. Vanessa tinha a sua faca, uma coisa pequena, com uma lâmina do comprimento de sua mão, bastante afiada, que dobrava para dentro do cabo, talvez nem mesmo tivesse sido reconhecida como uma faca. Cholayna estava desarmada.

— Mas não tenho medo de ninguém que eu possa ver — afirmou ela, sombriamente, fazendo um gesto que Magda reconheceu.

Também treinada no combate desarmado, Magda não usara sua habilidade para matar, até serem atacadas na aldeia dos salteadores; mas ficara impressionada com a capacidade de luta de Cholayna.

— Deve ser noite lá fora — comentou Magda, tentando concentrar suas forças comuns.

Aquelas mulheres podiam ter anulado seu laran, mas ela vivera por quase vinte e sete anos sem qualquer indicação de que o possuía; havia mais em Magdalen Lome do que apenas laran.

— Acquilara mandou que me vigiassem... a princípio... a fim de que eu pudesse pensar em minha resposta até amanhã. Tive a impressão de que estavam encerrando suas atividades para a noite. Mais cedo ou mais tarde, até essas mulheres precisam dormir. Afinal, não são alguma espécie de Olho do Mal Insone, mas apenas mulheres, com alguns poderes perniciosos, e idéias ainda mais perniciosas sobre a maneira de usá-los. Se pretendemos fazer alguma coisa, devemos aproveitar o momento em que elas estiverem dormindo.

— Talvez nem mesmo seja necessário matá-las — disse Cholayna. — Podemos nos esgueirar sem que nos vejam...

— Se soubéssemos o caminho — lembrou Magda — e desconfio que haverá guardas, a menos que elas tenham um perigoso excesso de confiança...

— É bem possível que isso aconteça — comentou Cholayna. — Pense um pouco, Magda, na psicologia do poder. Esta caverna é isolada, na mais remota parte destas montanhas isoladas e remotas. Ninguém conhece o caminho até aqui. Ninguém jamais vem até aqui. Provavelmente elas mantêm uma vigilância psíquica contra a turma rival, a Irmandade Sábia, mas sou capaz de apostar um mês de salário como não encontraremos guardas físicas. Imobilizaram você. Adotarão precauções contra a Irmandade Rival, vigiando-as com laran. Mas nem mesmo se deram ao trabalho de me vigiar e a Vanessa. Apenas você, e apenas o seu laran.

Cholayna estava certa. Portanto, elas tinham apenas dois problemas: esperar até que Acquilara e suas coortes estivessem dormindo, a fim de que pudessem sair da caverna (Magda sentira uma aragem, o ar do exterior soprando na outra caverna, onde fora pressionada, por isso devia ser mais próxima da saída), e depois a sobrevivência no mundo exterior. O segundo ponto era o mais importante. Vanessa já se antecipava:

— Vamos supor que consigamos sair daqui. Não temos comida, nem roupas externas, nem equipamento de sobrevivência...

— com toda certeza, há comida e roupas em algum lugar destas cavernas — protestou Cholayna.

— Concordo. Quer procurar Acquilara e pedir que nos ceda alguma coisa?

— Há algo ainda mais importante — declarou Cholayna, com uma tranqüila determinação. — Lexie. Não partirei sem ela.

— Você viu o que aconteceu, Cholayna! — reagiu Vanessa. — Ela nos apontou uma arma. Nada podemos fazer agora, pois Lexie se tornou uma delas!

— Como sabe que não havia uma arma, ou algo pior que não podíamos ver, apontada para ela? — insistiu Cholayna. — Quero ouvir de seus próprios lábios que não foi coagida, antes de abandoná-la aqui. E Rafaella... você a viu, Magda? Ela está viva?

— Viva e bem — murmurou Magda, sombriamente. — Segurou-me enquanto despejavam a droga por minha garganta. E garanto que ninguém apontava uma arma para ela, nem algo parecido. Explicou-me de forma meticulosa o que Acquilara estava fazendo, por que Jaelle e Camilla deviam ser convencidas e se juntarem a elas, não à Irmandade. Não fiquei convencida, mas ela parecia estar. Sinceramente, acho que não devemos perder tempo com a tentativa de resgatá-las, pois tive a impressão de que se encontram no lugar exato em que querem estar, e não adiantaria tentar persuadi-las a partir conosco.

— Não posso acreditar que Alexis tenha feito isso — murmurou Cholayna, em desespero. — Mas também nunca poderia acreditar que ela me apontaria um atordoador.

Mesmo sem laran, Magda podia sentir a angústia de Cholayna. Devia ser muito difícil aceitar que Lexie não era uma prisioneira ali, mas sim uma cúmplice voluntária. Mas Cholayna logo voltou a assumir uma atitude profissional, revistando os bolsos à procura de qualquer coisa que pudesse ajudar. Tirou um pacote.

— Rações de campo de emergência. Precisamos da energia. — Ela partiu a barra em três pedaços. — Comam.

Magda sacudiu a cabeça.

— Serviram-me chá quente, com manteiga derretida. Estou bem. Divida entre vocês duas.

Mas ela acabou aceitando um pedaço pequeno apenas da ração seca, sem saber, mas com uma grande concentração de

calorias, mastigando devagar. Nunca mais tornarei a me queixar do gosto desta coisa, depois de tomar chá com manteiga, recendendo a fogo de estéreo.

Vanessa abriu sua pequena faca, manteve-a de prontidão. Enrolaram as mantas e penduraram-nas nas costas; podiam precisar delas como abrigo básico, se conseguissem sair das cavernas. Os olhos haviam se ajustado tão bem à menor claridade dentro daquela caverna que podiam avistar o clarão que vinha da caverna externa, que aparentemente era o local de reunião e o quartel-general de Acuilara e as mulheres de seu culto.

Magda especulou: de onde viriam as mulheres de Acuilara? Vivem aqui durante o ano inteiro, ou só se reúnem de vez em quando? Não podem viver nesta região erma, porque não há nada aqui que permita a sobrevivência. Não havia razão para desperdiçar tempo agora em especulações. Magda não se importava se vinham para cá por necessidade, imitação, ou pura perversidade, ou porque tinham uma paixão, como Vanessa, por escalar montanhas.

Elas avançaram sem fazer barulho na direção do clarão alaranjado da fogueira na outra caverna. Magda podia sentir o cheiro do fogo de estéreo, assim como um fluxo de ar fresco em seu rosto — aquelas cavernas eram bem ventiladas. Isso podia explicar por que havia tão pouca coisa indicada nos mapas das Hellers, se alguns habitantes viviam em cavernas. Mas as pessoas precisavam de mais do que apenas abrigo; precisavam de fogo, roupas, alimentos, um lugar para cultivá-los. Se houvesse muitas pessoas vivendo naquela área, haveria mais sinais do que se percebia. Ela não acreditava por um momento sequer na teoria de Lexie sobre uma cidade naquela região, tornada invisível aos observadores por uma tecnologia desconhecida. Podia haver algumas ermidas isoladas, com pessoas que se retiravam para aquele lugar com propósitos espirituais. Não uma grande população.

Havia duas cavernas intermediárias, uma com degraus que desciam para uma claridade difusa. Provavelmente a luz de tochas, em algum lugar, pensou Magda. Vira uma ocasião um levantamento geológico, indicando que havia vários vulcões ativos nas colinas Kilghard — o que seria óbvio de qualquer maneira, pela existência

de fontes quentes por toda a região. Devia haver vulcões inativos por ali também, mas ninguém viveria neles.

— Devíamos revistar essas cavernas — sussurrou Vanessa. — Pode haver depósitos de comida e roupas por aqui.

— Não podemos correr o risco — respondeu Cholayna, também num sussurro. Era surpreendente, pensou Magda, a maneira pela qual Cholayna, sem discussão, assumira a liderança. — Podemos tropeçar em todas elas, dormindo em algum canto. Precisamos sair daqui o mais depressa possível, sem muito peso para nos estorvar. Conseguiremos escapar, de alguma forma. Sem que ninguém nos veja, ou lutando para abrir caminho, se for necessário; não matem, a não ser que não haja alternativa.

Ela ajustou a manta que prendem nas costas, certificando-se de que poderia movimentar livremente os braços e pernas, fazendo Magda lembrar como enfrentara os salteadores na aldeia. Mais alguns passos e alcançaram a entrada posterior da caverna principal, ou pelo menos era o que Magda calculava, o vasto espaço em que falara com Lexie e Rafaella, sob o olhar vigilante de Acquilara. Ela olhou para o círculo de brasas dispersas do que fora outrora uma fogueira, e estremeceu, recordando que fora ali que a imobilizaram... drogaram-na, uma violação pior do que o estupro, afligindo o seu próprio eu...

— Fique firme. — Vanessa pôs a mão em seu ombro. — Calma, Lome. Você está bem agora.

Mas se Acquilara eslava certa, se me deram uma dose excessiva, de tal forma que me tornei permanentemente cega do laran... Posso viver sem isso. Camilla optou por viver sem isso. Ela lamentava o fato de que nunca poderia partilhar com Camilla o que partilhara com Jaelle, com seus companheiros na Torre, mas poderia aceitar isso, se fosse preciso. Camilla perdeu mais do que isso. Cautelosa, Magda correu os olhos pela imensa caverna.

À primeira vista, parecia vazia. Elas haviam se retirado para as cavernas mais profundas que deviam usar, para dormir ou para quaisquer rituais misteriosos com que ocupavam seu tempo. Quando não estão assassinando ou drogando pessoas. Não me importo se estão todas lá embaixo, copulando com demônios ou pássaros-

espíritos. Desejo que se divirtam. Desde que isso as mantenha ocupadas, enquanto saímos daqui!

— Mas deve haver guardas em algum lugar, quanto menos não seja na saída da caverna — sussurrou Vanessa. — Tomem cuidado! Pode dizer de que direção vem essa aragem, Magda?

Ela virou a cabeça de um lado para outro, tentando definir a direção. Agora o laran poderia ser bastante útil, embora a clarividência não fosse o seu talento mais destacado. Cholayna tocou em seu braço e apontou. Alguém dormia no chão, num lado da caverna, à luz das tochas. Um vulto de mulher, envolto por uma manta. Uma das feiticeiras de Acquilara. Uma guarda, no mínimo. Vanessa mantinha a faca pronta para entrar em ação. Começou a se inclinar, a mão preparada para o golpe, mas Cholayna sacudiu a cabeça. Vanessa deu de ombros e obedeceu. Magda identificara a corrente de ar. Hesitou por um momento; algumas cavernas assim, ela sabia, eram ventiladas por longas chaminés de rocha, e seguir naquela direção poderia levá-las a um labirinto intransponível. Mas tinham de arriscar alguma coisa. De qualquer forma, era mais provável que postassem uma guarda, mesmo que adormecida, na passagem que uma prisioneira teria de percorrer para alcançar o mundo exterior. Magda apontou. Uma a uma, elas passaram com todo o cuidado por cima do corpo adormecido da mulher. Mas se Magda esperava que a caverna seguinte levasse ao mundo exterior, com a intensa claridade do dia e a poucos passos da liberdade, estava fadada ao desapontamento, pois era uma câmara imensa, maior do que a anterior, totalmente vazia, e quase sem qualquer luz.

Capítulo Vinte e Nove

Elas poderiam vaguear por aquelas cavernas durante dias; só que a malta de Acquilara as descobriria, mais cedo ou mais tarde, provavelmente mais cedo, e teriam um fim rápido e terrível. Acquilara manifestara a intenção de usá-la, mas Magda não tinha a ilusão de que haveria qualquer clemência. Desta vez, não seria apenas drogada. Morte.

Vanessa avançava bem devagar pelas paredes, tateando cada palmo, com as mãos estendidas à frente, Ela escorregou, recuperou o equilíbrio, abaixou-se, apoiada num joelho, chamou as outras. Magda e Cholayna aproximaram-se na ponta dos pés. Vanessa tropeçara numa pilha de sacos, dois deles abertos.

Um continha frutas secas, o segundo uma espécie de cereal, painço, provavelmente destinado à ferragem dos animais de carga. A um gesto de Cholayna, elas encheram os bolsos com o conteúdo dos sacos. Podia significar, no frio intenso lá fora, a diferença mínima entre a vida e a morte. Além dos sacos empilhados, havia uma escada longa, subindo. Constataram que os degraus eram esculpidos em parte no calcário macio, complementados com pedras e cimento, alisados apenas o suficiente para que se pudesse subir sem cair. Os degraus estavam molhados, escorregadios e traiçoeiros, Magda hesitou antes de iniciar a subida.

— Acham que esta é a saída? Ou a escada vai dar em outras cavernas?

— Vamos descobrir primeiro.

Cholayna começou a tatear lentamente pelo resto do paredão da caverna. Magda tentou, automaticamente, projetar o laran, a fim de ver além do topo da escada, mas sentiu apenas uma dor vaga. Em seus... olhos? Não. Em seu coração? Não posso identificar o que está faltando, mas agora sou apenas a metade de uma pessoa. Ela tratou de banir o pensamento, forçou-se a continuar a inspeção das paredes úmidas. De volta à pilha de sacos, ela esbarrou gentilmente em Vanessa.

— Há uma porta grande no outro lado — murmurou Cholayna.
— Eu gostaria de sair daqui antes que aquela guarda desperte, e tenhamos de matá-la.

— Acho que a escada é o caminho para fora — argumentou Vanessa. — Posso sentir o ar soprando lá de cima.

— Não tenho tanta certeza assim. Pense um pouco, Vanessa. Elas conseguiriam nos carregar por essa escada sem que pelo menos uma de nós acordasse?

Cholayna parecia persuasiva, e Vanessa disse:

— Você é a chefe.

— Não. A situação é grave demais para isso. Você e Magda também têm muito em jogo. Magda, qual é o seu palpite?

Sombriamente, Magda lembrou a si mesma que Cholayna não tinha a menor idéia do quanto essa pergunta parecia angustiante em sua perda.

— Não tenho nenhum neste momento. Mas gostaria de dar uma olhada na tal porta, antes de subirmos.

— Pois então, apresse-se! — murmurou Cholayna, impaciente.

Magda começou a tatear pela caverna, em silêncio. Estava muito escuro. Ela mal conseguia divisar as mãos estendidas à sua frente. Vanessa murmurou alguma coisa e desapareceu na escuridão. Voltou depois de uma espera angustiante, trazendo uma das tochas.

— Tive de passar por cima da mulher. Esta tocha parecia em condições de durar mais do que as outras, mas não deve sobrar por muito tempo. Eu bem que gostaria de saber onde elas guardam as tochas que ainda vão usar.

— Isso é outro problema — murmurou Cholayna. — A menos que descubramos depressa a saída, vamos precisar de luz. Podemos, literalmente, vaguar por essas cavernas pelo resto de nossas vidas.

— Segure isto. — entregou a tocha a Cholayna e tornou a se afastar. Depois de outro longo momento, e de alguns sons insólitos, ela retornou, ofegante, com os braços cheios de tochas. Uma ou outra tinham a extremidade em brasa, mas as outras se encontravam completamente apagadas.

— Lamento ter demorado tanto — sussurrou ela. — Tive de arrancar as tochas das paredes, e agora é melhor nos apressarmos... um olhar para o lugar e qualquer uma saberá que passamos por lá. Vamos embora.

Cholayna inclinou-se e segurou-a pelo pulso.

— Foi uma boa idéia, Vanessa, mas quero que entenda bem uma coisa: a partir deste momento, ficamos juntas, não nos separamos mais. Entendido? Você pode conhecer montanhas, mas eu conheço alguma coisa sobre cavernas. Devemos permanecer juntas; melhor ainda, ficaremos em contato físico durante todo o tempo. Se uma de nós se perder ou se separar, não conseguiremos encontrá-la.

— Está bem — murmurou Vanessa. Magda tirou a tocha da mão de Cholayna.

— Não Vou sair de vista, mas quero subir um pouco para descobrir onde esses degraus levam. Não há sentido em todas subirmos se for apenas um tubo de ventilação ou desembocar em outra caverna.

— Duvido que seja apenas um tubo de ventilação, pois os degraus parecem usados demais — comentou Cholayna, abaixada para examinar as marcas.

Levantando a tocha à sua frente, Magda foi subindo devagar pelos degraus. Virou a cabeça e olhou para Cholayna, parada na base da tosca escada. Levava a uma câmara por cima, e havia claridade ali. Já a luz do dia? Magda ergueu a cabeça por cima da abertura, no mesmo instante recuou, instintivamente. Estendeu a tocha para trás, a fim de ocultar seu clarão. Pelo menos duas dúzias de mulheres dormiam naquela câmara; Magda avistou, no outro lado, os cabelos louros e crespos de Lexie Anders. Não viu Aquilara. Lentamente, ela foi descendo pelos degraus, estendendo cada pé com o maior cuidado. A mulher mais próxima do topo da escada abriu os olhos e fitou-a. Era Rafaella n'ha Doria.

Magda nunca soube como conseguiu reprimir um grito. Desceu apressada pelo resto da escada, e Vanessa, observando a retirada precipitada, sacou sua faca e se preparou para a luta. Mas nada aconteceu. Silêncio; nenhum clamor, nenhum despertar das legiões,

nada de hordas indignadas descendo pela escada, com armas em punho. Ela estava profundamente adormecida? Não me viu? Decidiu deixar-me escapar, pelo bem de Jaelle, ou porque já fomos amigas? E no instante seguinte Rafaella surgiu na escada, descendo furtivamente. Vanessa ergueu sua pequena faca, mas Rafaella gesticulou para que ela a guardasse, indicou que deveriam se afastar para uma distância segura da escada.

— Pode recolher a faca, Vanessa n’ha Yllana — murmurou ela.
— Se vocês vão sair daqui, também irei.

— Você conseguiu me enganar direitinho — sussurrou Magda.

— Não se iluda — disse Rafaella, em tom amargurado. — Não me converti à justiça de sua causa, ou qualquer coisa assim. Ainda acho que seria melhor para Jaelle trabalhar com elas, em vez de aderir às outras. Mas não me agrada o que fizeram com Lexie, não quero que façam a mesma coisa comigo.

— Por acaso conhece a saída?

— Acho que posso encontrá-la. Já entrei e saí duas vezes, desde a tempestade.

— Rafaella conduziu-as rapidamente pela abertura para outra câmara, coalhada de detritos. Fungos fosforescentes projetavam uma claridade fantasmagórica das paredes, a luz da tocha bruxeleava em gigantescas formações de calcário, pálidas e reluzentes como ossos, dispostas em camadas, de uma maneira maravilhosa.

— Tomem muito cuidado aqui. É bastante úmido e escorregadio, a água pinga por toda parte, mas pelo menos é abundante e pura, boa para beber.

Ela recolheu um pouco de água, com a mão em concha, de um regato que descia pela encosta, ao lado do caminho pelo qual subiam.

— Se ficarem perdidas de novo por aqui, lembrem-se de seguir o regato para cima. Se descerem, não vão mais parar de descer... só estive em três ou quatro níveis, mas elas garantem que há pelo menos mais dez níveis abaixo, alguns cheios de livros e artefatos antigos, de uma época remota... devem ter milhares de anos. Lexie desceu e viu algumas coisas, disse que era evidente que houve em

Darkover um período de alta tecnologia, embora não parecesse terráquea. O que a surpreendeu. Ela comentou que Darkover era uma colônia terráquea, mas o que se encontrava aqui era completamente diferente. Acuilara declarou que eram coisas de antes, que existiu toda uma civilização antes de os humanos colonizarem este mundo. Você é a especialista, Margali, essas coisas certamente vão interessá-la. Mãe Lauria também ficaria feliz se viesse aqui. Mas não é para mim.

Havia alguma claridade na extremidade daquela câmara, não a luz do dia, mas um brilho tênue, de alguma forma de qualidade diferente da luz de tocha. Todas puderam sentir uma lufada do frio terrível lá fora. Magda estremeceu, abotoou o casaco grosso, pôs as luvas. Vanessa ajeitou a manta nos ombros, como se fosse um casaco de montanhista. As quatro emparelhadas, avançaram furtivamente para a saída. Magda sempre jurou que não havia qualquer explicação natural para o que aconteceu em seguida. Vanessa garantiu que ela subiu por outro caminho, e nunca pararam de discutir a respeito. O fato é que Magda avistou um clarão azulado, um grito estridente e distante, como o de um falcão, e no instante seguinte Acuilara se encontrava na abertura, à frente delas.

— Estão nos deixando? Lamento, mas não posso abrir mão da companhia de vocês tão cedo.

Ela ergueu um braço, e Magda percebeu que havia guerreiras por toda a entrada da câmara. Arrancaram as tochas das mãos de Cholayna, derrubaram Vanessa, tiraram sua faca, depois carregaram-nas, junto com Magda e Rafaella, de volta à câmara da fogueira, onde todas as quatro foram amarradas.

— Tenho sido muito indulgente — disse Acuilara — mas não posso tolerar traidoras. Terranan...

Lexie adiantou-se entre a multidão, engrossada agora pelas mulheres que antes dormiam na câmara por cima, despertadas às pressas.

— Subestimei sua força e inteligência — acrescentou Acuilara, indicando Magda. — Depois que estiver aniquilada, poderemos encontrar um proveito para ela. Mas preciso dar um exemplo do que

acontece com aquelas que escarnecem de minha clemência. Esta aqui nos traiu.

Ela se aproximou de Rafaella, tirou a faca de seu cinto, entregando-a a Lexie.

— Prove que me é leal. Mate-a. Cholayna soltou um grito estridente:

— Lexie, não! — com brutal determinação, Acquilara desferiu um golpe com a base da mão na boca de Cholayna.

— Deveria ser você, sua aberração — disse ela. — Terranan, estou esperando.

Lexie baixou a faca.

— Ao diabo com seus testes de lealdade! Se precisa disso, ao diabo com você também!

Ela largou a faca no chão. Magda pensou que Acquilara ia golpear Alexis naquele instante; afinal, a terráquea a desafiara, envergonhara-a na presença de suas seguidoras. Acquilara ficou imóvel por um momento, e depois decidiu que era melhor salvar o que pudesse do incidente.

— Por que, Terranã?

— Ela conhece as estradas das montanhas. É competente. Será necessária para escoltá-las de volta a Thendara, quando chegar o momento; a esta altura, ela já saberá que é melhor não desafiar nem desobedecer. Matá-la seria um desperdício... e eu detesto o desperdício. Lexie falou friamente, sem a menor emoção.

— Agora ela está dizendo a verdade absoluta, ou existe alguma lealdade latente em Lexie? Afinal, elas viajaram juntas pelas montanhas, devem sentir alguma afeição e respeito uma pela outra, depois de partilharem uma experiência assim. Magda ansiou pelo contato do laran, que lhe permitiria saber com certeza.

Elas foram levadas de volta à caverna de onde haviam saído. Rafaella também foi arrastada, largada no chão, brutalmente. Todas tinham as mãos amarradas, e Acquilara ordenou que suas mulheres tirassem as botas das prisioneiras. Cholayna protestou:

— Nem mesmo nos disse que somos suas prisioneiras. E sem as botas, vamos congelar.

— Não, se permanecerem nestas cavernas, onde a temperatura, durante o ano inteiro, é suficiente para impedir o congelamento da água. Só se tentarem escapar é que sofrerão algum mal. Na verdade, eu deveria tirar todas as suas roupas.

Mas ela não cumpriu a ameaça; até deixou que ficassem com as mantas. Também colocou duas mulheres de guarda, armadas com facas e adagas, na entrada da câmara. Não ia subestimá-las outra vez, pensou Magda. Cholayna envolveu-se com a manta, usando os dedos dos pés, meio desajeitada, recomendou que as outras fizessem a mesma coisa.

— Precisamos nos manter aquecidas, permanecer tão fortes quanto for possível.

— Jaelle... elas não a mataram, não é? — indagou Rafaella, ajeitando-se na manta da melhor forma que podia, com as mãos amarradas.

— Até onde eu sei, ela conseguiu escapar, e espero que assim continue.

— Por Evanda, juro que eu também! Não gostaria que lhe acontecesse nenhum mal por todo o ferro nas forjas de Zandru! Acreditava sinceramente que encontraríamos...

— Rafaella fez uma pausa. — Não sabia que encontraríamos...
— Rafaella fez uma pausa. — Não sabia que a Terranan era tão sanguinária. Por um momento, pensei que Lexie ia realmente me matar.

— Eu esperava que não — murmurou Cholayna, com uma voz solene. — Não posso acreditar que ela seja capaz de algo assim.

— Não creio que fosse a isso que Lexie se referia ao falar numa cidade da sabedoria — comentou Rafaella. — Ainda assim, se pudéssemos alcançar os artefatos antigos sob as montanhas, tenho a impressão de que os terráqueos diriam que se trata de uma fortuna.

— Eu bem que gostaria de vê-los — disse Cholayna — mas prefiro sair daqui inteira. Não sei se conseguiremos efetuar outra tentativa de fuga. De qualquer maneira, devemos estar preparadas, se surgir alguma oportunidade.

Ela se contorceu pelo chão, a fim de se aproximar de Magda.

— Veja se consegue soltar minhas mãos, Magda. Vanessa, veja se pode fazer alguma coisa por Rafi.

— As guardas.

Magda lançou um olhar apreensivo para trás.

— Por que acha que sugeri que fizéssemos tanto movimento, envolvendo-nos com as mantas e assim por diante?

As guardas não prestarão a menor atenção agora se nos movimentarmos de forma discreta, comportando-nos como se ainda estivéssemos amarradas. Magda começou a afrouxar os nós, lentamente. Estavam firmes, levou muito tempo, mas ela não tinha mesmo outra coisa para fazer. Ao final, soltou a última corda, depois estendeu seus pulsos para que Cholayna os desamarrasse.

— Deve ser a luz do dia lá fora — disse Vanessa, esticando-se e fingindo que dormia, enquanto Rafaella lidava com um nó mais difícil.

Luz do dia. Se ela tivesse bom senso ou laran para não subir aquela escada, para deixar a caverna pela outra saída, poderiam agora estar a quilômetros de distância.

— Essa Acquilara... acham que ela é uma feiticeira poderosa? — indagou Rafaella.

— Não é grande coisa como telepata — respondeu Magda. — Não sei o que mais ela tem ou não tem, e neste momento não estou em condições de julgar.

— Laran!

A voz de Rafaella era desdenhosa, mas subitamente Magda compreendeu a razão irresistível por trás do seu ciúme. Não era preciso ter poderes psíquicos para perceber; desde a infância, Rafi soubera que Jelle nascera na poderosa casta do Comyn, que reinava sobre os Domínios, sobre Darkover, com seus poderes. Mesmo assim, Jelle escolhera a Casa da Guilda, em detrimento de sua herança Comyn, eliminando a enorme distância que de outra forma existiria entre as duas. Havia sido amigas, parceiras; até mesmo amantes, por um breve período da adolescência. E depois, Magda, que nem mesmo era darkovana e não deveria ter mais laran do que a própria Rafaella, surgira para se interpor entre as duas; e fora Magda, a alienígena, que atraía Jelle de volta a seu laran e

sua herança. Eu deveria ter tido imaginação suficiente para perceber isso antes.

— Com ou sem laran — disse Cholayna — de uma coisa tenho certeza sobre Acquilara: ela é uma psicopata. Qualquer coisa, por mais insignificante que seja, é capaz de inflamá-la, e pode se tornar perigosa.

— Não acha que ela já é perigosa agora? — indagou Vanessa.
— Uma mulher sã tentaria obrigar Lexie a matar Rafaella?

— Uma mulher sã poderia tentar, mas nunca se deixaria desviar de sua intenção com tanta facilidade — respondeu Cholayna.
— Tenho mais medo dela do que qualquer outra coisa até agora nesta viagem.

O dia, ou a noite, foi se arrastando; elas não tinham como registrar a passagem do tempo. Mas que importância isso tinha?, perguntou-se Magda. Era improvável que conseguissem escapar. Ou Acquilara as mataria, num acesso de frenesi psicótico, ou conseguiriam escapar para uma morte rápida de exposição ao frio, ou a morte lenta de inanição. Só lamentava que seu laran tivesse morrido antes dela. Gostaria de poder entrar em contato com Callista, Andrew, e especialmente com sua filha. A Torre Proibida lamentaria, sem saber jamais como morreria. Talvez fosse melhor que soubessem.

Ela especulou se não era uma questão ética típica das mulheres. Havia algumas, mesmo na Casa de Guilda, que diriam que ela não deveria, com suas responsabilidades familiares e uma filha para criar, ter se lançado numa missão perigosa. O QG terráqueo, pelo menos no serviço de informações, costumava reservar as missões assim para homens solteiros, sem família. Mas o serviço de informações era especial, um trabalho para voluntários. Nos serviços de mapeamento e exploração, ou pesquisa, por exemplo, o estado civil de um homem não afetava o que se esperava que fizesse, nem as missões de que era incumbido. Seria muito pior criar crianças sem mãe do que sem pai? Ela ansiava por Shaya, não sabia se algum dia tornaria a vê-la. Se Jaelle tivesse escapado, certamente haveria de cuidar de sua filha. Se Jaelle também fosse morta... bem, pelo menos as crianças estavam sãs e salvas.

— Tenho a impressão de que elas não vão se preocupar em nos mandar alguma coisa para comer — comentou Vanessa — mas ainda tenho nos bolsos as coisas que tiramos daqueles sacos. Tomem aqui...

Ela distribuiu os alimentos de mão em mão, sem que as guardas percebessem.

— É melhor comermos, a fim de mantermos as forças.

Magda mastigava uma passa quando aconteceu, um clarão, como uma luz intensa, explodindo em seu cérebro, depois a voz de Callista: ...como uma Alton, um dos seus talentos é a capacidade de falar com os cegos mentais... Era como se ela estivesse falando na câmara ao lado, mas com absoluta clareza. E depois ela desapareceu, nada a trazia de volta; Magda projetou-se, desesperada, tentando entrar em contato com Jaelle, Camilla, alcançar o mundo superior, e de lá a Torre Proibida... Mas sua mente ainda se achava dominada pelo insidioso poder inibidor do raivannin, e ela não tinha idéia de como a voz a alcançara.

Se ao menos eu pudesse rezar... Mas não acredito na oração. Não acreditava sequer na Deusa Avarra, pensou ela, embora tivesse visto o pensamento-forma da Irmandade. Tentou invocar essa imagem, a deusa pensativa com suas asas, os vultos em túnicas, povoar a mente com o chamado dos corvos, mas estava consciente de que era apenas uma imagem, mente e memória, nada como a certeza do contato com o laran.

Ela arriou em sua manta, mastigando angustiada a fruta seca, que rescendia, como tudo o mais naquelas cavernas, a fogo de estéreo. Levantando os olhos, Magda deparou com Camilla de pé à sua frente. Mas não a verdadeira Camilla. Podia ver a parede da caverna através do corpo, os olhos ardiam com um fogo sobrenatural. Os cabelos, no mundo real já grisalhos, pareciam vivos, ardendo com os reflexos do cobre mais brilhante. Não Camilla. Sua imagem no mundo superior. A cabeça de Magda, no entanto, ainda estava influenciada pela estranheza nebulosa do raivannin. Portanto, não estava vendo Camilla com seu laran. De alguma forma, Camilla a alcançara. E depois ela viu, de pé ao lado de Camilla — só que seus pés não encostavam no chão da caverna, e

uma estranha auréola escura a envolvia — a moça franzina e modesta que fora ao mosteiro para lhes falar.

Magda ouviu as palavras com os ouvidos. Não soavam dentro de sua cabeça.

— Tente não odiá-las — disse Kyntha, calmamente. — Isto não é uma recomendação espiritual, mas prática. O ódio proporciona a elas acesso à sua mente. Avise às outras.

E depois ela desapareceu, só Camilla continuava à sua frente. Bredhiya, murmurou ela, antes de desaparecer também.

Capítulo Trinta

Acontecera. Ela não podia usar seu laran para chamar Camilla; drogada com raivannin, estava com cegueira mental, insensível, inacessível. Jaelle, sozinha, sem ajudantes da Torre, achava-se praticamente impotente. E, assim, Camilla dera o salto, passara pela abertura que evitara durante toda a sua vida.

Magda sentia uma confusão além das palavras. Num nível, experimentava um sentimento de orgulho por Camilla, que conseguira superar o temor e a aversão ao potencial por tanto tempo reprimido. Em outro nível, havia uma humilhação profunda por Camilla ter feito aquilo para salvá-la, depois de tantos anos de negativa, de rejeição. E num terceiro, sentia uma angústia que era quase desespero. Camilla nunca teria feito isso, exceto por mim. Teria sido melhor morrer do que lhe impor uma coisa assim. Ela estava tão envolvida por uma mistura de alegria e pesar pela amiga que por um momento não compreendeu o que aquilo significava. Camilla a encontrara, através do laran. Isso significava que, de um jeito ou de outro o socorro estava agora a caminho, e deviam se preparar. Magda rastejou para junto de Cholayna e sussurrou:

— Elas nos encontraram. Você viu Camilla?

— Eu... o quê?

— Eu a vi. Ela me apareceu. Não, Cholayna, não foi uma alucinação. Também vi Kyntha. Já que eu não podia procurá-la, ela veio à minha procura, o que significa uma tentativa de resgate. Devemos estar preparadas.

Vanessa escutou com uma sobrancelha alteada, numa expressão cética.

— Ah, os mecanismos de defesa psicológicos! Desconfio que você perdeu o juízo temporariamente, Lome, o que não é de admirar... sendo obrigada a tomar estranhas drogas, sem o menor motivo...

— Você não está neste planeta há tanto tempo quanto eu — interveio Cholayna. -Essas coisas acontecem e não constituem uma

ilusão, Vanessa. Não vi coisa alguma. Nem esperava. Mas não duvido que Lome tenha visto, e devemos estar preparadas.

— Elas não vão conseguir nos tirar daqui sem luta — disse Vanessa. — E não iremos longe sem as botas.

Rafaella, que estivera cochilando, sentou de repente, ouviu a boa notícia.

— E Jaelle? — indagou ela. — Como está Jaelle? Algum aviso? Magda disse, secamente:

— Não vai tentar persuadi-la desta vez que a malta de Acquilara pode ser mais útil a longo prazo? Mudou de idéia sobre o tipo de respeitáveis cidadãs que enfrentamos?

Rafaella ficou pálida.

— Mas que diabo, Margali! Não é de admirar que eu não quisesse você envolvida. Sempre torce a faca, não é? E é claro que jamais comete erros, está sempre certa, absoluta e presunçosamente certa. Todas as pessoas se impressionam com você porque nunca faz nada errado... algum dia Jaelle perceberá o que você está fazendo com ela, o que faz com todas as pessoas pelas quais diz se preocupar, e torcerá seu pescoço... e só espero estar presente para aplaudir!

Ela virou as costas a Magda, comprimiu o rosto na manta. Seu corpo tremia, e Magda compreendeu que ela chorava. Por um momento, Magda ficou quase chocada demais para respirar. Rafaella e eu já discutimos antes, mas sempre pensei que ela ainda era minha amiga. É assim mesmo que eu sou? É assim que as pessoas me vêem. Vanessa ouvira; mais do que isso, percebera a reação de Magda. Ela inclinou-se e sussurrou para Magda, numa voz que não podia ser ouvida dois palmos além:

— Não se preocupe. Ela sempre se acalma, mais cedo ou mais tarde. E não se esqueça de que, no final das contas, o julgamento de Rafaella sobre as pessoas não é dos melhores. Ela apostou em Anders e perdeu. É como se tudo fosse culpa minha, por Lexie Anders ter feito o que fez, por Rafaella tê-la seguido.

Magda recordou o que Kyntha dissera. Tente não odiar. Sua mente ainda se encontrava enevoada, mas sabia que não odiava Rafaella. Estou apenas zangada com ela. É diferente. Lexie? Era

mais difícil. Por mais que tentasse, não podia eximir Lexie da culpa por aquela terrível expedição.

— O que foi? — sussurrou Cholayna.

Magda lembrou o que Kyntha acrescentara: Avise às outras. — Estou tentando não odiar Lexie.

Ela repetiu a exortação de Kyntha. Seus sentimentos em relação a Rafaella eram apenas de sua conta, não podia partilhá-los com Cholayna; mas o caso de Lexie era diferente.

— Pode deixar o ódio comigo — disse Vanessa, implacável. — Ela chegou tão perto de matar a todas nós...

— Mas não matou Rafaella — argumentou Cholayna. — Nem mesmo quando tinha uma faca na mão, e toda uma audiência ao redor para aplaudi-la.

Rafaella levantou a cabeça da manta.

— Eu sabia que ela não faria isso. Conheço Lexie muito bem a esta altura. Ela nunca teria me matado.

Parecia até que estavam sentadas na sala de música da Casa da Guilda, discutindo um detalhe da sessão de treinamento das jovens Renunciantes, pensou Magda, enquanto Rafaella acrescentava:

— Também não teria matado Margali, nem mesmo quando lhe apontou aquela arma. Se ela é capaz de perdoar Alexis desse jeito, como eu posso continuar a odiá-la? Como posso continuar zangada com Rafi? Já brigamos antes. Apesar disso, ela sempre me defendeu, como fez agora por Lexie. Magda sentiu um súbito desejo de abraçar Rafaella, mas sabia que a outra ainda estava zangada com ela. E tinha esse direito. O que eu disse foi horrível, nas circunstâncias. Mas se ela pode perdoar Lexie, então devo ser capaz de parar de odiá-la. Magda lembrou a si mesma o melhor de Lexie, explicando o trabalho de levantamento topográfico às moças na Sociedade da Ponte; Lexie na escola de treinamento em Alfa, partilhando sua experiência com as alunas mais novas; Lexie, regredindo a seus primeiros anos... uma menina loura, da idade de Cleindori. Andei de mãos dadas com ela, como uma irmã caçula... Magda procurou a simpatia que sentia por Lexie na ocasião. Não sei se adiantará alguma coisa. Mas estou tentando.

— Posso dar um jeito de não odiar Lexie, se for necessário — comentou Vanessa, sombriamente. — Mas não me peçam para deixar de odiar a tal de Acquilara. Seria levar a boa vontade longe demais. Ela teria nos matado...

— Mas o fato é que não nos matou — interveio Cholayna. — Até nos deixou as mantas. “Quem faz o bem, tendo o poder infinito de fazer o mal, deve merecer o crédito não apenas pelo bem que pratica, mas também pelo mal de que se abstém.”

— Quem você está citando?

— Não me lembro... algo que li quando era estudante — murmurou Cholayna. — Também não devemos esquecer que a mulher é psicótica, não pode se controlar.

— Nunca acreditei na redução da responsabilidade — disse Vanessa, franzindo o rosto.

Magda especulou: isso eximia de alguma forma Acquilara, que era no mínimo culpada de procurar o poder por todos os meios possíveis? Jaelle definira isso como o mal. Ela não sabia.

— Escutem! — disse Cholayna abruptamente, levantando a cabeça. — O que está acontecendo?

Havia muita movimentação na outra extremidade da caverna, mulheres entravam e saíam correndo. Alexis Anders aproximou-se de uma das guardas; falaram em tom de urgência por um momento. Depois, as guardas aproximaram-se das prisioneiras.

Estenderam quatro pares de botas.

— Calcem logo! E depressa, ou será pior para vocês!

— O que vão fazer com a gente? — indagou Vanessa.

— Nada de perguntas — disse uma delas. Mas a outra já começara a responder:

— Vão ser transferidas. Apressem-se.

Elas calçaram as botas, com medo de que as guardas perdessem a paciência e as obrigassem a andar só de meias. As guardas obrigaram-nas a levantar, cutucando-as com varas compridas, ordenando que se adiantassem. Cholayna encontrou uma oportunidade de sussurrar para Magda e Vanessa.

— Se você está certa sobre a possibilidade de Camilla organizar uma operação de resgate, pode ser isso. Fiquem alertas e

aproveitem qualquer oportunidade de lutar para escapar.

Magda tentou se orientar — em que direção estava sendo levada naquele labirinto? A escuridão deixava-a nervosa, sem qualquer iluminação além das tochas fumegantes, projetando imagens tremeluzentes nas superfícies irregulares das paredes. Alguma coisa presa na meia, dentro da bota, machucava seu pé. Ela reconheceu a escada escorregadia pela qual haviam tentado escapar. Cholayna respirava com dificuldade. Afinal, não fazia tanto tempo assim que ela saía da cama, depois da pneumonia. Rafaella enlaçou-a bruscamente pela cintura.

— Apóie-se em mim, Anciã.

O termo respeitoso da Casa da Guilda soou estranhamente ali. Vanessa esbarrou em Magda, por trás. Magda sentiu a respiração da mulher mais jovem em seu pescoço, enquanto Vanessa sussurrava às pressas:

— Tentarei arrancar o atordoador de Lexie. O que pode até diminuir as chances contra nós.

O primeiro impulso de Magda foi protestar — vivera por bastante tempo como uma darkovana para se sentir consternada com qualquer arma que tivesse um alcance além da extensão do braço. Além disso, a lei terráquea proibia armas de alta tecnologia em planetas de tecnologia incipiente. Mas Alexis Anders já usara a arma ali, pelo menos exibindo-a como uma ameaça. E estavam em inferioridade numérica, quatro ou cinco contra quarenta ou mais. Além disso — o persuasivo final — ela tinha certeza de que seu protesto não dissuadiria Vanessa. Magda murmurou em resposta:

— Chame-me para testemunhar na corte marcial quando voltarmos.

Mas a princípio, quando foram conduzidas para um canto da câmara superior, ela não avistou Lexie. Podia ouvir gritos, muito barulho e confusão lá embaixo, mas estavam no escuro ali, iluminadas apenas por uma tocha na parede, despreendendo uma fumaça sufocante, e outra na mão de uma velha, encostada na parede da caverna. Houve então um reunir, que parecia o som de metal contra metal, e Magda viu uma porção de mulheres agrupando-se no topo da escada. Não podia observar o que estava

acontecendo. A Irmandade não mata. Essa era a única coisa que constava de todas as lendas, como Jaelle e Camilla haviam dito. Lutariam para salvar algumas mulheres?

Alguém gritou na escada. Houve um novo clarão, de mais tochas sendo acesas, e à sua claridade Magda avistou Camilla no alto da escada, lutando. Estava na hora de agir. Magda correu para uma das guardas; empurrou-a com tanta força que a mulher caiu por cima dela, enquanto arrancava a espada de seu cinto. A mulher tentou se levantar, mas Magda derrubou-a de novo, com um pontapé que aprendera em outro mundo. Seu violento impulso fez com que girasse, e percebeu que Cholayna e Rafaella tentavam seguir seu exemplo, mas não teve tempo para descobrir o que acontecia. Correu na direção de Camilla, gritando. Onde estava Jaelle? Nas sombras projetadas pela tochas, era quase impossível distinguir amiga de inimiga.

Camilla agarrou-a pela mão, puxou-a escada abaixo, correram juntas. Alguém na frente delas, e Magda acertou-a com um golpe da quina da mão. Correram por cima da mulher. Camilla gritou, numa voz retumbante, que ressoou pelas cavernas:

— Comhi'letizii! Aqui! Pegue aqui!

Alguém se adiantou e agarrou Magda; ela quase desferiu um golpe antes de perceber que era Jaelle, um gorro pontudo sobre os cabelos reluzentes.

— Elas estão aqui! — balbuciou Magda, ofegante. — Rafi e Lexie! Rafi está bem, do nosso lado. Lexie tem um atordoador. Tomem cuidado. Acho que ela seria capaz de usá-lo.

As mulheres de Acquilara desciam pela escada. Magda ouviu Vanessa gritar e virou-se. Lexie empunhava o atordoador e o apontava para o rosto de Cholayna, numa ameaça silenciosa. O pé de Cholayna ergueu-se num golpe de vaido e o atordoador saiu voando, passando por cima de suas cabeças, como uma bola arremessada. Magda correu em sua direção, escorregando, conseguiu pegá-lo antes que Acquilara se apoderasse. Acquilara tinha uma faca; Magda arrancou-a de sua mão com um chute.

Uma mulher com uma horrível cicatriz, estendendo-se pela metade do rosto, atracou-se com Magda. com chutes e socos,

Magda repeliu-a, conseguiu meter o atordoador dentro de sua túnica. Era gelado contra sua pele, e Magda experimentou o súbito pavor de que Lexie tivesse puxado a trava de segurança e a arma pudesse disparar. Onde estava Lexie? Freneticamente, Magda procurou-a à luz bruxuleante das tochas, onde as mulheres se agrupavam, lutando e gritando. Cholayna! Onde estava Cholayna? Magda teve de abrir caminho entre as mulheres para encontrá-la. Cholayna estava caída no chão, e por um momento assustador, vendo Alexis Anders de pé ao lado, Magda pensou que Lexie a golpearia. Mas a respiração ofegante de Cholayna podia ser ouvida por metade da caverna. Ela fez um esforço para se levantar, e Magda compreendeu a situação. Cholayna não estava aclimatada à altitude, e lutara como uma mulher com a metade de sua idade. Lexie estava desarmada.

O atordoador está comigo! E ela não foi preparada para o trabalho de campo aqui... recebeu o treinamento de combate desarmado, mas contra uma faca... Desarmada, Lexie mantinha à distância duas mulheres, que tentavam liquidar Cholayna. Magda avançou pela multidão, desesperada. Rafaella estava certa... Vanessa segurou Cholayna, ajudando-a a levantar. As três recuaram, lentamente, na direção da luz do dia, que se podia avistar, à beira da enorme câmara. As mulheres armadas com facas desfecharam um ataque final, e Lexie caiu, numa confusão de corpos engalfinhados.

Magda lutou para se aproximar delas, viu Camilla se erguer, repelindo diversas atacantes. Vanessa arrastava Cholayna, ofegante, apoiada em seu braço. O sangue escorria pelo rosto de Camilla, de um corte na testa. Lexie Anders estava imóvel no chão da caverna, e por um momento Magda pensou que ela morreria. Mas depois ela se mexeu, Vanessa inclinou-se e segurou-a. Lexie fez um tremendo esforço para ficar de pé, apoiando-se no braço de Vanessa, atordoada. Ela não deixaria que matassem Cholayna, eu sabia. Será que seu ferimento é grave?

A garganta de Magda doía, e ela parou por um momento, recuperando o fôlego. Depois, correu pela grande câmara para o lugar em que Cholayna e Camilla se refugiaram, com Vanessa amparando Lexie. Magda pôde ver agora a enorme mancha de

sangue nas costas da túnica de Lexie. O ferimento parecia bastante grave. Elas estavam numa tremenda inferioridade numérica. Rafaella e Jaelle estavam de costas uma para a outra, tentando conter o avanço ameaçador das mulheres de Acquilara, todas armadas com facas, dando a impressão de que não hesitariam em usá-las.

No momento, elas se encontravam recuadas, mas a qualquer momento poderiam atacar de novo. O corte na testa de Camilla despejava sangue sobre os olhos, transformando seu rosto numa máscara sangrenta. Magda lembrou a si mesma que todos os ferimentos na cabeça, até os menores, sangravam assim, e que se fosse grave, Camilla não continuaria de pé. Apesar disso, a visão deixou-a aterrorizada, e correu para se juntar às companheiras. Ali, podiam divisar vagamente a luz do dia na entrada da caverna, mas antes que pudessem alcançá-la, teriam de enfrentar dezenas de mulheres armadas com facas. A respiração de Cholayna ainda era tão difícil que Magda se perguntou como ela conseguia permanecer de pé. Vanessa, claudicando, amparava Lexie, meio inconsciente.

E de repente, como se surgissem do nada, num súbito clarão — luz de tochas? Não, era brilhante demais — meia dúzia de mulheres estranhas, extremamente altas, em túnicas de um azul bem escuro, estavam na caverna. Empunhavam enormes espadas curvas, com lâminas reluzentes. Magda, que realizara um estudo sobre armas nunca vira espadas assim em qualquer lugar de Darkover, espadas que faiscavam com uma luz sobrenatural. As mulheres de Acquilara recuaram. Uma ou outra ainda teve coragem de investir contra o clarão daquelas espadas iluminadas, que Magda sabia que não podiam ser reais, mas logo recuaram também, apavoradas, gritando como se estivessem mortalmente feridas. Só que Magda não avistou sangue em parte alguma. Seria tudo uma ilusão? Foi nesse instante que uma voz familiar disse:

— Depressa! Por aqui!

Alguém pôs a mão no ombro de Magda, empurrando-a na direção da abertura da câmara. Ao sair para a luz do dia, Magda encolheu-se ao frio paralisante, com rajadas de vento, mas Kyntha insistiu em seu ouvido:

— Depressa! As guerreiras são uma ilusão; não poderão contê-las por muito tempo!

Ela conduziu Magda pelo que parecia ser uma trilha oculta, entre o paredão do penhasco e as cavernas. Um rápido olhar para trás revelou a Magda que todas as suas companheiras se achavam reunidas naquela passagem, Camilla ainda tentando remover o sangue dos olhos. Magda voltou apressada para ajudá-la, desvencilhando-se da mão de Kyntha em seu cotovelo.

O vento fustigava-a, empurrando-a para a beira do penhasco, ela tropeçou e escorregou; recuperou o equilíbrio, apavorada, comprimindo-se contra o paredão rochoso. Camilla estava bem. E Jaelle? A respiração de Cholayna, ofegante e rouca, podia ser ouvida acima dos gritos que partiam do interior das cavernas. Vanessa mancava. Duas das mulheres altas cobriam a retaguarda. Mas onde estava Jaelle! Magda viu-a agora, por trás das guerreiras. Ilusão? Como era possível? Ela se encaminhou apressada para sua companheira livre. Subitamente, houve um terrível clarão de luz pálida, como raios ultravioletas, e Acquilara surgiu por trás delas. Empunhava uma adaga, e acertou Vanessa, que vinha na retaguarda. Uma das mulheres altas, na túnica azul, ali estava, com sua espada ardente, mas Acquilara fez um estranho gesto de repulsa, e a guerreira explodiu em luz azul.

Jaelle atacou Acquilara, com sua espada estendida. Magda começou a correr na direção de sua companheira livre, com a espada na mão. A trilha era estreita, mas ela passou rápido pelas outras, indiferente ao perigo. Acquilara apontou. Outra guerreira — ilusão! — ardeu horrivelmente em luz azul e desapareceu. Magda tentou atacar Acquilara. — Não! Não — Magda nunca soube se Jaelle gritou as palavras em voz alta ou não. — Eu posso contê-la! Tire as outras daqui! E Jaelle avançou para Acquilara com sua faca. Acquilara aparou o golpe com sua faca comprida, e Jaelle levantou o braço, numa posição defensiva. Sua manta estava coberta de sangue. No instante seguinte, a feiticeira levantou sua faca, e Magda se adiantou... E parou, nauseada e tonta de terror, à beira do penhasco. A faca de Jaelle entrou no peito de Acquilara. A feiticeira soltou um uivo de raiva, um grito estridente, frenético, agonizante,

saltou para a frente, os braços envolvendo o pescoço de Jaelle. E as duas cambalearam juntas, devagar, bem devagar, com a terrível inevitabilidade de uma avalanche, na direção da beira do penhasco, escorregaram e caíram. Magda soltou um grito, correu para a beira do penhasco; o braço forte de Camilla puxou-a para trás, enquanto cambaleava, berrando, prestes a despencar.

Lá de baixo veio um estrondo, uma tremenda explosão, como o fim do mundo, e mil toneladas de rocha e gelo desprenderam-se da encosta, deslizando ruidosamente para sepultar as duas.

O grito de horror e desolação de Camilla ecoou o de Magda. Mas mesmo enquanto Magda ainda ouvia o estrondo da avalanche, Kyntha tratou de afastá-las.

— Venham! Depressa!

Magda ainda se virou para o lugar em que Jaelle caíra, mas Camilla gritou-lhes:

— Não! Venha logo! Não faça um sacrifício inútil! Pelas crianças... pelas duas crianças... bredhiya, ...

Mas já era evidente que a luta terminara. com Acuilara morta, o resto de seu grupo se dispersou, largando as armas, gritando em pavor, como se fosse um formigueiro destruído. As guerreiras fantasmas pairavam por cima delas, triunfantes. Cholayna caíra de joelhos, ofegando, incapaz de respirar. Magda olhou para todas, atordoada. Jaelle, Jaelle... A luta acabara, só que tarde demais. Que diferença faria se todas tivessem morrido? Foi covardia minha. Não tive coragem de enfrentar o penhasco. Poderia tê-la salvado...

Magda sentia-se tão atordoada que nem podia chorar. Mas ao sopro gelado do vento, o último som que ela esperava ouvir arrancou-a do desespero. Em todos estes anos, desde que a conheceu, Magda nunca ouvira Camilla chorar.

Capítulo Trinta e Um

Os olhos de Camilla estavam inchados, quase fechados, das lágrimas desacostumadas. Ela se recusara a deixar que a velha cega, Rakhaila, cuidasse de seus ferimentos, o corte na testa, o golpe profundo que quase decepara o sexto dedo de sua mão direita.

Magda sentou ao seu lado, na câmara superior do refúgio de Avarra, no topo do penhasco, para onde Kyntha as levara, depois de concluída a batalha. Durante toda a subida no cesto, Magda forçara-se, como uma autopunição, a olhar para baixo, pelo abismo vertiginoso. Tarde demais. Tarde demais para Jaelle. Menos de uma hora depois que a luta acabara, ela sentira que o torpor a deixava; o efeito do raivannin começava a passar, o laran ressurgia. Agora, abraçando Camilla, ela sentiu uma dor redobrada, a sua própria angústia e também a de Camilla. Ansiara por muitos anos pela oportunidade de partilhar isso com Camilla; e agora era apenas perda e sofrimento que podiam partilhar.

— Por que não podia ter sido eu? — Magda não teve certeza, outra vez, se as palavras de Camilla foram ou não pronunciadas em voz alta. — Ela era jovem demais. Tinha tudo por que viver, uma criança, havia tantas pessoas que a amavam... você pelo menos tentou salvá-la, mas eu não pude nem mesmo ver...

Camilla bateu com a mão, furiosa, no talho na testa, uma horrível confusão de cabelos emaranhados e sangue coagulado.

— Não, Camilla... sinceramente, bredhiya, você não tem motivos para se censurar. Foi minha... minha covardia...

Mais uma vez, em desespero, Magda reviveu o momento em que parará, apavorada com o precipício. Poderia ter salvado Jaelle se não hesitasse naquele instante? Ela nunca saberia. Pelo resto de sua vida, haveria de se atormentar em pesadelos, com aquela recordação. Mas se ou não... Magda forçou a mente a se afastar da própria angústia. Era tarde demais para Jaelle, nada do que ela fizesse agora poderia mudar isso, mas Camilla ainda vivia, e parecia que o sofrimento de Camilla era maior do que o seu.

— Kima, bredhiya, amor, deve deixar que eu cuide de você.

Magda foi buscar água quente na chaleira sobre o fogo, limpou o sangue coagulado, deixando à mostra um corte horrível, mas não perigoso.

— Precisa de pontos — disse ela. — Mas eu não posso cuidar disso, e acho que Cholayna também não. Pelo menos não neste momento.

— Ora, amor, deixe como está — murmurou Camilla. — Que diferença faz mais uma cicatriz?

Passiva, indiferente, ela deixou que Magda enfaixasse sua mão ferida.

— Eu nem mesmo sabia que haviam seqüestrado vocês... Acuilara e sua malta... foi a cega, imagine só, quem insistiu que voltássemos, para descobrir que tinham desaparecido. E Jaelle...

A garganta de Camilla se contraiu, o desespero ameaçou dominá-la outra vez, mas ela conseguiu continuar:

— Jaelle... tentou localizar você com o laran, só que não era bastante forte, não foi capaz. E ela...

Camilla baixou a cabeça cheia de cicatrizes para as mãos, tornou a chorar, enquanto Magda ouvia em sua mente todos os ruídos da cena angustiante. Jaelle, gritando, suplicando...

— Eu não posso, Camilla. Não sou bastante forte. Só você pode encontrá-las. Elas podem estar em qualquer lugar destas montanhas, vivas ou mortas, e se não as encontrarmos depressa, logo estarão passando fome, congelando, morrendo... Não sou uma leronis...

— Vai se apegar a essa última mentira para si mesma, até que estejam todas mortas? Não há limite para seu egoísmo, Camilla? Por mim, não me importo, mas Magda... Magda a ama, ama a você mais do que a qualquer outra pessoa viva, mais do que ao pai de sua filha, mais do que à sua companheira livre...

Ao ouvir essas palavras em sua mente, Magda sentiu que também seria invadida de novo pelo choro. Seria verdade? Jaelle teria morrido acreditando que Magda a amava menos?

No instante seguinte, determinada, Magda forçou-se a abandonar essa angustiante linha de pensamento. Disse a si mesma, com firmeza: Ou Shaya sabe melhor agora, ou se encontra em

algun lugar em que isso não faz diferença para ela. Está além do meu alcance. Por mais desesperador que fosse, não podia fazer mais nada por Jaelle. Assim, concentrou-se de novo em Camilla.

— Portanto, ela a persuadiu... e você veio à minha procura! Mas de onde veio Kyntha?

— Não sei. Jaelle... — Camilla engoliu em seco, antes de continuar, resoluta: — Jaelle me disse: Sou uma telepata catalisadora. Pessoalmente, tenho pouca habilidade, mas posso despertar o dom em outras pessoas. Ela fez contato comigo, foi como se... como se um véu caísse de mim. Vi você, e sabia... e partimos para salvá-las.

— Ela salvou a todas nós.

Mas não a si mesma. Magda sabia que jamais deixaria de lamentar; e Camilla também não. Mal começara a sentir a dor que voltaria a atormentá-la nas horas mais inesperadas, pelo resto de sua vida, mas por enquanto devia pô-la de lado. Ao pensar em Jaelle agora, via a Jaelle que sempre lembraria, os cabelos esvoaçando ao vento das alturas, virando-se para dizer “Não quero voltar”.

Magda partilhou a imagem com Camilla, murmurando:

— Ela me disse isso. Não queria voltar. Acho que sabia... sabia que sua vida se aproximava do fim... Já fizera tudo o que queria fazer.

— Mas eu teria o maior prazer em morrer no lugar dela... balbuciou Camilla, soluçando.

Rafaella pôs a mão no ombro da amiga.

— Eu também, Camilla. A Deusa sabe... se existe uma Deusa... Ela também esteve chorando; abaixou-se e abraçou Camilla, apertando-a com toda força.

Kyntha estava de pé ao lado delas. Sua voz era compadecida, mas incisiva, como sempre:

— Foi preparada comida para vocês. E os ferimentos de suas companheiras já foram cuidados.

Ela inclinou-se para examinar a testa de Camilla.

— Se quiser, posso dar os pontos necessários.

— Não há necessidade.

Exausta, Camilla levantou-se e seguiu Kyntha para a extremidade do cômodo, perto da lareira. Magda ficou um pouco para trás, olhando para Kyntha, curiosa, antes de dizer:

— Você não fala o dialeto das montanhas usado por estas mulheres. De onde veio?

Kyntha parecia um pouco triste.

— Posso falar, quando devo, e aqui procuro sempre me lembrar de fazê-lo mas sou... ainda jovem e imperfeita. Fui criada nas planícies de Valeron, e servi por cinco anos na Torre de Neskaya, antes de encontrar um serviço mais significativo, terráquea.

— Então você sabe?

— Não sou cega; conheço Ferrika, e Marisela era minha irmã de juramento no serviço de Avarra. Houve um tempo em que também pensei em cortar os cabelos e prestar o juramento de uma Renunciante. Acha que saímos de fendas misteriosas do mundo inferior? Venha tomar um pouco de sopa.

Uma das mulheres pôs uma caneca na mão de Magda. Ela pensou: Como posso comer, com Jaelle... Mas forçou-se a tomar a sopa, que era suculenta, engrossada com feijão e uma coisa que parecia cevada. Sentiu que derretia um pouco a massa gelada em seu coração.

Uma das atendentes envoltas por xales, que ela vira na estada anterior naquele lugar, estava ajoelhada ao lado de Vanessa, tornando a enfaixar sua perna ferida. Rafaella parecia ilesa, embora Magda a tivesse visto no meio do combate, e seu manto grosso estivesse todo cortado. Cholayna estava deitada, apoiada em almofadas. Magda foi se ajoelhar ao seu lado. Cholayna estendeu-lhe a mão.

— Estou bem, mas... lamento profundamente por Jaelle. Eu a amava também, você sabe disso...

Os olhos de Magda ficaram marejados de lágrimas.

— Claro que sei. Todas nós a amávamos. Vou buscar sopa para você.

Era tudo o que ela podia fazer. Olhou para Lexie, estendida num leito de capotes e mantas extras, ainda inconsciente.

— Ela está...

— Não sei. Fizeram tudo o que podiam por ela, como disseram.
— A voz de Cholayna era tensa. — Você viu? Elas... aquelas mulheres... eu estava caída, elas me chutavam até a morte. Lexie salvou-me. E foi nesse momento que a esfaquearam.

— Eu vi.

Rafaella estava certa em relação a Lexie. Magda ajoelhou-se e contemplou a mulher mais jovem, pálida, como uma criança doente, os cabelos espalhados em torno do pescoço infantil. Seus olhos estavam fechados, a respiração era entrecortada.

Rafaella veio se postar atrás de Magda. Sussurrou, quase inaudível, como se fosse uma oração:

— Não morra, Lexie, não morra... já há coisa demais morrendo. — Olhando para Magda, ela acrescentou, num tom de desafio: — Você nunca a conheceu. Ela era... uma boa amiga, uma excelente companheira de viagem. Lutou como um galo-das-montanhas para passarmos pelo passo do Corvo depois do desmoronamento. Nunca pensei em lhe pedir isso, mas você é... é uma leronis. Pode salvá-la?

Magda olhou para Alexis Anders. Já houvera mortes demais. Projetou-se para a mente de Lexie, tentando alcançar a criança que sentira ali por um momento, forçando gentilmente, em busca do contato...

Os olhos de Lexie se abriram, ela virou um pouco a cabeça, a respiração saindo rouca da garganta. No fundo de sua mente, Magda registrou: Pulmões perfurados. Duvido que ale Damon e Callista, com a ajuda de Dama Hillary, pudessem curar isto. Mas ela sabia que devia tentar. Os olhos de Lexie se tornaram conscientes por um instantes, e ela balbuciou:

— Pelo fogo do inferno! Você de novo, Lome?

Lexie fechou os olhos, deliberadamente, virou a cabeça.

— Não posso alcançá-la — sussurrou Magda, sabendo que era a verdade. — Não sou mágica, Rafaella. Isso está muito além dos meus poderes.

Por um momento, os olhos de Rafaella encontraram-se com os seus, reconhecendo a verdade do que Magda dizia. Depois, ainda com uma atitude de desafio, ela virou-se e afastou-se. Magda não

vira antes, mas a velha sacerdotisa anônima estava sentada ali, envolta pelos xales, o rosto enrugado e desdentado contemplando a todas, em silêncio. Rafaella foi se ajoelhar na sua frente e disse:

— Eu lhe suplico. Você pode curá-la. Ajude-a, por favor. Não a deixe morrer.

— Nada pode ser feito — respondeu a velha, a voz gentil, mas desligada.

— Não pode deixar que ela morra sem fazer nada...

— Você não acredita na morte, irmãzinha? Acontece a todo instante; o tempo dela apenas chega mais cedo do que o nosso, não mais do que isso.

A velha apalpou o assento ao seu lado, quase, pensou Magda, como se convidasse um cachorrinho a se enroscar ali. Rafaella, atordoada, arriou no lugar indicado.

— A que está morrendo escolheu sua morte. Escolheu uma boa morte, salvando a amiga de morrer antes de seu tempo...

Cholayna virou-se, como se tivesse levado um choque, e gritou:

— Como pode dizer isso? Ela era tão jovem, só pode estar morrendo antes de seu tempo, enquanto eu sou velha, mas continuo viva, e você me ajudou...

— Esta na sua frente não sabe de tudo — disse a velha sacerdotisa. — Mas aquela que está morrendo ali escolheu sua morte, quando se aliou, mesmo que apenas por um momento, ao mal.

— Mas ela voltou atrás! e me salvou! — Cholayna teve um acesso de tosse, quase sufocou, enquanto as lágrimas escorriam pelo rosto. — Como pode dizer que ela era má?

— Não era. Mas é melhor morrer repelindo o mal, do que morrer com o mal — insistiu a velha. — Descanse, filha. Sua doença não precisa de lágrimas e gritos. O tempo dela chegou; o seu tempo também virá, assim como o meu, mas não hoje ou amanhã.

— Não é justo! — berrou Rafaella, em desespero. — Jaelle morreu salvando a todas nós; Lexie tentou salvar Cholayna. E elas morreram, enquanto nós continuamos vivas... qualquer uma de nós merecia a morte mais do que Jaelle; elas mereciam viver...

A velha sacerdotisa murmurou:

— Ah, você pensa que a morte é a punição para os erros cometidos, e a vida a recompensa pelo bem, como uma bala para uma boa criança, e uma palmada para a que não se comporta. É uma criança, pequena, e não pode ouvir a sabedoria. Descansem todas vocês, irmãzinhas. Há muito para dizer, mas vocês não podem ouvir, em seu desespero.

Ela se levantou; a velha cega, Rakhaila, adiantou-se e ofereceu-lhe o braço, as duas saíram lentamente. Kyntha permaneceu por mais um momento, fitando-as com ressentimento, antes de dizer:

— Vocês a mortificaram além das palavras. Trouxeram sangue para cá, as mortes pela violência. — Ela olhou para Lexie, com evidente repulsa. — Descansem e recuperem suas forças, como ela determinou. Amanhã há decisões que precisam ser tomadas.

Lexie morreu pouco antes do pôr-do-sol. Morreu nos braços de Cholayna, sem recuperar a consciência. Como se soubessem, quatro das atendentes entraram naquele exato momento, e removeram o corpo.

— O que vão fazer com ela? — indagou Vanessa, apreensiva.

— Entregá-la aos pássaros sagrados de Avarra — respondeu uma das mulheres.

Magda, recordando os capacetes em forma de abutre das guerreiras da ilusão, compreendeu que aquela Irmandade prestava reverência ao kvorebni, cuja missão era dar um fim à matéria que perdera sua utilidade. Explicou isso a Vanessa e Cholayna. Abaixando a cabeça, Cholayna murmurou:

— Não importa para ela agora. Mas eu gostaria que não tivesse vindo tão longe para morrer. Pobre criança...

Vanessa levantou-se e pôs o capote.

— Vou dar uma olhada. Devo fazer isso pelo departamento de pessoal. Não, Cholayna, você fica aqui. Se sair neste frio, tornará a pegar uma pneumonia, e nos atrasará por outros dez dias. É um trabalho meu, não seu.

Elas pareciam saber o que Vanessa tencionava fazer. Rafaella também se levantou, e disse bruscamente:

— Meu casaco está todo rasgado. Empreste-me o seu, Margali, já que somos do mesmo tamanho. Irei também. Éramos camaradas; se ela vivesse, seríamos... amigas.

Magda acenou com a cabeça, as lágrimas aflorando aos olhos.

— Não, Camilla, você fica aqui. Ela nada representava para você, enquanto nós a amávamos.

Camilla e Magda, por instinto, foram se ajoelhar ao lado do leito de Cholayna, segurando suas mãos, enquanto o corpo de Alexis Anders era levado pelas sacerdotisas.

Depois de um longo tempo, Rafaella e Vanessa voltaram, em silêncio, deprimidas, e nada mais se disse naquela noite. Mas Magda ouviu Rafaella chorando pela noite afora. Depois de algum tempo, Vanessa levantou-se, foi deitar ao lado dela, e Magda ouviu-as sussurrando, até que adormeceu.

Magda despertou antes das outras, ficou escutando o zunido suave da neve caindo. Jaelle morrera; a busca terminara. Ou será que não? Haviam encontrado Lexie e Rafaella; Lexie estava morta. Jaelle, que viera procurar uma cidade lendária, precedera-a na morte. Marisela, que conhecia a Cidade e a Irmandade, também morrera. Encontravam-se agora em lugar nenhum, espíritos solitários ao vento, ou estariam juntas, procurando algo concreto? Magda desejou saber. Não podia sequer adivinhar.

A Irmandade. Elas sabem. Marisela sabia. Se Jaelle vivesse, Magda sabia agora, teriam procurado esse conhecimento juntas; talvez com Camilla, cuja busca era exigir da Deusa, se é que havia de fato uma Deusa, as razões para sua vida e seu sofrimento. Agora ela tinha outro ressentimento contra a Deusa, que lhe tirara Jaelle. Se pudesse encontrar o caminho, Magda sabia que Camilla continuaria. E Magda deveria acompanhá-la. Era seu destino. Mas enquanto escutava a respiração difícil de Cholayna, Magda compreendeu que não estava livre para partir. Cholayna podia estar outra vez com pneumonia, não teria condições de viajar por muitos dias. Não poderia acompanhá-las à Cidade, pois não seria admitida. Uma busca pela sabedoria não era o seu destino; voltaria ao QG terráqueo, como Vanessa devia fazer também. E ela, Magda, devia levá-las de volta.

Magda teve uma rápida visão de Jaelle... a cabeça inclinada contra o vento, o rosto contra a tempestade, seguindo na frente... na vanguarda de uma aventura impulsiva. Agora, Jaelle partira à sua frente outra vez, para onde ela não poderia segui-la. Devia persuadir Camilla a continuar; mas Magda tinha de voltar com suas compatriotas terráqueas.

O dia amanheceu por completo. Depois de cozinharemos e comerem a primeira refeição, a velha voltou, sentou na plataforma, de forma cerimoniosa, acompanhada por Rakhaila e Kyntha.

— Todas dormiram bem? — Olhando para Cholayna, a velha acrescentou: — Receberá os medicamentos de que precisa, irmã.

Ela virou-se para Kyntha.

— Fale você, o que deve ser dito.

Kyntha fitou-as. Havia um estranho tom cerimonioso em sua voz. Falou o dialeto das montanhas desta vez, só que bem devagar.

— Sua irmã Marisela deveria ter contado tudo isso. Era um dever seu, que eu cumpro com pesar. Vieram procurar a Irmandade, e Marisela as levava para um lugar em que poderiam ser interrogadas sobre seu desejo. Não queremos que viajem de novo por aquela trilha, por isso faço a pergunta aqui. O que você procura?

Ela olhou para Camilla, que respondeu em tom brusco:

— Sabe muito bem que eu procuro aquelas que servem à Deusa, a fim de poder lhes perguntar... ou a ela... qual o seu propósito para mim.

Kyntha disse, gentilmente:

— Ela não responde a perguntas assim, irmã. Seu dever é adquirir sabedoria para ouvir a voz da Deusa.

— Mas por onde começo a procurar essa sabedoria? Em sua Cidade? Leve-me até lá.

A cega Rakhaila interrompeu com uma risada.

— Pensa que é fácil assim? Essa não!

— Você levou uma vida de muito sofrimento e trabalho, à procura da sabedoria — disse Kyntha. — Mas olhe para Rakhaila. Ela é mais velha ainda, sofreu tanto quanto você, mas ainda não foi admitida ali. Contenta-se em habitar no portão exterior, como servidora dos animais que carregam as servas da Irmandade.

— Ela pediu? — indagou Camilla. — Há caminhos diferentes para a Irmandade; além disso, acho que você tem o dever de atender, porque eu estou pedindo. Cumpra o seu dever, minha irmã, que eu cumprirei o meu.

A velha feiticeira fez um sinal para Camilla, batendo com a mão no assento ao seu lado, como fizera com Rafaella no dia anterior.

— A quem pergunta, tudo é respondido — disse ela. — Eu lhe dou as boas-vindas, neta do meu coração.

Magda sentiu uma pontada de dor no coração. Jaelle partira na sua frente, com Marisela. Agora, estavam prestes a lhe tirar Camilla. Kyntha disse a Rafaella, não num tom ríspido, mas um pouco sarcástico:

— Agora que sabe que a Cidade não é um lugar de riquezas e jóias, ainda deseja ir até lá?

Rafaella sacudiu a cabeça.

— Aceitei uma missão legítima. Terminou mal, pois minha companheira está morta. Mas não lamento a busca. Não tenho o menor desejo de ser uma leronis. Deixo isso a outras.

— Pois então vá em paz — disse Kyntha. — Não tenho autoridade sobre você.

Ela virou-se para Vanessa.

— E você?

— Com o devido respeito, acho que tudo isso não passa de fantasia. Agradeço, mas não aceito.

Kyntha sorriu.

— Assim seja. Respeito-a por sua lealdade ao seguir outras, quando não tinha o menor interesse na busca...

— Está me dando crédito demais — protestou Vanessa. — Vim porque havia montanhas para escalar.

— Neste caso, já obtive sua recompensa.

Kyntha fez uma pausa, inclinou a cabeça para Cholayna.

— Irmã de um mundo distante, durante toda a sua vida procurou a sabedoria, sob cada céu estranho. Tem a maior reverência pela vida e busca a verdade. A Irmandade leu seu coração de longe. Se é sua vontade ingressar, será bem-vinda para procurar a sabedoria entre nós.

Pela primeira e última vez, Magda sentiu o contato dos pensamentos da terráquea; não podia lê-los como palavras, mas absorveu o sentido ampliado, o conhecimento que Cholayna, por toda a sua vida, procurara sempre, à sua maneira. Mas logo Cholayna suspirou, com infinito pesar.

— Meu dever está em outra parte. Creio que você sabe disso. Não posso me submeter a meus desejos nessa questão. Fiz outra opção na vida, não posso me desviar agora.

Kyntha tornou a inclinar a cabeça, virou-se finalmente para Magda.

— E você? Qual é a sua vontade?

Magda sabia que seu suspiro era um eco do suspiro de Cholayna.

— Eu gostaria de acompanhá-la. É o que desejo... mas também tenho deveres, responsabilidades... lamento muito... Eu bem que gostaria...

Mas ela sabia que devia voltar com Cholayna e Vanessa, ao mundo no outro lado daquelas montanhas. Se a sabedoria lhe fosse destinada, então algum dia teria outra oportunidade, e estaria livre para aproveitá-la. Se não, não valeria a pena. Devia voltar para sua filha, para a filha de Jaelle também... Kyntha deu um único passo em sua direção. Pôs a mão sob o queixo de Magda, levantou seu rosto.

— Este é o lugar da verdade! Fale! — Era como um enorme gongo. — As marés da vida estão em movimento. Qual é a sua verdadeira vontade?

Magda ouviu o que Andrew lhe dissera, quando chegara à Torre Proibida. Não há um de nós aqui que não esteja disposto a rasgar sua vida como se fosse um pedaço de papel, e começar tudo de novo. Alguns já tiveram de fazer isso duas ou três vezes. Ela tinha a impressão de ouvir à distância o chamado dos corvos. Algum dia voltaria? Ela descartou o pensamento. Se nunca mais voltasse, então esse era o seu destino. Abandonara a Casa da Guilda quando chegara o momento para isso, retornara para construir a Sociedade da Ponte entre seus dois mundos. Jaelle seguira à frente, inexorável,

sabendo que superara os desafios do passado, olhando para o futuro. Magda teria coragem de segui-la.

— Eu gostaria de acompanhar Camilla à Cidade. Mas tenho um dever com minhas companheiras...

Houve um breve silêncio, rompido bruscamente por Rafaella:

— Não é típico de você, Margali? Acha que não tenho condições de levar Cholayna e Vanessa de volta a Thendara? Fique aqui, e faça o que bem quiser. Sou uma guia das montanhas. Quem precisa de você?

Magda piscou, aturdida. Por mais rudes que fossem as palavras, o que ouvia nelas era puro amor; o que Rafaella lhe dissera, na verdade, era irmã.

— É isso mesmo, Lome. Está resolvido. Quando Cholayna estiver em condições de viajar, nós a levaremos. — Vanessa foi se postar ao lado de Rafaella. — Decidimos isso ontem à noite, enquanto você dormia.

Quase incrédula, Magda olhou ao redor. A velha feiticeira fez um sinal para que se aproximasse, ela se adiantou, atordoada, sentou na plataforma, ao seu lado, sentindo as mãos frias de Camilla pegarem as suas. O fim de uma busca? Ou um começo. Todas as buscas terminavam assim, num último passo pelo pico de uma enorme montanha, que revelava um novo e desconhecido horizonte?

Fim

Este *ePub* foi criado em Fevereiro de 2014 por
LeYtor
Tendo como base a digitalização em *Doc* de autor desconhecido

